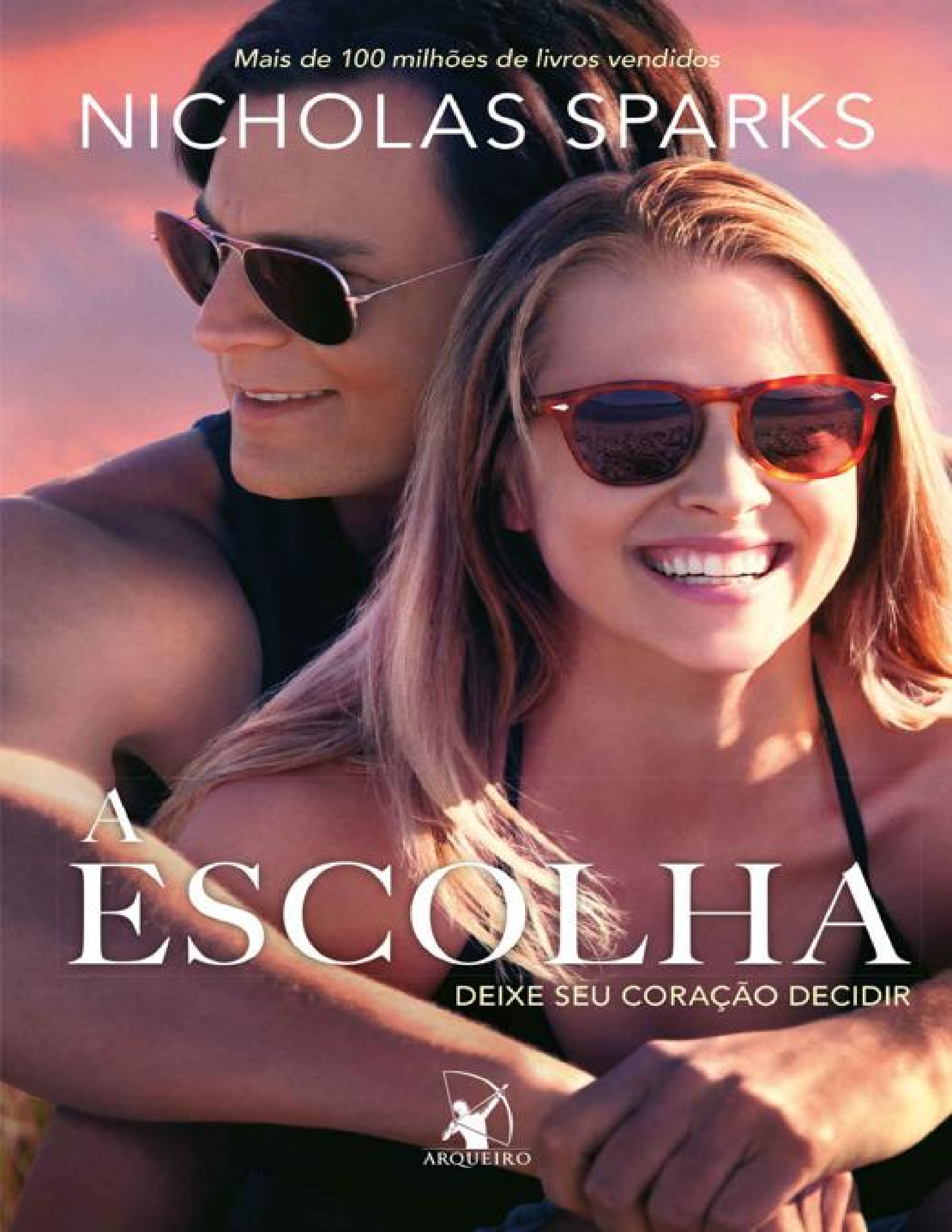
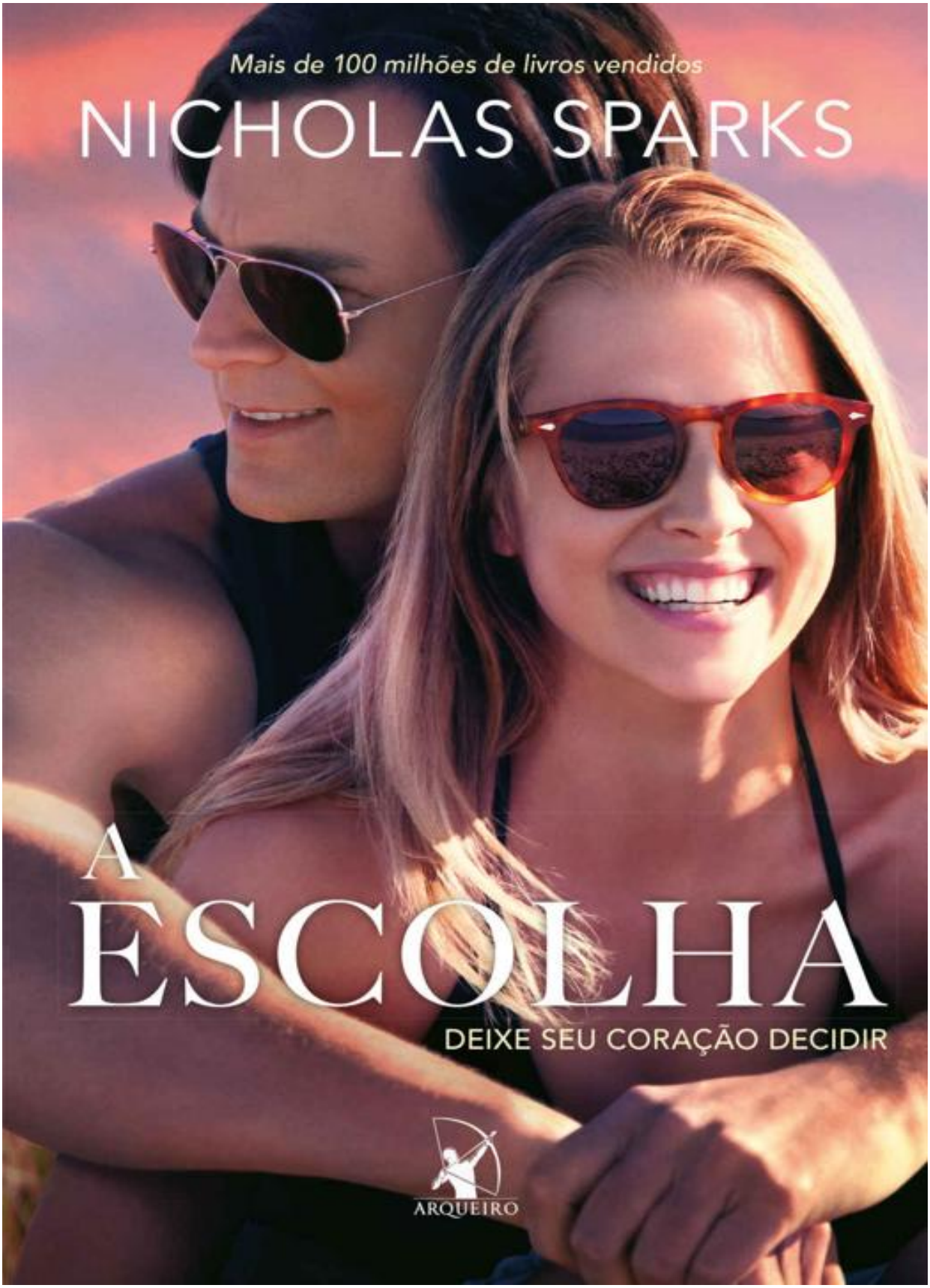

Mais de 100 milhões de livros vendidos
NICHOLAS SPARKS
A ESCOLHA
DEIXE SEU CORAÇÃO DECIDIR
ARQUEIRO


Mais de 100 milhões de livros vendidos
NICHOLAS SPARKS
A ESCOLHA
DEIXE SEU CORAÇÃO DECIDIR
ARQUEIRO

A ESCOLHA



O Arqueiro

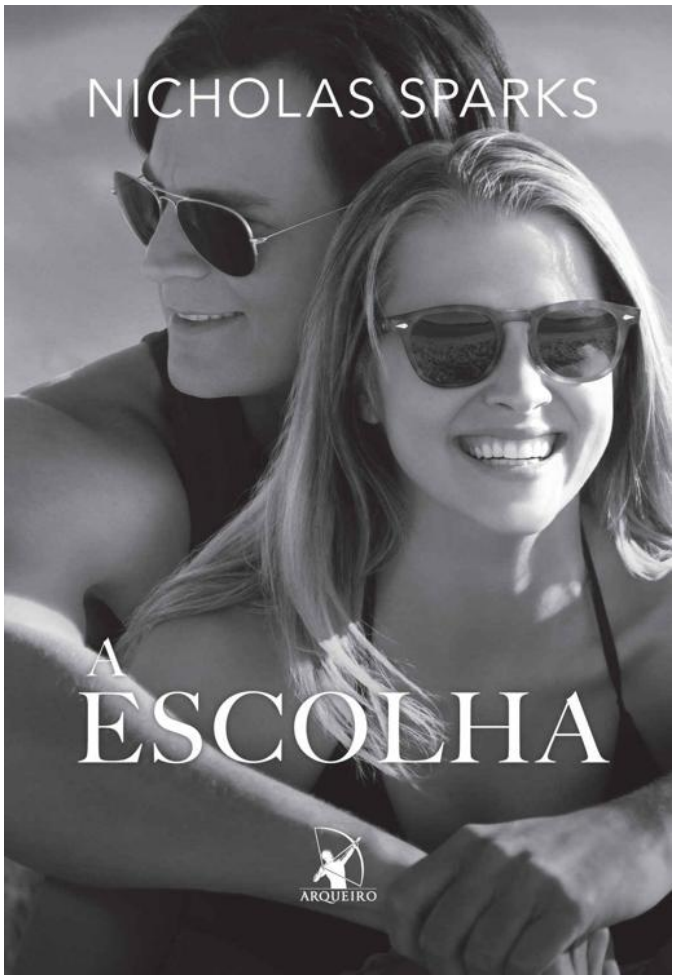
GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.


NICHOLAS SPARKS
A
ESCOLHA
ARQUEIRO

Título original: *The Choice*

Copyright © 2010 por Nicholas Sparks
Copyright da tradução © 2016 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro
pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios
existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Cláudio Carina

preparo de originais: Victor Almeida

revisão: Flávia Midori, Gipsy Canetti e Suelen Lopes

diagramação: Valéria Teixeira

adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

arte do cartaz do filme: Paris Filmes

foto do autor: reprodução com permissão da Warner Bros. Entertainment Inc. Todos os direitos reservados.

adaptação para ebook: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S726e

Sparks, Nicholas
A escolha [recurso eletrônico]/ Nicholas Sparks [tradução de Cláudio Carina];
São Paulo: Arqueiro, 2016.
recurso digital

Tradução de: The choice
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-494-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Carina, Cláudio. II. Título.

15-27978

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para a família Lewis: Bob, Debbie, Cody e Cole.
Minha família.

Prólogo

Fevereiro de 2007

Histórias são tão singulares quanto as pessoas que as contam, e as melhores sempre têm um final surpreendente. Pelo menos era como Travis Parker se lembrava das histórias contadas pelo pai quando era criança. Ele costumava se sentar ao seu lado na cama, a boca esboçando um sorriso enquanto sua versão infantil implorava por mais uma aventura.

– Que tipo de história você quer? – perguntava o pai.

– A melhor de todas – respondia Travis.

O pai ficava em silêncio por alguns segundos, mas seus olhos se iluminavam. Então abraçava o filho pelos ombros e, num tom de voz perfeito, contava uma trama que costumava mantê-lo acordado até muito depois de o pai ter apagado as luzes. Sempre havia perigo e empolgação, e toda jornada se iniciava nos arredores da pequena cidade costeira de Beaufort, na Carolina do Norte, lugar onde fora criado e que ainda via como lar.

Curiosamente, quase sempre incluía ursos. Ursos-cinzentos, ursos-pardos, ursos-de-kodiak... O pai não era muito fiel à realidade em relação ao habitat deles. Concentrava-se nas arrepiantes cenas de caçada pelas planícies costeiras, provocando no menino estranhos pesadelos em que ursos-polares enlouquecidos o perseguiam à beira-mar.

– E o que aconteceu depois? – perguntava o pequeno Travis.

Para ele, aqueles momentos pareciam vestígios de outra época. Agora, com 43 anos, parava o carro no estacionamento do Hospital Geral de Carteret, onde sua esposa trabalhara nos últimos dez anos, e recordava mais uma vez as palavras que dizia ao pai.

Saiu do carro e pegou as flores que havia trazido. A esposa e ele tinham discutido feio na última vez que conversaram e, mais do que qualquer coisa, Travis desejava remediar a situação. Não esperava, entretanto, que as flores melhorassem o que havia entre eles.

Sentia culpa pelo que tinha acontecido, mas os amigos garantiam que culpa era a pedra angular de todo bom casamento. Isso mostrava que ainda havia cumplicidade, algo que ele valorizava. Em outros tempos, eram os amigos casados que costumavam desabafar com Travis.

"Todo mundo comete erros", diziam eles agora.

Embora concordasse, sabia que nunca entenderiam pelo que ele estava passando. Não poderiam. Afinal, suas esposas continuavam dormindo ao lado deles todas as noites; nenhum deles havia se separado por três meses nem tinha dúvidas se o casamento voltaria a ser o que era antes.

Enquanto atravessava o estacionamento, pensava nas filhas, no emprego e na esposa. Nada o consolava. Sentia que fracassava em todas as áreas de sua vida. Ultimamente, a felicidade parecia algo distante e inalcançável, como uma viagem espacial. Mas nem sempre fora assim. As coisas mudam. As pessoas mudam.

Mudança era uma das inevitáveis leis da natureza, que cobrava o seu preço na vida das pessoas. Erros eram cometidos, ressentimentos se acumulavam e tudo o que restava eram repercussões que tornavam algo simples, como se levantar da cama, quase penoso.

Ele se aproximou da porta do hospital, imaginando-se como a criança que já fora, ouvindo as histórias do pai. Sua própria vida tinha sido a melhor história de todas, do tipo que deveria ter um final feliz. Quando estendeu a mão para abrir a porta, no entanto, sentiu a inquietação familiar das lembranças e do remorso.

Só mais tarde, quando as memórias o sobrepujaram, Travis se permitiu refletir sobre o que ia acontecer em seguida.

Parte Um



1

Maio de 1996

— Por que eu concordei em ajudar você com isso?

Gemendo e com o rosto vermelho, Matt continuou empurrando a banheira na direção do quadrado recém-recortado do outro lado do deque. Os pés escorregavam e ele sentia as gotas de suor correndo da testa para o canto dos olhos, fazendo-os arder. Era início de maio, mas fazia muito calor. Até Moby, o bóxer puro-sangue de Travis, se protegia à sombra, arfando, com a língua pendurada.

Travis Parker, que também empurrava a enorme caixa, deu de ombros.

– Porque você achou que ia ser divertido – respondeu.

A banheira, que devia pesar uns 200 quilos, avançou apenas alguns centímetros. Nesse ritmo, estaria no lugar certo... na próxima semana.

– Isso é ridículo – disse Matt, apoiando-se na caixa e considerando a ideia de arranjar um burro de carga.

A dor nas costas era imensa. Por um momento, imaginou seus ouvidos explodindo por conta do esforço, disparando foguetes em várias direções, como nos desenhos a que Travis e ele costumavam assistir quando eram crianças.

– Você já disse isso.

– Isso não é nada divertido – grunhiu Matt.

– Você também já falou isso.

– E não vai ser fácil de instalar.

– Claro que vai – rebateu Travis. Apontou para o que estava escrito na caixa. – Está vendo? "Fácil instalação."

Sob a sombra da árvore, Moby concordou com um latido e Travis sorriu, parecendo contente consigo mesmo.

Matt fez uma careta, tentando recuperar o fôlego. Ele odiava aquela expressão. Bem, nem sempre. Na maior parte do tempo gostava do entusiasmo juvenil do amigo, mas não naquele dia. Definitivamente.

Matt pegou um lenço no bolso de trás, ensopado de suor. Enxugou o rosto da melhor maneira que pôde e torceu o pano num movimento rápido. O suor pingou no seu sapato de malha. Olhou para baixo quase hipnotizado, ao sentir o líquido penetrar no tecido leve, conferindo uma agradável e pegajosa sensação aos dedos do pé.

– Você não tinha dito que Joe e Laird iam nos ajudar nesse seu "projeto"? E que Megan e Allison iriam preparar hambúrgueres enquanto beberíamos cerveja? E que... hã... instalar esta coisa ia demorar no máximo duas horas?

– Eles ainda vêm – respondeu Travis.

– Você disse isso há quatro horas.

– Eles estão um pouco atrasados.

– Tem certeza de que os convidou?

– Claro que sim. E vão trazer os filhos também. Garanto.

– Quando?

– Logo mais.

– Sei – respondeu Matt, enfiando o lenço no bolso. – Vamos supor que eles não venham. Como vamos colocar essa coisa no lugar?

Travis descartou o problema com um gesto e voltou a encarar a caixa.

– Daremos um jeito. Pense no que fizemos até agora. Já estamos quase no meio do caminho.

Matt fez outra careta. Era sábado. Um dia de folga e diversão, a chance de escapar do trabalho, um descanso que ele *merecia* depois da longa semana de trabalho no banco. Por Deus, ele era um corretor de empréstimos! Estava acostumado a mexer com documentos, não com hidráulica. Podia estar assistindo ao jogo dos Braves contra os Dodgers!

Podia estar jogando golfe! Podia estar na praia! Podia ter dormido com Liz até mais tarde e ido para a casa dos pais dela, como acontecia quase todos os sábados, em vez de acordar tão cedo para realizar um trabalho braçal durante oito horas naquele calor dos infernos...

Parou por um segundo. A quem ele estava enganando? Se não estivesse ali, teria que passar o dia com os pais de Liz. E, na verdade, tinha sido para evitá-los que concordara com o pedido de Travis. Mas a questão não era essa. A questão era que ele não precisava disso. Realmente não precisava.

– Eu não preciso fazer isso – falou em voz alta.

Travis pareceu não ouvir. Já estava com as mãos na caixa, colocando-se em posição para empurrar a banheira.

– Está pronto?

Matt relaxou os ombros, amargurado. Suas pernas tremiam. Tremiam! Sabia que teria que tomar duas doses de analgésico na manhã seguinte. Ao contrário de Travis, ele não frequentava a academia quatro vezes por semana, nem corria ou jogava frescobol, nem mergulhava em Aruba, surfava em Bali, esquiava em Vail ou qualquer outra coisa que o amigo fazia.

– Isso não é nada divertido, sabia?

Travis deu uma piscadela.

– Você já disse isso, lembra?



– Uau! – comentou Joe, erguendo a sobrancelha enquanto andava em volta da banheira de hidromassagem.

Àquela altura, o sol começava a se pôr, linhas douradas refletindo na baía. Ao longe, uma garça saiu das árvores e deslizou graciosamente pela superfície, dispersando a luz. Joe, Megan, Laird e Allison tinham chegado poucos minutos antes com os filhos a tiracolo, e Travis mostrava a banheira.

– Ficou ótimo! Vocês dois fizeram tudo isso hoje?

– Não foi tão difícil – falou Travis, com uma cerveja na mão. – Acho até que Matt gostou.

Joe olhou para Matt, estirado na espreguiçadeira ao lado do deque, com uma toalha molhada na cabeça.

– Estou vendo.

– É pesada?

– Como um sarcófago egípcio! – grasnou Matt. – Daqueles dourados que só guindastes conseguem erguer!

Joe soltou uma risada.

– As crianças podem entrar?

– Ainda não. Acabei de encher, vai demorar um pouco até que a água fique quente. Mas o sol vai ajudar.

– O sol vai esquentar a água em minutos – resmungou Matt. – Em *segundos*!

– Dia difícil, Matt?

Matt tirou a toalha da cabeça e fez uma careta para Joe.

– Você não faz ideia. E muito obrigado por ter aparecido na hora certa.

– Travis disse que era para chegar às cinco da tarde. Se soubesse que vocês precisavam de ajuda, teria vindo mais cedo.

Matt ergueu os olhos para Travis bem devagar. Às vezes ele odiava o amigo.

– Como está Tina? – perguntou Travis, mudando de assunto. – Megan está conseguindo dormir?

Megan conversava com Allison na outra ponta do deque, e Joe deu uma olhada na direção dela.

– Um pouco. A tosse da Tina passou e ela voltou a dormir durante a noite, mas às vezes acho que Megan não está preparada para isso. Pelo menos não desde que se tornou mãe. Ela se levanta mesmo sem Tina dar um pio. É como se acordasse com o silêncio.

– Ela é uma boa mãe – disse Travis. – Sempre foi.

Joe virou-se para Matt.

– Onde está a Liz?

– Deve chegar a qualquer momento – respondeu Matt, cuja voz parecia vir da terra dos mortos. – Ela passou o dia com os pais.

– Coitada – comentou Joe.

– Seja educado. Eles são legais.

– Lembro de você dizer que se tivesse que ouvir seu sogro contar mais uma história sobre o câncer na próstata ou ouvir sua sogra falar sobre a demissão do Henry, apesar de não ser culpa dele, você ia querer bater com a cabeça na parede.

Matt se sentou com dificuldade.

– Eu nunca disse isso!

– Disse, sim. – Joe deu uma piscadela quando a mulher de Matt, Liz, entrou na casa com Ben andando na frente. – Mas não se preocupe, não vou dedurá-lo.

Matt lançou um olhar nervoso de Liz para Joe e de volta para Liz, verificando se a esposa tinha ouvido.

– Oi, todo mundo! – disse Liz com um aceno amigável, conduzindo o pequeno Ben pela mão.

Ela caminhou até onde estavam Megan e Allison, enquanto Ben largava a mão da mãe e saía correndo em direção às outras crianças no quintal. Joe viu Matt soltar um suspiro de alívio. Sorriu e baixou o tom de voz.

– Os sogros de Matt... Foi assim que você o convenceu a ajudar?

– Talvez eu tenha mencionado isso.

Joe deu uma risada.

– Do que vocês dois estão falando? – perguntou Matt, desconfiado.

– Nada, não – responderam em uníssono.

Mais tarde, quando o sol já havia se posto, Moby enroscou-se aos pés de Travis. Enquanto ouvia a voz das crianças brincando na hidromassagem, Travis sentiu uma onda de contentamento o envolver.

Era o tipo de noite de que gostava, passando o tempo ao som de risadas e brincadeiras, todos sentados à mesa ao ar livre. Allison estava conversando com Joe; no minuto seguinte, batendo papo com Liz, Laird ou Matt. Sem qualquer vaidade, sem tentar impressionar, sem querer aparecer. Às vezes ele pensava que sua vida parecia um comercial de cerveja.

De vez em quando, uma das mulheres ia ver se as crianças estavam bem ou um dos homens levantava a voz na esperança de acalmá-las e evitar um acidente. Claro que uma das crianças poderia dar um chilique vez ou outra, mas a maioria dos problemas era resolvida com um beijo rápido, um curativo no joelho ou um abraço afetuoso.

Travis olhou ao redor da mesa, satisfeito por seus amigos de infância terem se tornado bons maridos e pais, e por ainda fazer parte da vida deles. Não era sempre que algo assim acontecia. Aos 32 anos, ele sabia que a vida às vezes era um jogo. Já tinha sobrevivido a alguns obstáculos e quedas, mas não era só isso. A vida era imprevisível. Conhecidos de sua infância cresceram, se casaram e se divorciaram, morreram em acidentes de carro, acabaram viciados em drogas ou simplesmente tinham se mudado daquela cidadezinha, seus rostos já esmaecendo na memória.

Quais eram as chances de aqueles quatro, que se conheciam desde o jardim de infância, ainda aproveitarem os fins de semanas juntos, quase três décadas depois? Bem pequenas. Mas, de alguma forma, após passarem por todos os problemas da adolescência, dificuldades com garotas e pressões dos pais, cursarem faculdades diferentes, com objetivos profissionais distintos, todos voltaram para Beaufort. Eram como uma família, mais do que um grupo de amigos, inclusive com piadas internas e experiências compartilhadas que ninguém de fora poderia entender.

E, milagrosamente, as mulheres também se davam bem. Cada uma com sua carreira e de um canto do país, mas o casamento, a maternidade e as intermináveis fofocas de uma cidadezinha americana eram mais que suficientes para manter conversas regulares ao telefone e todas unidas como irmãs.

Laird fora o primeiro a se casar. Allison e ele se uniram no verão, no mesmo ano em que se formaram na Universidade Wake Forest. Joe e

Megan, que se conheceram durante os últimos períodos na Universidade da Carolina do Norte, subiram ao altar um ano depois. Já Matt, que fora estudar em Duke, conheceu Liz em Beaufort. Travis foi padrinho nos três casamentos.

Algumas coisas tinham mudado nos últimos anos, claro, principalmente porque as famílias cresceram. Nem sempre Laird estava disponível para os passeios de bicicleta pelas montanhas, Joe não podia mais esquiar no Colorado e Matt já havia desistido de tentar acompanhá-lo em quase todos os programas. Mas tudo bem. Eles continuavam por perto e Travis ainda conseguia passar a maior parte dos fins de semana com os três, desde que houvesse um pouco de planejamento.

Perdido em seus pensamentos, Travis perdeu o fio da conversa.

– Alguém falou comigo?

– Eu perguntei se ainda tem falado com a Monica – disse Megan, com um tom de voz que fez Travis perceber que estava encrencado.

Todos os seis se interessavam um pouco demais pela vida amorosa dele. O problema com gente casada é que eles acham que todos devem se casar. Assim, as mulheres com quem Travis saía deviam passar por uma avaliação sutil, embora implacável, principalmente por parte de Megan. Ela costumava ser a líder daquele movimento, sempre tentando descobrir o que funcionava com Travis no que dizia respeito às mulheres.

– Recentemente, não – respondeu ele.

– Por que não? Ela é legal.

E um pouco neurótica também, pensou Travis. Mas essa não era a questão.

– Ela terminou comigo, lembra?

– E daí? Isso não significa que ela não quer que você ligue.

– Achei que era exatamente isso que "terminar" significava.

Megan, Allison e Liz olharam para Travis como se ele fosse um imbecil. Os maridos, como sempre, pareciam adorar aquilo.

– Vocês estavam brigando, certo?

– E daí?

– Já pensou que ela pode ter terminado com você porque estava chateada?

– Eu também estava chateado.

– Por quê?

– Porque ela queria que eu fizesse terapia.

– Deixe-me adivinhar: você disse que não precisava de terapia.

– Eu vou usar saia e fazer luvinhas de crochê para os seus filhos antes de procurar um psicólogo.

Joe e Laird soltaram uma risada, mas Megan ergueu a sobrancelha. Ela, como todos sabiam, assistia ao programa da Oprah todos os dias.

– Você acha que os homens não precisam de terapia?

– Sei que *eu* não preciso.

– E de maneira geral?

– Como não sou um homem genérico, realmente não sei dizer.

Megan recostou-se na cadeira.

– Acho que Monica pode ter descoberto alguma coisa. Se pedisse a minha opinião, eu diria que tem problemas para se comprometer.

– Então não vou perguntar o que acha.

Megan inclinou-se para a frente.

– Quanto tempo durou o relacionamento mais longo que já teve? Dois meses? Quatro?

Travis considerou a pergunta.

– Eu namorei a Olivia por mais de um ano.

– Acho que ela não contou a época do colégio – zombou Laird. Às vezes nem os amigos ajudavam.

– Obrigado, Laird – disse Travis.

– Amigos são para essas coisas.

– Você está mudando de assunto – lembrou Megan.

Travis tamborilou na perna.

– Eu... não lembro.

– Em outras palavras, não durou o suficiente para se lembrar?

– O que você quer que eu diga? Nunca conheci uma mulher que se comparasse a uma de vocês.

Apesar da pressão, Travis notou que Megan tinha gostado do que ele dissera. Havia algum tempo aprendera que elogios eram sua melhor defesa em momentos como aquele, principalmente por serem quase sempre sinceros. Megan, Liz e Allison eram fantásticas. Amorosas, leais e generosas.

– Bem, só para você saber, eu gostava dela – comentou Megan.

– Tudo bem, mas você gosta de todas as minhas namoradas.

– Não gosto, não. Eu não gostava da Leslie.

Nenhuma delas tinha gostado da Leslie. Por outro lado, Matt, Laird e Joe não se opuseram à companhia dela, principalmente quando estava de biquíni. Realmente ela era muito bonita e, embora não fosse do tipo com quem Travis se casaria, eles se divertiram enquanto durou.

– Acho que você deveria ligar para ela – insistiu Megan.

– Vou pensar – falou Travis, sabendo que não faria isso. Levantou-se da mesa, buscando uma rota de fuga. – Alguém quer outra cerveja?

Joe e Laird ergueram as garrafas ao mesmo tempo. Travis andou em direção à geladeira, mas parou perto da porta de correr de vidro da casa. Entrou e trocou o CD, ouvindo a nova música sair para o quintal. Quando retornou com as bebidas, Megan, Allison e Liz já tinham mudado de assunto. O novo tópico era Gwen, a cabeleireira delas. Gwen sempre contava boas histórias, muitas delas relacionadas às predileções ilícitas dos habitantes da cidade.

Travis bebericou a cerveja em silêncio, olhando para o rio.

– No que está pensando? – perguntou Laird.

– Nada importante.

– Mas o que é?

Travis virou-se para ele.

– Você já notou como algumas cores em inglês são usadas para sobrenomes e outras não?

– Do que está falando?

– Como o Sr. White, o dono da loja de pneus. E o professor Green, do terceiro ano. Ou até o professor Black do jogo Detetive. Mas você nunca vê

ninguém chamado Sr. Orange ou Sr. Yellow. É como se algumas cores dessem bons nomes, mas outras soassem bobas. Entende o que quero dizer?

– Acho que nunca pensei nisso.

– Nem eu. Quer dizer, não até um minuto atrás. Mas é meio estranho, não é?

– É – concordou Laird.

Os dois ficaram em silêncio por um instante.

– Eu disse que não era importante.

– É, você disse.

– Eu não tinha razão?

– Tinha.



Quando a pequena Josie teve o segundo acesso de birra num intervalo de quinze minutos, Allison pegou-a nos braços e lançou um olhar para Laird, ou seja, era hora de ir embora e pôr as crianças na cama. Laird não discutiu e se levantou. Megan olhou para Joe, Liz acenou para Matt e Travis soube que a noite tinha terminado. Os pais podem acreditar que mandam em tudo, mas são os filhos que dão as cartas no fim das contas.

Ele poderia até ter tentado convencê-los a ficar, mas já tinha se acostumado com o fato de os amigos viverem num ritmo diferente do dele. Além disso, Travis tinha uma leve desconfiança de que Stephanie, sua irmã caçula, viria mais tarde. Chegaria de Chapel Hill, onde fazia doutorado em bioquímica. Apesar de se hospedar na casa dos pais, geralmente ficava eufórica demais por ter dirigido e sentia vontade de conversar. Megan, Joe e Liz se levantaram e começaram a limpar a mesa, mas Travis pediu que parassem.

– Eu cuido disso daqui a pouco. Sem problemas.

Alguns minutos depois, as crianças estavam nos dois utilitários e na minivan. Travis ficou na varanda acenando enquanto os amigos saíam pelo portão.

Quando se foram, ele voltou até o aparelho de som, examinou mais uma vez os CDs e escolheu *Tattoo You,* dos Rolling Stones, aumentando o volume. Pegou outra cerveja e seguiu até a cadeira, pôs os pés em cima da mesa e se recostou. Moby se sentou ao seu lado.

– Só nós dois por enquanto, amigo – falou. – A que horas você acha que Stephanie vai aparecer?

Moby se virou para o outro lado. Se Travis não dissesse as palavras *passear*, *bola*, *dar uma volta* ou *vem pegar um osso*, Moby não mostrava muito interesse em conversar.

– Você acha que eu devo ligar para saber se ela já está a caminho?

Moby ficou olhando.

– É, foi o que pensei. Ela vai chegar na hora que for para chegar.

Continuou bebendo sua cerveja e olhando para o rio. Atrás dele, Moby soltou um ganido.

– Você quer pegar uma bola? – perguntou Travis, por fim.

Moby se levantou tão depressa que quase derrubou a cadeira.



Música alta, pensou ela. Parecia ser a gota d'água no que já tinha sido uma das semanas mais infelizes da sua vida. Música alta. Tudo bem, nove horas de um sábado à noite não era tão ruim, ainda mais tendo visitas, e dez horas também não era tão fora do comum. Mas às onze horas? Quando estava sozinho e brincando com o cachorro?

Do fundo do quintal, ela podia vê-lo com o mesmo calção que usara o dia inteiro, os pés na mesa, jogando a bola e olhando para o rio. Em que ele estava pensando?

Talvez não devesse implicar tanto com ele; deveria simplesmente ignorá-lo. Era a casa dele, certo? O rei do castelo, essa coisa toda. Ele podia fazer o que quisesse. Só que havia vizinhos em seus próprios castelos que deveriam ser respeitados. E, verdade seja dita, tinha passado dos limites. Não só por causa da música. Na verdade até gostava da música que ele

estava ouvindo e, em geral, não se incomodava com o som. O problema era o cachorro. Mais especificamente, o que o cachorro dele tinha feito com a sua cadela.

Molly estava grávida, ela tinha certeza.

Molly, sua linda e meiga collie puro-sangue de uma linhagem campeã – a primeira coisa que tinha comprado ao concluir sua residência como médica-assistente na Escola de Medicina do Leste da Virgínia –, tinha engordado visivelmente nas duas últimas semanas. Ainda mais alarmante, ela percebeu que os mamilos de Molly estavam crescendo. Conseguia sentir isso sempre que a cadela rolava para que ela fizesse carinho em sua barriga. E também andava mais devagar. Somando tudo, Molly ia dar à luz uma ninhada de cachorrinhos que ninguém no mundo ia querer. Um bóxer e uma collie? Ela fez uma careta ao tentar imaginar como seriam os filhotes.

Só podia ser o cachorro daquele homem. Quando Molly estava no cio, ele praticamente vigiava a casa dela, como um detetive particular, e era o único cão que ela vira rondar a vizinhança nas últimas semanas. Mas será que o vizinho tinha ao menos considerado cercar o quintal? Ou trancar o cachorro dentro de casa? Ou construir um canil? Não. Seu lema parecia ser "Meu cachorro deve ser livre!". Isso não a surpreendia. O dono parecia seguir o mesmo exemplo irresponsável. Quando ela saía para o trabalho, via-o correndo; quando voltava, ele estava andando de bicicleta ou de skate, remando ou jogando basquete na frente da casa com um grupo de garotos do bairro.

Um mês atrás, pusera seu barco na água e agora também praticava *wakeboard*. Como se o homem já não tivesse atividades suficientes. Deus o livre de ficar um minuto a mais no emprego, e ela sabia que ele não trabalhava às sextas-feiras. E em que espécie de emprego o sujeito poderia usar calça jeans e camiseta? Ela não fazia ideia, mas desconfiava, com uma satisfação meio cáustica, de que provavelmente um que pagasse mal.

Tudo bem, talvez ela não estivesse sendo justa. Ele devia ser um cara legal. Os amigos dele, que pareciam bem normais e ainda por cima tinham filhos, aparentemente gostavam da companhia dele e estavam sempre lá. Já havia visto alguns deles no consultório quando as crianças pegavam um

resfriado ou uma infecção no ouvido. Mas e quanto a Molly? A cadela estava sentada perto da porta dos fundos, batendo o rabo no chão, e Gabby se sentia ansiosa ao pensar no futuro dela. Molly ia ficar bem, mas e os filhotes? O que aconteceria com eles? E se ninguém os quisesse? Não conseguia se imaginar levando a ninhada para um canil ou à Sociedade Americana para a Prevenção da Crueldade contra Animais. Não poderia fazer isso. Não iria fazer isso.

Mas, então, o que ia acontecer com os filhotes?

Era tudo culpa dele, sentado lá no deque com os pés em cima da mesa, comportando-se como se não tivesse nada com que se preocupar.

Não fora o que tinha sonhado quando se mudara, no começo do ano. Embora a casa não ficasse em Morehead City, onde seu namorado vivia, dali eram só alguns minutos para atravessar a ponte. Era uma casa pequena, construída havia quase meio século, e precisava de uma boa reforma para os padrões de Beaufort. Mas a vista do riacho era espetacular, o quintal era grande para Molly correr e o valor era justo. Ela pagava com dificuldade, é verdade, por causa dos empréstimos realizados para pagar os estudos, mas os gerentes do banco eram bem compreensivos com pessoas como ela. Gente profissional, bem-educada.

Diferentes do Sr. Meu Cachorro Deve Ser Livre e Eu Não Trabalho às Sextas.

Respirou fundo, lembrando-se mais uma vez de que o vizinho podia ser um sujeito legal. Sempre acenava ao vê-la chegar do trabalho e tinha deixado na varanda uma cesta de queijos e um vinho para dar as boas-vindas quando ela se mudara para o bairro. Ela prometera a si mesma que enviaria um bilhete de agradecimento, mas acabou que nunca o escreveu.

Fez uma careta ao se lembrar desse detalhe. Tudo bem, ela também não era perfeita, mas a questão não era o bilhete, e sim Molly, o cão errante daquele homem e os filhotes indesejáveis. Agora era um bom momento para discutir a situação. Obviamente ele estava acordado.

Desceu do deque e começou a andar em direção à sebe que separava as casas. Parte dela desejava que Kevin, seu namorado, estivesse ali, mas isso não era possível. Não depois da pequena discussão daquela manhã, que

começara quando ela mencionou casualmente que o primo ia se casar. Imerso na seção de esportes do jornal, Kevin ficou calado, preferindo agir como se não tivesse ouvido. Qualquer coisa relacionada a casamento fazia-o cair num silêncio mortal, principalmente nos últimos tempos.

Ele não deveria se surpreender que o assunto surgisse às vezes. Estavam namorando havia quatro anos (um ano a menos que o primo, Gabby se sentira tentada a ressaltar). Mas Kevin não era o problema. Nem o fato de ela ultimamente estar frustrada com a própria vida. Também não era por causa da terrível semana no trabalho, em que haviam vomitado nela *três vezes* só na sexta-feira. Era um recorde para o consultório, pelo menos de acordo com as enfermeiras, que não se preocupavam em esconder os sorrisinhos e se divertiam espalhando a história. Tampouco estava chateada com Adrian Melton, o médico casado que gostava de tocar nela sempre que conversavam. E com certeza não estava furiosa com o fato de que, em todas essas vezes, ela não dissera nada a respeito.

Não, senhor, isso tinha a ver com o "Sr. Festa", que deveria ser um vizinho responsável e compreender seu dever de encontrar uma solução para o problema deles. E enquanto comunicasse esse fato, talvez ela mencionasse que era um pouco tarde para ouvir música em alto volume (apesar de ela gostar da canção), só para mostrar que estava falando sério.

Gabby saiu com passos firmes, o orvalho umedecendo a ponta dos seus pés nas sandálias e o gramado refletindo a luz da lua em trechos prateados. Tentando imaginar exatamente por onde começar, ela mal notava aquilo. Ditava a boa educação que ela primeiro batesse à porta da frente, mas ele nunca a ouviria com o som naquela altura. Além do mais, queria resolver aquele assunto enquanto estava decidida e desejava confrontá-lo.

Avistou uma abertura na sebe e seguiu em frente. Provavelmente o mesmo trecho por onde o cachorro tinha passado para se aproveitar da pobre e meiga Molly. Sentiu o coração apertado de novo, mas dessa vez tentou ignorar os sentimentos. Isso era importante. Muito importante.

Concentrada em sua missão, não viu a bola de tênis voar até ela. Mas registrou por alto o barulho de um cachorro correndo, um segundo antes de sofrer um golpe e ser arremessada ao chão.

Deitada de costas e atordoada, Gabby notou que havia estrelas de mais em um céu muito luminoso e fora de foco. Por um momento, perguntou-se por que não conseguia respirar, mas logo ficou mais preocupada com a dor que percorria o seu corpo. Permanecia deitada na grama, latejando de dor a cada vez que piscava.

De algum lugar ao longe, ela ouviu sons desconexos e o mundo lentamente voltou ao normal. Tentou se concentrar e percebeu que ouvia vozes. Ou, melhor, uma voz. Perguntando se ela estava bem.

Ao mesmo tempo, sentiu uma estranha sucessão de bafejos quentes e ritmados, além de um odor desagradável próximo à sua bochecha. Piscou mais uma vez, virou de leve a cabeça e deparou com uma cabeça enorme, quadrada e peluda em cima dela. *Moby*, concluiu ela ainda aturdida.

– Ah... – gemeu, tentando se sentar. Enquanto se levantava, o cachorro lambia seu rosto.

– Moby, senta! – bradou uma voz que se aproximava. – Tudo bem com você? Talvez fosse melhor não se levantar ainda!

– Eu estou bem – respondeu Gabby, finalmente conseguindo se sentar. Respirou fundo algumas vezes, ainda meio zonza.

Essa doeu, pensou. No escuro, sentiu algo se agachar ao seu lado, embora mal conseguisse distinguir os contornos.

– Mil desculpas – ouviu a voz dizer.

– O que aconteceu?

– Moby derrubou você sem querer. Ele estava indo pegar a bola.

Ela levou a mão à têmpora.

– Tem certeza de que está bem?

– Tenho – respondeu ela, ainda zonza, mas sentindo a dor se reduzir a um fraco latejar.

Quando começou a se levantar, sentiu a mão do vizinho em seu braço, ajudando-a. Lembrou-se das crianças que atendia no trabalho, tentando manter o equilíbrio para ficar em pé.

– Que recepção, hein? – comentou ele.

A voz do homem ainda parecia distante. Quando o encarou, percebeu que olhava para alguém pelo menos 15 centímetros mais alto que seu 1,70 metro. Não estava acostumada a isso e, ao erguer o rosto, notou suas angulosas maçãs do rosto e a pele clara. O cabelo castanho era ondulado, naturalmente cacheado nas pontas, e os dentes, brancos e brilhantes. De perto, era bonito, e ela suspeitava de que ele sabia disso. Perdida em seus pensamentos, abriu a boca para dizer alguma coisa, mas a fechou de novo, percebendo que tinha esquecido o que ia perguntar.

– Quer dizer, aqui está você, vindo me visitar, e é atropelada pelo meu cachorro – continuou ele. – Como já disse, mil desculpas. Ele costuma prestar mais atenção. Diga oi, Moby.

O cachorro estava sentado nas patas traseiras, todo contente. De repente, ela se lembrou do propósito de sua visita. Ao seu lado, Moby levantou uma pata para cumprimentá-la. Que gracinha – e *era* uma gracinha para um bóxer –, mas ela não ia cair nessa. Aquele era o vira-lata que não apenas a tinha derrubado, como também arruinara a vida de Molly. "Monstro" seria um nome mais apropriado. Ou, melhor ainda, "Tarado".

– Tem mesmo certeza de que está bem?

A maneira como ele perguntou a fez perceber que aquele não era o confronto que ela desejava, e Gabby tentou recompor a raiva que nutrira no caminho.

– Está tudo bem – respondeu, meio ríspida.

Por um momento constrangedor, os dois ficaram se encarando calados. Por fim, ele apontou por cima do ombro com o polegar.

– Você não quer se sentar um pouco? Estou aqui ouvindo música.

– Por que você acha que eu ia querer sentar no seu deque? – disparou ela, sentindo-se mais sob controle.

Ele hesitou.

– Por que você veio aqui?

Ah, sim, lembrou.

– Quer dizer, também podemos ficar aqui perto da cerca se você preferir – continuou ele.

Gabby ergueu as mãos para silenciá-lo, impaciente para acabar logo com aquilo.

– Eu vim aqui porque queria falar com você...

Parou de falar quando ele deu um tapinha no próprio braço.

– Eu também – disse, antes que ela continuasse. – Você recebeu minha cesta de boas-vindas?

Gabby ouviu um zumbido perto da orelha e o afastou com a mão.

– Recebi. Muito obrigada – respondeu, meio distraída. – Mas o que eu queria falar era...

Interrompeu a frase quando percebeu que ele não estava prestando atenção, e sim abanando o espaço entre eles.

– Não prefere ir até o deque? – insistiu ele. – Os mosquitos são cruéis aqui perto desses arbustos.

– O que eu estava tentando dizer era...

– Tem um no lóbulo da sua orelha – disse ele, apontando.

A mão dela se ergueu instintivamente.

– Na outra orelha.

Ela deu um tapa e viu uma mancha de sangue nos dedos quando olhou a mão. *Que nojo*, pensou.

– Agora tem outro na sua bochecha.

Ela agitou as mãos em meio à crescente nuvem.

– O que está acontecendo?

– São esses arbustos. Esses mosquitos se reproduzem na água e sempre há umidade na sombra...

– Tudo bem. Vamos conversar no deque.

No momento seguinte, os dois se afastavam dos arbustos.

– Eu odeio mosquitos, por isso sempre tenho velas de citronela acesas. Em geral é suficiente para afastá-los. Eles ficam mais atrevidos no fim do verão. – Travis mantinha uma distância entre eles suficiente apenas para não se esbarrarem sem querer. – A propósito, acho que ainda não nos apresentamos formalmente. Eu sou Travis Parker.

Gabby sentiu um lampejo de incerteza. Não estava ali para ser amiga dele, mas os bons modos prevaleceram e ela respondeu antes de conseguir

se conter:

– Sou Gabby Holland.

– Muito prazer.

– É – disse ela, fazendo questão de cruzar os braços. Logo depois levou inconscientemente uma das mãos às costelas, pois continuava sentindo uma leve dor. De lá, a mão foi até a orelha, que já começava a coçar.

Observando o perfil dela, Travis notou que ela estava irritada. A boca mostrava uma tensão e se contraía de um modo que já vira em muitas namoradas. De alguma forma, sabia que a raiva dela era direcionada a ele, embora não soubesse o motivo – além do fato de ter sido derrubada pelo cachorro.

Lembrou-se da irmã mais nova, Stephanie, que costumava mostrar seu ressentimento aos poucos. Era assim que Gabby agia naquele momento. Mas as semelhanças entre as duas terminavam ali. Enquanto Stephanie se tornou uma mulher de beleza óbvia depois de adulta, Gabby também era atraente, mas não exatamente do mesmo jeito. Os olhos azuis eram um pouco separados demais, o nariz um pouquinho grande demais e os cabelos ruivos pareciam sempre difíceis de arrumar, mas de alguma forma aquelas imperfeições conferiam um ar de vulnerabilidade à sua beleza natural que atrairia a maioria dos homens.

Em meio ao silêncio, Gabby tentava organizar os pensamentos.

– Eu vim aqui porque...

– Espere um pouco – interrompeu ele. – Antes de começar, por que não se senta? Eu já volto. – Travis foi até a geladeira, virando-se no meio do caminho. – Quer uma cerveja?

– Não, obrigada – respondeu ela, querendo acabar logo com aquilo.

Recusando-se a sentar, esperou que ele voltasse para confrontá-lo. Mas Travis logo desabou na cadeira e pôs os pés em cima da mesa. Atrapalhada, Gabby continuou de pé. Aquilo não estava funcionando como tinha planejado.

Ele abriu a cerveja e tomou um gole.

– Você não vai se sentar? – perguntou por cima do ombro.

– Eu prefiro continuar de pé, obrigada.

Travis estreitou os olhos e os protegeu com a mão.

– Mas eu mal consigo enxergá-la – falou. – As luzes da varanda estão bem atrás de você.

– Eu vim aqui dizer uma coisa...

– Você pode ir um pouquinho para o lado? – perguntou Travis.

Gabby emitiu um ruído de impaciência e deu alguns passos.

– Está melhor?

– Ainda não.

Àquela altura, ela estava quase ao lado da mesa e fez um gesto exasperado com as mãos.

– Talvez você devesse sentar – sugeriu ele.

– Está bem! – concordou Gabby, puxando uma cadeira. O sujeito estava tornando aquela situação difícil. – Eu vim aqui porque queria falar com você...

Travis ergueu as sobrancelhas.

– Você já disse isso.

– Eu sei! – concordou ela. – Estou tentando falar, mas você não me deixa terminar!

Depois de um segundo, Gabby reiniciou seu discurso, um pouco hesitante no início, como se estivesse com medo de que ele a interrompesse de novo. Travis não o fez e ela pareceu encontrar o ritmo, com as palavras fluindo mais rapidamente. Falou sobre quanto ficou animada com a casa, o lar com que havia sonhado por muito tempo, antes de o assunto se desviar para Molly e como os mamilos dela estavam crescendo.

No começo, Travis não fazia ideia de quem era Molly, o que conferiu àquela parte do monólogo uma característica surreal, mas aos poucos entendeu que era a collie que já tinha visto andando por lá algumas vezes. Depois Gabby começou a falar sobre filhotes feios e, estranhamente, de alguma coisa sobre o "Dr. Mãos em Mim" e que a ânsia de vômito não tinha nada a ver com a forma como se sentia. Sinceramente, tudo aquilo fez pouco sentido até ela começar a gesticular na direção de Moby. Foi o que permitiu que Travis somasse dois mais dois e percebesse que ela acreditava que Moby era responsável pela gravidez de Molly.

Travis queria dizer que Moby não era o culpado, mas ela estava tão embalada que achou melhor deixar que terminasse antes de protestar. Àquela altura, a história já andava em círculos. Partes da vida dela continuavam a surgir, trechos não ensaiados nem relacionados, acompanhados de explosões de raiva aleatórias direcionadas a ele. Devia estar falando havia uns bons vinte minutos, mas não poderia ter demorado tanto tempo. Mesmo assim, ser acusado por uma estranha sobre seus erros como vizinho não era uma coisa fácil de ouvir, tampouco ele gostava da maneira como ela falava de Moby. Para Travis, ele era o cachorro mais perfeito do mundo.

Às vezes Gabby fazia uma pausa e, nesses momentos, Travis tentava responder. Mas isso também não funcionava, porque ela imediatamente o atropelava. Por isso ele ficou escutando e sentiu uma pontada de desespero, até certa confusão, quanto ao que estava acontecendo na vida dela.

O cachorro, quer ela percebesse ou não, era apenas uma pequena parte do que a incomodava. Travis sentiu uma onda de compaixão e passou a anuir só para indicar que prestava atenção. De vez em quando, Gabby fazia uma pergunta, mas, antes que Travis pudesse expressar alguma palavra, ela respondia por ele.

– Os vizinhos não devem considerar suas ações?

– Sim, obvia...

– É claro que devem! – bradou, e Travis voltou a concordar com a cabeça.

Quando finalmente terminou seu longo discurso, Gabby olhava para o chão, exausta. Apesar de sua boca continuar mantendo aquela mesma linha reta, Travis pensou ter visto lágrimas e ponderou se deveria oferecer um lenço de papel. A caixa de lenços estava dentro da casa, mas os guardanapos se encontravam perto da churrasqueira. Levantou-se depressa, pegou alguns e trouxe para ela. Depois de certa relutância, ela aceitou e enxugou o canto dos olhos. Agora que tinha se acalmado, Travis percebeu que era mais bonita do que havia considerado antes.

Gabby deu um suspiro trêmulo.

– A pergunta é: o que você vai fazer?

Travis hesitou, tentando entender o que ela queria dizer.

– Sobre o quê?

– Sobre os filhotes!

Travis pôde ouvir a raiva fervilhando de novo e ergueu as mãos numa tentativa de acalmá-la.

– Vamos começar do começo: tem certeza de que ela está grávida?

– Claro que tenho! Você ouviu alguma palavra do que eu disse?

– Já foi a um veterinário?

– Eu trabalho numa clínica médica. Passei dois anos e meio numa escola de medicina e outro ano fazendo residência. Eu sei identificar uma gravidez.

– Em pessoas, tenho certeza. Mas com cães é diferente.

– Como você sabe?

– Eu tenho experiência com cães. Aliás, eu...

Sei..., pensou Gabby, interrompendo-o com um gesto. *Típico dos homens: teve um cachorro na infância e, por isso, se tornou perito em assuntos caninos.*

– Molly está andando mais devagar, os mamilos parecem inchados e ela se comporta de forma estranha. O que mais pode ser?

– E se ela estiver com uma infecção? Isso poderia causar o inchaço. E se a infecção for mais séria, ela também pode estar sentindo dores, o que explicaria o comportamento estranho.

Gabby abriu a boca para falar, mas percebeu que não tinha pensado nisso. Uma mastite, por exemplo, *poderia* causar um inchaço nos mamilos. Por um instante, sentiu uma onda de alívio. Mas a realidade logo caiu em sua cabeça, como um balde de água fria. Não eram um ou dois mamilos, eram todos. Gabby torceu o guardanapo, desejando que ele *ouvisse* o que estava dizendo.

– Ela está grávida e vai ter filhotes. E você vai ter que me ajudar a encontrar um lar para eles, pois eu não vou levar os bichinhos para um canil.

– Posso garantir que não foi Moby.

– Eu sabia que você ia dizer isso.

– Mas você precisa saber que...

Gabby balançou a cabeça, furiosa. Gravidez era sempre problema da mulher, não é? Ela se levantou da cadeira.

– Você vai ter que assumir alguma responsabilidade nisso. E espero que saiba que não vai ser fácil arranjar uma casa para eles.

– Mas...



– O que foi isso? – perguntou Stephanie.

Gabby tinha desaparecido atrás da sebe. Poucos segundos depois, Travis viu a irmã saindo da casa pela porta de correr de vidro. Continuou sentado à mesa, como se estivesse em choque.

– Há quanto tempo você está aqui?

– Tempo suficiente – respondeu ela. Viu o cooler perto da porta e pegou uma cerveja. – Por um instante achei que a mulher ia bater em você. Depois achei que ia chorar. Depois pareceu que ela queria bater em você e chorar.

– Foi mais ou menos assim – admitiu Travis, esfregando a testa, enquanto tentava processar a cena.

– Você continua encantador com as mulheres, pelo que vejo.

– Ela não é minha namorada. É a vizinha.

– Melhor ainda. – Stephanie se sentou numa cadeira. – Não sabia que tinha esse dom.

– Que dom?

– Gerar ódio instantâneo nas pessoas. É um talento raro. Normalmente é preciso conhecer a pessoa melhor antes.

– Muito engraçado.

– Eu também acho. E Moby... – Virou-se para o cachorro e ergueu um dedo acusador. – Você devia ser mais responsável.

Moby abanou o rabo antes de se levantar e colocar o focinho no colo de Stephanie.

– Calma aí, seu bajulador.

– Não é culpa do Moby.

– Foi o que você disse, mas não era o que ela queria ouvir. Qual é o problema dela?

– Ela estava chateada.

– Deu para notar. Demorou um pouco até eu conseguir entender do que ela estava falando, mas foi divertido.

– Não seja má.

– Eu não sou má. – Stephanie se recostou, observando o irmão. – Ela é bem bonitinha, você não acha?

– Nem notei.

– Aham. Aposto que foi a primeira coisa que você percebeu. Eu vi o jeito como olhava para ela.

– Você está terrível hoje.

– E com razão. A prova que acabei de fazer foi um horror.

– Como assim? Foi mal?

– Não, mas tive que pensar muito para responder algumas questões.

– Que tragédia...

– Ah, é mesmo. E tenho mais três na semana que vem.

– Coitadinha. A vida de eterna estudante é mais difícil do que ganhar a vida de verdade.

– Olha quem está falando. Você ficou na faculdade por mais tempo que eu. Aliás, o que papai e mamãe vão achar se eu disser que quero ficar mais dois anos para fazer doutorado?

A luz da cozinha da casa de Gabby se acendeu. Distraído, Travis demorou um pouco a responder.

– Acho que vão concordar. Você sabe como eles são.

– Eu sei. Mas ultimamente tenho sentido que eles querem que eu encontre alguém e me assente na vida.

– Bem-vinda ao clube.

– É, mas para você é diferente. Eu sou mulher. Meu relógio biológico não para.

A luz da cozinha da casa ao lado se apagou; segundos depois, o quarto foi iluminado. Travis imaginou se Gabby estava se preparando para dormir.

– Você precisa lembrar que mamãe se casou com 21 anos – continuou Stephanie. – Aos 23 ela já tinha você. – Ficou esperando uma resposta que não veio. – Mas, até aí, olha só como você se deu bem. Talvez eu possa usar isso como argumento.

As palavras dela penetraram devagar e Travis franziu a testa quando as registrou.

– Isso foi um insulto?

– Foi uma tentativa – respondeu a irmã com um sorrisinho. – Só verificando se você estava prestando atenção em mim ou se pensava na sua nova amiga ali.

– Ela não é minha amiga – retrucou ele.

Sabia que estava parecendo na defensiva, mas não podia evitar.

– Ainda não – observou a irmã –, mas tenho um estranho pressentimento de que ela vai ser.

2

Gabby não sabia ao certo como se sentia quando saiu da casa do vizinho e, para tentar recuperar o equilíbrio, ficou recostada na porta por um tempo depois de entrar.

Não devia ter ido, pensou. Além de não se desculpar, o vizinho ainda negara que seu cão fosse o responsável. Mesmo assim, quando finalmente se afastou da porta, percebeu que estava sorrindo. Ao menos tinha feito sua parte. Tomara uma atitude. Foi preciso coragem para isso, disse a si mesma. Normalmente não era boa em se expressar. Não para Kevin, pelo menos, sobre o fato de os planos dele para o futuro não irem além do fim de semana seguinte. Nem para o Dr. Melton sobre como se sentia quando ele a tocava. Muito menos para sua mãe, que sempre parecia ter opinião sobre o que Gabby deveria fazer e ser.

Parou de sorrir quando viu Molly dormindo no canto. Uma rápida olhada foi suficiente para se lembrar de que nada mudara. A situação estaria melhor se ela tivesse convencido o vizinho de que era seu dever ajudá-la.

Ao se lembrar dos momentos da noite, sentiu uma onda de constrangimento. Sabia que não fora muito objetiva, mas tinha perdido o foco depois de ser derrubada e sua frustração a impedira de parar de falar. Sua mãe faria a festa com aquele episódio. Gabby a amava, mas a mãe era uma daquelas damas que nunca perde o controle. Mais de uma vez, em sua adolescência, quisera dar uma sacudida na mãe, só para provocar alguma

reação. Claro que não teria funcionado. Ela teria deixado Gabby sacudi-la, para em seguida arrumar o cabelo e fazer algum comentário irritante como: "Bem, Gabrielle, agora que você já desabafou, será que podemos discutir isso como duas damas?"

Damas. Gabby não suportava essa palavra. Quando a mãe a pronunciava, ela se sentia abatida por uma súbita sensação de fracasso, como se tivesse um longo caminho a percorrer e nenhum mapa para orientá-la.

Claro que a mãe não podia deixar de ser quem era: um clichê ambulante de feminilidade sulista, tendo crescido usando vestidos de babados e apresentando-se à elite em exclusivos bailes de debutantes. Também fora tesoureira da irmandade Tri Delta da Universidade da Geórgia, outra tradição na família, embora considerasse que o melhor diploma para uma dama era o de "esposa". De preferência, esposa de alguém que merecesse o nome da família. Ou seja: um homem rico.

O pai de Gabby, um corretor imobiliário bem-sucedido e dono de uma construtora, era doze anos mais velho que a mulher quando se casaram e, se não era tão rico quanto alguns, sem dúvida estava bem de vida. Mesmo assim, Gabby se lembrava de ficar olhando as fotos do casamento dos pais e de se questionar como duas pessoas tão diferentes podiam ter se apaixonado.

Enquanto a mãe adorava o faisão do clube de campo, o pai preferia torradas e bacon da lanchonete local; enquanto a mãe não suportava a possibilidade de ir até os correios sem maquiagem, o pai usava calça jeans e o cabelo estava sempre um pouco desgrenhado. No entanto, Gabby não tinha dúvida: os dois se amavam e raramente discutiam. Ainda era comum encontrá-los aninhados no sofá quando os visitava. Assim, no fim das contas, ela simplesmente tinha que admitir que os dois eram perfeitos um para o outro.

Só que Gabby, para grande decepção da mãe e diferente de suas três irmãs louras e convencionais, sempre fora parecida com o pai. Ainda criança, preferia macacões a vestidos, adorava subir em árvores e passava horas brincando na terra. De vez em quando, seguia o pai numa de suas

obras, imitando seus movimentos enquanto ele inspecionava lacres, janelas recém-instaladas ou caixas que tinham acabado de chegar da loja de ferragens.

O pai ensinara a colocar iscas no anzol e a pescar, e ela adorava viajar ao lado dele em sua velha e barulhenta caminhonete com o rádio quebrado, um carro que ele nunca desejou trocar por um novo. Depois do trabalho, jogavam basquete enquanto a mãe observava da janela da cozinha, quase sempre com as irmãs ao lado, boquiabertas. Elas não aprovavam nem compreendiam a pobre criança.

Embora gostasse de contar sobre a liberdade que tivera na infância, Gabby sempre se sentira dividida entre as visões de mundo do pai e da mãe, principalmente porque a mãe era especialista quando se tratava de manipular. Mais velha, Gabby acabou acatando as opiniões dela a respeito de roupas e do *comportamento apropriado de uma dama*, apenas para não se sentir culpada.

De todas as armas do arsenal da mãe, a culpa era de longe a mais eficiente. Uma sobrancelha erguida aqui, um pequeno comentário ali, e Gabby acabou tendo aulas de boas maneiras e de dança; teve que aprender a tocar piano e foi formalmente apresentada à sociedade. Se, por um lado, a mãe se sentiu orgulhosa naquela noite, Gabby se considerou pronta para tomar suas próprias decisões, algumas das quais sabia que a mãe não aprovaria. Claro que ela queria se casar e ter filhos, mas percebera que também desejava uma carreira como o pai. Ela queria ser médica.

A mãe apoiou a decisão da filha... por um tempo. Mas depois começou a sutil ofensiva da culpa. Quando Gabby passou com louvor em inúmeros testes na faculdade, a mãe às vezes franzia o cenho e se perguntava em voz alta como ela poderia trabalhar como médica em período integral e ser mãe e esposa.

– Mas se o trabalho é mais importante do que uma família, vá ser médica.

Gabby tentou resistir à campanha da mãe, mas no fim os velhos hábitos venceram e ela acabou se conformando com uma carreira de médica-assistente. A justificativa fazia sentido: ela atenderia pacientes, mas teria

um período de trabalho mais estável e nunca cumpriria plantões. Ainda assim, às vezes a incomodava o fato de a mãe ter posto aquela ideia na cabeça dela.

Família era uma coisa importante para Gabby. Fazia parte de ter nascido num ambiente de pais que tinham um casamento feliz. Você cresce acreditando em contos de fadas e, mais do que isso, acha que tem direito de viver de acordo com eles. Até agora, porém, não ia como planejado. Kevin e ela namoravam havia tempo suficiente para se apaixonarem, sobreviverem aos altos e baixos que separam a maioria dos casais e até para falar sobre o futuro. Gabby tinha decidido que queria passar a vida com ele, mas franziu a testa ao se lembrar da discussão mais recente entre os dois.

Como que sentindo a contrariedade de Gabby, Molly levantou-se com esforço e se aproximou, cheirando a mão da dona. Ela acariciou a cadela.

– Talvez seja só estresse – disse Gabby, desejando que sua vida fosse mais parecida com a de Molly: sem preocupações ou responsabilidades... bem, exceto a questão da gravidez. – Você acha que estou estressada?

Molly não respondeu, mas nem precisava. Gabby sabia que estava. Podia sentir o peso nos ombros sempre que pagava as contas, quando o Dr. Melton se aproximava ou quando Kevin se fazia de bobo sobre o que ela esperava do futuro quando concordara em se mudar para mais perto dele. O fato de não ter amigos ali também não ajudava. Não conhecia quase ninguém fora do ambiente de trabalho e, verdade seja dita, o vizinho tinha sido a primeira pessoa com quem havia falado desde que se mudara.

Pensando melhor, Gabby achou que poderia ter sido mais delicada sobre a coisa toda. Sentiu uma pontada de remorso sobre seu desabafo intempestivo, principalmente porque ele pareceu um tipo amistoso. Quando a ajudou a se levantar, pareceu até um amigo. E a partir do momento que ela começou a vociferar, não a interrompeu nenhuma vez, o que também era muito gentil da parte dele.

Considerando quanto ela devia parecer uma doida, era surpreendente que ele não tenha se incomodado ou a repreendido, algo que Kevin teria feito. Enrubescera só de pensar na forma delicada com que a erguera do chão. Depois ainda houve o momento em que ele ofereceu o guardanapo,

quando Gabby o surpreendeu olhando para ela de um jeito que indicava que a achava bonita. Fazia tempo que algo assim não acontecia e, mesmo sem querer admitir, aquilo a fez se sentir bem consigo mesma. Era incrível o que um pequeno confronto sincero podia fazer pela alma de uma pessoa.

Entrou no quarto e vestiu uma aconchegante calça de moletom e uma camiseta que tinha desde os tempos de caloura. Molly andava atrás dela. Quando percebeu do que a cadela precisava, Gabby fez um gesto em direção à porta.

– Quer ir lá fora? – perguntou.

O rabo de Molly começou a balançar. Gabby examinou-a de perto. Ainda parecia grávida, mas talvez o vizinho tivesse levantado uma boa questão. Devia levar a cadela ao veterinário para ter certeza. Afinal, não fazia ideia de como tratar uma cadela grávida. Ficou imaginando se Molly iria precisar de vitaminas extras, o que a lembrou mais uma vez de que não estava cumprindo sua própria resolução. Comer melhor, fazer exercícios, dormir bem, fazer alongamento... Tinha planejado ter uma vida mais saudável assim que se mudasse para a nova casa.

Definitivamente iria correr no dia seguinte, depois almoçaria e jantaria salada. E já que estava pronta para efetuar algumas mudanças sérias na vida, poderia colocar Kevin contra a parede sobre seus planos para o futuro dos dois.

Mas talvez não fosse uma boa ideia. Enfrentar o vizinho era uma coisa, mas será que estava pronta para aceitar as consequências se não ficasse feliz com a resposta do namorado? E se ele não tivesse planos? Será que ela queria mesmo desistir do emprego depois de tão pouco tempo? Vender a casa? Mudar-se para longe? Até que ponto estava disposta a chegar? Não tinha certeza de nada, a não ser que não queria perdê-lo. Mas tentar ser mais saudável... Isso ela definitivamente podia fazer. Um passo de cada vez, certo?

Tomada a decisão, saiu para o quintal com Molly. O ar continuava quente, mas soprava uma brisa leve. As estrelas se espalhavam pelo céu, num intrincado padrão que, a não ser pela Ursa Maior, ela nunca conseguia discernir. Resolveu que compraria um livro sobre astronomia no dia

seguinte, logo depois do almoço. Passaria uns dois dias aprendendo o básico, depois convidaria Kevin para uma noite romântica na praia, onde apontaria para o céu e, casualmente, mencionaria alguma coisa impressionante. Fechou os olhos, imaginando a cena. Começaria seu plano para se tornar uma nova pessoa. Uma pessoa melhor. E decidiria o que fazer com Molly também. Mesmo que tivesse de implorar, iria encontrar um lar para cada um daqueles filhotes.

Mas, antes, ia levá-la ao veterinário.

3

De vez em quando, Gabby se perguntava como fora parar em um consultório pediátrico. Ela teve a oportunidade de trabalhar na unidade cardiológica do hospital, que havia sido seu plano inicial. Adorava ser assistente em cirurgias difíceis e parecia o posto perfeito... até trabalhar com um pediatra que encheu sua cabeça com ideias sobre a nobreza e a alegria de cuidar de crianças.

Dr. Bender, um médico veterano e de cabelos brancos que estava sempre sorrindo e conhecia praticamente todas as crianças de Sumter, na Carolina do Sul, a convenceu de que, embora a área de cardiologia pagasse mais e parecesse mais glamourosa, nada era tão gratificante quanto segurar bebês recém-nascidos e observar seu desenvolvimento durante os primeiros e críticos anos de vida. Em geral ela apenas assentia, mas no último dia ele quis demonstrar seu ponto de vista colocando um bebê em seus braços. Enquanto a criança berrava, o Dr. Bender falava:

– Na cardiologia, tudo é emergência e seus pacientes parecem sempre ficar mais doentes, não importa o que você faça. Depois de um tempo, fica desgastante. Pode drenar sua energia se você não tomar cuidado. Mas tratar de um carinha como esse... – Fez uma pausa, apontando para o bebê. – Essa é a melhor vocação do mundo.

Apesar da oferta de um emprego em cardiologia em um hospital da sua cidade natal, Gabby aceitou um cargo com o Dr. Furman e o Dr. Melton em

Beaufort, na Carolina do Norte. Achou o Dr. Furman meio distraído e o Dr. Melton chegado a um flerte, mas era uma oportunidade de estar mais perto de Kevin. De certa forma, acreditava que o Dr. Bender pudesse estar certo. Que tinha razão quanto aos bebês. Na maior parte do tempo, adorava trabalhar com eles, mesmo quando precisava aplicar injeções e o berreiro das crianças a arrepiava.

As mais velhas também eram legais. A maioria tinha uma personalidade cativante e ela adorava quando afagavam seus ursinhos e cobertores e olhavam para ela com sinceridade. Eram os pais que a deixavam maluca. Dr. Bender se esquecera de mencionar um ponto crucial: na cardiologia, a gente lida com um paciente que foi ao consultório porque queria ou precisava; na pediatria, com um paciente em geral sob os cuidados de pais neuróticos e sabichões. Eva Bronson era um desses casos.

Com George no colo, na sala de exames, Eva olhava para Gabby torcendo o nariz. O fato de não ser exatamente médica e de ser jovem fazia muitos pais acreditarem que era pouco mais que uma enfermeira.

– Tem certeza de que o Dr. Furman não pode nos encaixar? – A mulher enfatizou a palavra *doutor*.

– Dr. Furman está no hospital – respondeu Gabby. – Só vai chegar mais tarde. Mas tenho certeza de que ele concordaria comigo. Seu filho parece estar muito bem.

– Mas ele continua tossindo.

– Como já expliquei, crianças dessa idade podem ter tosses que perduram por até seis semanas depois de um resfriado. Os pulmões demoram mais tempo para sarar, mas é perfeitamente normal.

– Então você não vai receitar um antibiótico?

– Não há necessidade. Os ouvidos dele estão bem, os seios paranasais não estão congestionados e não ouço nenhum sinal de bronquite nos pulmões. A temperatura está normal e ele parece saudável.

George, que acabara de completar 2 anos, se agitava no colo de Eva, tentando se libertar, cheio de energia e feliz. Eva apertou mais o abraço.

– Já que o Dr. Furman não está, talvez fosse melhor ver o Dr. Melton. Meu filho precisa do antibiótico. Metade das crianças na creche dele está

tomando algum antibiótico no momento. Tem alguma doença no ar.

Gabby fingiu escrever no prontuário. Eva Bronson sempre queria que George tomasse um antibiótico. Ela é que era viciada em antibióticos, se é que isso existia.

– Se ele tiver febre, você pode voltar e eu refaço o exame.

– Eu não quero *voltar* aqui. Foi por isso que vim hoje. Acho que ele devia ser examinado por um *médico*.

Gabby fez o possível para manter a voz calma.

– Tudo bem, vou ver se o Dr. Melton pode encaixar uma consulta.

Quando saiu da sala, respirou fundo no corredor, sabendo que precisava se preparar. Não queria falar com o Dr. Melton de novo; tinha evitado o homem a manhã inteira. Assim que o Dr. Furman saíra para atender uma cesariana de emergência no Hospital Geral de Carteret, em Morehead City, o Dr. Melton se aproximara dela, chegando perto o suficiente para que ela percebesse que ele havia acabado de gargarejar com antisséptico.

– Acho que vamos ficar por nossa conta esta manhã – disse ele.

– Talvez não haja muito movimento – observou Gabby em tom neutro. Não se sentia preparada para enfrentá-lo, não sem o Dr. Furman por perto.

– As segundas-feiras são sempre movimentadas. Tomara que a gente não precise trabalhar na hora do almoço.

– Tomara – repetiu ela.

O Dr. Melton pegou o prontuário da porta da sala de exames no corredor. Deu uma lida rápida e, quando já estava saindo, perguntou:

– Falando em almoço, você já comeu taco de peixe?

Gabby piscou.

– Hã?

– Conheço um lugar excelente perto da praia. Talvez a gente pudesse almoçar lá. Podíamos trazer alguma coisa para os funcionários também.

Apesar de ele ter mantido um pretenso ar de profissionalismo – teria falado da mesma maneira se estivesse se dirigindo ao Dr. Furman –, Gabby recusou sem querer.

– Não posso. Tenho que levar Molly ao veterinário. Marquei uma consulta para hoje.

– E dá para você ir e voltar a tempo?

– Eles garantiram que será uma consulta rápida.

Ele hesitou um pouco.

– Então, tudo bem. Quem sabe outro dia.

Quando foi pegar um prontuário, Gabby teve um estremecimento.

– Está tudo bem? – perguntou o Dr. Melton.

– Só estou um pouco dolorida dos exercícios – respondeu ela enquanto desaparecia da sala.

Era verdade, ela estava dolorida. Ridiculamente dolorida. Tudo latejava, do pescoço aos tornozelos. A dor seria mais branda se tivesse apenas corrido no domingo. Mas não foi o suficiente para a nova e saudável Gabby. Depois da corrida – e orgulhosa por não ter parado nenhuma vez, ainda que num ritmo mais lento –, ela foi a Morehead City se matricular na academia. Enquanto preenchia a papelada, o instrutor explicou as diversas aulas com nomes complicados, programadas de hora em hora. Quando estava prestes a sair, comentou sobre uma aula de *body pump* que ia começar em poucos minutos.

– É um ótimo treinamento – ressaltou ele. – Trabalha o corpo todo. São exercícios calistênicos e aeróbicos ao mesmo tempo. Você devia experimentar.

E ela experimentou. E que Deus o perdoe pelo que ela estava sentindo agora.

Não foi de imediato, é claro. Não, durante a aula ela se sentia ótima. Apesar de saber que deveria pegar leve, de repente estava tentando acompanhar a mulher quase despida e cirurgicamente aperfeiçoada ao seu lado. Levantando e empurrando pesos, correndo no mesmo lugar, depois levantando mais pesos e correndo um pouco mais, numa sequência ininterrupta. Quando saiu, com os músculos trêmulos, sentia que tinha dado o passo seguinte em sua evolução. Na saída, ainda pediu um shake de whey.

No caminho para casa, parou numa livraria para comprar o livro de astronomia. Mais tarde, quando estava quase adormecendo, percebeu que já não se sentia tão bem em relação ao futuro, principalmente pelo fato de seus músculos parecerem enrijecer a cada minuto.

A nova e saudável Gabby achou excepcionalmente doloroso sair da cama na manhã seguinte. Tudo doía. Não, era mais que dor. Muito mais. Era excruciante. Todos os músculos do corpo pareciam ter passado por um liquidificador. As costas, o peito, a barriga, as pernas, as nádegas, o pescoço... até os dedos doíam. Foram três tentativas até conseguir se sentar na cama e, quando entrou cambaleando no banheiro, percebeu que escovar os dentes sem gritar exigia uma dose hercúlea de autocontrole. No armário do banheiro, encontrou três tipos diferentes de analgésico. Na dúvida, resolveu tomar todos.

Certo, talvez ela tenha exagerado.

Mas agora era tarde demais e, para piorar, os analgésicos não funcionaram. Ou talvez tivessem funcionado. Afinal, ela conseguiu chegar ao consultório, desde que se movimentasse devagar. Mas a dor continuava lá, o Dr. Furman tinha saído e a última coisa que desejava era ter que lidar com o Dr. Melton.

Sem alternativa, perguntou a uma das enfermeiras em que sala ele estava e, depois de bater à porta, entrou. O Dr. Melton desviou o olhar do paciente e sua expressão se animou assim que a viu.

– Desculpe a interrupção – disse Gabby. – Posso falar com você um segundo?

– Claro – respondeu ele. Levantou-se, deixou o prontuário numa mesinha e fechou a porta ao sair. – Mudou de ideia quanto ao almoço?

Gabby balançou a cabeça e contou sobre Eva Bronson e George. O médico prometeu falar com ela assim que pudesse. Ao se afastar, sentiu os olhos dele em seu corpo enquanto ela tentava disfarçar que mancava pelo corredor.



Era meio-dia e meia quando Gabby terminou a última consulta do turno da manhã. Pegou a bolsa e saiu correndo para o carro, sabendo que não tinha muito tempo. Sua próxima consulta seria dali a 45 minutos e ela não

poderia demorar muito no veterinário. Era uma das vantagens de morar numa cidadezinha com pouco mais de 4 mil habitantes. Tudo ficava a minutos de distância.

Embora Morehead City, cinco vezes maior que Beaufort, ficasse do outro lado da ponte e fosse o local onde a maioria das pessoas fazia suas compras no fim de semana, a curta distância bastava para fazê-la parecer isolada.

Era um lugar bonito, principalmente o centro histórico. Em um dia como esse, com temperaturas perfeitas para caminhar, Beaufort parecia o que ela imaginava ter sido Savannah no primeiro século de sua existência: ruas largas, árvores frondosas e pouco mais de uma centena de casas restauradas ocupava vários quarteirões, acabando na Front Street, uma curta passarela de madeira com vista para a marina.

Barcos de todas as formas e de todos os tamanhos ocupavam as vagas; um magnífico iate que valia milhões poderia estar atracado ao lado de um barquinho pesqueiro de caranguejos e de um bem-conservado barco a vela. Havia poucos restaurantes, mas com vistas maravilhosas: lugares antigos e regionais, com pátios cobertos e mesas de piquenique que faziam os frequentadores se sentirem como se estivessem de férias em um lugar onde o tempo havia parado.

Em alguns fins de semana, bandas se apresentavam nos restaurantes. No Quatro de Julho do último verão, quando ela foi visitar Kevin, tanta gente fora ouvir a música e ver os fogos de artifício que a marina ficou lotada de barcos. Sem vagas para todos, as embarcações simplesmente se amarraram umas às outras e os proprietários passavam de um convés a outro para chegar à doca, aceitando cerveja de desconhecidos durante o trajeto.

Do outro lado da rua, empresas imobiliárias dividiam o espaço com ateliês de arte e arapucas para turistas. À noite, Gabby gostava de passear por essas lojas e admirar as obras expostas. Quando era mais nova, sonhava em ganhar a vida pintando ou fazendo ilustrações; demorou alguns anos para perceber que sua ambição excedia o seu talento. Isso não significava que ela não soubesse apreciar um bom trabalho. Às vezes, encontrava uma fotografia ou um quadro que a fazia parar. Duas vezes chegou a comprar

quadros, que agora se encontravam pendurados na parede de sua casa. Gostaria de adquirir outros para complementá-los, mas seu orçamento a impedia, pelo menos por enquanto.

Alguns minutos depois, Gabby estacionou na porta de sua casa e soltou um gemido ao descer do carro. Molly a esperava na varanda, farejando o canteiro de flores e cuidando de suas funções fisiológicas. Ela gemeu mais uma vez ao colocar a cadela no carro e abriu a janela do passageiro para que Molly colocasse a cabeça para fora, algo que adorava fazer.

A Clínica Veterinária de Down East ficava a poucos minutos de distância e, ao entrar no estacionamento, Gabby ouviu o ruído do cascalho sob os pneus. Ocupando um edifício rústico e vitoriano, a clínica mais parecia uma residência que um consultório. Colocou uma coleira em Molly e deu uma olhada no relógio. Rezou para que o veterinário a atendesse logo.

Assim que a porta de tela se abriu com um rangido, ela viu que Molly puxava a guia, como fazia ao sentir os odores típicos de clínicas para animais. Gabby se aproximou do balcão, mas a recepcionista de súbito se levantou de trás da mesa.

– Essa é a Molly? – perguntou.

Gabby não tentou esconder sua surpresa. Ainda não tinha se acostumado a morar numa cidade pequena.

– Sim. Eu sou Gabby Holland.

– Muito prazer. Eu sou Terri. Que bela cadela.

– Obrigada.

– Estávamos imaginando quando você iria chegar. Precisa voltar para o trabalho, não é? – Pegou uma prancheta. – Vamos acomodar vocês duas numa sala. Podemos fazer sua ficha lá mesmo. Assim o veterinário pode atendê-la mais depressa. Não deve demorar.

– Ótimo – disse Gabby. – Fico muito grata.

A recepcionista as conduziu a uma sala adjacente e ajudou Molly a subir numa balança.

– Eu levo meus filhos ao seu consultório o tempo todo – disse Terri. – Está gostando do trabalho?

– Sim, estou – respondeu Gabby. – É mais movimentado do que imaginei.

Terri anotou o peso de Molly, seguindo depois pelo corredor.

– Eu adoro o Dr. Melton. Ele tem sido maravilhoso com o meu filho.

– Vou dizer isso a ele – comentou Gabby.

Terri entrou numa saleta que continha uma mesa de metal e uma cadeira de plástico e entregou a prancheta a Gabby.

– É só preencher essas informações. Vou dizer ao doutor que você já está aqui.

Terri deixou as duas sozinhas e Gabby logo se sentou, estremecendo ao sentir os músculos das pernas latejarem. Respirou fundo algumas vezes, esperando que a dor passasse, depois preencheu o formulário enquanto Molly passeava pela sala.

Menos de um minuto depois, a porta se abriu. A primeira coisa que Gabby notou foi o jaleco branco; depois, o nome escrito em letras azuis. Ela ia falar alguma coisa, mas o súbito reconhecimento a impediu.

– Oi, Gabby – disse Travis. – Como vai?

Ela continuou a encará-lo, perguntando-se por que seu vizinho estava ali. Abriu a boca para responder quando notou que os olhos dele eram azuis.

– Suponho que essa seja a Molly – começou Travis, interrompendo os pensamentos dela. – Ei, garota... – Ele se agachou e afagou o pescoço da cadela. – Você gosta disso? Ah, como você é meiga, hein? Como está se sentindo, garota?

O som da voz dele a fez voltar à realidade.

– Vo-você... é o veterinário? – gaguejou Gabby.

Travis assentiu enquanto continuava a acariciar o pescoço de Molly.

– Meu pai e eu. Foi ele quem fundou a clínica. Eu vim para cá quando me formei.

Aquilo não podia estar acontecendo. De todas as pessoas daquela cidade, tinha que ser ele? Por que ela não conseguia ter um dia normal e sem complicações?

– Por que você não disse nada naquela noite?

– Eu disse. Falei para você levar a cadela ao veterinário, lembra?

Gabby estreitou os olhos. O homem parecia gostar de deixá-la furiosa.

– Você sabe do que estou falando.

Travis revirou os olhos.

– Sobre eu ser veterinário? Eu tentei dizer, mas você não deixou.

– Devia ter dito assim mesmo.

– Acho que você não estava a fim de ouvir. Mas são águas passadas. Sem ressentimentos. – Abriu um sorriso. – Agora vou examinar essa garota, certo? Sei que você ainda tem que voltar para o trabalho, por isso vou ser rápido.

Gabby pôde sentir sua fúria aumentar com a indiferença dele. "Sem ressentimentos." Parte dela queria sair dali. Infelizmente, ele já estava examinando a barriga de Molly e, mesmo se quisesse, ela não poderia se levantar depressa. Suas pernas pareciam não obedecer aos seus comandos. Acanhada, cruzou os braços e sentiu algo como uma faca sendo enfiada em suas costas e nos ombros enquanto Travis preparava o estetoscópio. Mordeu o lábio, orgulhosa, para não demonstrar dor.

Travis olhou para ela.

– Tudo bem com você?

– Tudo ótimo – respondeu.

– Tem certeza? Você parece estar sentindo dor.

– Está tudo bem – insistiu Gabby.

Ignorando seu tom de voz, Travis voltou a atenção para a cadela. Mudou o estetoscópio de lugar, auscultou mais uma vez, depois examinou um dos mamilos. Finalmente, calçou uma luva de borracha com um estalido e fez um rápido exame interno.

– Bem, definitivamente ela está grávida – falou, tirando a luva e jogando-a no lixo. – E, pelo que parece, está de mais ou menos sete semanas.

– Eu não disse?

Gabby olhou para ele. *E Moby é o responsável*, ela se conteve para não acrescentar. Travis guardou o estetoscópio no bolso, pegou a prancheta e virou a página.

– Só para você saber, Moby não é o pai.

– Ah, não é?

– Não. O mais provável é que seja o labrador que tenho visto no bairro. Acho que pertence ao filho do velho Cason.

– O que faz você ter certeza de que não foi o Moby?

Travis começou a anotar e, por um momento, ela não soube ao certo se ele ouvira a pergunta. Por fim, ele deu de ombros.

– Bem, uma das razões é que Moby foi castrado.



Há momentos em que uma sobrecarga mental pode impossibilitar o fluxo de palavras. De repente, Gabby assistiu a uma mortificante montagem de si mesma balbuciando, chorando e saindo intempestivamente. Tinha uma vaga lembrança de ele ter tentado dizer algo, mas tudo aquilo a deixava nauseada.

– Castrado? – sussurrou ela.

– Sim. – Travis ergueu os olhos da prancheta. – Dois anos atrás. Foi meu pai que fez a cirurgia aqui na clínica.

– Ah...

– Também tentei falar sobre isso, mas você foi embora sem me dar uma chance. Eu me senti meio mal por causa disso, cheguei a passar na sua casa no domingo para conversar, mas você não estava.

Gabby disse a única coisa que lhe veio à cabeça.

– Eu estava na academia.

– Ah, é? Que bom.

Depois de algum tempo, ela descruzou os braços.

– Acho que devo desculpas.

– Sem ressentimentos – repetiu ele, desta vez fazendo com que ela se sentisse ainda pior. – Escute, sei que está com pressa, mas eu queria falar um pouco sobre a Molly, tudo bem?

Gabby aquiesceu, se sentindo como se estivesse de castigo no canto da sala de aula, ainda pensando em todo o discurso que dera sábado à noite. A

elegância com que Travis tratava aquilo tudo só piorava a situação.

– O período de gestação é de nove semanas, então você tem duas semanas para se preparar. Os quadris dela estão bem largos, não precisa se preocupar com isso. Foi por esse motivo que eu queria que você viesse com ela. Às vezes as cadelas dessa raça têm quadris estreitos. Não há nada que precise ser feito, mas tenha em mente que ela vai procurar um lugar fresco e escuro para ter os filhotes, por isso talvez seja uma boa ideia pôr uns cobertores velhos na sua garagem. Você tem uma porta que dá para a cozinha, certo?

Gabby assentiu mais uma vez, sentindo como se estivesse encolhendo.

– É só deixar a porta aberta, é provável que ela mesma ronde pelo lugar. Chamamos isso de nidificação e é perfeitamente normal. O mais comum é que ela tenha os filhotes quando tudo estiver quieto. À noite, ou enquanto você estiver no trabalho, mas lembre-se de que isso é natural, não há por que se preocupar. Os filhotes vão saber como mamar na mesma hora. Talvez você tenha que jogar os cobertores fora, por isso não use nada muito caro, certo?

Gabby aquiesceu pela terceira vez, sentindo-se cada vez menor.

– Fora isso, não há muito mais que você precise saber. Se houver algum problema, pode trazer Molly aqui. Se a clínica estiver fechada, você sabe onde eu moro.

Gabby pigarreou.

– Tudo bem.

Como ela não disse mais nada, Travis sorriu e começou a andar em direção à porta.

– Então é isso. Pode levar Molly para casa. E fico contente por tê-la trazido. Eu não achava que fosse uma infecção, mas foi bom ter certeza.

– Obrigada – murmurou Gabby. – E, mais uma vez, mil desculpas...

Travis ergueu a mão para interrompê-la.

– Sem problemas. Mesmo. Você estava aborrecida e o Moby às vezes passeia pela vizinhança. Foi um engano compreensível. A gente se vê, ok?

Quando ele deu um último tapinha em Molly, Gabby se sentiu minúscula.

Assim que Travis – Dr. Parker – saiu da sala de exame, ela esperou um bom tempo até se certificar de que ele não estava mais lá. Depois, devagar e dolorosamente, levantou-se da cadeira. Espiou pela porta, foi até a recepcionista e pagou a consulta em silêncio.

Quando voltou ao trabalho, a única coisa que Gabby sabia era que, por mais que ele tivesse sido compreensivo, ela não conseguia encará-lo depois do que havia feito. Já que não existia um buraco suficientemente grande para se esconder, o melhor que poderia fazer era encontrar um jeito de evitar Travis por algum tempo. Não para sempre, claro. Um tempo razoável. Mais ou menos pelos próximos cinquenta anos.

4

Pela janela, Travis viu Gabby levar Molly até o carro. Sorria, se divertindo com as expressões dela. Embora mal a conhecesse, parecia razoável concluir que era uma dessas pessoas cujas expressões são como uma janela para todos os sentimentos. Era uma qualidade rara naqueles dias. Ele achava que quase todo mundo passava a vida interpretando papéis e fingindo, usando máscaras e se perdendo no processo. Mas tinha certeza de que Gabby nunca seria assim.

Enfiou as chaves no bolso e caminhou até seu utilitário, prometendo que voltaria do almoço em meia hora. Pegou seu cooler, onde guardava o almoço que preparava todas as manhãs, e dirigiu até o local habitual.

Um ano atrás, tinha comprado um terreno com vista para Shackleford Banks, no final da Front Street, pensando em construir ali a casa dos seus sonhos. O único problema era que ele não sabia exatamente como ela seria. Era um homem de hábitos simples e sonhava em construir algo como o pequeno bangalô rústico que vira em Florida Keys, uma residência com muita personalidade, que parecia ter uma centena de anos pela fachada, mas era luminosa e ampla por dentro.

Ele não precisava de muito espaço – um quarto e talvez um escritório –, mas, assim que deu início ao projeto, concluiu que o terreno seria mais adequado a algo mais familiar. Isso turvou a imagem da casa dos seus

sonhos, pois sem dúvida incluía uma futura esposa e filhos, algo que ele não conseguia imaginar no momento.

Às vezes estranhava o caminho que a irmã e ele acabaram seguindo, pois ela também não tinha pressa para se casar. Os pais deles estavam juntos havia quase 35 anos, mas Travis não conseguia imaginar se sentir nas nuvens por alguém. Claro que já tinha ouvido as histórias de como os dois se conheceram num acampamento da igreja quando ainda estudavam no colégio, como a mãe havia cortado o dedo ao fatiar a torta da sobremesa e como o pai tinha coberto o ferimento com a mão como se fosse uma gaze cirúrgica para deter o sangramento. Foi um toque e "bing, bang, bum", dizia o pai. "Eu sabia que ela tinha sido feita para mim."

Travis não tinha vivenciado nenhum "bing, bang, bum". Nem perto disso, aliás. Sim, teve aquela namorada de colégio, Olivia; todo mundo na escola achava que eles eram perfeitos um para o outro. Agora ela morava do outro lado da ponte, em Morehead City, e de vez em quando Travis a encontrava no mercado. Conversavam por um ou dois minutos sobre amenidades e cada um seguia seu caminho.

Houve incontáveis outras namoradas depois de Olivia. Travis as achava atraentes, interessantes e gostava delas. Orgulhava-se de nunca ter passado por um rompimento doloroso para nenhum dos lados. As separações eram quase sempre decisões mútuas, os relacionamentos se esvaíam como um pavio molhado de uma bombinha, não como grandes explosões dos fogos de artifícios no céu. Considerava-se amigo de todas as ex – inclusive de Monica, a última namorada – e imaginava que elas pensavam o mesmo sobre ele. Já vira três ex-namoradas se casarem com ótimos sujeitos, e fora convidado para as três cerimônias. Nas raras vezes que pensava em encontrar sua *alma gêmea*, sempre acabava imaginando alguém que tivesse a mesma paixão por atividades ao ar livre que ele. A vida era para ser vivida, não era? Claro que todo mundo tinha responsabilidades e ele não se importava com isso. Gostava do seu trabalho, ganhava o suficiente para viver bem, comprar uma casa e pagar as contas, mas não queria uma vida em que essas coisas constituíssem tudo o que existia. Queria uma vida mais intensa. Não, melhor dizendo, *precisava* de uma vida mais intensa.

Era seu jeito de ser desde que se lembrava. Durante a infância, Travis sempre fora organizado em assuntos escolares, tirando boas notas com um mínimo de ansiedade ou esforço e contentando-se com 8,5 em vez de 10. Isso deixava sua mãe maluca. "Imagine como você poderia ir bem se estudasse mais", repetia ela cada vez que o boletim chegava em casa. Mas a escola não o motivava tanto quanto pedalar em alta velocidade ou surfar em Outer Banks. Enquanto os outros rapazes só pensavam em beisebol ou futebol americano, ele queria voar em sua moto, subindo uma rampa de terra e sentindo uma descarga de energia quando aterrissava em segurança. Era um jovem adepto de esportes radicais antes mesmo de a categoria existir e agora, aos 32 anos, já tinha experimentado quase tudo.

Ao longe, Travis podia ver cavalos selvagens congregando-se perto das dunas de Shackleford Banks, e continuou os observando enquanto pegava seu sanduíche. Peru em pão integral com mostarda, uma maçã e uma garrafa de água. Comia a mesma coisa todos os dias, depois de um sempre idêntico desjejum de aveia, clara de ovos mexida e uma banana. Por mais que ansiasse por um eventual surto de adrenalina, sua dieta não poderia ser mais monótona. Os amigos se admiravam com a rigidez de seu autocontrole, mas ele não dizia a ninguém que aquilo tinha mais a ver com seu paladar limitado que com disciplina.

Aos 10 anos, foi obrigado a terminar um prato de *pad thai* boiando em gengibre e vomitou quase a noite inteira. Desde então, o mais leve aroma da especiaria o levava a ter refluxos no banheiro e seu paladar nunca mais foi o mesmo. Intimidou-se com comidas de modo geral, preferindo alimentos simples e previsíveis a qualquer sabor exótico; depois, gradualmente, foi cortando as porcarias. Agora, mais de vinte anos depois, tinha muito medo de mudar.

Enquanto saboreava o sanduíche – simples e previsível –, refletiu sobre sua vida. Não tendia a reflexões profundas – uma das causas para o fim de seus relacionamentos, segundo Maria, sua namorada de seis anos atrás. Em geral ia vivendo a vida, fazendo o que era necessário ser feito e imaginando formas de se divertir durante o restante do tempo. Era uma das grandes

vantagens de ser solteiro: uma pessoa podia fazer quase tudo o que quisesse, sempre que desejasse, e a introspecção era apenas opcional.

Devia ser por causa de Gabby, pensou. Mal a conhecia e duvidava se teria a oportunidade de encontrar a verdadeira Gabby Holland. Ah, ele a tinha visto brava naquela noite e culpada havia pouco, mas não fazia ideia de como ela se comportava em circunstâncias normais.

Imaginava que tivesse senso de humor. E sem dúvida ela era inteligente, apesar de só ter deduzido isso a partir do seu trabalho. À parte disso tudo... não conseguia se ver saindo com ela. Mas estava contente pela oportunidade de se conhecerem como vizinhos. Já tinha aprendido que um mau vizinho pode fazer uma pessoa infeliz. O vizinho de Joe era o tipo de sujeito que queimava folhas no primeiro lindo dia de primavera e aparava a grama do quintal nas manhãs de sábado. Os dois quase já tinham se atracado mais de uma vez depois de uma longa noite com o bebê insone. Às vezes Travis achava que a simples cortesia estava trilhando o mesmo caminho dos dinossauros e a última coisa que desejava é que Gabby tivesse razões para evitá-lo. Quem sabe não a convidava da próxima vez que os amigos o visitassem...

Boa ideia, pensou. Decidido, pegou o cooler e voltou para o utilitário. Na programação da tarde havia a série habitual de cães e gatos, mas às três alguém iria trazer um lagarto. Travis gostava de tratar lagartos ou de qualquer outro animal exótico; a noção de que ele sabia do que estava falando, o que era verdade, sempre impressionava os donos dos animais. Gostava de ver suas expressões de surpresa: *Será que ele conhece a anatomia e a psicologia de todas as criaturas da Terra?* E ele fingia que sim. Mas os fatos eram um pouco mais prosaicos. Não, claro que ele não conhecia todas as criaturas da Terra – quem poderia? –, mas infecções eram infecções e deveriam ser tratadas mais ou menos da mesma forma, independentemente da espécie; só a dose da medicação era diferente, e isso ele tinha que verificar em um livro de referência que guardava na gaveta.

Enquanto entrava no carro, Travis surpreendeu-se pensando em Gabby e imaginando se ela já havia surfado ou praticado *snowboard*. Parecia improvável, mas ele tinha a estranha sensação de que, ao contrário de suas

ex-namoradas, ela estaria aberta a isso se houvesse uma oportunidade. Não sabia bem por quê, e tentou descartar aquela ideia enquanto dava a partida, fazendo o possível para se convencer de que aquilo não era importante.

Exceto pelo fato de que, por alguma razão, era.

5

Durante as duas semanas seguintes, Gabby se tornou especialista em entrar e sair sem ser notada, ao menos da própria casa.

Ela não tinha alternativa. O que poderia dizer a Travis? Tinha feito papel de boba e ele complicara tudo ao ser tão compreensivo. A única coisa a seu favor, o único ponto positivo em toda aquela situação, foi ter se desculpado no consultório. Assim, as idas e vindas incluíam uma nova regra: evitar contato com o vizinho.

Mas era difícil manter aquela prática. No início, ela só precisava estacionar o carro na garagem, mas, agora que Molly se aproximava da hora do parto, Gabby teve que começar a deixar o veículo na entrada para que a cadela pudesse se aninhar. O que significava que suas idas e vindas precisavam ser feitas quando Travis não estivesse em casa.

Pelo menos, ela já havia baixado o limite de cinquenta anos; agora, imaginava que dois a seis meses eram suficientes para voltar a encontrá-lo. O tempo tinha um jeito engraçado de desfocar a realidade até restar apenas um borrão. Ela voltaria a uma rotina mais normal quando isso acontecesse. Começaria aos poucos, com um aceno aqui ou ali, ao sair do carro, talvez um bom-dia do quintal. Com o tempo, eles acabariam se dando bem, talvez um dia até rissem das circunstâncias em que se conheceram, mas até então Gabby preferia viver como uma espiã.

Teve que aprender os horários de Travis, é claro. Não foi difícil. Bastava uma rápida olhada no relógio quando ele estava para sair de manhã. A volta do trabalho foi ainda mais fácil; geralmente ele estava no barco ou no jet-ski quando ela chegava. Por outro lado, isso transformava as noites no pior problema de todos. Como ele ficava *lá fora*, ela precisava ficar *aqui dentro*, apesar do maravilhoso pôr do sol, e quando não ia à casa de Kevin, estudava o livro de astronomia que comprara com a esperança de impressionar o namorado. O que, infelizmente, ainda não havia acontecido.

Gabby reconhecia que poderia se comportar de modo mais adulto naquelas circunstâncias, mas tinha a estranha sensação de que todas aquelas lembranças constrangedoras voltariam à tona se ficasse frente a frente com Travis, e não desejava causar uma impressão ainda pior. Além disso, ela tinha outras coisas na cabeça.

Kevin, por exemplo. Quase todas as noites ele dava uma passada por lá, e até tinha ficado no último fim de semana, depois de seu costumeiro torneio de golfe. Kevin adorava golfe. Também saíram para jantar três vezes, assistiram a dois filmes e passaram parte da tarde do domingo na praia. Alguns dias antes, quando estavam no sofá, Kevin tirou os sapatos dela enquanto tomavam um vinho.

– O que está fazendo?

– Achei que iria gostar de uma massagem nos pés. Aposto que ficaram doloridos depois de ficar em pé o dia inteiro.

– Eu devia lavar os pés antes.

– Eu não ligo de não estarem limpos. Você tem dedos muito bonitos, sabia?

– Ah, não! Você não tem um fetiche secreto por pés, tem?

– De jeito nenhum, embora eu seja doido pelos seus – respondeu Kevin, começando a fazer cócegas nela.

No momento seguinte, os dois estavam se beijando apaixonadamente. Quando ele se deitou ao lado dela mais tarde, disse quanto a amava. Aquelas palavras a fizeram considerar a ideia de morar com ele. O que era bom. Era o mais perto que ele tinha chegado de mencionar o futuro, mas...

Mas o quê? No fim tudo acabava nesse ponto. Será que morar juntos era um passo em direção ao futuro ou apenas uma maneira de continuar o presente? Precisava mesmo que Kevin a pedisse em casamento? Pensou a respeito. Bem... *sim*. Mas só quando ele estivesse pronto. O que levava, é claro, à pergunta: *quando* ele estaria pronto? E, claro, por que não *agora*?

Era errado querer se casar em vez de simplesmente morar juntos? Algumas pessoas crescem com a certeza de que vão se casar; outras não veem problema em primeiro morar com as pessoas que amam. Às vezes Gabby achava que era a única que não tinha um plano claro; para ela, casamento sempre foi uma ideia vaga, algo que simplesmente... aconteceria. E ainda ia acontecer. Certo?

Pensar sobre aquilo lhe dava dor de cabeça. O que ela queria mesmo era sentar no deque ao ar livre com uma taça de vinho e esquecer o mundo. Mas Travis Parker estava folheando uma revista no deque da casa dele. Então ficou dentro de casa mais uma vez naquela noite de quinta-feira.

Preferia que Kevin não estivesse trabalhando até tão tarde para poderem passar mais tempo juntos. Tinha uma reunião com um dentista que ia abrir um consultório e precisava de todo tipo de seguro. Gabby sabia que Kevin estava se dedicando ao trabalho e que viajaria com o pai para Myrtle Beach para uma convenção no dia seguinte pela manhã. Agora só iria vê-lo na próxima quarta-feira. Ou seja, mais um tempo enclausurada.

O pai de Kevin era dono de uma das maiores companhias de seguro da Carolina do Norte, e o namorado assumia mais responsabilidades a cada ano que passava no escritório de Morehead City, já que a aposentadoria do pai se aproximava.

Obviamente a carreira dele já estava traçada desde o início, mas Gabby acreditava que havia coisas piores na vida, principalmente porque o negócio era um sucesso. Apesar do nepotismo, Kevin batalhava por sua carreira; o pai agora passava menos de vinte horas por semana no escritório, o que mantinha o namorado trabalhando quase sessenta horas. Com cerca de trinta funcionários, os problemas administrativos eram intermináveis, mas ele levava jeito com as pessoas. Pelo menos era o que haviam dito a ela nas duas vezes que tinha comparecido à festa de Natal da empresa.

Sim, Gabby se orgulhava de Kevin, mas continuava sozinha dentro de casa em noites como aquela, o que parecia um desperdício. Talvez devesse ir até Atlantic Beach, onde poderia tomar uma taça de vinho e assistir ao pôr do sol. As pessoas pensariam que ela não tinha nenhum amigo no mundo, o que não era verdade. Ela tinha muitos amigos. Só que nenhum deles a menos de 300 quilômetros de distância, e a percepção desse fato não ajudou a melhorar seu humor.

Já se ela levasse a cadela... seria uma coisa normal a fazer, até saudável. Foram necessários alguns dias e quase todos os analgésicos do armário do banheiro para finalmente sanar as dores daquele primeiro dia de exercícios. Ela nunca mais voltou à aula de *body pump* (aquelas pessoas eram masoquistas), mas começou a manter uma rotina quase regular na academia. Pelo menos durante os últimos dias. Tinha ido segunda e quarta-feira, e estava determinada a ir no dia seguinte também.

Gabby se levantou do sofá e desligou a televisão. Não viu Molly por perto, mas, considerando que a porta da garagem estava aberta, imaginou que ela estivesse lá. Quando entrou e acendeu a luz, notou umas bolas de pelo agitadas e barulhentas ao seu redor. Gabby chamou por Molly; no minuto seguinte, já estava berrando.

Travis tinha acabado de entrar na cozinha para tirar um peito de frango da geladeira quando ouviu as súbitas e frenéticas batidas à porta.

– Dr. Parker...? Travis...? Você está aí?

Demorou só um instante para reconhecer a voz de Gabby. Quando abriu a porta, o rosto dela estava pálido e apavorado.

– Você precisa vir comigo – arquejou Gabby. – Molly está com problemas.

Travis reagiu instintivamente. Enquanto Gabby partia em disparada de volta para casa, ele tirou uma maleta de trás do banco de passageiro do utilitário, a que usava nos eventuais chamados de criadores de gado que

pediam que tratasse os animais nas fazendas. Seu pai costumava enfatizar a importância de ter sempre à mão tudo de que pudesse precisar, e Travis assimilara bem a mensagem. Àquela altura, Gabby já estava quase em casa. Ele a seguiu a distância e a viu na cozinha, perto da porta aberta da garagem.

– Ela está arfando e vomitando – informou quando ele chegou ao seu lado. – E tem uma coisa pendurada nela.

Travis diagnosticou rapidamente um prolapso uterino e torceu para não ter chegado tarde demais. Enquanto lavava as mãos na pia da cozinha, perguntou:

– Tem alguma maneira de ter mais luz aqui? Um abajur ou coisa parecida?

– Você não vai levá-la para a clínica?

– Sim – respondeu ele, mantendo o tom de voz –, mas não agora. Quero tentar uma coisa antes. E preciso de mais luz, certo? Você pode fazer isso para mim?

– Sim, sim... é claro. – Gabby desapareceu na cozinha, voltando pouco depois com um abajur. – Ela vai ficar bem?

– Vou saber a gravidade em alguns minutos. – Postando as mãos como um cirurgião, apontou com a cabeça para a maleta no chão. – Você pode pegar isso para mim? Coloque-a ali e encontre um lugar para ligar o abajur. O mais próximo possível de Molly, certo?

– Certo – confirmou Gabby, tentando não entrar em pânico.

Travis se aproximou da cadela com cuidado enquanto Gabby ligava a luz, percebendo com algum alívio que Molly estava consciente. Podia ouvir seus choramingos, o que era normal numa situação como aquela. Em seguida, ele se concentrou na massa tubular se projetando da vulva e olhou para os filhotes, mais ou menos certo de que o parto tinha ocorrido na última meia hora, o que era bom. *Menos chance de necrose...*

– E agora? – perguntou Gabby.

– Fique segurando o abajur e sussurrando no ouvido dela. Você vai ter que me ajudar a mantê-la tranquila.

Travis se agachou enquanto Gabby murmurava ao pé do ouvido de Molly, que colocou a língua para fora. *Outro bom sinal*. Travis examinou o útero com cuidado e a cadela se contorceu um pouco.

– O que tem de errado?

– É um prolapso uterino. Significa que o útero dela saiu da posição normal e agora está saliente. – Apalpou o útero, girando-o devagar para ver se havia alguma ruptura ou área necrosada. – Houve algum problema durante o parto?

– Não sei – respondeu Gabby. – Eu nem sabia que estava acontecendo. Mas ela vai ficar boa, não vai?

Concentrado, Travis não respondeu.

– Abra a maleta – falou. – Deve ter soro fisiológico. E também vou precisar de um lubrificante em gel.

– O que você vai fazer?

– Preciso limpar o útero. Quero tentar reduzir o volume manualmente. Se der sorte, ele se contrai sozinho. Senão, vou ter que internar Molly para cirurgia. Prefiro evitar isso se for possível.

Gabby encontrou o soro fisiológico e o lubrificante. Travis lavou o útero e repetiu o procedimento mais duas vezes antes de pegar o lubrificante em gel, torcendo para funcionar.



Gabby não aguentou ficar olhando, por isso se concentrou em Molly, a boca ao lado da orelha dela enquanto murmurava quanto a cadela era uma boa menina. Travis permanecia em silêncio, a mão se movendo ritmicamente sobre o útero.

Gabby não saberia precisar quanto tempo ficaram na garagem, dez minutos ou uma hora, mas finalmente viu Travis se endireitar, tentando aliviar a tensão nos ombros. Só então percebeu que ele estava com as mãos livres.

– Acabou? Ela está bem?

– Sim e não – respondeu Travis. – O útero voltou para o lugar e parece estar se contraindo sem problemas, mas ela precisa ir para a clínica. Terá que ficar de repouso pelos próximos dois dias enquanto recupera as forças, e vai precisar de soro e antibióticos. Também vou fazer uma radiografia. Mas se não houver outras complicações, ela vai ficar nova em folha. O que vou fazer agora é entrar com meu carro de marcha à ré na garagem. Tenho alguns cobertores velhos em que ela poderá se deitar.

– E não vai... cair de novo?

– Não deveria. Como eu disse, o útero se contraiu normalmente.

– E os filhotes?

– Vamos levá-los também. Eles precisam ficar com a mãe.

– Eles não vão machucá-la?

– Não. E é por isso que ela precisa de soro. Para que os filhotes possam mamar.

Gabby sentiu os ombros relaxarem; não tinha percebido que estava tão tensa. Sorriu pela primeira vez.

– Nem sei como agradecer.

– Você acabou de fazer isso.



Depois de se limpar, Travis colocou Molly no utilitário com todo cuidado enquanto Gabby pegava os filhotes. Quando todos os seis estavam acomodados, Travis arrumou a maleta e a jogou no banco dianteiro. Contornou o veículo e abriu a porta do motorista.

– Eu informo quando ela estiver melhor – disse ele.

– Nada disso. Eu vou junto.

– Seria melhor que ela descansasse um pouco, e com você no quarto isso pode não acontecer. Ela precisa se recuperar. Não se preocupe... Vou cuidar bem dela. Palavra de honra.

Gabby hesitou.

– Tem certeza?

– Ela vai ficar bem. Eu garanto.

Gabby refletiu sobre o que ele dissera, antes de abrir um sorriso hesitante.

– Sabe, no meu trabalho somos orientados a nunca garantir nada. Somos ensinados a dizer que vamos fazer o melhor possível.

– Você se sentiria melhor se eu não garantisse?

– Não, mas continuo achando que devia ir com você.

– Você não precisa trabalhar amanhã?

– Sim. E você também.

– É verdade, mas esse é o meu trabalho. É o que eu faço. Além do mais, eu tenho uma cama lá. Se você vier, vai ter que dormir no chão.

– Quer dizer que não me ofereceria a cama?

Travis entrou no carro.

– Acho que sim, se precisasse – respondeu, sorrindo. – Mas estou preocupado com o que seu namorado iria pensar se passássemos a noite juntos.

– Como você sabe que eu tenho namorado?

Travis começou a fechar a porta.

– Eu não sabia – falou, soando levemente desapontado. Depois sorriu, se recuperando. – Deixe eu levar Molly logo para clínica, está bem? E me ligue amanhã. Eu conto como foi tudo.

– Está certo. – Ela cedeu. – Tudo bem.

Travis fechou a porta e Gabby ouviu o ronco da partida do motor. Ele pôs a cabeça para fora.

– Não se preocupe – disse mais uma vez. – Ela vai ficar bem.

Tomou a direção da rua e virou à esquerda. Já a distância, acenou pela janela. Gabby retribuiu, mesmo sabendo que ele não ia enxergar, e ficou vendo os faróis se afastarem até virarem a esquina.

Quando o carro desapareceu, Gabby andou pelo quarto e se sentou em frente à penteadeira. Sabia que não era o tipo de mulher que parava o trânsito, mas, pela primeira vez em muito tempo, olhou-se no espelho e ponderou o que alguém além de Kevin pensava sobre ela.

Apesar do cansaço e do cabelo despenteado, não estava tão mal quanto imaginava. O pensamento a agradou, embora não soubesse bem por quê. Inexplicavelmente, veio à sua mente a expressão de decepção no rosto de Travis quando falou sobre o namorado, e seu rosto corou. Não que estivesse se sentindo diferente em relação a Kevin...

Mas sem dúvida tinha se enganado a respeito de Travis Parker. Ele se mostrou firme durante a emergência. Aquilo a surpreendeu, embora não devesse. Afinal, era o trabalho dele.

Resolveu então ligar para Kevin. Ele foi muito solidário, prometendo chegar lá em minutos.



– Como você está? – perguntou Kevin.

Gabby se encostou nele, sentindo-se confortada em seus braços.

– Ansiosa, acho.

Kevin puxou-a mais para perto e ela sentiu o cheiro do namorado, puro e limpo, como se tivesse tomado banho pouco antes de sair. Os cabelos, desgrenhados pelo vento, o faziam parecer um jovem universitário.

– Ainda bem que o seu vizinho estava em casa – falou. – Travis, certo?

– É – respondeu ela, erguendo os olhos. – Você o conhece?

– Não muito – respondeu Kevin. – Nós fizemos o seguro da clínica dele, mas essa é uma das contas de que meu pai ainda cuida.

– Achei que conhecesse todo mundo nesta cidade pequena.

– É verdade, mas eu cresci em Morehead City. Quando era garoto não andava com ninguém de Beaufort. E também acho que ele é alguns anos mais velho que eu. Provavelmente já estava na faculdade quando comecei o ensino médio.

Gabby assentiu. No silêncio, seus pensamentos se voltaram para Travis, para sua expressão séria enquanto cuidava de Molly, a certeza tranquila da voz quando explicou o problema. Sentiu um vago acesso de culpa e se

aproximou para beijar o pescoço de Kevin. Ele acariciou o ombro dela, um toque familiar, reconfortante.

– Estou contente por você ter vindo – sussurrou Gabby. – Eu precisava mesmo de você esta noite.

Kevin beijou os cabelos dela.

– Onde mais eu estaria?

– Eu sei, mas você tinha aquela reunião, e vai ter que sair cedo amanhã.

– Sem problemas. É só uma convenção. Posso fazer a mala em dez minutos, no máximo. Só gostaria de ter chegado aqui mais cedo.

– Provavelmente você teria ficado enjoado.

– Provavelmente. Mas ainda assim me sinto mal.

– Não precisa. Não há razão para isso.

Kevin acariciou os cabelos dela.

– Você quer que eu adie a minha viagem? Meu pai vai entender se eu ficar por aqui amanhã.

– Não, tudo bem. Eu também preciso trabalhar.

– Tem certeza?

– Tenho – respondeu Gabby. – Mas obrigada por perguntar. É muito importante para mim.

6

Depois de encontrar o filho dormindo na cama hospitalar e uma cadela na sala de recuperação, Max Parker ouviu as explicações de Travis sobre o que havia acontecido. Max encheu dois copos de café e os colocou na mesa.

– Nada mau para uma primeira vez – comentou Max. Com seus cabelos brancos e sobrancelhas eriçadas, era o retrato de um afável veterinário de uma cidade pequena.

– Você já tratou de algum cachorro com esse problema?

– Nunca – admitiu Max –, mas tratei de um cavalo uma vez. Você sabe como isso é raro. Molly parece estar bem. Sentou e abanou o rabo quando entrei agora há pouco. Até que horas você ficou com ela?

Travis bebericou o café com gratidão.

– Quase a noite inteira. Queria ter certeza de que o útero não sairia de novo.

– Isso não costuma acontecer – disse o pai. – Ainda bem que você estava lá. Já ligou para a dona?

– Não, mas vou ligar. – Esfregou o rosto. – Nossa, eu estou exausto.

– Por que não vai dormir um pouco? Posso cuidar das coisas aqui, e vou ficar de olho na Molly.

– Não quero sobrecarregar você.

– De jeito nenhum – replicou Max com um sorriso. – Você nem deveria estar aqui. Hoje é sexta-feira, lembra?

Alguns minutos mais tarde, depois de um último exame em Molly, Travis parou na garagem e saiu do carro. Espreguiçou-se e tomou a direção da casa de Gabby. Ao passar pela entrada, viu o jornal na caixa de correio e o pegou depois de uma breve hesitação. Já na varanda, estava prestes a bater à porta quando ouviu o som de passos se aproximando. Viu a porta se abrir. Gabby pareceu surpresa ao vê-lo.

– Ah, oi... – disse ela, abrindo mais a porta. – Pensei em ligar para você.

Descalça, ela usava uma calça larga e uma blusa bege, e tinha o cabelo preso casualmente com uma presilha de marfim. Travis voltou a observar o quanto ela era atraente, mas percebeu que era mais bonita por sua postura autêntica do que por uma beleza convencional.

Ela parecia tão... *verdadeira*.

– Estava voltando para casa, achei que poderia contar tudo pessoalmente. Molly está ótima.

– Tem certeza?

Travis assentiu.

– Fiz uma radiografia e não vi nenhum sinal de hemorragia interna. Ela pareceu recuperada depois de tomar um pouco de soro. É provável que possa ter alta hoje mesmo, mas preferia ficar com ela mais uma noite, só por segurança. Aliás, meu pai vai cuidar dela por enquanto. Fiquei quase a noite toda acordado, por isso vou dormir um pouco, volto mais tarde para ver como ela está.

– Posso fazer uma visita?

– Claro – respondeu Travis. – Pode visitá-la quando quiser. Mas lembre-se de que ela ainda pode estar meio desorientada, pois tive que administrar alguns sedativos para a radiografia e para diminuir a dor. – Fez uma pausa. – Os filhotes também estão bem, aliás. São uma gracinha.

Gabby sorriu, gostando do som anasalado da voz dele, surpresa por não ter notado antes.

– Eu só queria lhe agradecer mais uma vez – falou. – Não sei como posso retribuir o que você fez.

Travis fez um gesto casual.

– Fiquei contente em poder ajudar. Ah... – Mostrou o jornal. – Também peguei isso para você.

– Obrigada – disse Gabby, tomando o jornal das mãos dele.

Por um momento constrangedor, os dois se encararam em silêncio.

– Não quer tomar um café? Acabei de fazer.

Sentiu um misto de alívio e decepção quando ele balançou a cabeça.

– Não, obrigado. Prefiro não ficar acordado quando estou tentando dormir.

Ela deu risada.

– Engraçadinho.

– Eu tento – respondeu ele e, por um instante, Gabby o imaginou encostado a um balcão dando a mesma resposta a uma mulher bonita, o que a deixou com uma vaga sensação de que estava flertando com ela.

– Você deve estar se arrumando para o trabalho e eu estou pregado, por isso vou para casa dormir um pouco. – Virou-se e desceu da varanda.

Antes que pudesse se conter, Gabby deu um passo à frente e o chamou quando ele chegou ao quintal.

– Ah, pode me dizer que horas acha que vai estar na clínica? Quer dizer, para examinar Molly?

– Não sei bem. Depende de quanto vou conseguir dormir.

– Ah... certo – disse Gabby, sentindo-se tola e desejando não ter perguntado.

– Mas podemos fazer o seguinte – continuou Travis. – Você me diz a que horas você almoça e eu a encontrarei na clínica.

– Mas eu não queria...

– A que horas?

Gabby engoliu em seco.

– Quinze para uma?

– Combinado – disse ele, dando alguns passos para trás. – A propósito, você fica ótima com essa roupa – acrescentou.

O que foi que aconteceu?

Isso resumia o estado mental de Gabby durante a manhã. Não fazia diferença se estava examinando um bebê saudável (duas vezes), diagnosticando infecções de ouvido (quatro vezes), aplicando uma vacina (uma vez) ou recomendando uma radiografia (uma vez), ela se sentia funcionando no piloto automático, só metade presente, enquanto a outra parte continuava na varanda, considerando se Travis tinha mesmo flertado com ela e se talvez, apenas talvez, ela tinha gostado.

Desejou pela enésima vez ter uma amiga na cidade para poder falar a respeito daquilo. Não havia nada melhor do que uma amiga íntima para desabafar, e, embora houvesse enfermeiras na clínica, seu status de médica-assistente parecia afastá-la. Costumava ouvir as enfermeiras conversando e dando risadas, mas todas se calavam quando ela se aproximava. O que a fazia parecer isolada, da mesma maneira como se sentia desde que se mudou para a cidade.

Após examinar seu último paciente (a criança precisou ser encaminhada para um otorrinolaringologista para uma possível amigdalectomia), Gabby guardou o estetoscópio no bolso do jaleco e entrou na sua sala. Não era grande coisa; ela desconfiava de que o local tivesse sido usado como depósito antes de sua admissão. Sem janelas e com uma mesa que ocupava quase todo o recinto, era um espaço em que podia ter privacidade enquanto mantinha a desordem sob controle. Tirou a bolsa de uma das gavetas de um pequeno arquivo no canto. Olhando para o relógio, viu que ainda restavam alguns minutos. Puxou a cadeira e passou a mão no cabelo ondulado e rebelde.

Definitivamente ela estava exagerando. As pessoas estavam sempre flertando. Fazia parte da natureza humana. E provavelmente não significava nada. Depois de tudo o que passaram na noite anterior, eles tinham ficado meio amigos...

Amigo. Seu primeiro amigo em uma nova cidade no começo de uma nova vida. Gostou de como aquilo soava. Qual era o problema de ter um amigo homem? Problema nenhum. Sorriu para aquele pensamento antes de franzir a testa.

Pensando melhor, não era uma boa ideia. Uma coisa era fazer amizade com um vizinho, mas com um sujeito paquerador era diferente. Principalmente um paquerador bonitão. Kevin não era ciumento, mas Gabby não era boba de pensar que ele ficaria exultante ao pensar nela tomando café com Travis no quintal umas duas vezes por semana. Por mais inocente que pudesse ser a visita ao veterinário, havia uma vaga sensação de *infidelidade* no ar.

Gabby hesitou. *Estou ficando louca*, pensou. *Realmente estou ficando louca.*

Ela não tinha feito nada de errado. Nem ele. E não haveria consequências daquele pequeno flerte. Kevin e ela estavam juntos desde o último ano da universidade. Os dois se conheceram numa noite fria e sombria, quando o chapéu dela voou ao sair de uma boate onde estava com algumas amigas. Kevin atravessou a Franklin Street e se arriscou entre os automóveis para pegá-lo. Mesmo que a situação não tivesse provocado faíscas, surgiu uma brasa dali, ainda que ela não tenha percebido no momento.

Naquela época, a última coisa que desejava era um relacionamento, pois já considerava sua vida complicada o suficiente. As provas finais estavam próximas, o aluguel, atrasado e ela não sabia onde ia fazer o curso de médica-assistente.

Embora soasse absurdo agora, na época parecia a decisão mais importante que já havia encarado. Tinha sido aceita na Universidade da Carolina do Norte, em Charleston, e na Escola de Medicina do Leste da Virgínia, em Norfolk. A mãe fazia uma pressão feroz a favor de Charleston: "Tomar essa decisão é simples, Gabrielle. Você vai estar só a duas horas de casa, e Charleston é muito mais cosmopolita, querida." Gabby também tendia a escolher Charleston, ainda que no fundo soubesse que o lugar era tentador por todas as razões erradas: a vida noturna, a alegria de viver numa bela cidade, a cultura, o agitado circuito social.

Costumava dizer a si mesma que não teria tempo para desfrutar de todas aquelas coisas. Com exceção de umas poucas matérias, o curso para médica-assistente tinha a mesma grade curricular que as escolas de

medicina, mas com apenas dois anos e meio para completar a grade curricular em vez de quatro. Já havia sido alertada sobre o que esperar: as aulas eram ministradas e as informações transmitidas com a delicadeza de uma mangueira de bombeiro aberta ao máximo.

Quando visitou as duas instituições, preferiu o programa da Escola de Medicina do Leste da Virgínia; por alguma razão, ela se sentiu mais confortável em um lugar onde poderia se concentrar no que precisava fazer.

Então, qual dos dois seria?

Gabby se sentia dividida naquela noite de inverno, quando o chapéu voou e Kevin foi resgatá-lo. Agradeceu a gentileza e logo se esqueceu do ocorrido, até ele a avistar do outro lado da quadra algumas semanas depois. Gabby não se lembrava dele, mas ele sim. Seu jeito despretensioso contrastava radicalmente com os tipos arrogantes de elite que Gabby conhecera até então. A conversa levou a um café, o café a um jantar e, no momento em que jogou o capelo para o ar na festa de formatura, Gabby percebeu que estava apaixonada. Àquela altura ela já tinha decidido qual escola cursar, e com os planos de Kevin de morar em Morehead City, somente umas poucas horas ao sul de onde estaria nos próximos anos, a escolha pareceu quase predestinada.

Ele viajava até Norfolk para visitá-la; ela ia de carro até Morehead City para encontrá-lo. Kevin conheceu a família dela e Gabby foi apresentada à dele. Brigavam e faziam as pazes, terminavam e voltavam, e ela chegou a jogar algumas rodadas de golfe com ele, apesar de não gostar do jogo. Durante todo esse tempo, Kevin continuou sendo o sujeito tranquilo e despretensioso de sempre. Seu temperamento parecia refletir sua criação numa cidade pequena, onde as coisas andavam devagar na maior parte do tempo. A morosidade parecia entranhada na personalidade dele. Se Gabby se preocupava, ele dava de ombros; em seus momentos de pessimismo, Kevin continuava inabalável. Era por isso que os dois se davam tão bem. Ambos se equilibravam, ajudavam um ao outro. Não haveria disputa se tivesse que escolher entre Kevin ou Travis, de jeito nenhum.

Depois de recuperar a lucidez, Gabby decidiu que não importava se Travis estava flertando ou não. Ele podia flertar quanto quisesse; no fim, ela

sabia o que desejava na vida. Estava bem certa a respeito.



Como Travis havia garantido, Molly estava melhor do que Gabby esperava. Abanou o rabo com entusiasmo e, apesar da presença dos filhotes – todos dormindo e ainda parecendo bolas de pelos –, se levantou sem esforço quando Gabby entrou, e ficou andando atrás da dona depois de algumas lambidas molhadas. O focinho de Molly estava gelado e ela ficou se agitando, ganindo e andando em círculos, não com sua atitude habitual, mas para mostrar que estava bem, antes de se sentar ao seu lado.

– Estou tão feliz que esteja melhor – murmurou Gabby, acariciando sua pelagem.

– Eu também – ecoou a voz de Travis atrás dela. – Ela é uma fortaleza, tem uma constituição maravilhosa.

Gabby se virou e o viu encostado na porta.

– Acho que eu me enganei – continuou ele, andando na direção dela com uma maçã na mão. – Acho que ela pode voltar para casa hoje à noite se quiser vir buscá-la depois do trabalho. Não precisa fazer isso se não se sentir segura. Não tem problema algum ela ficar aqui. Mas Molly está se recuperando melhor do que eu imaginava. – Travis se agachou e brincou com a cadela. – Você é uma boa garota, não é?

Para surpresa de Gabby, Molly saiu de perto dela para ir até ele, que começou a afagá-la, fazendo Gabby se sentir uma intrusa.

– E esses baixinhos também estão ótimos – continuou Travis. – Se for levá-los para casa, monte uma espécie de cercadinho para deixá-los juntos. Não precisa ser nada sofisticado... é só encostar umas tábuas em algumas caixas e forrar com jornal.

Gabby mal o ouvia. Encarando-o, percebeu quanto era bonito. Ficou irritada por não conseguir parar de notar isso cada vez que o via. Era como se a aparência dele disparasse um alarme nela, só não sabia por quê. Travis era alto e magro, e ela já tinha visto um monte de homens assim. Sorria

bastante, mas isso não era incomum. Os dentes eram quase brancos demais – devia usar clareador –, mas, mesmo sabendo que a cor não era natural, o efeito continuava. Estava em boa forma também, mas homens como ele podiam ser encontrados em qualquer academia. Sujeitos que praticavam exercícios religiosamente, que não comiam nada além de peito de frango e aveia, que corriam 15 quilômetros por dia. Nenhum deles causava o mesmo efeito nela.

Então, o que havia nele?

Seria bem mais fácil se Travis fosse feio. Tudo o que aconteceu, desde o confronto inicial até o desconforto presente, teria sido diferente, até porque ela não teria se abalado. Mas não ia se deixar abalar outra vez. Não, senhor. Não esta garota. Ia encerrar o assunto, acenar para ele como uma boa vizinha e voltar a viver a própria vida sem distrações.

– Tudo bem? – perguntou ele. – Você parece distraída.

– Só estou cansada – mentiu, apontando para Molly. – Parece que ela gosta de você.

– Ah, sim – concordou Travis. – Temos nos dado muito bem. Deve ser por causa dos biscoitos caninos que dei para ela de manhã. É a melhor forma de conquistar o coração de um cachorro. É o que eu sempre digo aos carteiros quando me perguntam o que fazer com os cães que não gostam deles.

– Vou tentar me lembrar disso – comentou Gabby, recuperando rapidamente a compostura.

Quando um dos filhotes começou a ganir, Molly se levantou e voltou à gaiola aberta, subitamente ignorando a presença dos dois. Travis se levantou e limpou a maçã na calça jeans.

– Então, o que acha? – perguntou.

– Sobre o quê?

– Sobre a Molly.

– O que tem ela?

Travis franziu a testa. Quando começou a falar, as palavras fluíram devagar.

– Você quer ou não levá-la para casa hoje à noite?

– Ah, isso – disse Gabby, corando como uma colegial diante de um esportista universitário. Sentiu vontade de chutar a si mesma, mas preferiu pigarrear. – Eu vou levá-la. Se você acha mesmo que não vai fazer mal...

– Ela vai ficar bem – garantiu. – É jovem e saudável. Foi preocupante, mas poderia ter sido bem pior. Molly é uma cadela de sorte.

Gabby cruzou os braços.

– É mesmo.

Pela primeira vez ela percebeu que a camiseta dele anunciava um bar em Key West, um lugar chamado Dog's Saloon. Travis deu uma mordida na maçã e gesticulou na direção dela.

– Sabe, achei que você ficaria mais contente com o fato de ela estar bem.

– Eu estou contente.

– Não parece.

– O que você quer dizer com isso?

– Não sei – respondeu ele. Deu outra mordida na maçã. – Do jeito que apareceu na minha porta, imaginei que se mostraria mais emocionada. Não só com a Molly, mas pelo fato de eu ter ajudado.

– E eu já disse que estou muito grata pelo que fez – respondeu Gabby. – Quantas vezes preciso agradecer?

– Não sei. Quantas vezes você acha que precisa?

– Perguntei primeiro.

Travis ergueu a sobrancelha.

– Verdade.

– Certo, tudo bem – falou Gabby afinal, com um gesto. – Obrigada por tudo o que você fez. – Ela pronunciou as palavras com cuidado, como se ele tivesse dificuldade para entender.

Travis soltou uma risada.

– Você também é assim com os seus pacientes?

– Assim, como?

– Tão séria?

– Na verdade, não.

– E com os amigos?

– Não. O que isso tem a ver?

Travis deu outra mordida na maçã, deixando a pergunta no ar.

– Só estava curioso – respondeu por fim.

– Sobre o quê?

– Se faz parte da sua personalidade ou se você só é séria perto de mim. Se for o último caso, sinto-me lisonjeado.

Gabby sentiu o calor tomar seu rosto.

– Não sei do que você está falando.

Ele deu um sorrisinho.

– Tudo bem.

Gabby abriu a boca, tentando pensar em algo espirituoso e inesperado para dizer, alguma coisa que pusesse Travis em seu devido lugar, mas antes que conseguisse ele jogou o resto da maçã no lixo e se virou para lavar as mãos.

– Existe outra razão para eu estar contente por você ter vindo – falou por cima do ombro. – Vou fazer uma pequena reunião com alguns amigos e gostaria que você aparecesse.

Ela piscou, sem saber se tinha ouvido direito.

– Na sua casa?

– Essa é a ideia.

– Tipo um encontro?

– Não, tipo uma reunião. Com amigos. – Fechou a torneira e começou a enxugar as mãos. – Vou sair com o parapente pela primeira vez este ano. Vai ser divertido.

– São casais? Seus amigos?

– Com exceção de mim e da minha irmã, são todos casados.

Gabby balançou a cabeça.

– Acho que não. Tenho namorado.

– Ótimo. Pode levá-lo.

– Estamos juntos há quase quatro anos.

– Como já disse, ele vai ser muito bem-vindo.

Gabby considerou se ele tinha ouvido bem e olhou na direção de Travis, tentando perceber se estava falando sério.

– Mesmo?

– Claro. Por que não?

– Ah, bem... De qualquer jeito ele não poderia ir. Vai ficar fora da cidade por alguns dias.

– Então você não vai ter nada para fazer. Passe lá em casa.

– Não sei se é uma boa ideia.

– Por que não?

– Eu sou apaixonada por ele.

– E?

– E o quê?

– E... você pode estar apaixonada por ele na minha casa. Como eu disse, vai ser divertido. A temperatura deve chegar a 26 graus. Você já andou de parapente?

– Não. Mas não é por aí.

– Você acha que ele não vai gostar se você for.

– Exatamente.

– Então ele é do tipo que quer que você fique trancada em casa quando ele não está.

– Não, de jeito nenhum.

– Então ele não gosta que você se divirta?

– Não!

– Não quer que você conheça pessoas novas?

– Claro que não é isso.

– Então estamos combinados – falou Travis, andando em direção à porta e parando ali. – Todo mundo deve começar a chegar por volta de dez ou onze horas. Você só precisa trazer uma roupa de banho. Vai ter cerveja, vinho e refrigerante, mas se você bebe alguma coisa específica, pode levar.

– Eu não acho que...

Travis ergueu uma das mãos.

– Você pode vir se quiser. Não se sinta pressionada, certo? – Deu de ombros. – Só achei que poderia ser uma boa oportunidade de nos conhecermos.

Gabby sabia que deveria dizer não. Mas acabou engolindo a súbita secura que tomou sua boca.

– Talvez.

7

O sábado começou bem. Depois que o sol entrou pela veneziana, Gabby acordou, colocou suas pantufas cor-de-rosa e caminhou até a cozinha para tomar uma xícara de café, antecipando uma manhã de lazer. Foi quando tudo deu errado.

Antes mesmo de dar o primeiro gole, foi conferir se Molly estava bem e ficou contente ao ver que ela se encontrava fora de perigo. Os filhotes também pareciam saudáveis. Além de se esfregarem em Molly como percevejos peludos, eles se empilhavam, rolavam, ganiam e choramingavam, e tudo parecia a forma como a natureza os tornava adoráveis para não serem devorados pela mãe. Mas Gabby não ia cair nessa.

Certo, eles não saíram tão feios quanto imaginara, mas isso não os tornava nem remotamente tão bonitos quanto a mãe, e ela continuava preocupada em não conseguir encontrar um lar para eles. E esse era um caso de extrema urgência. O fedor na garagem era suficiente para convencê-la disso.

Não era só um cheiro. O odor a agredia como a Força em *Star Wars*. Quando começou a engasgar, lembrou-se vagamente de que Travis tinha sugerido montar um cercado para manter os filhotes unidos. Mas quem neste reino de Deus poderia saber que aquelas criaturinhas poderiam fazer tanto cocô? As pilhas se espalhavam por *toda parte*. Parecia que o cheiro

tinha se impregnado nas paredes; não adiantou nada abrir a porta da garagem. Gabby passou a meia hora seguinte prendendo a respiração e tentando não ficar enjoada enquanto limpava e recolhia tudo.

Quando acabou, estava convencida de que os filhotes eram parte de um plano maligno designado para arruinar o seu fim de semana. Era a única explicação razoável para o fato de os cachorrinhos preferirem as fissuras longas e ásperas do piso da garagem, e com uma precisão tão incrível que ela teve que usar uma escova de dente na limpeza. Uma nojeira.

E Travis... Ele não era inocente nessa história, era tão culpado quanto os filhotes. Sim, ele tinha mencionado que devia deixar os filhotes cercados, mas sem muita ênfase, não é? Não explicou muito bem o que iria acontecer se ela não fizesse aquilo.

Mas ele sabia. Disso ela tinha certeza. O espertinho.

E não fora a única vez que ele tinha sido espertinho. A maneira como fez pressão para ela responder ao convite dele. Aquele manipulador. Com certeza não iria àquela reunião. Todas aquelas perguntas ridículas insinuando que Kevin a mantinha trancada a sete chaves. Como se ela fosse uma propriedade ou coisa parecida! Como se não pensasse por conta própria! E lá estava ela agora, limpando montes de cocô...

Que maneira de começar um fim de semana. Para completar, o café agora estava frio, o jornal ficou ensopado por causa de um irrigador automático errante no quintal e a água gelou antes de o banho terminar.

Fantástico. Simplesmente fantástico.

Onde estava a diversão?, resmungou consigo mesma enquanto se vestia. Estava presa em casa sem o namorado. Mesmo se Kevin estivesse presente, os fins de semana não eram mais como os que passavam quando ia visitá-lo nos períodos de recesso escolar. Naquele tempo, todas as visitas pareciam divertidas, cheias de gente e experiências novas. Agora ele passava ao menos uma parte de todo fim de semana no campo de golfe.

Serviu-se de outra xícara de café. Certo, Kevin sempre foi do tipo calado e Gabby sabia que ele precisava relaxar depois de uma dura semana de trabalho. Mas também não podia negar que a relação entre eles havia mudado desde que ela tinha ido morar em Beaufort. Não que ele fosse o

único culpado, é claro. Ela também tinha seu papel. Foi ela quem quis se mudar, se estabelecer, por assim dizer. E foi exatamente o que aconteceu. Então, qual era o problema?

O problema, ela ouviu uma vozinha responder, *é que ela queria... mais*. Não sabia direito o que isso implicava, mas parecia que espontaneidade era uma parte integral da questão.

Balançou a cabeça, achando que estava exagerando. A relação entre os dois apenas passava por um momento difícil. Ao sair para o quintal, notou que era uma daquelas manhãs inacreditavelmente lindas. Temperatura perfeita, uma brisa suave, nenhuma nuvem no céu. Ao longe, viu uma garça voando de um charco, pairando sobre a água que cintilava ao sol. Quando olhou naquela direção, viu Travis se encaminhado para as docas, usando apenas uma bermuda xadrez. De onde estava, pôde ver os músculos bem-torneados dos braços e das costas e deu um passo para trás, em direção à porta de correr, na esperança de que ele não a visse. No instante seguinte, porém, Gabby o ouviu chamar seu nome.

– Oi, Gabby! – Ele acenou, parecendo um garoto em seu primeiro dia das férias de verão. – Dá para acreditar nesse dia lindo?

Começou a correr na direção dela e Gabby saiu ao sol no momento em que ele entrava pela sebe, respirando fundo.

– Oi, Travis.

– Esta é a minha época favorita do ano. – Abriu bem os braços para abarcar o céu e as árvores. – Não muito quente, nem muito frio, e o céu azul se estendendo ao infinito.

Gabby sorriu, recusando-se a olhar para as coxas dele, que eram de longe os músculos mais sensuais dos homens.

– Como está Molly? – perguntou Travis. – Imagino que tenha passado bem a noite.

Gabby pigarreou.

– Molly está ótima. Obrigada.

– E os filhotes?

– Também parecem bem. Mas fizeram uma sujeira danada.

– Eles costumam fazer. Por isso é melhor mantê-los numa área restrita.

Travis mostrou os dentes brancos em um sorriso familiar até demais, considerando que ele era apenas o "bonitão que salvou a cadela dela".

Gabby cruzou os braços, lembrando como ele tinha sido espertinho no dia anterior.

– É, só que eu não fiz isso ontem.

– Por que não?

Porque você me distraiu, pensou.

– Apenas esqueci.

– Sua garagem deve estar com um cheiro terrível.

Gabby deu de ombros e não respondeu, sem querer dar a ele aquele prazer. Travis pareceu não notar.

– Olha, não precisa ser tão complicado. Mas fazer cocô é só o que os filhotes fazem nos primeiros dias. É como se o leite passasse direto. Pelo menos um cercado você já montou, certo?

Gabby tentou não demonstrar seu erro, mas fracassou.

– Não montou? – perguntou ele.

Gabby transferiu o peso de uma perna para a outra.

– Não exatamente – admitiu.

– Por que não?

Porque você continua me distraindo, pensou.

– Não preciso de um cercado.

Travis coçou a nuca.

– Você gosta de limpar cocôs por toda parte?

– Não é tão ruim – resmungou ela.

– Quer dizer que você vai deixar sua garagem toda para eles?

– E por que não? – retrucou Gabby, sabendo que a primeira coisa que ia fazer depois disso era construir o menor cercado que conseguisse.

Travis olhou atônito para ela.

– Como veterinário dos seus animais de estimação, não acho que esteja tomando a decisão correta.

– Obrigada pela sua opinião – disparou ela.

Travis continuou a encará-la.

– Então tudo bem. Como quiser. Você vai aparecer lá pelas dez, certo?

– Acho que não.

– Por que não?

– Porque não acho uma boa ideia.

– Por que não?

– Porque não.

– Entendi – assentiu Travis, soando exatamente como a mãe dela.

– Ótimo.

– Você está chateada?

– Não.

– Eu a incomodei de alguma forma?

Sim, respondeu a vozinha. *Você e esses seus malditos músculos*.

– Não.

– Então qual é o problema?

– Não tem problema algum.

– Então por que você está se comportando desse jeito?

– Não há nada de anormal na minha atitude.

O sorriso tinha sumido, assim como toda a simpatia que ele vinha demonstrando.

– Está, sim. Eu deixo uma cesta de boas-vindas na sua porta, salvo a sua cadela e fico acordado a noite toda para saber se ela está bem, convido você para se divertir um pouco no meu barco hoje... tudo isso depois de ter gritado comigo sem motivo. Aliás, agora você está me tratando como se eu fosse um leproso. Como você se mudou para casa ao lado, tentei ser amistoso, mas você parece brava comigo toda vez que a gente se vê. Eu só quero saber por quê.

– Por quê? – repetiu ela.

– Isso mesmo – confirmou Travis, com a voz firme. – Por quê?

– Não é da sua conta.

Travis deixou a resposta se assentar no silêncio.

– Que seja – disse afinal. Virou-se e andou na direção dos degraus. Já estava no gramado quando Gabby deu um passo à frente.

– Espere! – gritou.

Travis reduziu a velocidade, deu mais uns dois passos antes de parar. Voltou-se para ela.

– Sim?

– Desculpe – disse Gabby.

– Ah, é? Pelo quê?

Gabby hesitou.

– Não sei bem do que você está falando.

– Não esperei mesmo que soubesse – resmungou.

Quando pressentiu que ele ia começar a se afastar de novo – uma atitude que sinalizaria o fim da relação cordial entre os dois –, ela deu um passo à frente, quase contra a vontade.

– Desculpe por tudo. – Aos seus ouvidos, sua própria voz soou tensa e diminuta. – Pela maneira como venho tratando você. Por pensar que não sou grata pelas coisas que você fez.

– E?

Gabby se sentiu encolher, algo que parecia só acontecer na presença dele.

– E – começou, suavizando o tom – eu estava enganada.

Travis hesitou um pouco, pousando a mão no quadril.

– Sobre o quê?

Ai, por onde eu começo?, respondeu a voz. *Talvez eu não tenha me enganado. Talvez minha intuição estivesse me alertando sobre alguma coisa que não entendo bem, mas que não deveria ser subestimada...*

– Sobre você – respondeu, ignorando a voz. – E você tem razão. Não estou tratando você como deveria, mas, honestamente, prefiro não explicar. – Forçou um sorriso, que não foi correspondido. – Seria possível a gente começar de novo?

Ele pareceu refletir a respeito.

– Não sei.

– Hã?

– Você me ouviu – disse Travis. – A última coisa que eu quero na vida é uma vizinha maluca. Não quero magoar seus sentimentos, mas já aprendi há muito tempo a dar os nomes aos bois.

– Isso não é justo.

– Não? – Ele não se preocupou em esconder o ceticismo. – Na verdade acho que estou sendo mais do que justo. Se quer começar de novo, eu também quero. Mas só se você tiver certeza do que quer.

– Eu tenho.

– Tudo bem, então – concordou ele, voltando para o deque. – Oi, meu nome é Travis Parker, quero lhe desejar as boas-vindas.

Gabby ficou olhando para a mão estendida de Travis. Depois de algum tempo, apertou-a.

– Eu sou Gabby Holland. Muito prazer.

– O que você faz?

– Sou médica-assistente – respondeu, sentindo-se um pouco ridícula. – E você?

– Eu sou veterinário – disse Travis. – De onde você é?

– De Savannah, na Geórgia. E você?

– Daqui mesmo – falou Travis. – Nascido e criado aqui.

– Você gosta da cidade?

– Como não gostar? Clima maravilhoso, trânsito zero. – Fez uma pausa. – E quase todos os vizinhos são legais.

– Eu ouvi isso – disse Gabby. – Na verdade, soube que o veterinário da cidade pode até atender a um chamado de emergência em casa de vez em quando. Essas coisas não acontecem na cidade grande.

– É, creio que não. – Fez um movimento com os ombros. – Ei, a propósito, uns amigos e eu vamos sair de barco hoje. Você não quer vir com a gente?

Gabby estreitou os olhos para ele.

– Eu até iria, mas preciso construir um cercado para os filhotes da minha cadela, Molly, que nasceram há dois dias. Não quero que fiquem me esperando.

– Você precisa de ajuda? Tenho algumas tábuas e uns caixotes na garagem. Não vai demorar muito.

Gabby hesitou, depois ergueu o olhar com um sorriso.

– Nesse caso, eu adoraria ir.

Travis manteve a palavra. Trouxe quatro longas tábuas – ainda seminu, o que a espantou –, deixou tudo no chão e voltou correndo para a garagem dele. Retornou com os caixotes, além de um martelo e um punhado de pregos.

Apesar de fingir não sentir o cheiro, Gabby notou que ele montou o cercado bem mais depressa do que ela teria imaginado ser possível.

– É melhor forrar essa área com jornal. Você tem o suficiente?

Quando ela assentiu, Travis arrumou tudo e saiu em direção à própria casa.

– Eu ainda tenho umas coisinhas a fazer, a gente se vê daqui a pouco, certo?

Gabby tinha aceitado o convite, mas sentia um formigamento no estômago, algo próximo de nervosismo. E foi por isso que ela se viu no quarto, avaliando os méritos de um maiô. Mais especificamente, se usava o biquíni ou a peça única.

Havia prós e contras. Normalmente ela usaria o biquíni. Afinal, tinha 26 anos, era solteira e, mesmo que não fosse uma supermodelo, gostava do seu corpo. Kevin com certeza gostava – se Gabby chegasse a sugerir que iria usar um maiô, ele fazia beicinho até ela mudar de ideia. Por outro lado, Kevin não estaria lá, ela estava prestes a sair com um vizinho e, considerando o tamanho do biquíni, poderia se sentir desconfortável. Tudo aquilo a levou a escolher a peça única.

Mas seu maiô era meio velho e estava um pouco desbotado pelo cloro e pelo sol. A mãe dela o havia comprado alguns anos atrás para que passasse as tardes no clube (“Deus a livre de se expor como uma meretriz!”). Para piorar, não tinha um bom caimento e, em vez de ser cavado na virilha, seu corte era baixo demais, o que fazia as pernas dela parecerem curtas e grossas.

Gabby não queria que suas pernas parecessem curtas e grossas. Por outro lado, será que era tão importante assim? Claro que não, concluiu, mas continuou na dúvida. Claro que era.

O maiô, decidiu. Na pior das hipóteses, ela não daria uma falsa impressão sobre si mesma. E também haveria crianças no barco. Era melhor errar pelo lado conservador do que parecer um tanto quanto... exposta. Pegou o maiô e imediatamente pareceu ouvir a mãe dizendo que era a decisão certa.

Jogou a peça na cama e pegou o biquíni.

8

— Então você convidou a nova vizinha, hein? – perguntou Stephanie. – Qual é o nome dela mesmo?

– Gabby – respondeu Travis, aproximando o barco do atracadouro. – Ela já deve estar chegando.

A corda esticava e afrouxava enquanto a embarcação manobrava para o lugar apropriado. Eles tinham acabado de colocá-lo na água e estavam carregando os coolers.

– Ela é solteira?

– Tem namorado.

– E daí? – observou Stephanie com um sorrisinho. – Desde quando isso incomoda você?

– Não me interprete mal. O namorado está viajando e ela não tinha nada para fazer. Então, como bom vizinho, eu a convidei para vir com a gente.

– Sei... – concordou Stephanie. – É bem típico de você fazer um gesto honrado como esse.

– Eu sou um tipo honrado – afirmou Travis.

– Foi o que eu acabei de dizer.

Ele concluiu a amarração do barco.

– Mas não parece que falou sério.

– Não pareceu? Nossa, que estranho!

– Pode continuar o interrogatório.

Travis pegou o cooler e subiu no barco.

– Hum... você a acha bonita?

Travis pôs o cooler no lugar.

– O que você quer que eu diga?

– Nada.

Travis olhou para a irmã.

– Por que será que estou com a sensação de que vai ser um longo dia?

– Não faço ideia.

– Por favor, pegue leve com ela.

– O que quer dizer com isso?

– Você sabe o que eu quero dizer. Espere ela se sentir à vontade antes de partir para cima dela.

Stephanie soltou uma risada.

– Você sabe com quem está falando, certo?

– Só estou dizendo que ela pode não entender o seu senso de humor.

– Prometo que vou me comportar.



– Então... está pronta para nadar pelada? – perguntou Stephanie.

Gabby piscou, sem saber se tinha ouvido bem.

– O quê?

Um minuto antes, Stephanie havia se aproximado, com uma camiseta e duas cervejas nas mãos. Deu uma para Gabby, apresentou-se como a irmã de Travis e a levou a umas cadeiras no convés enquanto ele terminava de preparar o barco.

– Não agora – disse Stephanie com um gesto. – Em geral só depois de algumas cervejas o pessoal se solta o suficiente para tirar os maiôs.

– Nadar pelada?

– Você sabe que Travis é nudista, não sabe? – Apontou com a cabeça para a rampa que o irmão tinha montado havia pouco. – Depois disso a gente brinca no escorregador.

Apesar de tudo girar, Gabby balançou a cabeça quase imperceptivelmente, notando como as coisas se encaixavam: o fato de Travis quase sempre usar pouca roupa, sua naturalidade em conversar de peito nu, o fato de praticar tanto exercício.

Seus pensamentos foram interrompidos pela risada de Stephanie.

– Eu estava brincando! Você acha mesmo que eu seria capaz de nadar pelada com meu irmão por perto? Eca! Seria nojento!

Gabby sentiu uma onda quente e rubra lhe subir pelo pescoço e chegar ao rosto.

– Eu sabia que você estava brincando.

Stephanie fitou Gabby por cima da cerveja.

– Você achou que eu estava falando sério! Ah, que engraçado! Desculpe. Meu irmão me alertou para pegar leve com você. Por alguma razão ele acha que as pessoas precisam se acostumar com o meu senso de humor.

Puxa, por que será?

– É mesmo? – comentou Gabby.

– É, mas devo dizer que somos farinha do mesmo saco. Com quem você acha que eu aprendi isso? – Stephanie se recostou na cadeira e ajeitou os óculos escuros. – Travis me disse que você é médica-assistente.

– Sim. Trabalho numa clínica pediátrica.

– E como é?

– Eu gosto – respondeu Gabby, pensando que era melhor não mencionar o chefe tarado ou os pais exagerados. – E você?

– Eu sou estudante – respondeu Stephanie, tomando um gole de cerveja. – Estou pensando em seguir essa carreira.

Gabby riu pela primeira vez, começando a relaxar.

– Você sabe quem mais vai vir?

– Ah, provavelmente o pessoal de sempre. Travis tem os mesmos três amigos desde jovem e daqui a pouco eles vão estar aqui com as mulheres e os filhos. Ele não sai muito para fazer parapente, por isso o barco fica atracado na marina. Em geral ele usa a lancha, porque é muito mais fácil fazer *wakeboard* ou esquiar. É só entrar, baixar o elevador e partir. Dá para

fazer *wakeboard* ou esqui em quase qualquer lugar. Mas parapente é demais. Por que você acha que estou aqui? Eu devia estar estudando, e na verdade escapei de um trabalho de laboratório que devia fazer neste fim de semana. Você já fez parapente?

– Não.

– Você vai adorar. E Travis sabe o que faz. Era assim que ganhava dinheiro extra durante a faculdade. Ou ao menos é o que ele alega. Na verdade, acho que tudo o que ele ganhou foi usado para comprar o barco; eles são fabricados pela CWS exclusivamente para parapente e custam muito caro. E mesmo sendo amigos dele, Joe, Matt e Laird insistiam em ser pagos quando levavam turistas para passear na época. Tenho certeza de que Travis nunca recebeu um centavo por isso.

– Então ele é um homem de negócios astuto, hein?

Stephanie deu uma risada.

– Ah, sim. Meu irmão é o futuro Donald Trump! Na verdade ele não liga para dinheiro, nunca ligou. Quer dizer, ele ganha a vida e paga as contas, mas tudo o que sobra vai para novos barcos, jet-skis ou viagens. Acho que ele conhece o mundo todo. Europa, América Central e do Sul, Austrália, África, Bali, China, Nepal...

– É mesmo?

– Você parece surpresa.

– Acho que estou mesmo.

– Por quê?

– Sei lá. Acho que é porque...

– Porque ele parece um folgado? Como se a vida fosse uma festa?

– Não!

– Tem certeza?

– Bem... – Gabby interrompeu a frase e Stephanie voltou a dar uma risada.

– Ele é um folgado e um jovem cidadão do mundo... mas no fundo é só um garoto de cidade pequena como todos os outros. Ou não estaria morando aqui, certo?

– Certo – concordou Gabby, sem saber se a pergunta era retórica.

– Enfim, você vai adorar. Não tem medo de altura, tem?

– Não. Quer dizer, não que eu goste, mas acho que posso lidar com isso.

– Não se preocupe. É só não se esquecer de que está de paraquedas.

– Vou tentar não me esquecer disso.

A porta de um carro bateu ao longe e Stephanie esticou o pescoço para espiar.

– Lá vêm os Clampetts – comentou Stephanie. – Ou, se você preferir, a Família Sol-Lá-Si-Dó. Prepare-se. Nossa relaxante manhã está para terminar.

Gabby virou a cabeça e avistou um bando de arruaceiros saindo de trás da casa. Conversas e gritos soavam enquanto as crianças corriam na frente dos adultos, com aquele jeito desequilibrado que dá a impressão de que estão sempre prestes a cair.

Stephanie se aproximou.

– É fácil identificá-los. Megan e Joe são os louros. Laird e Allison são os mais altos. E Matt e Liz são... menos magros que os outros.

Gabby sorriu levemente.

– "Menos magros"?

– Eu não quis dizer que eles são gorduchos. Mas estava tentando facilitar o reconhecimento para você. Eu detestaria ser apresentada a um bando de gente e me esquecer dos nomes deles um minuto depois. Isso não acontece comigo, mas com as outras pessoas...

– Como assim?

– Eu não me esqueço de nomes. É meio estranho, mas eu nunca esqueço.

– E o que a faz pensar que eu esqueceria?

Stephanie deu de ombros.

– Você não é como eu.

Gabby riu de novo, gostando cada vez mais de Stephanie.

– E as crianças?

– Tina, Josie e Ben. Ben é fácil de decorar. Josie é a que tem as trancinhas.

– E se ela não estiver de trancinhas na próxima vez que a vir?

Stephanie abriu um sorriso.

– Por quê? Você acha que vai aparecer regularmente? E o seu namorado?

– Não, acho que você não entendeu bem...

– Eu só estava provocando! Puxa, como você é sensível...

– Não sei se vou conseguir saber quem é quem.

– Tudo bem. Tente o seguinte truque de associação de memória. Para Tina, pense em Tina Louise de *A ilha dos birutas*. Ela também é ruiva.

Gabby assentiu.

– Certo, para Josie, pense em *Josie e as gatinhas*. E para o Ben... que é meio grande e quadrado para a idade, pense no Big Ben, o relógio gigante da Inglaterra.

– Ceeerto...

– Estou falando sério. Isso vai ajudar. Agora, para Joe e Megan... imagine um boneco G.I. Joe louro lutando contra um megalodonte... você sabe, um desses tubarões gigantes pré-históricos. Mas é para visualizar, ok?

Gabby assentiu mais uma vez.

– Para Laird e Allison, imagine um jovem Muhammad *Ali* com movimentos *lerdos*. E finalmente, para Matt e Liz... – Stephanie fez uma pausa. – Ah, já sei... imagine a Elizabeth Taylor deitada numa espreguiçadeira, comendo *drumete*. Está imaginando?

Gabby precisou de um minuto – e Stephanie teve que repetir as descrições mais uma vez –, depois fez um teste sobre os nomes. Surpreendentemente, a cola funcionou e Gabby não conseguiu esconder sua surpresa.

– Legal, né?

– Muito legal – admitiu Gabby.

– É uma das matérias que eu estudo na universidade.

– Você faz isso com todo mundo que conhece?

– Não. Ou, melhor, não conscientemente. Para mim é quase natural. Mas você vai deixar todo mundo bem impressionado.

– E eu preciso causar uma boa impressão?

– Não, mas é sempre divertido deixar as pessoas impressionadas. – Stephanie deu de ombros. – Por exemplo, veja como *eu* impressionei *você*. Mas eu tenho mais uma pergunta.

– Vá em frente.

– Qual é o meu nome?

– Eu sei o seu nome.

– Então, qual é?

– É... – Gabby abriu a boca e seus pensamentos congelaram.

– Stephanie. Só Stephanie.

– Como? Sem truques de memória?

– Não. Esse você vai ter que lembrar. – Levantou da cadeira. – Vamos lá, agora que já sabe o nome de todo mundo, vou apresentá-los. Finja que não sabe quem são. Também é uma forma de causar boa impressão.



As apresentações a Megan, Allison e Liz foram feitas quando elas observavam as crianças perseguindo umas às outras. Enquanto isso, Joe, Laird e Matt caminhavam pelo atracadouro, carregando coolers e toalhas para se encontrar com Travis.

Stephanie abraçou todas elas e a conversa se voltou ao seu progresso na faculdade. Surpreendentemente, os truques de memória continuaram funcionando. Gabby considerou se deveria tentar aquilo com alguns pacientes, mas lembrou que podia ler os nomes nos prontuários antes da consulta.

Mas talvez com alguns dos colegas de trabalho de Kevin...

– Ei! Estão todos prontos? – gritou Travis. – Vamos partir.

Gabby seguiu um passo atrás do grupo, ajeitando a camiseta que usava por cima do biquíni. No fim, resolveu que, dependendo do que as outras mulheres usassem, ela poderia tirar a camisa ou o short – ou talvez nem um nem outro – e se convenceu de que não estava obedecendo à mãe.

Os homens já estavam no barco quando as mulheres chegaram ao atracadouro. As crianças vestiram os coletes salva-vidas e foram entregues a Joe; Laird estendeu a mão para ajudar as mulheres a subir a bordo. Gabby entrou, concentrada em manter o equilíbrio em meio ao balanço, surpresa com o tamanho da embarcação. Era uns cinco pés mais comprido que a lancha de Travis, com bancos dos dois lados, local onde quase todas as crianças e adultos se reuniram. Stephanie e Allison (*o alossauro*) se acomodaram na frente. *Na... proa? Na popa?*, questionava-se Gabby. Seja o que for. Na *traseira* do barco havia uma grande plataforma com uma grua e era também onde ficava Travis, atrás do timão. Joe (*louro, G.I. Joe*) soltava a amarra que prendia o barco ao porto e Laird (*lerdo*) enrolava a corda. Pouco depois, Joe foi para perto de Travis enquanto Laird aproximou-se de Josie (*e as gatinhas*).

Gabby balançou a cabeça, achando incrível.

– Sente-se aqui comigo – ordenou Stephanie, dando um tapinha no banco ao seu lado.

Gabby sentou e, de soslaio, viu Travis pegar um boné de beisebol que tinha guardado num compartimento. O boné, que sempre achou que parecia algo infantil em homens adultos, de alguma forma caía bem em sua atitude relaxada.

– Todo mundo pronto? – perguntou Travis.

Mas não esperou resposta e o barco saltou para a frente rugindo, singrando nas águas tranquilas. Chegaram à embocadura do rio e rumaram para o sul, pelas águas de Back Sound. Shackleford Banks assomou à frente, com suas dunas entretecidas de grama.

Gabby chegou mais perto de Stephanie.

– Para onde estamos indo?

– Provavelmente Cape Lookout. Se o canal não estiver muito congestionado de barcos, o mais provável é irmos até o braço de mar, depois para a baía de Onslow. Então fazemos um piquenique no barco, em Shackleford Banks ou em Cape Lookout. Tudo depende de onde pararmos e do estado de espírito de todos, principalmente das crianças. Espere um pouco... – Virou-se na direção do irmão. – Ei, Trav! Posso pilotar?

– Desde quando você quer pilotar?

– Desde agora. Já faz tempo.

– Mais tarde.

– Acho que eu devia pilotar.

– Por quê?

Stephanie balançou a cabeça, como que admirada pela estupidez dos homens. Levantou-se e tirou a camiseta sem constrangimento algum.

– Eu volto daqui a pouco, ok? Preciso falar com o idiota do meu irmão.

Enquanto Stephanie seguia para a parte de trás do barco, Allison fez um sinal para Gabby.

– Não se assuste. Stephanie e Travis sempre se tratam dessa maneira.

– Imagino que eles sejam muito próximos.

– São melhores amigos embora os dois neguem. Travis provavelmente vai dizer que Laird é o melhor amigo dele. Ou Joe ou Matt. Qualquer um menos Stephanie. Mas eu sei a verdade.

– Laird é o seu marido, certo? Aquele segurando a Josie?

Allison não conseguiu esconder a surpresa.

– Você lembrou? Nós só nos vimos por um segundo.

– Sou boa em decorar nomes.

– Deve ser mesmo. Você já conheceu todo mundo?

– Aham. – Gabby decorou os nomes de cada passageiro, sentindo-se o máximo.

– Uau. Você deve ser como Stephanie. Não admira que tenham se dado bem.

– Ela é ótima.

– Claro, quando a conhecemos melhor. Mas demora um pouco para se acostumar a ela.

Gabby se virou um segundo para ver Stephanie discutindo com Travis, uma das mãos no barco para se equilibrar, a outra gesticulando.

– Como você e Travis se conheceram? Stephanie falou que você mora no bairro.

– Sou vizinha dele, na verdade.

– E?

– E... Bem, é uma história meio longa. Para encurtar, minha cadela, Molly, teve problemas quando deu à luz os filhotes e Travis foi muito atencioso cuidando dela. Então ele me convidou para este passeio.

– Ele leva muito jeito com animais. E com crianças também.

– Há quanto tempo vocês se conhecem?

– Há muito tempo. Laird e eu nos conhecemos na faculdade. Travis e ele são amigos de infância. Aliás, ele foi nosso padrinho. Falando no Diabo...

– Oi – respondeu ele. – Acho que vai ser divertido hoje, hein?

Atrás dele, Stephanie empoleirava-se atrás do timão, fingindo não olhá-los.

– Tomara que não vente muito.

Allison olhou ao redor.

– Acho que não há perigo.

– Por quê? – perguntou Gabby. – O que acontece se ventar?

– Nada de bom se você está de parapente – respondeu Travis. – Basicamente, o paraquedas pode desabar em alguns lugares, as linhas podem se enroscar, e isso é a última coisa que você quer de um paraquedas.

Gabby teve uma visão de si mesma espiralando fora de controle em direção à água.

– Não se preocupe – tranquilizou Travis. – Se eu suspeitar de algum problema, ninguém vai subir.

– Espero que não – observou Allison. – Mas eu gostaria de oferecer Laird como voluntário para ir primeiro.

– Por quê?

– Porque ele devia ter pintado o quarto de Josie esta semana. Mas o quarto foi pintado? Claro que não. É para ele aprender a lição.

– Laird vai ter que entrar na fila. Megan já disse que Joe vai primeiro. Por não passar muito tempo com a família depois do expediente.

Ao ouvir aquela conversa de família, Gabby se sentiu como uma espectadora. Desejou que Stephanie não tivesse se afastado. Estranhamente, percebeu, Stephanie já parecia a pessoa mais próxima de uma amiga que tinha em Beaufort.

– Segurem-se! – gritou Stephanie, girando o timão.

Travis agarrou instintivamente a lateral do barco quando subiram numa grande onda e desceram de proa com um baque. A atenção de Allison foi distraída pelas crianças e ela correu na direção de Josie, que tinha caído e já começava a chorar. Laird a levantou com um braço.

– Você devia segurá-la! – repreendeu Allison, já ao lado de Josie. – Venha, querida, mamãe está aqui...

– Eu estava segurando! – protestou Laird. – Talvez se a nossa corredora ali estivesse prestando mais atenção...

– Não me envolva nisso – retrucou Stephanie, jogando a cabeça para trás. – Eu disse para se segurarem, mas acho que você não ouviu. Não posso controlar essas ondas.

– Mas poderia ir mais devagar...

Travis se sentou ao lado de Gabby.

– É sempre assim? – perguntou ela.

– Mais ou menos – respondeu Travis. – Pelo menos desde que as crianças nasceram. Pode ter certeza de que todas elas vão ter alguns momentos de choro hoje. Mas é isso que mantém a situação interessante. – Ele se recostou para apoiar os pés. – O que você achou da minha irmã?

Com o sol atrás dele, era difícil divisar suas feições.

– Gostei dela. Ela é... diferente.

– Parece que ela também simpatizou com você. Se não tivesse gostado... ela teria me dito, pode apostar. Por mais inteligente que seja, nem sempre sabe guardar opiniões. Se quer saber, acho que ela foi adotada.

– Acho que não. Se você deixar o cabelo crescer mais um pouco, vocês poderiam passar como irmãs.

Travis deu uma risada.

– Você está falando que nem ela.

– Acho que ela me influenciou.

– Você já teve oportunidade de conhecer todo mundo?

– Brevemente. Conversei um pouco com Allison, mas só isso.

– Eles são o grupo mais legal que você pode conhecer – observou Travis. – Estão mais para uma família do que para amigos.

Gabby ficou observando Travis enquanto ele tirava o boné, compreendendo de repente o que tinha acontecido.

– Stephanie falou para você vir conversar comigo, não foi?

– Foi – admitiu ele. – Ela me lembrou de que você era minha convidada e que seria indelicado se eu não a deixasse mais à vontade.

– Eu estou bem. – Fez um gesto com a mão. – Se quiser voltar a pilotar o barco, fique à vontade. Estou muito bem aqui apreciando a paisagem.

– Você já esteve em Cape Lookout? – perguntou Travis.

– Não.

– É um parque nacional com uma enseada ótima para crianças pequenas porque não tem arrebentação. E do outro lado... do lado do Atlântico, tem uma praia de areia branca intocada, o que é quase impossível de se encontrar hoje em dia.

Quando parou de falar, Gabby viu que olhava na direção de Beaufort. O recorte da cidade era visível. Pouco além da marina, onde os mastros dos veleiros apontavam para o céu, como dedos em riste, ela podia ver os restaurantes alinhados no quebra-mar. Havia barcos e jet-skis em todas as direções, formando marolas espumosas. De repente, tomou consciência da maneira delicada com que o corpo dele se apoiava no dela com o balanço do barco na água.

– É uma bela cidade – disse Gabby afinal.

– Eu sempre adorei aqui – concordou Travis. – Quando era mais novo, ainda sonhava em me mudar para uma cidade grande, mas aqui é o meu lar.

O barco rumava em direção ao canal. Atrás deles, Beaufort ficava menor; à frente, as águas da baía de Onslow abraçavam o Atlântico. Uma nuvem solitária pairava acima do barco, tão densa que parecia algodão, como se tivesse sido moldada com neve. O céu azul-claro se espalhava sobre a água, que refletia a luz do sol. Algum tempo depois, a atividade frenética de Back Sound deu lugar a uma sensação de isolamento, quebrada apenas por um barco ocasional navegando nas águas de Shackleford Banks. Os três casais estavam tão fascinados pela paisagem quanto Gabby, e até as crianças se aquietaram. Tranquilas no colo dos pais, com os corpos

relaxados, pareciam prontas para tirar uma soneca. Gabby sentia o vento nos cabelos e o calor balsâmico do sol de verão.

– Ei, Trav – chamou Stephanie –, aqui está bom?

Travis interrompeu o devaneio e olhou ao redor.

– Vamos seguir um pouco mais. Quero ter o máximo espaço possível. Temos uma novata a bordo.

Stephanie assentiu e o barco voltou a acelerar. Gabby aproximou-se um pouco.

– A propósito, como isso funciona?

– É fácil – respondeu Travis. – Primeiro eu inflo o paraquedas e vejo se os tirantes, os mosquetões e as linhas estão seguros para prender o arnês. – Apontou em direção a um canto do barco. – Depois, você e seu parceiro colocam o arnês e se sentam na plataforma. Eu solto a polia e vocês sobem. Demora uns minutos até chegar à altura certa, depois... bom, você fica flutuando por aí. Vai ter uma bela vista de Beaufort, do farol e, como o tempo está bom, vai poder ver alguns golfinhos, botos, arraias, tubarões e até tartarugas. Já vi baleias algumas vezes. Podemos reduzir a velocidade do barco para vocês molharem os pés, depois subir outra vez. É um barato.

– Tu-tubarões?

– Claro. Estamos no mar.

– Eles não mordem?

– Alguns mordem. O tubarão-cabeça-chata é bem agressivo.

– Então prefiro não molhar os pés, muito obrigada.

– Não precisa ter medo. Eles não vão incomodá-la.

– É fácil para você dizer.

– Em todos os anos que venho fazendo isso, nunca soube de ninguém sendo atacado por um tubarão. Você só fica na água por dois ou três segundos, no máximo. E geralmente os tubarões caçam no crepúsculo.

– Não sei, não...

– E se eu for com você? Você tentaria? Não pode deixar de experimentar.

Gabby hesitou, depois concordou:

– Vou pensar, mas não estou prometendo nada.

– Justo.

– E você está supondo que vamos subir juntos.

Travis piscou e abriu um de seus sorrisos.

– É claro.

Gabby tentou ignorar a sensação de formigamento no estômago. Pegou a sacola e tirou o filtro solar. Espalhou um pouco na mão e começou a passar no rosto com movimentos nervosos, tentando recuperar certo distanciamento.

– Stephanie me contou que você já viajou pelo mundo.

– Já fiz algumas viagens.

– Do jeito que ela contou, foi mais do que isso. Como se você conhecesse o mundo inteiro.

– Bem que eu gostaria, mas ainda tem um monte de lugares que não visitei.

– Qual foi o seu preferido?

Ele demorou um pouco para responder, assumindo uma expressão pensativa.

– Não sei.

– Bem... para onde você sugeriria que eu fosse?

– Não é assim que funciona – respondeu ele.

– Como assim?

– Viajar não é só ver paisagens, é vivenciar momentos... – Olhou para a água, organizando os pensamentos. – Vou tentar explicar. Quando me formei na faculdade, não sabia bem o que queria fazer, por isso resolvi tirar um ano para conhecer o mundo. Economizei algum dinheiro... não tanto quanto achei que precisava, mas arrumei uma mochila, peguei minha bicicleta e embarquei num voo para a Europa. Fiquei os primeiros três meses fazendo só o que tinha vontade, e quase nunca estava relacionado a atrações turísticas. Nem tinha um itinerário programado. Não me entenda mal... eu vi um monte de coisas. Mas quando me recordo desses meses, o que mais guardo na memória são os amigos que fiz no caminho e os bons momentos que passamos juntos. Na Itália, por exemplo, vi o Coliseu em Roma e os canais de Veneza, mas me lembro mais de um fim de semana

que passei em Bari, uma cidade afastada no sul do país de que provavelmente você nunca ouviu falar, com alguns estudantes italianos que conheci por acaso. Eles me levaram a um barzinho onde tocava uma banda local. Apesar de a maioria não falar uma palavra em inglês e meu italiano se limitar a itens do cardápio, acabamos dando risadas a noite toda. Depois disso, eles me levaram a Lecce e a Mantera, e aos poucos nos tornamos bons amigos. Aconteceu mais ou menos a mesma coisa na França, na Noruega e na Alemanha. Eu ficava em pousadas quando precisava, mas na maioria das vezes eu chegava à cidade e de alguma forma conhecia alguém que me oferecia um lugar por algum tempo. Arranjava uns trabalhinhos para ganhar um dinheiro extra e, quando me sentia pronto para ir a algum lugar diferente, simplesmente partia. No começo achei que tinha sido fácil porque a Europa e os Estados Unidos são muito parecidos. Mas aconteceu a mesma coisa quando fui à Síria, à Etiópia, à África do Sul, à China e ao Japão. Às vezes eu me sentia como que destinado a fazer aquela viagem, como se todo mundo que encontrasse estivesse de alguma forma esperando por mim. Mas...

Parou de falar, olhando diretamente para ela.

– Mas agora eu sou diferente do que era na época. Assim como no fim da viagem eu estava diferente do que era no começo. E amanhã vou estar diferente do que sou hoje. E isso significa que nunca vou poder repetir aquela viagem. Ainda que fosse aos mesmos lugares e encontrasse as mesmas pessoas, não seria a mesma coisa. Minha *experiência* não seria a mesma. Para mim, viajar deveria ser isso. Conhecer pessoas, aprender não só a apreciar uma cultura diferente, mas realmente se envolver como um morador, seguindo os próprios impulsos. Então, como eu poderia recomendar uma viagem a alguém se nem eu sei o que devo esperar? Meu conselho seria fazer uma lista de lugares, embaralhar tudo e escolhê-los aleatoriamente. Depois ir e ver o que acontece. Dependendo do seu estado de espírito, não importa onde você parou ou quanto dinheiro levou para gastar. Tudo isso se torna algo de que você vai se lembrar para sempre.

Gabby ficou em silêncio enquanto processava aquilo.

– Uau – disse afinal.

– O quê?

– Você faz isso parecer tão... romântico.

No silêncio que se seguiu, Stephanie começou a desacelerar o barco e Travis se aprumou. Quando a irmã olhou na sua direção, ele fez um sinal com a cabeça e se levantou. Stephanie desacelerou, reduzindo ainda mais a velocidade da embarcação.

– Estamos prontos – falou Travis, andando até uma despensa. Puxou um paraquedas e perguntou: – Está a fim de uma nova experiência?

Gabby engoliu em seco.

– Mal posso esperar.

9

Quando o paraquedas inflou, Joe e Megan colocaram os arnês e subiram primeiro, seguidos por Allison e Laird, depois Matt e Liz. Um a um, os casais se posicionaram na plataforma e subiram aos ares, com o cabo da polia se desenrolando até chegarem a 30 metros de altura. Do ponto de vista de Gabby, eles pareciam pequenos e insignificantes pairando sobre a água. Travis, que assumira o timão de Stephanie, mantinha o barco numa velocidade constante, fazendo curvas amplas e abertas, até finalmente desacelerar e parar aos poucos, permitindo que os praticantes descessem. Assim que seus pés roçavam a água, ele aumentava a velocidade, fazendo o paraquedas subir como uma pipa sendo puxada por um garoto correndo no parque.

Todos falavam com entusiasmo quando voltavam à plataforma, comentando sobre os peixes ou golfinhos que tinham visto. Mesmo assim, Gabby se sentia cada vez mais nervosa conforme a sua vez se aproximava. De biquíni, Stephanie tomava sol e bebia uma cerveja na frente do barco. Ergueu a garrafa numa saudação.

– O aqui e agora está com você, garota.

Travis jogou de lado o boné de beisebol.

– Vamos – disse a Gabby. – Vou ajudar você a colocar os arnês.

Quando saiu da plataforma, Liz entregou o colete salva-vidas.

– É muito divertido – falou. – Você vai adorar.

Travis conduziu Gabby à plataforma. Subiu e estendeu o braço para ajudá-la. Ela sentiu o calor da mão dele ao subir. Os tirantes estavam desajustados e Travis indicou duas fivelas abertas.

– Pise aqui e puxe. Eu faço os ajustes para você.

Gabby manteve o corpo firme para resistir ao puxão das tiras de lona.

– Assim?

– Quase. Quando se sentar na plataforma, mantenha a tira mais larga sob as coxas. É melhor essa tira não ficar na sua... parte posterior, porque não vai aguentar o seu peso. E talvez seja melhor tirar a camisa, a não ser que não se incomode de ficar molhada.

Gabby tirou a camisa, tentando não se sentir nervosa.

Se Travis notou sua insegurança, não demonstrou. Enganchou as tiras das alças dela na barra, depois as suas, e fez sinal para que ela se sentasse.

– Está debaixo das suas coxas, certo? – perguntou Travis. Quando ela aquiesceu, ele sorriu. – Agora é só relaxar e aproveitar!

Um segundo depois, Joe pisou no acelerador, o paraquedas inflou e Gabby e Travis ganharam os ares. Todos os olhavam do barco enquanto subiam em diagonal e em direção ao céu. Gabby agarrou as alças de lona com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. O barco parecia cada vez menor. Algum tempo depois, o cabo do guincho captou sua atenção como um chamariz hipnótico. Logo pareceu que ela estava bem mais alto que qualquer um havia chegado. Ia dizer alguma coisa quando sentiu Travis tocar o seu ombro.

– Olhe ali! – falou, apontando. – Uma arraia! Está vendo?

Gabby a viu, preta e lustrosa, nadando sob a superfície.

– E um grupo de golfinhos! Olha lá! Perto da margem!

À medida que admirava a vista, seu nervosismo começou a diminuir e ela absorveu a visão de tudo lá embaixo – a cidade, as famílias espalhadas nas praias, os barcos, a água. Quando conseguiu relaxar, achou que talvez pudesse passar uma hora lá em cima sem se cansar. Era extraordinário deslizar no ar àquela altitude, pairando sem esforço numa corrente de vento, como se fosse um pássaro. Apesar do calor, a brisa a mantinha fresca e ela sentia o balanço dos tirantes ao mover os pés para a frente e para trás.

– Está a fim de um mergulho? – perguntou Travis. – Garanto que vai ser divertido.

– Sim! – concordou ela. Aos seus ouvidos, sua voz pareceu estranhamente confiante.

Travis fez uma série de sinais com a mão para Joe e, de repente, o ruído do barco diminuiu. O paraquedas começou a descer. Olhando para a água que se aproximava rapidamente, Gabby examinou a superfície para ver se não havia nenhuma nadadeira.

O paraquedas continuou descendo e, apesar de ter levantado as pernas, ela sentiu a água espirrar em seu corpo. Quando Gabby já estava achando que ia começar a andar na água, o barco acelerou e eles subiram de novo. Ela sentiu a descarga de adrenalina percorrer seu corpo e não se preocupou em esconder o sorriso.

Travis a cutucou.

– Viu? Não foi nada mau.

– Podemos fazer mais uma vez? – perguntou Gabby.



Travis e Gabby continuaram voando por mais quinze minutos, mergulhando mais duas ou três vezes. Quando voltaram ao barco, cada casal subiu de novo. Àquela altura o sol estava a pino e as crianças, irrequietas. Travis rumou o barco em direção à enseada em Cape Lookout. As águas ficaram mais rasas e decidiram estacionar. Joe lançou a âncora por cima da amurada, tirou a camisa e mergulhou. A água batia na cintura e Matt lhe passou um cooler com facilidade e experiência, seguindo-o enquanto Travis ocupava seu lugar. Quando Travis pulou, levou junto uma pequena churrasqueira portátil e um saco de carvão comprimido. Simultaneamente, as mulheres caíram na água e levaram os filhos. Em minutos, somente Stephanie e Gabby continuavam no barco. Gabby ficou na traseira, achando que deveria ter ajudado, enquanto Stephanie, que parecia indiferente à

comoção, continuou refestelada nos bancos na parte posterior do barco, firme em seu banho de sol.

– Eu estou de férias, por isso não sinto necessidade de oferecer meus serviços – anunciou Stephanie, com o corpo imóvel como o próprio barco. – E eles são tão bons nisso que não sinto vergonha de ser preguiçosa.

– Você não é preguiçosa.

– Claro que sou. Todo mundo devia ser preguiçoso de vez em quando. Como disse Confúcio certa vez: "Aquele que não faz nada é aquele que não faz nada."

Gabby refletiu sobre as palavras, franzindo a testa.

– Confúcio não disse isso.

De óculos escuros, Stephanie deu de ombros.

– Não, mas quem liga? A questão é que eles conseguiram preparar tudo e estão satisfeitos com isso. Quem sou eu para tirar isso deles?

Gabby levou as mãos aos lábios.

– Ou talvez você só quisesse ser preguiçosa.

Stephanie abriu um sorriso.

– Como disse Jesus: "Bem-aventurados sejam os preguiçosos que ficam nos barcos, pois eles herdarão um bronzeado."

– Jesus não disse isso.

– É verdade. Mas, mais uma vez, quem liga? – concordou Stephanie, sentando. Tirou os óculos, olhou através das lentes e enrolou-os numa toalha. – Você queria mesmo carregar coolers e barracas até aquela praia? Acredite em mim, é uma experiência superestimada. – Ajeitou o biquíni, pendurou a sacola de praia no ombro e se levantou. – Tudo bem, a costa está limpa. Já podemos ir. É preciso saber o momento de ser preguiçosa. Se praticado corretamente, é uma forma de arte que beneficia todo mundo.

Gabby hesitou um momento.

– Gosto da maneira como você pensa.

Stephanie deu uma risada.

– Claro que gosta. A preguiça faz parte da natureza humana. É bom saber que não sou a única a entender essa verdade essencial.

Assim que Gabby começou a negar, Stephanie pulou do barco, espirrando água na amurada.

– Vamos – falou, sem deixar Gabby terminar. – Eu só estou brincando. A propósito, não pense duas vezes a respeito de qualquer coisa que você faça ou deixe de fazer. Essa gente vê sentido em todas essas pequenas coisas. Elas se sentem maternais e másculas, exatamente do jeito como o mundo *deveria* funcionar. Como mulheres solteiras, nós só precisamos garantir que eles desfrutem disso tudo.



A montagem do acampamento – assim como a saída e o descarregamento do barco – foi informalmente ritualizada com uma divisão de tarefas. Uma barraca de armar foi montada, toalhas estendidas e o carvão aceso. Fiel à sua inatividade no barco, Stephanie pegou uma cerveja e uma toalha, escolheu um local e continuou seu banho de sol. Sem saber o que fazer, Gabby estendeu sua toalha e fez exatamente a mesma coisa. Sentiu os efeitos do calor quase de imediato, e tentou ignorar o fato de que todos os outros – com exceção de Stephanie – pareciam ser úteis em algo.

– Você precisa passar um protetor solar – recomendou Stephanie. – Pegue aquele tubo com filtro fator 50. Com essa sua pele branca, você vai virar um camarão em meia hora. Ele tem zinco na fórmula.

Gabby pegou a sacola de Stephanie. Demorou algum tempo passando a loção; o sol tinha um jeito terrível de castigar sua pele caso esquecesse algum ponto. Ao contrário da mãe e das irmãs, ela havia herdado a pele irlandesa do pai. Era uma das pequenas maldições de sua vida.

Quando terminou, estendeu a toalha, ainda se sentindo culpada por não estar ajudando no acampamento ou a preparar o almoço.

– Como está indo com Travis?

– Tudo bem – respondeu Gabby.

– Só queria lembrar que ele é meu irmão, sabe?

Gabby se virou para Stephanie com um olhar interrogativo.

– Só estou lembrando isso para você saber quanto eu o conheço.

– E por que isso é importante?

– Acho que ele gosta de você.

– E acho que você acredita que ainda estamos na escola.

– Para você não faz diferença?

– Não.

– Porque você tem namorado?

– Entre outras razões.

Stephanie soltou uma risada.

– Ah, essa é boa. Se não a conhecesse, poderia até acreditar em você.

– Você não me conhece!

– Ah... conheço, sim. Acredite se quiser, eu sei exatamente quem você é.

– Ah, é? De onde eu sou?

– Não sei.

– Diga alguma coisa sobre a minha família.

– Não saberia dizer nada.

– Então você não me conhece de fato, conhece?

Depois de algum tempo, Stephanie se virou para ela.

– Sim, conheço. – Não conseguia esconder o tom desafiador na voz. – Vamos lá: você é uma boa garota, sempre foi, mas no fundo acha que a vida é mais do que só seguir as regras, e tem uma parte de você que se sente atraída pelo desconhecido. Se for honesta consigo mesma, Travis faz parte disso. É seletiva em relação a sexo, mas, quando se compromete com alguém, os padrões que você normalmente mantém pulam pela janela. Acha que vai se casar com seu namorado, mas não consegue deixar de pensar por que ainda não está com uma aliança no dedo. Você adora sua família, mas quer tomar suas próprias decisões, como a razão de estar morando aqui. Mesmo assim, se preocupa com a aprovação da família. Como estou indo até agora?

Conforme ela falava, Gabby foi empalidecendo. Contando que tinha acertado, Stephanie apoiou-se num cotovelo.

– Quer que eu continue?

– Não – respondeu Gabby.

– Eu estou certa, não estou?

Gabby exalou forte.

– Não em tudo.

– Não?

– Não.

– Onde eu errei?

Em vez de responder, Gabby balançou a cabeça e se enrolou na toalha.

– Não quero falar sobre esse assunto.

Gabby achou que Stephanie ia insistir, mas ela apenas deu de ombros e se deitou na toalha, como se nada tivesse acontecido.

Gabby podia ouvir as crianças brincando na água a distância e alguns trechos de conversas ininteligíveis. A cabeça atordoada com as análises de Stephanie; era como se a mulher a conhecesse a vida toda, partilhasse de seus segredos mais sombrios.

– A propósito, caso você esteja aturdida, talvez eu deva dizer que sou médium – observou Stephanie. – É estranho, mas é verdade. Veio da minha avó, pelo que sei. Ela era famosa por suas previsões do tempo.

Gabby sentiu uma onda de alívio invadi-la, mesmo sabendo que a ideia era absurda.

– É mesmo?

Stephanie voltou a rir.

– Não, é claro que não! Minha avó assistiu ao *Show do Milhão* durante anos e nunca conseguiu ganhar dos competidores. Mas eu acertei na mosca, não acertei?

Verdade seja dita, Stephanie deixava Gabby um pouco zonza.

– Mas como...?

– Fácil – respondeu Stephanie, deitando de costas. – Só inseri as suas "incríveis experiências pessoais" no que mais ou menos todas as mulheres vivenciam. Bom, menos a parte do Travis. Isso foi adivinhação. Mas é incrível, não é? Eu também estudo isso, aliás. Já fiz parte de meia dúzia de pesquisas e sempre me surpreendo como as pessoas são mais ou menos iguais quando você compara os problemas. Principalmente durante a

adolescência e o começo da idade adulta. Em geral passam pelas mesmas experiências e pensam as mesmas coisas, mas por alguma razão ninguém escapa de achar que vive uma experiência única em todos os sentidos.

Gabby voltou a se deitar na toalha, decidindo que era melhor simplesmente ignorar Stephanie por algum tempo. Por mais que gostasse da nova amiga, a mulher mexia muito com a sua cabeça.

– Ah, caso esteja curiosa – observou Stephanie –, Travis não está saindo com ninguém. Não só está solteiro, como também disponível.

– Eu não estava curiosa.

– Porque já tem namorado, certo?

– Certo. Mas também não estaria curiosa, mesmo se estivesse solteira.

Stephanie soltou uma risada.

– Claaaro. Como pude me enganar tanto? Acho que devo ter interpretado mal o jeito como fica olhando para ele.

– Eu não fico olhando para ele.

– Ah, não seja tão sensível. Ele também olha para você.

10

Deitada na toalha, Gabby sentia o aroma do carvão, das salsichas, dos hambúrgueres e do frango pairando na leve brisa. Apesar do protetor, sua pele parecia estar fritando. Às vezes achava estranho que seus ancestrais da Escócia e da Irlanda tivessem passado pelas terras do Norte, com climas nublados semelhantes, para se estabelecer num lugar onde a prolongada exposição ao sol praticamente garantia um melanoma em pessoas como eles – ou, na melhor das hipóteses, rugas, que era a razão de sua mãe usar chapéu até para andar da casa até o carro. O fato de se sujeitar aos danos causados pelo sol era algo sobre o qual Gabby não queria pensar, pois a verdade é que ela gostava de um bronzeado, sentia-se bem quando estava bronzeada. Além disso, logo iria vestir a camiseta outra vez e se obrigar a ficar na sombra.

Stephanie vinha mantendo um silêncio atípico desde seu último comentário. Em algumas pessoas, Gabby poderia interpretar isso como constrangimento ou timidez; mas em Stephanie aquilo transmitia uma espécie de autoconfiança que ela sempre almejou secretamente. Por se sentir tão confortável consigo mesma, Stephanie também fazia isso por Gabby. Havia muito tempo não se sentia assim, fosse no trabalho ou em casa. E não confiava muito no jeito que as coisas andavam com Kevin.

Quanto a Travis, ela definitivamente não se sentia à vontade com ele. Bem, pelo menos quando ele estava sem camisa. Arriscando uma olhada,

avistou-o sentado perto da água, construindo castelos de areia com as três crianças. Quando elas se distraíam, ele se levantava e corria atrás delas na água rasa, com o som dos gritos de alegria ecoando no ar. Travis parecia estar se divertindo tanto quanto elas, e aquela visão a fez ter vontade de sorrir. Mas não se permitiu o gesto, pois ele poderia ver e ter uma ideia errada a respeito.

O aroma fez Gabby se sentar. Não conseguia descartar a impressão de estar de férias em alguma ilha exótica, e não apenas a alguns minutos de Beaufort. As ondas batiam suaves num ritmo estável, e as poucas casas de veraneio atrás deles pareciam paradisíacas. Por cima do ombro, Gabby via um caminho cortando as dunas, seguindo na direção do farol preto e branco que já havia sido fustigado por milhares de tempestades.

Surpreendentemente, não havia mais ninguém na enseada, o que só aumentava seu encanto. Próximo a ela, Laird comandava a churrasqueira, munido de um pegador de carne. Megan distribuía sacos de batatas fritas e pãezinhos, abrindo recipientes de plástico numa mesinha dobrável, enquanto Liz organizava os temperos ao lado dos pratos de papel e utensílios de plástico. Joe e Matt trocavam passes com uma bola de rúgbi. Gabby não conseguia se lembrar de um fim de semana de sua infância em que um grupo de parentes tivesse se reunido para desfrutar da companhia uns dos outros simplesmente por ser sábado. Cogitou se aquela era a maneira como a maioria das pessoas vivia, se tinha mais a ver com a vida numa cidade pequena ou se era um hábito que esses amigos haviam criado muito tempo atrás. Fosse o que fosse, poderia se acostumar com aquilo.

– A comida está pronta! – gritou Laird.

Gabby colocou a camisa e andou em direção à mesa, surpresa ao perceber quanto estava com fome, até lembrar que não tinha tomado café da manhã. Por cima do ombro, viu Travis fazendo o possível para trazer as crianças, conduzindo-as como um cão pastor. As três correram em direção à churrasqueira, onde Megan estava de guarda.

– Façam fila em cima da toalha – ordenou ela, e as crianças, claramente já habituadas pela prática, obedeceram.

– Megan tem poderes mágicos com as crianças – comentou Travis atrás dela. A respiração dele estava arquejante, as mãos nos quadris. – Gostaria que elas me obedecessem desse jeito. Eu preciso correr atrás delas até quase desmaiar.

– Mas você parece ter muito jeito.

– Adoro brincar, não ficar correndo atrás delas. – Chegou um pouco mais perto, com um ar conspirador. – Mas cá entre nós? Isso foi uma coisa que aprendi sobre os pais depois de anos de carreira e tendo que lidar com eles: quanto mais a gente brinca com as crianças, mais os pais gostam da gente. Quando eles veem alguém que gosta dos filhos, que curte a garotada... Bem, esse é o pulo do gato.

– Pulo do gato?

– Eu sou veterinário. Gosto de metáforas com animais.

Gabby não conseguiu conter o sorriso.

– Acho que você tem razão quanto a brincar com crianças. Minha tia favorita costumava subir em árvores comigo enquanto os outros adultos conversavam na sala de estar.

– E mesmo assim – começou Travis, fazendo um sinal na direção de Stephanie –, você ficou lá deitada na toalha com a minha irmã, em vez de aproveitar a oportunidade de mostrar a esse pessoal que você considera os filhos deles irresistíveis.

– Eu...

– Eu estou brincando. – Deu uma piscadela. – O fato é que eu queria passar algum tempo com elas. E daqui a pouco elas vão ficar emburradas. Aí vai ser a hora de finalmente desabar numa espreguiçadeira, enxugar o suor e deixar os pais assumirem.

– Em outras palavras, quando a barra começa a pesar, você sai de fininho.

– E, quando chegar esse momento, eu poderia solicitar os seus serviços.

– Puxa, obrigada.

– Sem problemas. Ei... você está com fome?

– Muita.

Quando eles chegaram à mesa, as crianças estavam sentadas na toalha com salsichas, salada de batata e frutas cortadas em pedaços. Liz, Megan e Allison ficaram por perto para monitorar, mas distantes o suficiente para poderem conversar. As três comiam frango com diversos acompanhamentos, percebeu Gabby. Joe, Matt e Laird sentaram nos coolers com os pratos no colo, garrafinhas de cerveja equilibradas na areia.

– Hambúrguer ou frango? – perguntou Gabby.

– Eu prefiro frango, mas parece que o hambúrguer está fantástico. Só que eu nunca consegui gostar muito de carne vermelha.

– Achei que os homens sempre preferiam hambúrguer.

– Então acho que não sou homem. – Travis ficou mais ereto. – Vai ser uma grande surpresa e decepção para os meus pais, já que eles me deram um nome masculino e tudo o mais.

Gabby deu uma risada.

– Bem... – comentou ela, apontando para a churrasqueira. – Parece que eles deixaram o último pedaço de frango para você.

– Só porque chegamos antes da Stephanie. Ela teria pegado, apesar de preferir hambúrguer, só porque sabe que eu ia ficar sem comer.

– Eu sabia que tinha gostado dela por alguma razão.

Os dois pegaram os pratos enquanto observavam os apetitosos acompanhamentos dispostos na mesa – ervilhas, legumes cozidos e salada de frutas –, tudo com um aroma delicioso. Gabby pegou um pãozinho, acrescentou um pouco de ketchup, mostarda e picles e estendeu o prato. Travis se serviu de frango, em seguida tirou um hambúrguer da churrasqueira e colocou ao lado do pãozinho no prato de Gabby.

Travis pôs um pouco de salada de frutas no próprio prato; Gabby se serviu de um pouco de cada coisa no seu. Quando acabou, comparou os pratos com uma expressão quase culpada, que Travis felizmente pareceu não notar.

– Quer uma cerveja? – perguntou ele.

– Seria ótimo.

Ele enfiou a mão no cooler e tirou uma garrafa, depois pegou uma água.

– Eu preciso pilotar o barco – explicou. Apontou com o prato na direção das dunas. – Que tal ali?

– Você não prefere comer com os seus amigos?

– Eles não vão sentir minha falta – respondeu.

Os dois caminharam até uma duna baixa, um local sombreado por uma árvore raquítica, com todos os galhos apontando para a mesma direção, vergados por anos de ventos oceânicos. Gabby sentia a areia deslizar sob os pés. Travis se acomodou perto da duna, agachando-se e cruzando as pernas como um chinês, num só movimento. Ela se sentou ao lado dele com gestos bem menos graciosos, fazendo questão de deixar uma boa distância entre os dois para não se tocarem acidentalmente. Mesmo na sombra, a areia e a água brilhavam tanto que ela tinha que estreitar os olhos.

Travis começou a cortar seu pedaço de frango, os utensílios de plástico vergando com a pressão.

– Vir aqui me lembra os tempos de colégio – observou. – Não consigo contar quantos fins de semana passei aqui naquela época. – Deu de ombros. – Com diferentes garotas e nenhuma criança, claro.

– Aposto que foi muito divertido.

– Foi, sim. Uma vez, Matt, Laird e eu estávamos aqui com umas garotas a quem queríamos impressionar. Ficamos ao redor de uma fogueira, tomando cerveja, contando piadas e rindo... e me lembro de ter pensado que a vida não poderia ser melhor.

– Soa como um comercial de cerveja. Fora o fato de vocês serem menores de idade e a coisa toda ser ilegal.

– Nunca fez algo assim?

– Na verdade, não – respondeu Gabby. – Nunca.

– É mesmo?

– Por que você parece tão surpreso?

– Sei lá. Acho que... não consigo imaginá-la como alguém que sempre seguiu as regras. – Quando viu a expressão dela, Travis recuou. – Não me entenda mal. Só quis dizer que você me parece uma pessoa independente, sempre disposta a novas aventuras.

– Você não sabe nada sobre mim.

Assim que disse isso, lembrou-se de ter dito a mesma coisa a Stephanie. Preparou-se para o que viria a seguir. Travis mexeu em sua fruta com o garfo, distraído.

– Eu sei que você saiu de casa, que comprou uma casa própria, que está se virando sozinha. Para mim, isso significa independência. Quanto à aventura, você está aqui com um bando de estranhos, não é? Subiu de parapente e até superou o medo de tubarões ao deslizar pela água. Foram novos desafios. Acho isso admirável.

Gabby enrubesceu, gostando muito mais da resposta de Travis do que da de sua irmã.

– Pode ser – concordou –, mas não é como viajar ao redor do mundo sem rumo.

– Não se deixe enganar por isso. Você acha que eu não estava nervoso quando parti? Estava aterrorizado. Quer dizer, uma coisa é contar aos amigos o que você vai fazer, outra bem diferente é entrar no avião e aterrissar num país onde quase ninguém fala inglês. Você costuma viajar?

– Não muito. Fora uns feriados de verão que passei nas Bahamas, nunca saí do país. Aliás, pensando bem, eu fiquei só nas imediações da pousada, rodeada por estudantes americanos. Era como se estivesse na Flórida. – Fez uma pausa. – Para onde vai na sua próxima viagem?

– Nada muito extravagante dessa vez. Vou até Grand Tetons. Acampar, caminhar, fazer canoagem, essas coisas. Ouvi dizer que é maravilhoso e nunca estive lá.

– Você vai sozinho?

– Não – respondeu Travis. – Vou com o meu pai. Não vejo a hora.

Gabby fez uma careta.

– Nem consigo me imaginar fazendo uma viagem com meus pais.

– Por que não?

– Você teria que conhecê-los para entender.

Travis ficou esperando. No silêncio que se seguiu, ela afastou o prato e esfregou as mãos.

– Tudo bem – falou com um suspiro. – Primeiro, minha mãe é o tipo de mulher que acredita que ficar hospedada em um hotel com menos de cinco

estrelas é uma brutalidade. E meu pai? Acho que poderia imaginá-lo fazendo algo mais aventureiro, só que ele nunca mostrou interesse por mais nada além de pescar. Sem contar que ele não iria a lugar algum sem a minha mãe e, como ela tem os seus próprios conceitos, acho que a única coisa que eles fazem ao ar livre é jantar numa mesa na calçada. Com uma bela carta de vinhos e garçons a rigor, é claro.

– Parece que eles se amam muito.

– Você concluiu isso a partir do que eu *disse*?

– Isto e o fato de sua mãe não ser grande admiradora de espaços abertos. – A observação provocou uma risada.

– Eles devem se orgulhar muito de você.

– O que o leva a pensar isso?

– Por que não se orgulhariam?

Boa pergunta, pensou Gabby. Mas poderia enumerar algumas coisas.

– Tenho certeza de que minha mãe prefere as minhas irmãs. E acredite em mim... minhas irmãs não são nada parecidas com Stephanie.

– Está dizendo que elas sempre dizem as coisas certas?

– Não. Estou dizendo que elas são iguaizinhas à minha mãe.

– E isso significa que ela não pode se orgulhar de você?

Gabby deu uma mordida no hambúrguer, ganhando tempo antes de responder.

– É complicado – falou afinal.

– Como assim? – insistiu Travis.

– Uma das coisas é por eu ser ruiva. Todas as minhas irmãs são louras, como a minha mãe.

– E daí?

– E eu estou com 26 anos e continuo solteira.

– E daí?

– Nada disso se encaixa na imagem da filha ideal que ela quer. Minha mãe tem ideias bem definidas sobre o papel das mulheres, principalmente mulheres de certa posição social.

– Estou começando a ter a impressão de que você e sua mãe não se dão bem.

– *Começando*?

Por cima do ombro, Gabby viu Allison e Laird andando de mãos dadas pelo caminho em direção ao farol.

– Talvez ela sinta ciúme – comentou Travis. – Você está aqui, tocando a própria vida com seus próprios objetivos e sonhos que independem do mundo em que foi criada, o mundo que ela esperava que você habitasse... simplesmente por ser o mundo dela. É preciso coragem para fazer alguma coisa diferente, e talvez o que você considere ser uma decepção seja, na verdade, um respeito em um nível mais profundo, uma decepção com ela mesma.

Deu uma mordida no frango e esperou a reação dela. Gabby se sentiu desconcertada. Nunca havia considerado aquilo.

– Não é isso...

– Talvez não. Você já perguntou para ela?

– Se ela se sente decepcionada consigo mesma? Acho que não. E não me diga que você interpelaria os seus pais desse jeito, porque...

– Eu não faria isso – disse Travis. – De jeito nenhum. Só acho que seus pais estão muito orgulhosos de você mesmo que não saibam como demonstrar.

O comentário dele foi inesperado e a afetou de um jeito estranho. Chegando um pouco mais perto, Gabby disse:

– Não sei se você está certo, mas obrigada. Também não quero causar uma impressão equivocada. Quer dizer, nós nos falamos por telefone toda semana e nos damos bem. Só que às vezes eu gostaria que as coisas fossem diferentes. Adoraria que tivéssemos uma relação em que realmente quiséssemos ficar juntos.

Travis não comentou e Gabby se sentiu aliviada por ele não tentar oferecer um conselho ou sugestão. Quando falava sobre esses sentimentos com Kevin, seu primeiro instinto era se sair com um plano para mudar as coisas. Encolheu as pernas e enfiou as mãos entre os joelhos.

– Então... qual é a melhor coisa em ser veterinário?

– Os animais – respondeu Travis. – E as pessoas. Mas acho que era isso que esperava que eu dissesse, não é?

Ela pensou em Eva Bronson.

– A parte dos animais eu consigo entender...

Travis ergueu as mãos.

– Não me entenda mal. Com certeza eu lido com algumas pessoas muito parecidas com as que você tem que lidar.

– Você quer dizer gente insistente? Neurótica? Com tendências hipocondríacas? Em outras palavras, gente maluca?

– É claro. Muitos consideram os animais de estimação como membros da família. Se desconfiam que exista qualquer coisa de errado com eles, exigem um exame completo e trazem os bichos ao menos uma vez por semana, às vezes mais. Quase sempre não é nada, mas meu pai e eu temos um sistema montado para lidar com isso.

– O que vocês fazem?

– Colamos um papelzinho amarelo na ficha do animal. Assim, se a "Sra. Preocupação" chegar com o Pokie ou o Whiskers, a gente vê o papelzinho, faz um exame de rotina e diz que não vimos nada de errado, mas que gostaríamos de ver o cão ou gato em uma semana só para ter certeza. Como iriam trazer o bichinho de qualquer jeito, ajuda a entrarem e saírem do consultório mais depressa. E todo mundo fica feliz. Viramos os veterinários conscientes, e os donos ficam tranquilos porque os bichinhos estão bem, achando que tinham razão em se preocupar, pois queremos fazer um novo exame.

– Imagino como os médicos da minha clínica reagiriam se eu começasse a colar papeizinhos amarelos em algumas fichas.

– É tão ruim assim?

– Às vezes. Cada vez que algum programa de televisão identifica uma nova doença rara com sintomas específicos, a sala de espera se enche de crianças que apresentam os mesmos sintomas.

– Provavelmente eu agiria da mesma forma com o meu filho.

– Duvido. Você me parece mais o tipo de deixar para lá ou esquecer o assunto. Acho que não seria diferente como pai.

– Talvez você tenha razão – admitiu ele.

– Ah, tenho certeza.

– Porque me conhece?

– Ei! – exclamou Gabby. – Você e a sua irmã que começaram!

Os dois continuaram conversando por mais meia hora, de um jeito notavelmente familiar. Gabby falou mais sobre a mãe e o pai e suas personalidades opostas; contou um pouco sobre as irmãs e como era ser criada sob tanta pressão. Discorreu sobre os tempos de colégio e da faculdade, e relatou algumas lembranças das noites que passou em Beaufort antes de se mudar para a cidade. Mencionou Kevin só de passagem, o que a surpreendeu. Embora fosse uma parte importante de sua vida no momento, nem sempre tinha sido assim. De alguma forma, conversar com Travis a lembrou de que havia se tornado a mulher que era hoje muito antes de conhecer Kevin.

No decorrer da conversa, confessou suas ocasionais frustrações no trabalho, despejando as palavras de um jeito que não pretendia. Apesar de não ter mencionado o Dr. Melton, contou histórias sobre alguns pais que conhecera nas consultas. Não forneceu nenhum nome, mas às vezes Travis sorria de um jeito que indicava que sabia exatamente de quem ela estava falando.

Àquela altura, Megan e Liz já tinham recolhido boa parte da comida nos coolers. Laird e Allison haviam saído para dar uma volta. Matt, por outro lado, estava com metade do corpo enterrado pelas crianças na areia, que não tinham a coordenação necessária para evitar que as pás jogassem areia nos olhos dele, no nariz, na boca e nas orelhas.

Naquele momento, um frisbe pousou perto de Gabby e ela viu Joe se aproximando.

– Acho que chegou a hora de resgatarmos Matt – falou, apontando para o frisbe. – Está a fim?

– Está dizendo que eles precisam de distração?

Joe sorriu.

– Acho que não temos escolha.

Travis olhou para Gabby.

– Você me dá licença?

– Claro, vai nessa.

– Mas devo alertar... não vai ser muito bonito. – Ele se levantou e gritou na direção das crianças: – Ei, crianças? Estão prontos para ver o Campeão Mundial de Frisbe em ação?

– Estamos! – responderam em coro. Largaram as pás e correram na direção da água.

– Preciso ir – disse Travis. – Minha plateia está à espera.

Enquanto ele corria pela beira da água, Gabby observava seus movimentos e sentiu algo estranhamente semelhante à afeição.

Estar com Travis não era o que ela tinha imaginado. Não havia pretensão ou tentativas de impressionar. Ele parecia ter um sentimento intuitivo de quando ficar em silêncio ou responder. Era essa sensação de engajamento que a levou a embarcar em um relacionamento com Kevin no início. Não era apenas a excitação que sentia nas noites que passavam juntos; mais do que isso, ela ansiava pelos momentos tranquilos, quando ele pegava na mão dela com delicadeza e, juntos, caminhavam em um estacionamento em direção a um restaurante para jantar. Momentos em que era fácil pensar que desejava passar a vida com ele, momentos que depois ficaram cada vez mais raros.

Gabby refletia sobre isso enquanto Travis mergulhava para pegar o frisbe. Errando de propósito, ele deixou o disco atingi-lo no peito, e caiu no mar em uma dramática cascata de água. As crianças davam gritos de alegria, como se fosse a coisa mais engraçada que já haviam visto. Quando gritaram “Faz de novo, tio Travis!”, ele se pôs de pé com o mesmo exagero, deu três longos passos em câmera lenta e lançou o frisbe para Joe. Com uma expressão de chacota, assumiu a postura de um jogador de beisebol se preparando para o próximo lance. Piscou na direção das crianças e prometeu:

– Da próxima vez eu nem vou me molhar!

Arrematou o comentário com outra queda, provocando mais gritinhos de deleite. Ele gostava mesmo de brincar com as crianças, o que só aumentou o afeto de Gabby por ele. Ela ainda tentava entender sua reação quando ele finalmente saiu do mar e caminhou em sua direção, sacudindo a água do cabelo. Pouco depois, ele se sentou na areia ao lado dela e, quando

os dois se tocaram casualmente, Gabby teve um breve vislumbre dos dois sentados daquele jeito em centenas de outros fins de semana no futuro.

11

O resto da tarde pareceu reproduzir ao contrário os eventos da manhã. Eles ficaram mais uma hora na praia antes de recarregar o barco; no caminho de volta, cada casal subiu mais uma vez de parapente, só que Gabby subiu com Stephanie em sua segunda viagem. No fim da tarde, o barco parou próximo a um canal, onde Travis comprou camarões de um pescador local. Quando atracaram nos fundos da casa, as três crianças dormiam profundamente e os adultos estavam contentes e de cabelos desgrenhados, os rostos bronzeados por horas ao sol.

Assim que o barco foi descarregado, os casais partiram um a um, até restarem apenas Gabby, Stephanie e Travis. Ele estava no atracadouro com Moby; já tinha estendido o paraquedas para secar e lavava o barco com uma mangueira de jardim.

Stephanie se espreguiçou.

– Acho que também já vou. Hoje tenho um jantar com os meus pais. Eles ficam magoados se venho aqui e não passo um tempo com eles. Sabe como é... Deixa eu me despedir do Travis.

Gabby aquiesceu, observando letárgica quando Stephanie se apoiou no balaústre do deque.

– Ei, Trav! – gritou Stephanie. – Estou indo embora. Obrigada pelo dia!

– Foi um prazer – respondeu ele com um aceno.

– Talvez seja bom pôr algo na churrasqueira. Gabby acabou de dizer que está com fome!

A letargia de Gabby se dissipou de repente e Travis fez um sinal de positivo com a mão antes de ela conseguir dizer qualquer coisa.

– Vou preparar a churrasqueira em um minuto! – gritou. – Assim que eu acabar aqui.

Stephanie passou saracoteando por Gabby, claramente feliz com seu estratagema social.

– Por que disse isso? – sussurrou Gabby.

– Porque vou ficar com os meus pais e não quero que o coitado do meu irmão passe o resto da noite sozinho. Ele gosta de ter gente por perto.

– E se eu quisesse ir para casa?

– Quando ele voltar, diga que mudou de ideia. Ele não vai ligar. Só queria dar a você alguns minutos para pensar a respeito, pois garanto que ele ia convidá-la de qualquer forma. – Jogou a sacola no ombro. – Ei, foi muito bom conhecê-la. Você costuma passar por Raleigh?

– Às vezes – respondeu Gabby, ainda abalada pelo que havia acontecido e sem saber se ficava agradecida ou brava com Stephanie.

– Ótimo. Podemos almoçar qualquer dia. Até poderíamos fazer um brunch amanhã, mas preciso voltar logo. – Tirou os óculos escuros e limpou as lentes com a camiseta. – A gente se vê?

– Claro – respondeu Gabby.

Stephanie entrou pela porta dos fundos e desapareceu dentro da casa, a caminho da porta de saída. Àquela altura, Travis voltava do atracadouro, com Moby pulando feliz ao seu lado. Pela primeira vez ele tinha vestido uma camisa de manga curta, mas a mantinha desabotoada.

– Um segundo para acender o carvão. Camarão na grelha, certo?

Gabby hesitou por um instante, antes de perceber que era isso ou voltar para um jantar de micro-ondas em casa, um programa de TV entediante e não conseguir esquecer o que tinha sentido quando viu Travis brincando com as crianças na beira d'água.

– Só preciso de uns minutos para trocar de roupa.

Enquanto Travis acendia o carvão, Gabby foi dar uma olhada em Molly e encontrou-a dormindo profundamente com os filhotes.

Tomou um banho rápido antes de vestir uma saia leve de algodão e uma blusa. Depois de secar o cabelo, ficou na dúvida se deveria colocar maquiagem, e acabou se decidindo por um pouco de rímel. O sol tinha dado cor ao seu rosto e, quando ela se afastou do espelho, lhe ocorreu que fazia anos que não jantava com outro homem além de Kevin.

Poderia dizer a si mesma que aquilo era apenas uma continuação do dia ou que tinha sido levada àquele jantar por Stephanie, mas Gabby sabia que nenhuma das duas coisas era totalmente verdadeira.

Ainda assim, será que sua decisão de jantar com Travis era algo pelo qual deveria se sentir culpada ou talvez até esconder de Kevin? Seu primeiro impulso era insistir que não havia razão para *não* contar ao namorado. O dia transcorrera inocentemente. Na verdade, ela passara mais tempo com Stephanie que com Travis. Então, qual era o problema?

Agora você vai jantar sozinha com ele, é claro, sussurrou a voz da consciência.

Mas isso era mesmo um problema? Stephanie tinha razão: estava com fome de novo e o vizinho tinha comida. Uma simples necessidade humana. Não implicava dormir com ele. Não havia intenção de beijá-lo. Eram amigos, só isso. E se Kevin estivesse aqui, Travis também o teria convidado.

Mas Kevin não está aqui, insistiu a voz. *Você vai contar sobre o seu jantar a dois?*

– Sem dúvida. Vou contar, sem dúvida – murmurou Gabby, tentando aplacar a voz. Havia ocasiões em que ela realmente a odiava, pois soava como a mãe dela.

Decidida, olhou-se no espelho pela última vez e, contente com o resultado, saiu pela porta do quintal e atravessou o gramado.

Quando Gabby passou pela sebe e apareceu na extremidade do quintal, Travis percebeu sua chegada com o canto dos olhos e aguardou enquanto ela se aproximava. Quando Gabby subiu no deque, ele sentiu uma estranha mudança no clima.

– Oi – cumprimentou ela. – Ainda falta muito para o jantar?

– Uns dois minutos – respondeu Travis. – Você foi pontual.

Gabby olhou para os camarões descascados e as cores vivas das cebolas e pimentões. Como que sincronizado, seu estômago roncou.

– Uau – murmurou, torcendo para que ele não tivesse ouvido. – Isso está lindo.

– Quer beber alguma coisa? – Apontou para o outro lado do deque. – Acho que ainda tem cerveja e refrigerante no cooler.

Ao atravessar o deque, Travis tentou ignorar a delicadeza com que ela gingava os quadris, cogitando o que estava acontecendo com ele. Viu quando Gabby abriu a tampa, enfiou a mão no cooler e tirou duas cervejas. Quando ela lhe entregou uma, Travis sentiu os dedos dela roçarem nos seus. Abriu a garrafa e deu um longo gole, olhando para ela enquanto bebia. Em silêncio, Gabby admirava o rio. Pairando acima das árvores, o sol continuava a brilhar, mas o calor tinha diminuído e as sombras se alongavam gradualmente pelo gramado.

– Foi por isso que eu comprei essa casa – disse Gabby, quebrando o silêncio. – Por causa dessa vista.

– É maravilhosa, não é? – Travis percebeu que olhava para ela enquanto falava. Pigarreou. – Como está Molly?

– Parece muito bem. Estava dormindo quando cheguei. – Olhou ao redor. – Onde está Moby?

– Acho que saiu. Ficou entediado com minha atividade na cozinha quando percebeu que não ia ganhar nenhuma sobra.

– Ele come camarão?

– Ele come tudo.

– Muito seletivo – comentou ela com uma piscadela. – Posso ajudar em alguma coisa?

– Acho que não. A não ser que queira pegar alguns pratos na cozinha.

– Com todo prazer. Onde eles estão?

– No armário ao lado da pia. Ah, e o abacaxi também. Em cima da bancada. E a faca também deve estar lá.

– Já volto.

– Pode trazer uns talheres também? Na gaveta perto da pia.

Assim que Gabby entrou na casa, Travis começou a refletir sobre ela. Definitivamente algo nela despertava seu interesse. Não apenas por ser atraente; mulheres bonitas existiam em todo lugar. Havia alguma coisa em sua inteligência direta e humor espontâneo que sugeria um sentido de certo e errado bem embasado. Beleza e bom senso eram uma rara combinação, ainda que duvidasse que ela visse isso em si mesma.

Quando Gabby voltou, os camarões estavam prontos. Travis serviu os pratos com algumas fatias de abacaxi e os dois se sentaram à mesa. Ao lado, o riacho tranquilo refletia o céu como um espelho, a imobilidade rompida apenas por um bando de estorninhos que passou voando.

– Está delicioso – comentou Gabby.

– Obrigado.

Tomou um gole de cerveja e apontou para o barco.

– Você vai sair amanhã outra vez?

– Acho que não. Provavelmente vou pegar a estrada.

– De carro?

Travis fez que não com a cabeça.

– De moto. Quando eu estava na faculdade, comprei uma velha Honda Shadow 1983 pensando em restaurar e vender. Digamos que isso não aconteceu e duvido que teria dado lucro. Mas fiz todo o trabalho sozinho.

– Deve ter sido gratificante.

– Talvez *sem sentido* seja uma definição melhor. Não é muito prático, pois a moto vive quebrando e é quase impossível encontrar peças originais. Mas não é esse o preço que se paga para ter um clássico?

A cerveja estava descendo com facilidade e Gabby deu outro gole.

– Não faço ideia. Não troco nem o óleo do carro.

– Você já andou de moto?

– Não. É muito perigoso.

– O perigo depende mais do motociclista e das condições da moto.

– Você não disse que a sua costuma quebrar?

– É verdade, mas eu gosto de viver perigosamente.

– Já percebi.

– E isso é bom ou ruim?

– Nem uma coisa nem outra. Mas sem dúvida é imprevisível. Principalmente quando tento conciliar com o fato de você ser veterinário. É uma profissão que parece tão estável. Quando penso num veterinário, penso em um homem de família, com uma mulher de avental, filhos indo ao dentista e tudo o mais.

– Em outras palavras: um chato. Como se a coisa mais arriscada que eu pudesse fazer é jogar golfe.

Ela pensou em Kevin.

– Existem coisas piores.

– Só para você saber, eu *sou* um homem de família. – Deu de ombros. – Só falta a família.

– Mas isso é um pré-requisito, não acha?

– Acho que ser um homem de família sugere ter uma visão de mundo adequada, e não apenas a condição real de ter uma família.

– Bela tentativa – retrucou ela, sentindo os efeitos da cerveja. – Acho que não consigo imaginar você casado. De alguma forma não combina. Você parece mais o tipo que sai com várias mulheres, um solteirão convicto.

– Você não é a primeira a me dizer isso. Aliás, eu diria que você passou tempo de mais ouvindo meus amigos hoje.

– Todos foram muito elogiosos.

– É por isso que eu os levo para passear de barco.

– E Stephanie?

– Stephanie é um enigma, mas também é minha irmã. O que posso fazer? Como falei, sou um homem de família.

– Por que eu tenho a sensação de que você está querendo me impressionar?

– Talvez esteja. Mas fale mais sobre o seu namorado. Ele também é um homem de família?

– Não é da sua conta – respondeu Gabby.

– Tudo bem, então não diga nada. Pelo menos por enquanto. Então me conte sobre sua infância em Savannah.

– Eu já contei sobre a minha família. O que mais preciso dizer?

– Qualquer coisa.

Gabby hesitou.

– Fazia calor no verão. Muito calor. E era úmido também.

– Você é sempre tão vaga?

– Acho que um pouco de mistério torna tudo mais interessante.

– Seu namorado também acha isso?

– Meu namorado me conhece.

– Ele é alto?

– Que diferença faz?

– Nenhuma. Só estou puxando conversa.

– Então vamos conversar sobre outra coisa.

– Tudo bem. Você já surfou alguma vez?

– Não.

– Mergulho?

– Não.

– Que pena.

– Por quê? Porque não sei o que estou perdendo?

– Não – respondeu Travis. – Porque agora que os meus amigos estão casados e têm filhos, preciso encontrar alguém para me acompanhar nessas atividades.

– Você sabe se divertir muito bem sozinho. Pratica *wakeboard* e jet-ski assim que sai do trabalho.

– Existem mais coisas na vida além disso. Parapente, por exemplo.

Gabby riu e Travis também, e ela percebeu que gostava do som da risada dele.

– Tenho uma pergunta a respeito da faculdade de veterinária – disse Gabby sem uma razão explícita, deixando de se importar com a direção da conversa. Era agradável simplesmente se sentir relaxada, aproveitar a companhia de Travis. Ela ficava à vontade. – Eu sei que é bobagem, mas

sempre imaginei quanto de anatomia é preciso estudar. Com tantas espécies de animais diferentes.

– Só as principais – respondeu Travis. – Vaca, cavalo, porco, cão, gato e galinha.

– E você precisa saber bastante de cada uma?

– Em termos de anatomia, sim.

Gabby pensou um pouco.

– Uau. E eu pensei que era difícil saber só sobre gente.

– É, mas veja uma coisa: as pessoas não vão me processar se a galinha delas morrer. Sua responsabilidade é muito maior, principalmente por lidar com crianças. – Fez uma pausa. – E aposto que você se dá muito bem com elas.

– Por que diz isso?

– Você tem uma aura de delicadeza e paciência.

– Acho que você pegou sol de mais hoje.

– É provável – concordou Travis, apontando para a garrafa dela e se levantando. – Quer mais uma?

Ela nem tinha percebido que terminara a primeira.

– Acho melhor não.

– Não vou contar para ninguém.

– A questão não é essa. Não quero passar uma impressão errada.

– Duvido que isso seja possível.

– Acho que meu namorado não ia gostar.

– Então é bom que ele não esteja aqui, não é? Além do mais, só estamos nos conhecendo melhor. O que há de errado nisso?

– Tudo bem. – Ela soltou um suspiro. – Mas é a última.

Travis trouxe mais duas garrafas e abriu a dela. Assim que tomou um gole, Gabby ouviu a voz interior sussurrando: *Você não devia estar fazendo isso*.

– Você ia gostar dele – falou, tentando estabelecer alguns limites. – É uma ótima pessoa.

– Tenho certeza disso.

– E, sim, respondendo sua pergunta anterior, ele é alto.

– Achei que você não quisesse falar dele.

– E não quero. Só quero que saiba que eu o amo.

– Amor é uma coisa maravilhosa. Faz a vida valer a pena. Eu amo estar apaixonado.

– Dito por um homem com muita experiência. Mas tenha em mente que o verdadeiro amor dura para sempre.

– Os poetas diriam que o verdadeiro amor sempre acaba em tragédia.

– E você é poeta?

– Não, só estou repetindo o que dizem. Também não estou dizendo que concordo. Assim como você, sou mais o tipo romântico de final feliz. Meus pais ainda estão casados e é isso que eu quero ter um dia.

Gabby não pôde deixar de pensar que Travis era muito bom nesses jogos de sedução. Depois se lembrou de que era por ter muita prática. Mesmo assim, tinha que admitir que havia algo de elogioso na atenção dele, mesmo que Kevin não aprovasse aquela situação.

– Sabe que eu quase comprei a sua casa? – disse Travis.

Ela balançou a cabeça, surpresa.

– Estava à venda na mesma época em que a minha. Gostei mais do interior da sua, mas esta já tinha o deque, a casa de barcos e um guincho. Foi uma escolha difícil.

– E agora você tem até hidromassagem.

– Você gosta? – Travis ergueu a sobrancelha. – A gente pode entrar mais tarde quando o sol se pôr.

– Eu não trouxe maiô.

– Maiôs são opcionais, é claro.

Gabby revirou os olhos, tentando ignorar o tremor que percorreu seu corpo.

– Acho melhor não.

Travis se espreguiçou, parecendo contente consigo mesmo.

– Que tal só molhar os pés, então?

– Isso eu consigo fazer.

– Já é um começo.

– E um fim.

– Nem precisa dizer.

Do outro lado do rio, o pôr do sol pintava o céu com uma paleta de cores que se estendia pelo horizonte. Travis puxou uma cadeira mais para perto e apoiou os pés nela. Gabby observava a água, experimentando uma sensação de bem-estar que não sentia havia muito tempo.

– Conte sobre sua viagem à África – falou. – É tão outro mundo quanto parece?

– Para mim foi – respondeu ele. – Continuo querendo voltar. Como se alguma coisa nos meus genes tivessem reconhecido a própria origem, mesmo tendo visto muito pouca coisa lá que me lembrasse do mundo de onde eu vinha.

– Você viu algum leão ou elefante?

– Muitos.

– E foi incrível?

– Nunca vou esquecer.

Gabby ficou um momento em silêncio.

– Que inveja.

– Pois faça essa viagem. E se fizer, não deixe de ir às Cataratas de Vitória. É o lugar mais fantástico que já vi. Os arco-íris, a névoa... É como se a gente estivesse na beira do mundo.

Gabby abriu um sorrido sonhador.

– Quanto tempo você ficou lá?

– Em qual das vezes?

– Quantas vezes você esteve lá?

– Três.

Gabby tentou imaginar como seria ter uma vida tão livre, mas por alguma razão não conseguiu.

– Fale sobre todas elas.

Os dois conversaram por muito tempo e o crepúsculo deu lugar à noite. As descrições dos lugares e das pessoas eram vívidas e detalhadas, fazendo-a se sentir como se estivesse ao lado dele. Em um momento, Gabby considerou quantas vezes, e com quantas mulheres, ele tinha partilhado essas histórias. No meio da conversa, ele se levantou da mesa e foi buscar

duas garrafas de água, respeitando a decisão dela. Aquela atenção aumentou ainda mais sua já crescente afeição por Travis. Mesmo sabendo que era errado, por alguma razão não conseguia interromper aquilo.



Quando enfim levaram os pratos para a casa, estrelas brilhavam no céu. Enquanto Travis os lavava, Gabby fez um tour pela sala de estar, surpreendendo-se com quanto era organizada para o lar de um solteiro. O mobiliário era confortável e estiloso, sofás de couro marrom, mesinhas de nogueira e abajures de latão. A sala estava bem-arrumada, mas não de forma obsessiva. Revistas estavam empilhadas de forma aleatória na mesa e Gabby viu uma fina camada de poeira no aparelho de som, o que nem lhe pareceu reprovador. Em vez de obras de arte, havia pôsteres de filmes na parede, que refletiam o gosto eclético de Travis: *Casablanca* numa parede, *Duro de matar* em outra, bem ao lado de *Esqueceram de mim*. Ouviu a água parar de correr e Travis entrou na sala.

Gabby abriu um sorriso.

– Está pronto para molhar os pés?

Os dois saíram na direção da banheira de hidromassagem. Travis entrou primeiro enquanto Gabby tirava as sandálias; pouco depois, os dois estavam sentados um ao lado do outro, balançando os pés na água. Gabby olhava para cima, traçando imagens no céu.

– No que está pensando? – perguntou Travis.

– Nas estrelas – respondeu ela. – Comprei um livro sobre astronomia e estou tentando ver se me lembro de alguma coisa.

– E está?

– Só das coisas mais óbvias. – Apontou para a casa. – Subindo dois punhos a partir da chaminé, você pode ver o cinturão de Órion. Betelgeuse fica no ombro esquerdo de Órion, e Rígel é o nome do pé dele. Ele tem dois cães de caça. Aquela estrela mais brilhante é Sirius, que faz parte do Cão Maior, e Procyon faz parte do Cão Menor.

Travis localizou o cinturão de Órion, mas não conseguiu distinguir as outras, apesar de seguir as instruções dela.

– Não sei se estou conseguindo ver essas duas.

– Eu também não. Só sei que elas estão ali.

Travis apontou por cima do ombro.

– Eu consigo ver a Ursa Maior bem ali. É a única que sempre consigo encontrar.

– Sabe que a figura de um urso está associada àquela constelação desde a Idade do Gelo?

– Não, não sabia.

– Eu adoro esses nomes, mesmo sem conseguir ver as constelações ainda. Cães de Caça, Cabeleira de Berenice, as Plêiades, Áquila, Cassiopeia... são nomes tão musicais.

– Suponho que seja seu novo passatempo.

– Está mais para uma empolgação soterrada pela falta de tempo e pela rotina, mas li muito sobre o assunto por uns dois dias.

Ele riu.

– Pelo menos você é honesta.

– Conheço minhas limitações. Mesmo assim, queria saber mais sobre o tema. Quando estava no oitavo ano, tive um professor que adorava astronomia. Tinha um jeito de ensinar muito especial.

– O que ele dizia?

– Que contemplar as estrelas era como voltar no tempo, já que algumas estão tão longe que a luz leva milhões de anos para chegar até nós. Que não vemos as estrelas como elas são agora, mas como eram quando os dinossauros andavam pela Terra. O conceito em si me pareceu... fantástico, de certa forma.

– Deve ter sido um ótimo professor.

– Era mesmo. E aprendemos bastante, apesar de eu ter esquecido quase tudo. Mas a sensação de espanto ainda persiste. Quando olho para o céu, sei que alguém estava fazendo exatamente a mesma coisa milhares de anos atrás.

Travis a observava, encantado com o som da voz dela no escuro.

– E o mais estranho – continuou Gabby – é que, apesar de sabermos muito mais sobre o universo, as pessoas hoje sabem menos que nossos ancestrais sobre o céu. Mesmo sem telescópios e conhecimentos de matemática, sem saber que a Terra era redonda, eles usavam as estrelas para navegar, procuravam os céus em busca de constelações específicas para saber quando plantar seus grãos e aprenderam a prever eclipses! Isto me faz refletir sobre como era se orientar tão fielmente pelas estrelas. – Perdida em pensamentos, ela ficou em silêncio por um longo tempo. – Desculpe. Provavelmente estou deixando você com sono.

– De jeito nenhum. Aliás, nunca mais vou pensar nas estrelas da mesma maneira.

– Você está zombando de mim.

– Não, não estou – disse Travis com seriedade.

Seus olhares se encontraram. Gabby teve a súbita sensação de que ele ia beijá-la e virou-se depressa. Naquele momento, ela ouviu o som dos sapos coaxando no charco e dos grilos cantando nas árvores. A lua havia chegado ao seu ápice, lançando um brilho tremeluzente ao redor. Gabby mexeu os pés na água, nervosa, sabendo que deveria ir embora.

– Acho que meus pés estão ficando enrugados – falou.

– Quer que eu pegue uma toalha?

– Não, tudo bem. Mas acho que eu devia ir embora. Está ficando tarde.

Travis se levantou e estendeu a mão para ajudá-la. Quando Gabby a segurou, sentiu o calor e a força da mão dele.

– Eu a acompanharei.

– Acho que eu sei o caminho.

– Só até os arbustos, então.

Quando chegou à mesa, Gabby pegou as sandálias e avistou Moby vindo na direção deles. Balançando a língua e todo contente, alcançou-os no momento em que desciam no gramado. O cachorro andou ao redor deles antes de partir para a água, como se tivesse verificado que não havia nada escondido. Parou e cavou o chão com as patas dianteiras, depois partiu em outra direção.

– Moby é um cachorro de entusiasmo e curiosidade sem limites – observou Travis.

– Meio como você.

– Mais ou menos. Só que eu não rolo em vísceras de peixe.

Ela sorriu. A grama estava macia sob seus pés.

– Tive um dia maravilhoso hoje – disse Gabby. – E uma noite também.

– Eu também. E obrigado pela aula de astronomia.

– Vou fazer melhor da próxima vez. Vou deixar você ofuscado com meus conhecimentos estelares.

Travis soltou uma risada.

– Belo trocadilho. Inventou agora?

– Não, também é coisa do meu professor. Era o que costumava dizer quando a aula estava acabando.

Travis passou o peso de uma perna para a outra e olhou mais uma vez para Gabby.

– O que você vai fazer amanhã?

– Nada de mais. Preciso ir ao supermercado. Por quê?

– Quer ir comigo?

– Na sua motocicleta?

– Quero lhe mostrar uma coisa. Vai ser divertido... garanto. Vou até levar o almoço.

Gabby hesitou. Era uma pergunta simples e ela sabia qual deveria ser a resposta, principalmente se quisesse manter sua vida sem complicações. *Acho que não é uma boa ideia*, era o que deveria dizer.

Pensou em Kevin e na culpa que sentira minutos atrás, sobre a escolha que tinha feito ao se mudar para lá. Mas a despeito daquelas coisas, ou talvez até por causa delas, ela começou a sorrir.

– Pode ser – respondeu. – A que horas?

Se Travis ficou surpreso com a resposta dela, não deixou transparecer.

– Que tal às onze? Vou dar uma colher de chá para você dormir mais.

Ela levou a mão ao cabelo.

– Bom, obrigada mais uma vez...

– Sim, também agradeço. A gente se vê amanhã.

Por um momento, Gabby pensou que Travis ia simplesmente se virar e ir embora. Mas seus olhos se encontraram mais uma vez e, antes que ela percebesse, ele pôs a mão em seu quadril e a puxou. Ele a beijou e levou um instante para que o cérebro de Gabby percebesse o que estava acontecendo antes de se afastar.

– O que está fazendo? – arquejou.

– Não resisti. – Travis deu de ombros, parecendo não ter a menor intenção de se desculpar. – Só me pareceu a coisa certa a fazer.

– Você sabe que eu tenho namorado! – disse Gabby, ciente de que no fundo não estava descontente com o beijo nem se detestando por isso.

– Desculpe se a deixei numa situação desconfortável – disse Travis.

– Tudo bem – respondeu ela, erguendo os braços para mantê-lo longe. – Vamos esquecer isso. Mas não vai acontecer de novo, certo?

– Certo.

– Certo – repetiu Gabby, de repente querendo ir para casa. Não deveria ter se exposto tanto. Sabia o que estava prestes a acontecer, chegou a se alertar sobre isso, e com certeza tinha razão.

Virou-se e passou pela sebe, ofegante. Ele a tinha beijado! Ainda não conseguia acreditar. Apesar de pretender ir direto para a porta, para mostrar quanto estava decidida sobre não querer que aquilo acontecesse de novo, Gabby deu uma olhada por cima do ombro e se sentiu mortificada ao perceber que Travis a tinha visto. Ele acenou tranquilo.

– A gente se vê amanhã – falou.

Gabby não se deu ao trabalho de responder, já que não havia razão para isso. A expectativa do que poderia acontecer no dia seguinte a deixava aterrorizada. Por que ele teve que arruinar tudo? Por que não poderiam ser simplesmente vizinhos e amigos? Por que tinha que terminar desse jeito?

Fechou a porta de correr e foi direto para o quarto, fazendo o possível para controlar a raiva. Deveria ter funcionado, não fossem as pernas trêmulas e o coração batendo forte, além da perene sensação de que Travis Parker a achava desejável o suficiente para querer beijá-la.

12

Travis esvaziou o cooler quando Gabby saiu. Em seguida, querendo passar algum tempo com Moby, pegou a bola de tênis. Mas, assim que começou o conhecido jogo de buscar a bola, seus pensamentos se voltaram para Gabby. Enquanto Moby corria pelo quintal, Travis não conseguia afastar a lembrança do jeito como ela fechava os olhos quando sorria ou da empolgação em sua voz quando apontava para as estrelas. De repente, estava divagando sobre a relação dela com o namorado. Não tinham falado muito sobre ele, o que só atiçava mais sua curiosidade.

Não havia dúvida quanto ao seu interesse por ela, mas era estranho. Pelo seu histórico, Travis costumava desejar mulheres mais delicadas ou sensíveis. No entanto, quando a provocava, Gabby reagia com novas provocações; quando forçava os limites, ela não tinha problema em colocá-lo no devido lugar.

Gostava de sua natureza determinada, seu autocontrole, sua autoconfiança e, em especial, do fato de Gabby não parecer consciente dessas qualidades. O dia todo parecia ter sido uma espécie de dança em que se revezavam na condução, largando, segurando, girando. Ficou pensando se uma dança desse tipo poderia continuar para sempre.

Esse tinha sido um dos problemas de suas relações passadas. Mesmo nos estágios iniciais, todas sempre foram unilaterais. Ele acabava tomando a maior parte das decisões sobre o que fazer ou comer, à casa de quem ir ou

a qual filme assistir. Essa parte não o incomodava; o problema era que, com o passar do tempo, essa unilateralidade começava a definir tudo no relacionamento, o que o fazia se sentir como se saísse com uma subordinada, e não uma parceira. Era de fato um incômodo.

Era estranho que nunca tivesse pensado em suas relações anteriores sob essa ótica. Na verdade, não pensava. Os momentos com Gabby o fizeram questionar o que estava perdendo. Repassou suas conversas com ela na cabeça, percebendo que desejava mais dela. *Não deveria tê-la beijado*, pensou com um acesso de ansiedade atípico. Fora longe demais. Mas agora só podia esperar e torcer para que Gabby não mudasse de ideia a respeito de sair com ele no dia seguinte. O que poderia fazer? Nada. Absolutamente nada.



– Então, como foi? – perguntou Stephanie.

Meio entorpecido na manhã seguinte, Travis mal conseguiu abrir os olhos.

– Que horas são?

– Nem sei. Mas ainda é cedo.

– Por que está me ligando?

– Porque quero saber como foi o jantar com a Gabby.

– Já amanheceu?

– Não mude de assunto. Conte logo.

– Você está sendo terrivelmente enxerida.

– Eu sou uma garota enxerida. Mas não se preocupe, você já me deu a resposta.

– Eu não disse nada.

– Exatamente. Você vai se encontrar com ela hoje também?

Travis afastou o telefone e olhou para o aparelho, conjeturando como sua irmã sempre parecia saber de tudo.

– Steph...

– Diga que eu mandei um oi. Agora eu preciso desligar. Obrigada por me manter informada.

E desligou antes que ele tivesse chance de responder.



O primeiro pensamento de Gabby ao acordar foi que gostava de se considerar uma pessoa decente. Desde a infância, ela sempre tentou seguir as regras. Mantendo o quarto arrumado, estudando para as provas, fazendo o melhor para se comportar bem com os pais.

Não era o beijo da noite anterior que a fazia duvidar da própria integridade. Ela não teve nada a ver com aquilo. E até que o dia tinha sido inocente – ela não teria problema nenhum em falar sobre aquilo com Kevin. Não, a culpa dela era o resultado de ter aceitado jantar com Travis. Se tivesse sido honesta consigo mesma, teria antecipado as intenções dele e evitado a situação. Em que estava pensando?

Quanto a Kevin... Conversar com ele não tinha surtido grande efeito para apagar suas lembranças.

Ligara para Kevin quando voltou para casa. Enquanto ouvia o toque do celular, rezava para que ele não detectasse a culpa em seu tom de voz. Mas não houve problema; afinal, os dois mal conseguiam se ouvir, pois quando atendeu ele estava numa boate.

– Oi, querido – falou. – Eu só liguei para...

– Oi, Gabby! – interrompeu Kevin. – Aqui está muito barulhento, fale mais alto!

Ele gritou tanto que Gabby teve que afastar o fone do ouvido.

– Deu para perceber.

– O quê?

– Eu disse que está o maior barulho! – gritou Gabby. – Está se divertindo?

– Eu quase não consigo ouvir! O que disse?

No fundo, ouviu uma voz de mulher perguntando se ele queria mais uma vodca com tônica. A resposta de Kevin se perdeu na cacofonia.

– Onde você está?

– Não sei exatamente o nome. É uma boate!

– Que espécie de boate?

– Um lugar onde os caras queriam ir! Só isso!

– Ainda bem que você está se divertindo.

– Pode falar!

– Eu só queria conversar. Estou com saudade.

– Sim, eu também, mas estarei de volta daqui a alguns dias! Mas, escute...

– Eu sei, eu sei... Você precisa desligar.

– Ligo para você amanhã, ok?

– Claro.

– Eu amo você!

– Eu também amo você.

Gabby desligou, chateada. Só queria falar com ele, mas deveria ter pensado melhor. Essas convenções costumavam transformar homens adultos em adolescentes. Já tinha visto isso acontecer na convenção médica de que tinha participado em Birmingham, alguns meses antes. Durante o dia, os encontros eram cheios de doutores sérios e compenetrados; à noite, ela via pela janela do hotel os mesmos profissionais saírem em grupos, beberem demais e se transformarem em perfeitos imbecis. Nada de errado nisso. Nem por um momento acreditou que Kevin estivesse aprontando ou fazendo qualquer coisa de que pudesse se arrepender.

Como beijar outra pessoa, por exemplo?

Saiu de baixo das cobertas, desejando não ter pensado no assunto. Não queria relembrar a pressão da mão de Travis ou a maneira como sentiu os quadris dele no próprio corpo. Muito menos da faísca que a percorreu naquele momento. Mas, quando se encaminhou para o chuveiro, algo mais começou a atormentá-la, algo que não conseguia definir muito bem. Ao abrir a torneira, começou a se perguntar se, no breve instante em que aconteceu, ela tinha retribuído o beijo.

Incapaz de voltar a dormir depois do telefonema de Stephanie, Travis saiu para correr. Depois, jogou a prancha de surfe na traseira do utilitário e atravessou a ponte para Bogue Banks. Parou no estacionamento do Sheraton Hotel, tirou a prancha e partiu para a água. Não estava sozinho; uma dezena de outros surfistas teve a mesma ideia e Travis acenou para os poucos que reconheceu. Sabia que a maioria não ia ficar por muito tempo; as melhores ondas chegavam cedo e se acalmariam assim que a maré mudasse. Ainda assim, era a melhor forma de começar o dia.

A água estava gelada – dali a um mês estaria quase perfeita – e Travis remou com as mãos na marola, tentando entrar no ritmo. Não era um grande surfista, sabia disso, mas entendia o suficiente para se divertir. Em Bali, tinha visto algumas ondas monstruosas e balançou a cabeça, sabendo que provavelmente morreria se tentasse entrar em uma.

Laird era o outro surfista em seu grupo de amigos, mas já não saía para surfar com Travis havia anos. Duas de suas ex-namoradas, Ashley e Melinda, tinham surfado com ele algumas vezes no passado, mas eles nunca se encontravam no momento certo, o que deixava a manhã meio confusa. Além disso, como de hábito, a iniciativa de sugerir a atividade partia sempre dele.

Travis percebeu que se sentia um pouco desapontado consigo mesmo por escolher sempre o mesmo tipo de mulher, uma atrás da outra. Não admira que Allison e Megan gostassem de pegar no pé dele. Devia ser como assistir à mesma peça com diferentes atores, mas sempre com o mesmo desfecho. Deitado na prancha, observando as ondas se aproximarem, percebeu que a mesma característica que o atraía nas mulheres – a necessidade de serem cuidadas – era o motivo para o fim do relacionamento. Como era mesmo? Se você se divorcia uma vez, pode ter razão em dizer que o problema era da ex. Mas três vezes? Bom, rapaz, aí o problema definitivamente está em você. Tudo bem que ele nunca tinha se divorciado, mas a situação era equivalente.

Atrás dele surgiu uma onda que parecia promissora, e Travis começou a remar com mais força, manobrando para se posicionar o melhor possível. Apesar do dia glorioso e dos prazeres do mar, ele não podia fugir da verdade: o que realmente queria era passar o maior tempo que pudesse com Gabby.



– Bom dia – disse Kevin ao telefone, no momento em que Gabby se preparava para sair.

– Ah, oi – respondeu ela. – Tudo bem?

– Tudo. Eu queria pedir desculpas por ontem à noite. Queria ter ligado quando voltei para o hotel, mas já era muito tarde.

– Não tem problema. Pareceu que você estava se divertindo.

– Foi menos emocionante do que imagina. A música estava tão alta que meus ouvidos estão zumbindo até agora. Nem sei por que acabei indo com aqueles caras. Devia ter calculado o tamanho da encrenca quando eles começaram a tomar uma dose depois da outra logo após o jantar, mas alguém tinha que cuidar deles.

– E você deve ter sido o modelo de sobriedade.

– Claro que sim – respondeu ele. – Você sabe que eu não bebo muito. O que significa, claro, que vou arrasar todo mundo hoje no torneio de golfe. Eles vão estar com tanta ressaca que nem vão conseguir acertar a bolinha.

– Eles quem?

– Uns corretores de Charlotte e Columbia. Do jeito que estavam se comportando, parecia que não saíam há anos.

– Talvez fosse o caso mesmo.

– É, bem... – Gabby ouviu um farfalhar e imaginou que ele estivesse se vestindo. – E você? O que andou fazendo?

Ela hesitou.

– Nada de importante.

– Gostaria que tivesse vindo comigo. Teria sido muito mais divertido com você aqui.

– Você sabe que eu não podia faltar ao trabalho.

– Eu sei. Só queria dizer isso. Vou tentar ligar mais tarde, ok?

– Claro, mas talvez eu não esteja aqui.

– Ah, como está Molly?

– Está bem.

– Talvez eu fique com um desses filhotes. Eles são uma gracinha.

– Você só está tentando ver o lado bom dessa história.

– É o único lado que vale a pena ver. Andei pensando, talvez a gente possa ir a Miami num feriado prolongado no outono. Um dos sujeitos com quem conversei acabou de voltar de South Beach e disse que tem uns campos de golfe fantásticos por lá.

Gabby fez uma pausa.

– Alguma vez você já pensou em ir à África?

– África?

– É. Fazer uma viagem, participar de um safári, conhecer as Cataratas de Vitória? Se não a África, algum lugar na Europa, como a Grécia?

– Na verdade, não. Mesmo que eu quisesse, não poderia ficar tanto tempo de folga. O que fez você pensar nisso?

– Nada. Deixa para lá – respondeu Gabby.

Enquanto ela estava ao telefone, Travis chegou e bateu à porta. Gabby a atendeu com o fone no ouvido. Apontou para o aparelho e fez sinal para que ele entrasse. Travis ficou na sala de estar, esperando que Gabby desse alguma desculpa e desligasse, mas ela indicou o sofá e desapareceu na cozinha, com as portas de mola se fechando atrás dela.

Travis sentou e ficou esperando. E esperando. E esperando. Sentiu-se ridículo, como se ela o estivesse tratando como criança. Podia ouvi-la falando em voz baixa, mas nem imaginava com quem estava conversando.

Cogitou se levantar e ir embora, mas continuou ali, pensando no fascínio que ela exercia sobre ele.

Finalmente as portas se abriram e ela entrou na sala.

– Desculpe. Sei que estou um pouco atrasada, mas o telefone não parou de tocar a manhã toda.

Travis se levantou, achando que Gabby tinha ficado ainda mais bonita da noite para o dia, o que não fazia sentido.

– Não tem problema – respondeu.

A conversa com Kevin a fizera pensar mais uma vez se aquilo tudo era correto, mas decidiu parar de se preocupar.

– Vou pegar as minhas coisas e já podemos ir. – Deu um passo em direção à porta. – Ah, mas eu queria dar uma olhada na Molly. Ela estava ótima de manhã, quero ver se tem água suficiente.

Pouco depois, os dois foram até a garagem e encheram o recipiente de água até a borda.

– A propósito, para onde estamos indo? – perguntou ela enquanto pegava a bolsa. – Não para algum bar de motoqueiros de beira de estrada, espero.

– Qual o problema com bares de motoqueiros?

– Eu não conseguiria me misturar. Não tenho tatuagens o bastante.

– Você está generalizando um pouco, não?

– É provável, mas você ainda não respondeu à minha pergunta.

– Vamos dar um passeio – disse Travis. – Atravessar a ponte, passar por Bogue Banks, ir a Emerald Isle e depois voltar pela ponte, fazendo um desvio até esse lugar que eu quero lhe mostrar.

– Onde?

– É surpresa.

– É algum lugar sofisticado?

– Não.

– A gente pode comer lá?

Ele pensou a respeito.

– Mais ou menos.

– É um lugar fechado ou ao ar livre?

– É surpresa – repetiu ele. – Não quero estragar a surpresa.

– Parece interessante.

– Não crie muitas expectativas. É só um lugar aonde gosto de ir... Nada espetacular.

Eles já estavam na calçada. Travis apontou para a moto.

– É aquela lá.

As partes cromadas da moto ofuscaram os olhos de Gabby, que colocou os óculos escuros.

– Seu orgulho e alegria?

– Ou frustração e angústia.

– Você não vai começar a reclamar de quanto é difícil encontrar peças de novo, vai?

Travis fez uma careta e soltou uma risada.

– Vou tentar evitar.

Gabby foi até a cesta que ele tinha prendido na garupa da moto com cabos elásticos.

– O que temos para o almoço?

– O de costume.

– Filé-mignon, sorvete com merengue, cordeiro assado e linguado?

– Não exatamente.

– Doritos?

Travis ignorou o sarcasmo.

– Já podemos ir se estiver pronta. Acho que o capacete vai caber, mas eu tenho outros na garagem.

Gabby ergueu a sobrancelha numa expressão irônica.

– E esse seu lugar especial? Você já levou muitas mulheres lá?

– Não – respondeu Travis. – Na verdade, você vai ser a primeira.

Gabby ficou esperando ele acrescentar alguma coisa, mas Travis parecia estar falando sério. Ela aquiesceu de leve e caminhou até a motocicleta. Colocou o capacete, afivelou a tira embaixo do queixo e passou a perna pelo assento traseiro.

– Onde ponho os pés?

Travis soltou os dois pedais traseiros.

– Tem um de cada lado. E tente não encostar a perna no cano de escapamento. Fica muito quente e pode queimar sua pele.

– Bom saber. E as mãos?

– Vão abraçadas em mim, é claro.

– É um conquistador mesmo – disse Gabby. – Poderia ser mais sutil, não acha?

Travis colocou o capacete e subiu na moto. Com um movimento rápido, deu a partida, deixando o motor em ponto morto. Era mais silenciosa que outras motocicletas, mas Gabby podia perceber a leve vibração no assento. Sentiu certa expectativa, como se estivesse prestes a andar numa montanha-russa só que sem cinto de segurança.

Travis arrancou e seguiu pela rua. Gabby se segurou nas laterais de sua cintura, mas assim que encostou nele, pensou nas coxas de Travis, o que provocou um frio em sua barriga. Era isso ou abraçá-lo, e ela não se sentia confortável ou preparada. Quando a motocicleta acelerou, Gabby teve que fazer força para não largá-lo e, ao mesmo tempo, não apertá-lo demais.

– O que foi? – perguntou Travis, virando a cabeça.

– O quê?

– Você falou alguma coisa de largar e apertar?

Sem perceber que tinha falado em voz alta, Gabby apertou mais a cintura dele, dizendo a si mesma que estava fazendo aquilo só para se proteger.

– Eu disse para não largar o guidão da moto. Eu não quero cair.

– Não vamos cair. Eu também não gosto de cair.

– Você já caiu alguma vez?

Ainda com a cabeça virada e deixando-a nervosa por isso, Travis assentiu.

– Algumas vezes. Uma vez passei duas noites no hospital.

– E você não achou importante mencionar isso antes de me convidar?

– Não queria que ficasse assustada.

– Mantenha os olhos na estrada, ok? E não faça nenhum malabarismo.

– O que disse? Você quer que eu faça malabarismos?

– *Não!*

– Ótimo, porque eu gosto mesmo é de passear tranquilamente. – Apesar do capacete, ela poderia jurar que o viu dar uma piscadela. – O mais importante é a sua segurança, por isso vou manter as mãos firmes no guidão, combinado?

Na garupa, Gabby se sentiu encolher, como no dia no consultório dele, consternada por ter falado aquelas palavras em voz alta. E estranhou que, apesar do vento e do ronco do motor, Travis tivesse realmente escutado. Havia momentos em que o mundo parecia conspirar contra ela.

O fato de ele não ter voltado ao assunto nos minutos seguintes fez Gabby se sentir um pouco melhor. As rodas continuaram girando e eles saíram das redondezas. Gabby foi pegando o jeito de se inclinar quando Travis se inclinava e, algumas curvas depois, estavam rumando na direção de Beaufort, passando pela pequena ponte que separava a cidade dos limites de Morehead City. A estrada se dividiu em duas pistas, ambas congestionadas pelo trânsito do fim de semana. Gabby tentou ignorar a sensação de vulnerabilidade quando ultrapassaram um gigantesco caminhão de lixo.

Ao cruzarem a ponte, o trânsito ficou ainda mais lento. Chegaram à rodovia que bifurcava de Bogue Banks e o fluxo que seguia para Atlantic Beach evaporou. Assim, Travis começou a ganhar velocidade e Gabby se sentiu mais relaxada quando a moto ficou entre duas pequenas caminhonetes, uma atrás e outra na frente. Ela já sentia o calor do sol a fazendo transpirar nas roupas quando alcançaram os edifícios e as casas escondidos atrás da Marine Forest.

Segurou-se mais em Travis, percebendo o contorno dos músculos das costas dele pelo tecido fino de sua camisa. Apesar de suas melhores intenções, estava começando a aceitar a óbvia atração que existia entre eles. Travis era tão diferente dela, mas na presença dele Gabby sentia a possibilidade de outro tipo de vida, uma que nunca imaginara ser possível. Uma vida sem as limitações rígidas que os outros sempre lhe impunham.

Continuaram seguindo em um silêncio quase onírico, uma cidade atrás da outra: Atlantic Beach, Pine Knoll Shores e Salter Path. À esquerda, quase escondida por carvalhos vergados pelo vento incessante, dispunham-

se algumas das casas de praia mais desejáveis do estado. Alguns minutos antes, tinham passado pelo píer de Iron Streamer. Apesar de castigado por anos de tempestades, servia de ponto de pesca para muitas pessoas.

Em Emerald Isle, a cidade mais ocidental da ilha, Travis reduziu a velocidade para dar passagem a um carro que fazia o retorno, e Gabby sentiu o corpo se inclinar na direção de Travis. As mãos dela escorregaram sem querer da cintura para o abdômen dele, e Gabby se perguntou se ele percebia a maneira como seus corpos estavam colados. Embora quisesse, ela não se afastou.

Gabby não entendia bem o que estava acontecendo. Ela amava Kevin e queria se casar com ele; esse sentimento não tinha mudado nos últimos dois dias. No entanto, não conseguia negar que estar ao lado de Travis parecia certo de alguma maneira. Fácil e natural, do jeito que as coisas deveriam ser. Parecia uma contradição, mas, quando atravessaram a ponte no ponto mais longínquo da ilha, já voltando para casa, ela desistiu de tentar compreender.

Para sua surpresa, Travis reduziu a velocidade da moto e virou numa estrada estreita parcialmente oculta que saía da rodovia e entrava na floresta. Quando parou a moto, Gabby olhou de um lado para outro, confusa.

– Por que paramos? – perguntou. – Este é o lugar que você queria me mostrar?

Travis desceu da moto, tirou o capacete e fez que não com a cabeça.

– Não, o lugar fica em Beaufort – respondeu. – Só queria ver se você gostaria de dirigir um pouco.

– Eu nunca dirigi uma moto – disse Gabby cruzando os braços, sem descer.

– Eu sei. Foi por isso que perguntei.

– Acho que não – respondeu ela, levantando o visor do capacete.

– Vamos lá, vai ser divertido. Não vou deixar você cair. Vou ficar com as mãos junto às suas e fazer as mudanças de marcha. Você só precisa usar o guidão até se acostumar.

– Mas isso é ilegal.

– Isso é uma tecnicalidade. Além do mais, esta estrada é particular. Vai até a casa do meu tio... Vira uma estrada de terra um pouco adiante e ele é o único que mora aqui. Foi aqui que aprendi a dirigir.

Gabby hesitou, dividida entre o entusiasmo e o terror, surpresa de considerar a ideia. Travis ergueu as mãos.

– Confie em mim... Não há outros carros na estrada, ninguém vai parar a gente e vou estar com você.

– É difícil?

– Não, mas demora um pouco para se acostumar.

– Como andar de bicicleta?

– Em termos de equilíbrio, sim. Mas não se preocupe. Nada vai dar errado. – Abriu um sorriso. – Quer tentar?

– Não, mas...

– Ótimo! – falou. – Vamos começar do começo. Incline o corpo para a frente, ok? Na manopla direita fica o acelerador e o freio dianteiro. Na esquerda fica a embreagem. O acelerador comanda a sua velocidade. Entendeu?

Ela assentiu.

– O pé direito controla o freio traseiro. Você usa o pé esquerdo para mudar de marcha.

– Fácil.

– É mesmo?

– Não. Só estou querendo que se sinta melhor com seu método de ensino.

Ela está começando a falar como a Stephanie, pensou Travis.

– Depois disso, as mudanças de marcha são como dirigir um carro com câmbio mecânico. Você solta o acelerador, aperta a embreagem, muda a marcha e acelera de novo. Mas para fazer isso nós vamos ter que ficar bem próximos. Meus braços e pernas não alcançam os controles da garupa.

– Bela desculpa – comentou Gabby.

– Que, por acaso, é verdadeira. Está pronta?

– Estou aterrorizada.

– Vou interpretar isso como um sim. Agora chegue um pouco para a frente.

Gabby obedeceu e Travis montou. Colocou o capacete e se encostou nela, alcançando as manoplas. Apesar de ter sido avisada, algo dentro de Gabby se agitou, um leve choque que começou na barriga e irradiou para o resto do corpo.

– Agora ponha as mãos em cima das minhas – instruiu Travis. – E faça a mesma coisa com os pés. Só quero que você sinta o que acontece. É uma coisa rítmica, mas a gente nunca esquece depois.

– Foi assim que aprendeu?

– Não. Meu amigo ficou ao lado, gritando as instruções. Na primeira vez eu apertei a embreagem em vez do freio e acabei batendo numa árvore.

Travis tirou a moto do suporte, soltou a embreagem e deu partida no motor; ainda em ponto morto, ela teve o mesmo nervosismo que sentira um instante antes de decolar do barco com o parapente. Pôs as mãos em cima das dele, gostando do toque na pele.

– Está pronta?

– Na medida do possível.

– Mantenha as mãos leves, está bem?

Travis girou o acelerador e soltou a embreagem devagar; no instante em que a motocicleta começou a se mover, ele tirou o pé do chão. Gabby apoiou o próprio pé de leve no dele.

No começo, andaram devagar, com Travis acelerando gradualmente, reduzindo, acelerando de novo, até mudar de marcha antes de reduzir mais uma vez e parar. Depois começaram outra vez, com Travis explicando detalhadamente o que estava fazendo – usando o freio e se preparando para mudar a marcha, recomendando que ela jamais apertasse o freio dianteiro em pânico para não sair voando por cima do guidão. Pouco a pouco, Gabby foi pegando o jeito. O movimento coreografado das mãos e dos pés era um pouco semelhante a tocar piano e, depois de alguns minutos, ela podia quase antecipar o que ia fazer. Mesmo assim, Travis continuou a guiá-la até os movimentos se tornarem naturais.

Depois disso, trocaram de lugar; as mãos e os pés dela agora seguravam os controles e o processo foi repetido desde o começo. Não era tão fácil como ele fez parecer. Às vezes a motocicleta saltava ou ela apertava o freio de mão com muita força, mas Travis foi paciente e encorajador. Não ergueu a voz nenhuma vez, fazendo-a se lembrar do comportamento dele com as crianças na praia. Tinha que admitir que Travis era mais do que ela tinha percebido no começo.

Durante os quinze minutos seguintes, enquanto os exercícios continuaram, o toque dele foi ficando ainda mais leve, até finalmente ser suspenso. Apesar de não se sentir totalmente à vontade, Gabby começou a acelerar mais e com mais suavidade e as freadas começaram a parecer naturais. Pela primeira vez ela sentia o poder e a liberdade proporcionados por uma moto.

– Você está indo muito bem! – disse Travis.

– Isso é maravilhoso! – exultou Gabby, quase numa vertigem.

– Está pronta para uma tentativa solo?

– Você está brincando.

– De jeito nenhum.

Gabby refletiu só por um instante.

– Estou – disse com entusiasmo. – Acho que estou.

Ela parou a moto e Travis desceu. Quando viu que ele tinha descido, respirou fundo, ignorou a pulsação no próprio peito e pôs a motocicleta em movimento. Logo depois, estava ziguezagueando. Ainda sozinha, parou e começou de novo uma dezena de vezes, sempre em intervalos menores. Para surpresa de Travis, virou a moto lentamente numa ampla curva e veio correndo na direção dele. Por um instante ele pensou que o veículo estava fora de controle, mas Gabby parou num movimento elegante a alguns passos dele. Incapaz de parar de sorrir, suas palavras saíam meio atrapalhadas.

– Não acredito no que acabei de fazer!

– Você foi muito bem!

– Você viu a curva que eu fiz? Sei que foi muito devagar, mas eu consegui.

– Eu vi.

– Isso é ótimo! Agora entendo por que você adora andar de moto. É incrível!

– Que bom que gostou.

– Posso tentar de novo?

Travis apontou para a estrada.

– Fique à vontade.

Gabby ficou indo e voltando pela estrada por um bom tempo enquanto Travis via sua confiança aumentar a cada parada e a cada nova partida. As curvas passaram a ser executadas com mais facilidade também. Ela até conseguiu dirigir em círculo. Quando parou na frente dele seu rosto estava vermelho. Travis nunca tinha visto uma mulher mais linda e animada.

– Pronto – anunciou ela. – Agora você pode dirigir.

– Tem certeza?

– Há muito tempo aprendi a parar quando estou ganhando. Detestaria cair e arruinar essa sensação.

Gabby se sentou mais para trás e Travis montou na moto, só para sentir os braços dela na sua cintura. Enquanto voltava para a rodovia, sentiu-se eletrizado, como se seus sentidos estivessem acelerados, e muito ciente das curvas do corpo dela nas suas costas. Continuaram seguindo pela rodovia em direção a Morehead City, passando pela ponte de Atlantic Beach e completando o percurso em Beaufort.

Minutos depois, estavam no centro histórico, passando por restaurantes e pela marina a caminho da Front Street. Travis reduziu a velocidade, parando perto do final do quarteirão. Um terreno baldio fazia limite com uma velha casa georgiana de pelo menos cem anos e uma casa vitoriana da mesma idade. Desligou o motor e tirou o capacete.

– Chegamos – falou, descendo da moto. – Era isso que eu queria mostrar.

Algo na voz dele a impediu de não levar a sério o que parecia ser apenas um terreno baldio. Por um momento, ela ficou apenas olhando, enquanto Travis deu alguns passos em silêncio e contemplou a estrada, na direção de Shackleford Banks, com as mãos no bolso. Gabby tirou o capacete, passou

a mão pelo cabelo desgrenhado e se aproximou dele. Achou que ele diria do que se tratava quando estivesse pronto.

– Para mim, este lugar tem uma das vistas mais bonitas ao longo da costa – revelou Travis, por fim. – Não é uma vista para o mar, em que a gente só vê ondas e água se estendendo até o horizonte. Isso é ótimo, mas depois de um tempo fica monótono, porque a paisagem é sempre mais ou menos a mesma. Mas aqui tem sempre algo novo para ver. Veleiros passando e iates navegando para a marina; se você sai à noite, pode observar as pessoas no quebra-mar e ouvir a música. Já vi botos e arraias passando pelo canal, e gosto especialmente de ver cavalos selvagens lá na ilha. Não importa quantas vezes eu os tenha visto, é sempre deslumbrante.

– Você vem muito aqui?

– Talvez duas vezes por semana. Venho aqui para refletir.

– Os vizinhos devem adorar.

– Mas eles não podem fazer nada a respeito. O terreno é meu.

– É mesmo?

– Por que você parece tão surpresa?

– Não sei. Acho que por soar tão... doméstico.

– Eu já tenho uma casa...

– E ouvi dizer que tem uma vizinha fantástica.

– Sim, sim...

– Só quis dizer que comprar um terreno é coisa de gente que tem planos a longo prazo.

– E você acha que não faço planos?

– Bem...

– Se está tentando me lisonjear, não está conseguindo.

Gabby soltou uma risada.

– Que tal isto: você está sempre me surpreendendo.

– No bom sentido?

– Sempre.

– Como quando levou Molly à clínica e descobriu que eu era veterinário?

– Prefiro não falar sobre isso.

Ele riu.

– Então vamos comer.

Gabby foi com ele até a motocicleta, de onde Travis tirou uma cesta e uma toalha. Depois a levou até uma pequena inclinação nos fundos do terreno, estendeu a toalha e fez sinal para que ela se sentasse. Quando os dois estavam acomodados, ele começou a tirar os recipientes de plástico.

– Tudo separado em potinhos?

Travis deu uma piscadela.

– Viu como sou organizado?

Pegou duas latas de chá gelado sabor morango. Abriu-as e ofereceu uma a ela.

– Qual é o cardápio? – perguntou Gabby.

Travis foi falando e apontando os recipientes.

– Eu trouxe três tipos diferentes de queijo, além de biscoitos, azeitonas e uvas... É mais um lanche que um almoço.

– Parece perfeito. – Pegou um biscoito e cortou um pedaço de queijo. – Tinha uma casa aqui, certo? – Quando percebeu a surpresa dele, apontou para as casas dos dois lados do lote. – Não consigo imaginar que esse espaço tenha ficado desocupado por 150 anos.

– Você tem razão – concordou ele. – Pegou fogo há muito tempo. Sei que considera Beaufort uma cidade pequena, mas quando eu era criança não era mais que um pontinho no mapa. A maior parte desses casarões históricos decaiu e o que estava aqui ficou abandonado por anos. Era um casarão incoerente, com o telhado quebrado. Corriam boatos de que era mal-assombrado, o que o tornava muito mais atraente para os garotos. Costumávamos vir aqui à noite. Era como uma fortaleza, ficávamos brincando de esconde-esconde por horas nos quartos. Tinha um monte de lugares ótimos para se esconder. – Pegou uma folha distraidamente, como se divagando em lembranças. – Enfim, acho que dois andarilhos acenderam uma fogueira numa noite de inverno para se aquecerem. O lugar queimou em minutos e se tornou uma pilha fumegante de escombros no dia seguinte. Ninguém sabia como entrar em contato com o proprietário. O dono tinha morrido e deixado o lugar para o filho. O filho morreu e deixou para

alguém, e assim por diante. Então a pilha de escombros ficou aqui por um ano até a prefeitura limpar o terreno. Depois disso o lote ficou esquecido, até eu finalmente localizar o proprietário no Novo México e fazer uma oferta. Ele aceitou imediatamente. Duvido que tenha vindo aqui, nem sabia o que estava vendendo.

– E você vai construir uma casa neste terreno?

– Faz parte do meu plano a longo prazo. – Travis jogou uma azeitona na boca. – Já está pronta para me falar do seu namorado?

Gabby se lembrou da conversa com Kevin naquela manhã.

– Por que está interessado?

– Só estou puxando conversa.

Gabby também pegou uma azeitona.

– Então vamos falar sobre uma das suas ex-namoradas.

– Qual delas?

– Qualquer uma.

– Tudo bem. Uma delas era muito legal e me deu alguns pôsteres de filmes.

– Ela era bonita?

Travis pensou antes de responder.

– A maioria das pessoas diria que sim.

– E o que você diria?

– Eu diria... que você tem razão. Talvez a gente não deva falar sobre esse assunto.

Gabby deu uma risada, logo depois apontou as azeitonas.

– Essas azeitonas estão ótimas, aliás. Tudo o que trouxe está perfeito.

Travis juntou um pedaço de queijo com outro biscoito.

– Quando o seu namorado vai voltar?

– Nós vamos falar desse assunto de novo?

– Eu só estou pensando em você. Não quero que tenha problemas.

– Agradeço a preocupação, mas já sou crescidinha. Não que isso importe, mas ele volta na quarta-feira. Por quê?

– Porque eu gostei de ficar com você nesses dois dias.

– Eu também.

– Está chateada por estar chegando ao fim?

– Do que está falando? Continuamos sendo vizinhos.

– E o seu namorado não vai se importar se eu levá-la para dar outra volta de moto e fazer um piquenique, nem de você ficar comigo na hidromassagem, certo?

A resposta era óbvia e a expressão de Gabby ficou mais séria.

– Provavelmente não ia gostar muito.

– Então vai ser o fim.

– Ainda podemos ser amigos.

Travis olhou para ela por algum tempo, depois levou a mão ao peito como se tivesse tomado um tiro.

– Você realmente sabe como machucar um cara.

– Do que está falando?

– Não existe essa de ser amigos. Não entre um homem e uma mulher solteiros da nossa idade. Simplesmente não funciona assim, a não ser com pessoas que se conhecem há muito tempo. Mas não com dois estranhos.

Gabby abriu a boca para responder, mas realmente não havia o que dizer.

– Além disso, eu não sei se quero ser seu amigo.

– Por que não?

– Porque o mais provável é que eu vá querer mais do que isso.

Outra vez, Gabby não disse nada. Travis, por outro lado, era incapaz de interpretar sua expressão. Por fim, deu de ombros.

– Também não acho que queira ser minha amiga. Não seria bom para o seu relacionamento, pois, cedo ou tarde, íamos acabar nos envolvendo. Depois de um tempo, iria se arrepender, me culpar e provavelmente se mudaria, pois não ia se sentir à vontade.

– É mesmo?

– Uma das maldições da minha vida é ter esse charme.

– Pelo jeito você já entendeu toda a situação.

– Entendi.

– A não ser pela parte de eu me envolver com você.

– Você não consegue enxergar isso?

– Eu tenho namorado.

– E vai se casar com ele?

– Assim que ele me pedir em casamento. Foi por isso que me mudei para cá.

– Por que ele ainda não pediu?

– Não é da sua conta.

– Será que eu o conheço?

– Por que está tão curioso?

– Porque, se eu fosse ele – começou Travis, olhando fixo para ela –, já teria pedido você em casamento.

Havia algo no tom de voz de Travis que a fez acreditar que ele estava falando a verdade, então ela olhou para o outro lado. Quando falou, sua voz saiu suave.

– Não estrague tudo.

– Estragar o quê?

– Hoje. O dia de ontem. Ontem à noite. Tudo isso. Não estrague.

– Não sei do que está falando.

Gabby respirou fundo.

– Este fim de semana foi muito importante para mim, no mínimo por ter feito um amigo. Aliás, dois. Não estava percebendo quanto sentia falta de amigos na minha vida. Passar esses momentos com você e sua irmã me lembrou de tudo o que deixei para trás quando me mudei para cá. Quer dizer, não que eu me arrependa. Acredite ou não, eu amo o Kevin. – Fez uma pausa, lutando para ordenar os pensamentos. – Mas às vezes é difícil. É provável que um fim de semana como este nunca mais aconteça, e meio que aceito isso, por causa do Kevin. Mas uma parte de mim não quer aceitar. – Ela hesitou. – Quando você diz essas coisas, e sei que não foi por mal, banaliza tudo o que me aconteceu.

Travis ouviu com atenção, reconhecendo na voz de Gabby uma intensidade que não ouvira dela antes. E embora soubesse que deveria simplesmente ter concordado e pedido desculpas, não conseguiu deixar de responder.

– O que a faz pensar que eu não estava falando sério? Fui sincero em tudo o que disse. Mas entendo que você não queira ouvir. Só posso dizer que espero que seu namorado perceba a sorte que tem de contar com alguém como você na vida. Ele é um imbecil se não perceber. Sinto muito se isso a deixa desconfortável, não vou repetir. – Abriu um sorriso. – Mas eu tinha que dizer uma vez.

Gabby virou o rosto, gostando do que ele havia dito. Travis olhou para a água, proporcionando o silêncio de que ela precisava; ao contrário de Kevin, ele sempre parecia saber como agir.

– Acho que é melhor a gente voltar, não? – Ele fez um sinal na direção da moto. – E talvez você queira dar uma olhada na Molly.

– É – concordou ela. – Acho que é uma boa ideia.

Empacotaram o que sobrou da comida e acomodaram os recipientes na cesta, em seguida dobraram a toalha e voltaram à moto. Por cima do ombro, Gabby viu os restaurantes começando a se encher de gente para um almoço tardio, e percebeu que invejava a simplicidade de suas escolhas.

Travis guardou a toalha e a cesta, e pôs o capacete. Gabby fez o mesmo e, pouco tempo depois, eles se afastavam do terreno. Ela se agarrou à cintura de Travis, tentando se convencer de que ele já havia dito coisas semelhantes a dezenas de garotas.

Entraram pela frente da casa dela e Travis estacionou a motocicleta. Gabby o soltou e desmontou, tirando o capacete. Ao ficar de frente para ele, vivenciou um constrangimento que não sentia desde os tempos de colégio, uma sensação que pareceu ridícula, e ela teve a impressão de que Travis ia beijá-la de novo.

– Obrigada pelo dia de hoje – falou, querendo manter certa distância. – E obrigada pela aula de direção também.

– Foi um prazer. Você tem talento. Deveria considerar comprar uma moto.

– Talvez eu compre.

No silêncio, Gabby ouvia o motor rugindo enquanto devolvia o capacete a Travis.

– Então, tudo bem – falou ele. – Acho que a gente se vê por aí.

– É difícil isso não acontecer, já que somos vizinhos.

– Quer que eu dê uma olhada na Molly?

– Não, tudo bem. Acho que ela está bem.

Travis aquiesceu.

– Olha, sinto muito pelo que falei naquela hora. Eu não devia ter me intrometido nem deixado você em uma situação desconfortável.

– Não tem problema – disse Gabby. – Não me incomodou.

– Não?

Gabby deu de ombros.

– Bem, já que você começou a mentir, achei que era melhor mentir também.

Apesar da tensão, ele riu.

– Só me faça um favor. Se essa história toda com o namorado não der certo, me liga.

– Vou pensar no seu caso.

– E com essa observação, acho que vou embora. – Virou o guidão e começou a empurrar a moto para sair da casa. Estava prestes a dar a partida quando olhou de novo para ela. – Você jantaria comigo amanhã à noite?

Gabby cruzou os braços.

– Não acredito que você me fez essa pergunta.

– A gente tem que aproveitar o momento. Isso é meio que o meu lema.

– Já percebi.

– Isso é um sim ou um não?

Gabby deu um passo para trás, mas, apesar das próprias reservas, abriu um sorriso pela persistência dele.

– Que tal se eu preparasse um jantar para você hoje à noite? Na minha casa. Sete horas.

– Parece fantástico – disse Travis.

No momento seguinte, Gabby estava de pé na entrada de sua casa, considerando se havia dado férias para sua sensatez.

13

Com o sol incidindo sem clemência e a água da torneira gelada, Travis teve dificuldade em controlar Moby. A guia curta não ajudava e o pobre animal detestava tomar banho, algo que surpreendia Travis, considerando quanto o cachorro adorava buscar bolas de tênis jogadas no mar. Nessas ocasiões, avançava contra as ondas, nadando furiosamente para abocanhar a bola boiando à frente. Mas se visse Travis abrindo a gaveta onde ficava guardada sua guia, Moby aproveitava a chance para explorar a vizinhança durante horas, só voltando depois do anoitecer.

Travis já conhecia os truques de Moby. Por isso mantinha a guia escondida até o último instante e a enganchava na coleira antes que o cachorro pudesse reagir. Como sempre, Moby fazia sua melhor expressão de "Como pôde fazer isso comigo?" enquanto era levado para os fundos da residência.

– Não me culpe – disse Travis. – Não mandei você rolar em peixe morto.

Moby adorava se esfregar em peixes mortos. Quanto mais fedorento, melhor. Assim, quando Travis estacionou a moto na garagem, Moby chegou correndo e pulando feliz, língua de fora, todo cheio de si. Travis sorriu por um segundo, antes de sentir o fedor e avistar restos nojentos de peixe grudados no pelo do cachorro. Depois de fazer um hesitante afago na

cabeça de Moby, entrou em casa para vestir o short e enfiou a guia no bolso traseiro.

No quintal e com a guia presa no corrimão do deque, Moby dançava de um lado para outro, tentando não se molhar ainda mais, sem sucesso.

– É só água, seu bebezão – brincou Travis, embora já estivesse jogando água em Moby havia quase cinco minutos. Não queria começar a passar xampu até escorrer todos os... argh... pedaços de peixes mortos.

Moby gania e continuava se debatendo, puxando a guia. Quando finalmente achou conveniente, Travis largou a mangueira e despejou um terço de um vidro de xampu no cachorro. Esfregou por alguns minutos e, após enxaguar, deu uma cheirada no resultado e fez uma careta. Passaram pelo processo mais duas vezes, com Moby se mostrando desestimulado. Fixou os olhos no dono com uma expressão chorosa que parecia dizer: "Não percebe que eu rolo em vísceras de peixe porque amo você?"

Quando se sentiu satisfeito, Travis levou Moby para outra área do deque e o prendeu de novo. Já havia entendido que o cachorro voltaria o mais rápido possível ao local do crime se o deixasse livre depois do banho. Sua única esperança era mantê-lo preso até ele esquecer. Moby sacudiu o excesso de água e se deitou com um grunhido ao notar que estava preso.

Depois disso, Travis aparou a grama. Ao contrário dos vizinhos, usava um equipamento manual em vez de um cortador de grama. Demorava um pouco mais, mas era um bom exercício, além de uma atividade relaxante. Enquanto fazia isso, ficou olhando na direção da casa de Gabby, refletindo.

Alguns minutos antes, ele a tinha visto sair da garagem e entrar no carro. Se ela o havia notado, não demonstrou. Simplesmente deu marcha à ré e saiu com o automóvel em direção à cidade. Travis nunca conheceu alguém como ela. E agora ela o convidara para jantar.

Não sabia o que pensar. Vinha tentando entender a situação desde que a deixara em casa. O mais provável é que sua insistência a tivesse cansado. Deus sabe o quanto estava se esforçando desde o primeiro encontro. Mesmo assim, enquanto aparava a grama, não podia evitar aquela sensação de incômodo. Estaria se sentindo melhor se soubesse que o convite não fora resultado de uma espécie de coerção.

Todas essas reflexões eram uma novidade para ele. Por outro lado, não conseguia se lembrar da última vez que apreciara tanto a companhia de uma mulher. Tinha dado mais risadas com Gabby do que com Monica, Joelyn, Sarah ou qualquer outra com quem saíra no passado. Seu pai o aconselhara uma vez: "Encontre uma mulher com senso de humor." Agora ele entendia por que ele considerava aquilo importante. Se a conversa era a letra, o riso era a música, transformando os momentos juntos em uma melodia que podia ser tocada incontáveis vezes.

Terminou de cortar a grama e notou que Gabby ainda não tinha voltado. Como a porta da garagem estava aberta, Molly saiu um pouco no quintal, mas voltou para dentro logo depois.

Na cozinha, Travis tomou um copo de chá gelado e, mesmo sabendo que não era uma boa ideia, deixou que os pensamentos vagassem para o namorado de Gabby. E se Kevin fosse um conhecido? Achou estranho que Gabby falasse tão pouco sobre ele. Mais estranho ainda que tivesse demorado tanto para mencionar seu nome. Seria fácil atribuir isso à culpa, só que ela evitara o tópico desde o começo. Travis não sabia o que pensar a respeito, e ficou imaginando como seria o sujeito e o que havia feito para Gabby se apaixonar por ele. Imagens surgiam em seus pensamentos – atlético, intelectual, alguma coisa entre os dois –, mas nada parecia encaixar muito bem.

Ao ver que horas eram, percebeu que poderia levar o barco à marina antes de tomar banho e se vestir. Pegou a chave do barco, foi até a rampa do fundo para desamarrar Moby e viu o cachorro disparar pela escada. Travis parou na beira do atracadouro e apontou para a embarcação.

– Isso aí, pode ir. Entre.

Moby pulou no barco, abanando o rabo. Travis também entrou. Minutos depois, os dois estavam navegando. Ao passar pela casa de Gabby, arriscou um olhar para as janelas, pensando mais uma vez no jantar e no que poderia acontecer. Era a primeira vez que se sentia nervoso diante da expectativa de fazer algo errado desde que começara a sair com mulheres.

Gabby percorreu o curto trajeto até o mercado e entrou no estacionamento lotado. O lugar estava sempre cheio aos domingos e ela só conseguiu uma vaga bem longe, o que a fez se perguntar por que tinha ido de carro.

Pendurou a bolsa no ombro, saiu do automóvel, localizou um carrinho e entrou na loja.

Alguns minutos antes, notou Travis aparando a grama, mas preferiu ignorá-lo. De certa forma precisava se sentir mais sob controle do que realmente estava. O mundinho organizado e agradável que tinha criado para si fora virado de cabeça para baixo, e Gabby queria desesperadamente algum tempo para recuperar a compostura.

Entrou na loja e foi até a seção de legumes, onde escolheu vagem e ingredientes para uma salada. Apressada, localizou um pacote de massa e algumas torradas, antes de ir para a parte de trás do mercado.

Sabendo que Travis gostava de frango, pôs um pacote de peito de frango no carrinho e considerou por alguns segundos se uma garrafa de Chardonnay cairia bem. Não sabia ao certo se Travis apreciaria – por alguma razão achava que não –, mas pareceu uma boa ideia. Assim, percorreu a limitada seção de vinhos em busca de algo que conhecesse. Havia duas ofertas de Napa Valley, mas ela preferiu um vinho australiano, achando que parecia mais exótico.

A fila para o caixa era longa e lenta, e só depois de um bom tempo ela voltou para o carro. Arrumou o retrovisor e parou, olhando para si mesma de outra maneira.

Quanto tempo havia se passado desde que alguém a beijara além de Kevin? Por mais que tentasse se esquecer daquele pequeno incidente, ele continuava em sua memória, como um segredo.

Sentia-se atraída por Travis; não podia negar isso. Não somente por ele ser bonito e por fazê-la se sentir desejável. Tinha algo a ver com sua exuberância natural e a maneira como a fazia se sentir parte daquilo; era o fato de ter experimentado uma vida que parecia diferente da dela, mas de falarem a mesma língua, uma familiaridade que desmentia o pouco tempo desde que haviam se conhecido. Nunca conhecera alguém como Travis. A maioria das pessoas que conhecia, e com certeza isso incluía todos os

colegas de faculdade, pareciam levar a vida como se tivessem a mesma lista a cumprir: estudar bastante, se casar, comprar uma casa, ter filhos... Até aquele fim de semana ela vinha agindo da mesma maneira. De alguma forma, comparada às escolhas que Travis fizera e os lugares para onde tinha viajado, a vida dela parecia tão... banal.

Era possível mudar? Gabby duvidava. Suas experiências na infância a transformaram na mulher que se tornara, assim como as experiências de Travis o tornaram o homem que ele é hoje. Mas, assim que girou a chave para dar partida no motor, Gabby soube que aquela não era a questão mais importante. Com o carro ainda em ponto morto, percebeu que a escolha que tinha pela frente era a seguinte: que rumo tomar a partir daqui?

Nunca é tarde demais para mudar as coisas. O pensamento ao mesmo tempo a exultava e a atemorizava. Alguns minutos depois, Gabby se dirigia a Morehead City, sentindo que havia ganhado a chance de um novo começo.

O sol já cruzara o firmamento quando Gabby voltou para casa. Molly estava deitada na grama, as orelhas em pé e o rabo abanando. Ao abrir a porta, viu a cadela correr na sua direção, saudando-a com algumas lambidas.

– Você parece quase normal – disse Gabby. – Como estão seus filhotes?

Como se tivesse entendido, Molly saiu andando para onde eles estavam.

Gabby pegou as sacolas e entrou em casa, deixando as compras na bancada. Tinha demorado mais do que previra, mas ainda havia tempo para começar a fazer as coisas. Colocou uma panela com água em uma das bocas do fogão e ligou o fogo no máximo. Enquanto a água aquecia, cortou tomates e pepinos para a salada. Picou a alface e misturou os ingredientes com um pouco de queijo e o mesmo tipo de azeitona que Travis levara no passeio de moto.

Pôs o macarrão na água fervendo com um pouco de sal, desempacotou o frango e começou a temperá-lo com sal e azeite de oliva, desejando ter feito

algo mais sofisticado. Acrescentou um pouco de pimenta e outros temperos, mas, no final, seu prato parecia tão monótono quanto no início da preparação. *Deixa para lá, vai ser assim mesmo*. Acendeu o forno, acrescentou um caldo ao frango e o levou para assar, torcendo para não ficar ressecado.

No quarto, separou algumas roupas e entrou no chuveiro. A água quente foi prazerosa. Depilou as pernas, obrigando-se a não se apressar para não se cortar, lavou o cabelo, passou condicionador e finalmente saiu para se enxugar.

Tinha deixado sobre a cama uma calça jeans nova e uma camisa curta com miçangas. Escolheu o traje com cuidado, não querendo parecer nem tão formal nem tão casual, e aquela roupa parecia perfeita. Completou o traje com um novo par de sandálias e brincos. Postou-se frente ao espelho de corpo inteiro e virou de um lado para outro, aprovando o que via.

Já em cima da hora, distribuiu algumas velas pela casa. Arrumava as últimas na mesa quando Travis bateu à porta. Endireitou o corpo antes de atendê-lo.

Molly, no entanto, já tinha recebido Travis, que afagava a cadela quando a porta se abriu. Ele não conseguia desviar o olhar nem encontrar a voz para falar. Apenas tentava lidar com o turbilhão de emoções que invadia seu coração.

Gabby sorriu em resposta ao seu óbvio desconcerto.

– Entre – falou. – Já está quase pronto.



Travis a seguiu, tentando não encará-la enquanto Gabby andava.

– Eu estava abrindo uma garrafa de vinho. Você aceita?

– Por favor.

Ela foi até a cozinha pegar a bebida e o saca-rolha quando Travis a interrompeu:

– Eu faço isso para você.

– Ainda bem que você se ofereceu. Costumo esfarelar a rolha, e detesto os pedacinhos de cortiça que ficam flutuando.

Enquanto ele abria a garrafa, Gabby pegou duas taças do armário e as colocou na bancada. Travis lia o rótulo, fingindo mais interesse do que sentia, tentando se acalmar.

– Eu nunca tomei esse vinho. É bom?

– Não faço ideia.

– Então acho que vai ser uma novidade para nós dois. – Serviu uma taça e passou para Gabby, tentando interpretar sua expressão.

– Eu não sabia o que fazer para o jantar – disse ela. – Sei que gosta de frango, mas devo avisar que não sou a melhor cozinheira da família.

– Tenho certeza de que vou gostar do que preparou. Não sou muito exigente.

– Desde que seja simples, certo?

– Isso nem precisa dizer.

– Está com fome? – perguntou Gabby com um sorriso. – Só leva alguns minutos para aquecer o jantar...

Travis pensou por um instante antes de se apoiar na bancada.

– Na verdade, será que poderíamos esperar um pouco? Gostaria de saborear essa taça de vinho antes.

Gabby concordou e ficou em silêncio na frente dele, considerando o que deveria fazer a seguir.

– Você não prefere ficar lá fora?

– Adoraria.

Os dois se acomodaram nas cadeiras de balanço que ela tinha colocado perto da porta. Gabby tomou um gole de vinho, feliz por ter algo com o que se acalmar.

– Eu gosto da vista daqui – comentou Travis timidamente, balançando a cadeira para a frente e para trás. – É meio parecida com a minha.

Gabby riu, sentindo um pequeno alívio.

– Infelizmente, ainda não aprendi a desfrutar dela como você.

– Pouca gente faz isso. É meio que uma arte perdida nos dias de hoje. Observar o rio correr é como sentir o perfume das rosas.

– Talvez seja uma tradição de cidade pequena – especulou ela.

Travis olhou-a com interesse.

– Seja sincera, você está gostando da vida em Beaufort?

– Tem seu lado bom.

– Ouvi dizer que os vizinhos são ótimos.

– Eu só conheci um.

– E?

– Ele gosta de fazer perguntas capciosas.

Travis sorriu. Adorava o jeito espirituoso como ela respondia.

– Sim, eu gosto daqui – prosseguiu Gabby. – Gosto de levar poucos minutos para chegar a qualquer lugar. É bonito, e acho que estou aprendendo a gostar de viver num ritmo mais lento.

– Você fala como se Savannah fosse tão cosmopolita quanto Nova York ou Paris.

– Não é. – Olhou para ele por cima da taça. – Mas com certeza está mais para Nova York do que Beaufort. Você já foi lá?

– Passei uma semana apenas. Lugar cheio demais para o meu gosto – Travis se recostou na cadeira, a imagem da vida fácil. – Mas... você acha que algum dia vai voltar para Savannah?

Gabby tomou um gole de vinho antes de responder.

– Acho que não – respondeu. – Não me entenda mal. Acho que é um lugar ótimo, uma das cidades mais bonitas do Sul. Adoro a maneira como o lugar foi construído. Tem praças lindas, parques espalhados por poucos quarteirões, casas maravilhosas com vista para a vegetação... Quando era criança, costumava me imaginar morando numa delas. Foi meu sonho durante muito tempo.

Travis ficou em silêncio, esperando que ela continuasse. Gabby deu de ombros.

– Mas cresci e comecei a perceber que aquilo era mais um sonho da minha mãe do que meu. Ela sempre quis morar numa daquelas casas, e me lembro de como pressionava o meu pai a fazer uma proposta sempre que uma delas vagava. Meu pai ganhava bem, mas dava para ver que ele ficava triste de não poder comprar uma daquelas mansões. Depois de um tempo

isso começou a me incomodar. – Fez uma pausa. – Enfim, acho que eu queria algo diferente. O que me levou à faculdade e ao Kevin. E aqui estou eu.

Ao longe, os dois começaram a ouvir Moby latir freneticamente, um som seguido pelo ruído esmaecido de garras arranhando um tronco de árvore. Ao olhar para o grande carvalho perto da sebe, Travis viu um esquilo subindo pelo tronco. Embora não conseguisse enxergar, sabia que Moby continuava circulando ao redor da árvore, desejando que a pequena criatura caísse por alguma razão. Ao notar que Gabby tinha se virado para a origem do som, Travis apontou a taça naquela direção.

– Meu cachorro é louco por caçar esquilos. Parece que vive para isso.

– Como a maioria dos cachorros.

– Molly também?

– Não. A dona tem um pouco mais de controle sobre ela e eliminou esse probleminha pela raiz antes que saísse de controle.

– Entendi – disse Travis com uma seriedade fingida.

Na superfície da água, o sol começava a se pôr. Em mais uma hora o rio ficaria dourado, mas no momento havia algo obscuro e misterioso em sua tonalidade. Atrás dos ciprestes que se alinhavam à margem, Travis viu uma águia-pescadora flutuando nas correntes ascendentes e um pequeno barco a motor passar ronronando carregado de peixes. Era pilotado por alguém com idade para ser avô de Travis, que sorriu e acenou para os dois. Travis retribuiu o cumprimento, antes de tomar outro gole.

– Depois de tudo o que disse, estou curioso quanto a você se imaginar morando em Beaufort.

Gabby pensou no que responder, sentindo que havia mais naquela pergunta do que parecia.

– Acho que depende – respondeu afinal. – Não é exatamente uma cidade animada, mas, por outro lado, não é um mau lugar para construir uma família.

– E isso é importante?

Gabby se virou para ele com um ar levemente desafiador.

– Existe alguma coisa mais importante?

– Não, não existe – concordou Travis no mesmo tom. – Eu sou uma prova dessa convicção, pois sempre morei aqui. Beaufort é o tipo de lugar onde a segunda divisão das equipes de beisebol gera mais assunto que o campeonato nacional. Quando era garoto, eu achava que esse era o lugar mais chato do mundo, mas agora percebo que qualquer coisa mais animada significava muito para mim. Nunca fui ansioso como a maioria dos garotos da cidade. – Fez uma pausa. – Lembro que ia pescar com meu pai todo sábado de manhã e, apesar de ele ser o pior pescador do mundo, achava emocionante. Agora entendo que era só uma questão de passar mais tempo comigo, e nem consigo expressar o quanto me sinto grato por isso. Gosto de pensar que vou poder proporcionar essas mesmas experiências aos meus filhos algum dia.

– É bom ouvir você falar essas coisas – observou Gabby. – Tem muita gente que não pensa assim.

– Nunca neguei que adoro esta cidade.

– Não – respondeu Gabby, sorrindo. – Eu estava falando do jeito como você quer criar os seus filhos. Dá a impressão de que já pensou muito a respeito.

– Pensei mesmo.

– Você sempre arranja um jeito de me surpreender, não é?

– Não sei. É mesmo?

– Um pouco. Quanto mais o tempo passa, mais você me impressiona ao parecer alguém impossivelmente tão bem ajustado.

– Poderia dizer o mesmo de você – respondeu Travis. – Talvez seja por isso que nos damos tão bem.

Gabby olhou para ele, sentindo a tensão aumentar entre os dois.

– Já está pronto para jantar?

Travis engoliu em seco, torcendo para que ela não percebesse o que estava sentindo.

– Parece uma ótima ideia – conseguiu dizer.

Os dois pegaram as taças de vinho e voltaram para a cozinha. Gabby indicou para que Travis se sentasse à mesa enquanto ela preparava tudo. Observá-la na cozinha causou nele uma sensação de contentamento.

No jantar, ele comeu dois pedaços de frango, gostou da vagem e da massa, e cumprimentou Gabby por sua sofisticação culinária, até que ela começasse a rir e o mandasse parar. Perguntou várias vezes sobre a infância dela em Savannah, então ela cedeu e finalmente o brindou com algumas histórias que os fizeram gargalhar. Com o passar do tempo, o céu foi ganhando tonalidades cinzentas e azuladas até escurecer de uma vez. As velas queimavam uma chama baixa e os dois serviram o restante do vinho, cientes de que estavam diante de alguém que poderia mudar o curso de suas vidas para sempre.



Depois do jantar, e de Travis ajudar a tirar a mesa, eles se sentaram no sofá, tomaram vinho e contaram histórias do passado. Gabby tentava imaginar Travis quando era jovem, e como seria se tivessem se conhecido no colégio ou nos tempos da faculdade.

Enquanto a noite seguia seu rumo, Travis foi se aproximando, casualmente estendendo o braço ao redor dela. Gabby inclinou-se na direção dele, sentindo seu aconchego, feliz em observar o luar prateado filtrado pelas nuvens.

– No que está pensando? – perguntou Travis a certa altura, rompendo um longo porém confortável silêncio.

– Estava pensando em quanto este fim de semana pareceu natural. – Olhou para ele. – Como se nos conhecêssemos desde sempre.

– Acho que isso significa que algumas das minhas histórias foram chatas...

– Não se subestime. Muitas histórias suas foram chatas.

Travis riu, puxando-a para mais perto.

– Quanto mais a conheço, mais você me surpreende. Gosto disso.

– Afinal, vizinhos são para essas coisas.

– É isso que continuo sendo para você? Só um vizinho?

Gabby desviou o olhar sem responder, mas Travis continuou:

– Sei que isso a deixa desconfortável, mas não posso ir embora esta noite sem dizer que sermos somente vizinhos não é suficiente para mim.

– Travis...

– Deixe-me terminar... – interrompeu ele. – Você me disse hoje o quanto sente falta dos amigos, e eu estive pensando nisso desde então, mas não do jeito que possa imaginar. Isto me fez perceber que, embora eu tenha amigos, sinto falta de uma coisa que todos eles possuem. Laird e Allison, Joe e Megan, Matt e Liz, todos têm um ao outro. Não tenho isso na vida nem sabia ao certo se queria isso. Até você aparecer...

Gabby mexeu nas miçangas da blusa, resistindo às palavras dele e ao mesmo tempo gostando.

– Não quero perder você, Gabby. Não quero vê-la entrar no seu carro de manhã e fingir que nada disso aconteceu. – Engoliu em seco. – E não quero estar apaixonado por qualquer outra mulher.

Gabby não sabia se o tinha ouvido bem, mas quando viu a maneira como olhava para ela, sabia que ele estava falando a verdade. Com isso, suas últimas defesas desabaram e soube que também estava apaixonada por ele.

O carrilhão tocou ao fundo. As luzes das velas bruxuleavam nas paredes, projetando sombras na sala. Travis percebeu que ela arquejava e eles continuaram se encarando calados.

O telefone tocou, desviando os pensamentos de Gabby, e Travis se virou para outro lado. Ela se debruçou para pegar o aparelho e atendeu com a voz impassível:

– Alô? Oi, tudo bem? Nada de mais... Saí para fazer umas compras. Como vão as coisas aí?

Enquanto ouvia a voz de Kevin, foi acometida por uma onda de culpa. Mesmo assim, estendeu o braço e pôs a mão na perna de Travis. Ele não se mexia nem emitia qualquer som, e ela sentiu os músculos tensos sob a calça jeans ao passar a mão pela sua coxa.

– Puxa, que bom. Parabéns. Que bom que ganhou... Parece que está se divertindo... Ah, eu? Nada muito empolgante.

Ouvir a voz de Kevin tão perto de Travis a dividia. Tentou se concentrar em ouvir Kevin enquanto pensava no que deveria estar passando pela cabeça de Travis. A situação era surreal demais.

– Que pena... Eu sei, também fico queimada de sol... Sim, eu pensei sobre a viagem a Miami, mas só posso tirar uns dias de férias no fim do ano... Talvez, não sei...

Tirou a mão da perna de Travis e se recostou no sofá, tentando manter a voz firme, desejando não ter atendido, desejando que Kevin não tivesse ligado. Sabendo que só estava ficando mais confusa.

– Vamos falar sobre isso quando você voltar. Não, problema nenhum. Só estou um pouco cansada. Não, não se preocupe. É que foi um longo fim de semana...

Não era mentira, mas tampouco era a verdade, o que a fazia se sentir ainda pior. Travis encarava o chão, ouvindo mas fingindo não ouvir.

– Vou fazer isso – continuou. – Sim, você também. Sim, devo estar por aqui. Certo... Eu também. E divirta-se amanhã. Tchau.

Ao desligar, Gabby pareceu preocupada por um instante, antes de se inclinar para pôr o fone no gancho. Travis sabia que era melhor ficar calado.

– Era o Kevin – disse afinal.

– Eu imaginei – comentou Travis, incapaz de interpretar a expressão dela.

– Ele ganhou o torneio de golfe de hoje.

– Que bom.

Mais uma vez, o silêncio pairou entre os dois.

– Acho que preciso de um pouco de ar – disse Gabby, levantando-se do sofá. Abriu as portas de correr e saiu para a varanda.

Travis a acompanhou com o olhar, incerto se deveria ir junto ou se ela preferia ficar sozinha. Do seu ponto de vista, no sofá, a imagem de Gabby apoiada no parapeito não era clara. Podia se imaginar indo até ela só para ouvir a sugestão de que era melhor ir embora. Apesar de o pensamento o atemorizar, Travis precisava estar com ela, agora mais do que nunca.

Saiu para a varanda e também se recostou no parapeito. Na luz do luar, a pele dele era perolada, os olhos luziam no escuro.

– Desculpe – disse Travis.

– Não. Não tem por que se desculpar. – Forçou um sorriso. – A culpa é minha, não sua. Eu sabia no que estava me envolvendo.

Gabby percebeu que ele queria tocá-la, mas se sentia dividida e não sabia se queria ser tocada. Sabia que deveria terminar aquilo, que não deveria ter deixado a coisa progredir, mas não conseguia quebrar o encanto que a declaração de Travis havia lançado sobre ela. Não fazia sentido. Levara tempo para se apaixonar, mais tempo do que um único fim de semana, mas de alguma forma tinha acontecido, apesar dos sentimentos dela por Kevin. Sentiu o nervosismo de Travis ao seu lado e o viu tentando se recuperar da situação com um último gole de vinho.

– Você falou sério? – perguntou. – Sobre querer ter uma família?

– Sim, falei.

– Fico contente – disse Gabby. – Porque acho que você vai ser um grande pai. Não falei isso antes, mas foi o que pensei ao vê-lo com as crianças na praia ontem. Você pareceu tão espontâneo.

– Tive bastante experiência com filhotes.

Apesar da tensão, Gabby riu. Ela deu um pequeno passo na direção dele e, quando Travis se virou, passou um braço em torno do seu pescoço. Ainda ouviu a vozinha interior alertando-a a parar, dizendo que ainda não era tarde demais para acabar com aquilo. Porém, já estava tomada por outro impulso. Não fazia sentido negar.

– Talvez seja por isso, mas eu achei sensual – sussurrou.

Travis abraçou-a apertado, notando como o corpo dela parecia se encaixar no seu. Sentiu um leve perfume de jasmim e seus sentidos pareceram despertar. Era como se, após uma longa jornada, descobrisse que Gabby era o seu destino o tempo todo. Quando murmurou “Eu te amo, Gabby Holland” no ouvido dela, nunca tinha sentido tanta certeza sobre qualquer outra coisa.

Gabby afundou nele.

– E eu amo você, Travis Parker – murmurou ela, sem conseguir desejar nada além do que estava acontecendo naquele momento, tendo já descartado todas as reservas e todos os arrependimentos.

Travis a beijou, depois beijou de novo e outra vez, explorando devagar seu pescoço e o colo antes de voltar aos lábios. Gabby passou as mãos no peito dele, nos ombros, sentindo a força dos braços que a retinham. Quando Travis enterrou os dedos em seus cabelos, ela estremeceu, sabendo que era para aquilo que aquele fim de semana os encaminhava o tempo todo.

Ficaram se beijando no deque por um longo tempo. Por fim, ela se afastou e pegou na mão dele para entrar na casa, passar pela sala de estar e seguir na direção do quarto. Apontou para a cama, pegou um isqueiro na gaveta e começou a acender as velas que havia preparado mais cedo. A escuridão deu lugar a uma luz mortiça que a banhou em ouro líquido.

Com as sombras acentuando cada movimento dela, Travis viu Gabby tirar a blusa. Seus seios surgiram por trás do contorno acetinado do sutiã e suas mãos deslizaram lentamente para desabotoar a calça jeans. No momento seguinte, Gabby emergiu de uma pilha de roupas sob seus pés.

Travis se sentia hipnotizado quando ela se aproximou da cama e o empurrou com um gesto brincalhão para que ele se deitasse. Começou a desabotoar a camisa dele e a tirou passando pelos ombros. Enquanto Travis livrava os braços, ela abriu a calça dele e, um instante depois, ele sentiu a barriga dela deslizar sobre a sua.

Seus lábios encontraram os dela com uma paixão controlada. O corpo dela se encaixou no dele, mais do que qualquer outro corpo que conhecera, como uma peça que faltava em um quebra-cabeça que finalmente se completava.

– Eu amo você, Gabby – murmurou. – Você é a melhor coisa que já me aconteceu.

– Eu também amo você, Travis – sussurrou ela, abraçando-o.

E, ao ouvir as palavras dela, Travis soube que a jornada solitária que vinha percorrendo havia anos chegara ao fim.

Com a lua ainda alta no céu e o luar iluminando o quarto, Travis virou-se na cama, percebendo de imediato que Gabby não estava ao seu lado. Eram quase quatro da manhã. Depois de averiguar que ela não estava no banheiro, ele se levantou e vestiu a calça. Andou pelo corredor e espiou no quarto de hóspedes antes de dar uma olhada na cozinha. Todas as luzes estavam apagadas e Travis hesitou por um momento antes de ver a porta de correr de vidro entreaberta.

Saiu na pequena varanda, avistando uma silhueta recostada no parapeito do deque ao lado da casa. Deu um passo na direção dela, sem saber se Gabby queria ficar sozinha ou não.

– Oi – ouviu uma voz falando do escuro. Travis viu que ela usava o roupão que estava pendurado na porta do banheiro.

– Oi – respondeu ele em voz baixa. – Tudo bem?

– Tudo ótimo. Acordei e fiquei me revirando algum tempo, mas não quis acordá-lo.

Travis parou ao lado dela e se apoiou no parapeito também. Nenhum dos dois falou nada, preferindo observar o céu. Parecia que nada se movia; até os grilos e sapos não emitiam som.

– É tão bonito aqui fora – disse Gabby afinal.

– É mesmo – concordou Travis.

– Eu adoro noites assim.

Quando ela não disse mais nada, Travis se aproximou e pegou sua mão.

– Você está preocupada com o que aconteceu?

– De jeito nenhum – respondeu Gabby. – Não me arrependo de nada.

Travis sorriu.

– No que está pensando então?

– Eu estava pensando no meu pai – respondeu, aproximando-se dele. – Ele é meio parecido com você por diversas razões. Você ia gostar dele.

– Tenho certeza de que sim – disse Travis, sem saber aonde chegaria aquela conversa.

– Estava pensando no que ele deve ter sentido quando conheceu minha mãe. O que passou pela cabeça dele quando a viu, se estava nervoso, o que disse...

Travis olhou para ela.

– E?

– Eu não faço ideia.

Quando Travis riu, Gabby passou um braço em torno dele.

– Será que a água da hidromassagem está quente? – perguntou ela.

– Deve estar. Eu não verifiquei, mas deve estar no ponto.

– Está pronto para molhar os pés?

– Preciso pegar minha sunga, mas parece uma ótima ideia.

Gabby o apertou contra si e se aproximou do ouvido dele.

– Quem disse que você precisa de sunga?

O casal atravessou o quintal em direção à hidromassagem. Travis viu de relance o roupão de Gabby escorregar de seus ombros e vislumbrou seu corpo nu, sabendo quanto a amava, e que esses últimos dois dias de alguma forma iriam marcar sua vida para sempre.

14

Apesar de terem voltado ao trabalho na segunda-feira, Travis e Gabby passaram todo o tempo livre juntos nos dois dias seguintes. Fizeram amor na segunda de manhã antes de saírem para o trabalho, almoçaram juntos numa pequena cafeteria familiar em Morehead City e, com Molly se sentindo melhor, levaram os dois cachorros para um passeio noturno na praia perto de Fort Macon.

Enquanto caminhavam de mãos dadas, Moby e Molly andavam pela praia na frente deles como dois velhos amigos que se acostumaram com suas diferenças. Quando Moby perseguia andorinhas e corria atrás de bandos de gaivotas, Molly se mantinha no trajeto, comportando-se como se não quisesse fazer parte daquilo. Depois de algum tempo, Moby percebia que Molly não estava mais ao seu lado e voltava até ela, os dois brincando juntos e felizes até Moby se agitar outra vez e a coisa se repetir.

– É mais ou menos como nós dois, hein? – comentou Gabby apertando a mão de Travis. – Um sempre em busca de aventuras, o outro ficando para trás.

– Qual deles sou eu?

Gabby riu e encostou a cabeça no ombro dele. Travis parou e a tomou em seus braços, surpreso e aterrorizado com a força de seus sentimentos. Mas quando ela ergueu o rosto para beijá-lo, Travis sentiu todo medo se

dissipar e ser substituído por uma crescente sensação de completude. Ele ponderou se o amor era essa mesma sensação para todo mundo.

Logo depois, pararam numa mercearia. Nenhum dos dois estava com muita fome, por isso Travis escolheu os ingredientes para uma salada. Na cozinha, ele pôs o frango na grelha e ficou observando Gabby lavar as folhas de alface na pia. Aconchegada no sofá depois do jantar, ela contou mais sobre a família, despertando uma mistura de solidariedade e raiva da mãe dela, por não reconhecer que mulher incrível Gabby se tornaria. Naquela noite eles ficaram enlaçados nos braços um do outro até bem depois da meia-noite.

Na terça de manhã, Gabby acordou e flagrou Travis ao seu lado a admirando. Ela abriu um olho.

– Já está na hora de levantar?

– Acho que sim – murmurou ele.

Ficaram se olhando sem se moverem até Travis continuar.

– Sabe o que parece uma boa ideia? Um café fresco com um pãozinho de canela.

– Parece mesmo – disse Gabby. – Que pena que a gente não tem tempo. Preciso estar na clínica às oito. Você não devia ter me mantido acordada até tão tarde ontem à noite.

– Se você fechar os olhos e desejar intensamente, talvez seu desejo se realize.

Cansada demais para fazer qualquer outra coisa, Gabby fez o que ele sugeria, almejando mais uns minutos na cama.

– E aqui está! – ouviu Travis dizer.

– O quê? – balbuciou.

– Seu café... e um pãozinho de canela.

– Não me provoque. Eu estou morrendo de fome.

– Está bem aqui. Vire de lado e veja você mesma.

Gabby se esforçou para levantar e viu duas fumegantes xícaras de café e um pãozinho de canela de dar água na boca numa bandeja na mesa de cabeceira.

– Quando você... quer dizer, por que você...?

– Alguns minutos atrás. – Travis sorriu. – Eu já estava acordado, então dei uma corrida até o centro.

Gabby pegou as duas xícaras de café e deu uma a ele, sorrindo.

– Eu o beijaria agora mesmo, mas esse cheiro está delicioso e estou morrendo de fome. Deixarei para depois.

– No chuveiro, talvez?

– Você tem sempre uma pegadinha, não é?

– Seja boazinha. Eu trouxe café na cama.

– Eu sei – respondeu Gabby com uma piscadela. Pegou o pãozinho. – E agora eu vou comer.



Na tarde de terça-feira, Travis levou Gabby para um passeio de barco. Os dois ficaram vendo o sol se pôr nas águas de Beaufort. Gabby estava em silêncio desde que saíra do trabalho, razão pela qual Travis sugeriu o passeio; era sua maneira de tentar evitar a conversa que sabia que estava prestes a acontecer.

Uma hora depois, já em seu deque e com Molly e Moby deitados ao lado deles, Travis afinal aceitou o inevitável.

– O que vai acontecer agora? – perguntou.

Gabby girou o copo d'água que tinha nas mãos.

– Não sei – respondeu ela em voz baixa.

– Você quer que eu fale com ele?

– Não é tão simples assim. Fiquei o dia todo tentando imaginar, mas ainda não sei bem o que vou fazer ou dizer a ele.

– Você vai contar sobre nós dois, não vai?

– Não sei. Realmente não sei. – Virou-se para Travis, com os olhos cheios de lágrimas. – Não fique bravo comigo. Por favor. Acredite em mim quando digo que sei como se sente, porque eu me sinto da mesma maneira. Nesses últimos dias você me fez sentir... viva. Fez eu me sentir bonita, inteligente e desejada. Por mais que tente, nunca vou conseguir expressar o

quanto isso significou para mim. Mas por mais intenso que tenha sido isso, por mais que goste de você, nós não estamos na mesma posição. Para você é fácil... nós nos amamos, por isso devemos ficar juntos. Mas Kevin também é importante para mim.

– E quanto a todas aquelas coisas que você disse? – perguntou Travis, tentando não deixar transparecer seu medo.

– Ele não é perfeito, Travis. Sei disso. E não, as coisas não estavam muito bem entre nós. Mas não posso deixar de pensar que em parte a culpa é minha. Você não entende? Eu tenho todas essas expectativas com Kevin, mas com você... não tenho expectativa nenhuma. E se os papéis estivessem trocados, será que tudo isso teria acontecido? E se eu esperasse que você se casasse comigo, e só vivesse o momento presente com ele? Você não teria me dado toda essa atenção, e o mais provável é que nem eu quisesse.

– Não diga isso.

– Mas é verdade, não é? – O sorriso dela era triste. – Era nisso que estava pensando hoje, mesmo que me machuque dizer. Eu amo você, Travis, amo mesmo. Se pensasse nisso apenas como um caso de fim de semana, simplesmente deixaria tudo para trás e voltaria a imaginar um futuro com Kevin. Mas não vai ser tão fácil. Eu preciso fazer uma escolha. Com Kevin eu sei o que esperar. Ou pelo menos achei que soubesse, até você aparecer. Mas agora...

Parou de falar e Travis ficou vendo o cabelo dela se agitar levemente na brisa. Gabby abraçou o próprio corpo.

– Nós só nos conhecemos há poucos dias. Enquanto estávamos no barco, fiquei imaginando com quantas mulheres você tinha feito a mesma coisa. Não porque estivesse com ciúme, mas porque me perguntava o que fez com que esses relacionamentos terminassem. E depois comecei a cogitar se você sentiria o mesmo no futuro ou se tudo terminaria como suas relações anteriores. Por mais que ache que nós nos conhecemos, nós não nos conhecemos. Eu pelo menos não conheço você. Só sei que me apaixonei por você e que nunca tive tanto medo de algo na vida.

Gabby parou de falar. Travis ficou em silêncio, absorvendo as palavras dela antes de dizer qualquer coisa.

– Você tem razão – admitiu. – Sua escolha é diferente da minha. Mas está enganada se acha que isso foi só um caso para mim. Posso ter pensado assim no começo, mas... – Pegou a mão dela. – Não foi como aconteceu. Passar esse tempo com você me mostrou o que estou perdendo na vida. Quanto mais tempo passamos juntos, mais consigo imaginar um futuro para nós dois. Isso nunca me aconteceu antes e não sei se vai acontecer novamente. Nunca amei ninguém antes de conhecer você... não um amor de verdade, pelo menos. Não desse jeito, e eu seria louco de deixar você escapar sem lutar.

Travis passou a mão pelo cabelo, exausto.

– Não sei o que mais posso dizer, a não ser que consigo me imaginar passando o resto da vida com você. Eu sei que parece loucura. Sei que ainda estamos nos conhecendo e que admitir isso pode fazer você pensar que sou doido, mas nunca tive tanta certeza de alguma coisa. Se me der uma chance... se *nos* der uma chance, vou passar o resto da minha vida provando que você tomou a decisão certa. Eu amo você, Gabby. E não só pela pessoa que é, mas pelo jeito que me fez ver como *nós* podemos ser juntos.

Por um longo tempo, nenhum dos dois falou nada. Na escuridão do fim da tarde, Gabby podia ouvir os grilos cantando nas folhagens. Seus pensamentos estavam a toda: ela queria fugir e, ao mesmo tempo, ficar para sempre. Seus instintos antagônicos eram um reflexo da situação impossível em que se envolvera.

– Eu gosto de você, Travis – falou com sinceridade. Em seguida, percebendo como aquilo soara, continuou: – Eu amo você, acho que já sabe disso. Estava tentando dizer que gosto do jeito como você fala comigo. Gosto do fato de que sei quando está falando a verdade ou brincando. Gosto do seu senso de humor. É uma de suas qualidades mais cativantes. – Deu um tapinha no joelho dele. – Você pode fazer uma coisa por mim?

– É claro – respondeu Travis.

– Não importa o que eu pedir?

Ele hesitou.

– Sim... acho.

– Podemos fazer amor? Sem pensar que pode ser a última vez?

– Já são duas coisas.

Gabby não se dignou a responder, apenas estendeu a mão para ele. Enquanto iam para o quarto, ela abriu um minúsculo sorriso, finalmente sabendo o que precisava fazer.

Parte Dois



15

Fevereiro de 2007

Travis tentou se libertar daquelas lembranças de quase onze anos antes, refletindo sobre a razão de terem ressurgido com tanta clareza. Seria porque agora tinha idade para perceber quanto fora incomum se apaixonar tão depressa? Ou apenas por sentir falta da intimidade daqueles dias? Ele não sabia.

Ultimamente, parecia que não sabia um monte de coisas. As pessoas alegavam ter todas as respostas, ou pelo menos as respostas para as grandes questões da vida, mas Travis não acreditava nelas. Se conhecesse uma pessoa capaz de responder a qualquer pergunta, a de Travis seria a seguinte: "Até onde devemos ir em nome de um verdadeiro amor?"

Poderia fazer a pergunta a cem pessoas e obter cem respostas diferentes. A maioria era óbvia: a pessoa deve se sacrificar, aceitar, perdoar ou lutar, se necessário. Embora todas essas respostas fossem válidas, nenhuma o ajudaria. Algumas coisas estavam além da compreensão. Ao rememorar aqueles tempos, Travis se pegava considerando eventos que gostaria de poder mudar e lágrimas que gostaria de não ter chorado, pensando em um tempo que poderia ter sido mais bem usufruído, em uma frustração que deveria ter descartado. Parecia que a vida era cheia de arrependimentos e ele desejava voltar o relógio para poder viver partes de sua vida outra vez. Uma coisa era certa: poderia ter sido um marido melhor. E ao considerar a

questão de até onde uma pessoa deveria ir em nome do amor, Travis sabia qual seria a sua resposta: “Às vezes uma pessoa deveria mentir.”

Em breve, teria que fazer a escolha: mentir ou não?



As luzes fluorescentes e o piso branco enfatizavam a esterilidade do hospital. Travis andava devagar pelo corredor, certo de que Gabby não tinha consciência de que ele estava ali. Hesitou, preparando-se para seguir em frente e falar com ela. Era a razão de ele ter ido ali, mas o desfile vivo de lembranças o havia esgotado. Respirou fundo, sabendo que alguns instantes a mais para organizar os pensamentos não fariam diferença.

Entrou numa pequena sala de espera e se sentou. Observando o movimento constante e regular do corredor, percebeu que os funcionários tinham uma rotina, apesar das intermináveis emergências. Era inevitável que as pessoas tentassem criar um sentido de normalidade em um lugar onde nada era normal. Ajudava a chegar ao fim do dia, acrescentar previsibilidade a uma vida que era inerentemente imprevisível.

Suas manhãs eram um exemplo disso, todas iguais. Despertador às 6h15; um minuto para sair da cama e nove no chuveiro, outros quatro minutos para se barbear e escovar os dentes, sete para se vestir. Um estranho poderia acertar o relógio seguindo seus movimentos pela janela. Depois disso ele descia a escada correndo para se servir de cereal; verificava lições de casa nas mochilas e preparava sanduíches de pasta de amendoim para os lanches enquanto suas sonolentas filhas tomavam o café da manhã. Exatamente às 6h45, elas saíam pela porta e ele esperava com elas a chegada do ônibus escolar, dirigido por um homem cujo sotaque escocês o lembrava Shrek.

Quando as filhas entravam e se acomodavam em seus lugares, Travis sorria e acenava, como esperavam que fizesse. Lisa e Christine tinham 6 e 8 anos agora, um pouco novas para o primeiro e o terceiro anos, e quando as via se aventurando para começar um novo dia, em geral sentia o coração

apertado de preocupação. Talvez isso fosse comum – as pessoas sempre diziam que paternidade e preocupação eram sinônimos –, mas recentemente suas ansiedades vinham ficando mais evidentes.

Travis lidava com coisas com que jamais havia lidado. Coisas pequenas. Coisas ridículas. Será que Lisa continuava achando tanta graça nos desenhos animados? Será que Christine era mais tímida do que o normal? Às vezes, quando o ônibus partia, ele se via repassando as manhãs várias vezes, em busca de pistas para o bem-estar delas. Na véspera tinha passado metade do dia pensando se Lisa o estava testando ao pedir que amarrasse os sapatos dela ou se estava apenas com preguiça. Mesmo sabendo que essa atitude beirava a obsessão, quando entrara em silêncio no quarto delas na noite passada para se certificar de que estavam cobertas, não pôde deixar de considerar se a inquietação noturna era algo recente ou uma coisa que não percebera antes.

Não deveria ter sido assim. Gabby deveria estar com ele; era Gabby quem deveria amarrar os sapatos e arrumar os cobertores. Ela era boa nessas coisas, como ele percebera desde o começo. Lembrou-se dos dias em que a observava, sabendo no fundo que jamais encontraria uma mãe melhor ou um complemento mais perfeito para si mesmo. Essa percepção em geral acontecia nos lugares mais estranhos – empurrando o carrinho no corredor de frutas do mercado ou na fila para comprar ingressos para o cinema – e transformava uma coisa simples, como pegar na mão dela, em um prazer exótico, algo momentâneo e gratificante ao mesmo tempo.

O início do namoro não tinha sido tão simples para Gabby, dividida entre dois homens competindo pelo seu amor. "Uma pequena inconveniência", era como Travis definia nas festas, mas sempre ponderava em qual momento exatamente o amor de Gabby por ele afinal sobrepujaram o que sentia por Kevin. Teria sido quando estavam lado a lado observando o céu noturno, quando ela começou a dar nomes às constelações que reconhecia? Ou no dia seguinte, quando se segurou nele na motocicleta antes do piquenique? Ou foi mais tarde naquela noite, quando ele a abraçou?

Travis não sabia. Captar um momento como aquele era tão impossível quanto localizar uma gota d'água específica no oceano. Mas o fato era que Gabby precisara explicar a situação a Kevin. Travis ainda se lembrava da expressão de dor no rosto dela na manhã em que soube que o namorado estava voltando à cidade. Era o fim da certeza que os conduzira nos dias anteriores; em seu lugar, assomava a realidade do que havia pela frente. Gabby mal tocou em seu desjejum. Quando ele se despediu com um beijo, ela respondeu com um arremedo de sorriso. As horas se passaram sem nenhuma notícia e Travis se ocupou no trabalho, fazendo ligações para encontrar lares para os filhotes de Molly. Finalmente, quando saiu da clínica, foi ver como estava a cadela. Como se soubesse que precisariam dela mais tarde, Molly não voltou à garagem quando ele a soltou. Preferiu ficar no gramado na frente da casa de Gabby, olhando a rua enquanto o sol descia no céu.

Já havia escurecido quando Gabby chegou em casa. Travis se lembrava bem do olhar firme que ela lhe lançou ao sair do carro. Sem dizer uma palavra, ela se sentou ao seu lado na escada. Molly se aproximou e começou a fazer festa. Gabby passava a mão de modo ritmado pelo seu pelo.

– Oi – disse Travis, quebrando o silêncio.

– Oi. – A voz dela parecia drenada de emoções.

– Acho que encontrei um lar para todos os filhotes.

– Sério? – perguntou ela, surpresa.

Travis assentiu e os dois ficaram sem falar, como duas pessoas que esgotaram todos os assuntos.

– Eu sempre vou amar você – disse Travis, tentando sem sucesso encontrar palavras adequadas para consolá-la.

– Eu acredito em você – murmurou Gabby, passando os braços em volta do dele e encostando a cabeça em seu ombro. – É por isso que estou aqui.

Travis nunca gostou de hospitais. Ao contrário da clínica veterinária, que fechava as portas por volta da hora do jantar, o Hospital Geral de Carteret parecia o incessante giro de uma roda-gigante, com pacientes e funcionários entrando e saindo a cada minuto.

De onde estava, podia ver enfermeiras circulando e se aglomerando no balcão no fim do corredor. Algumas irritadas, outras entediadas; os médicos não eram diferentes. Em outros andares, Travis sabia que mães davam à luz, idosos faleciam, um microcosmo do mundo. Por mais opressivo que o ambiente fosse para ele, era ali que Gabby crescera profissionalmente, energizada por toda aquela atividade.

Meses atrás, Gabby tinha recebido uma carta do administrador do hospital, anunciando que a instituição pretendia homenageá-la por seus dez anos de trabalho. A carta não mencionava nada específico acerca das realizações dela; era apenas um documento formal, que sem dúvida fora enviado a dezenas de outros que começaram a trabalhar mais ou menos no mesmo período que ela. A carta prometia que uma placa seria afixada em um dos corredores em homenagem a Gabby, ao lado de outros homenageados, embora isso ainda não tivesse acontecido.

Travis duvidava que ela desse importância àquilo. Gabby havia assumido o emprego nesse hospital não porque um dia poderia receber uma placa, mas por achar que não tinha alternativa. Apesar de ter mencionado alguns problemas na clínica pediátrica no primeiro fim de semana que passaram juntos, não tinha sido muito específica. Travis deixou o comentário no ar sem pressão, mas sabia que o problema não iria se resolver sozinho.

Finalmente ela falou a respeito. Foi no término de um longo dia de trabalho. Travis fora requisitado na noite anterior pelo centro equestre, onde examinou um cavalo árabe suando e pateando o chão, o abdome sensível ao toque. Sinais clássicos de cólica equina, mas uma cirurgia não seria necessária. Por outro lado, como os proprietários tinham mais de 70 anos, Travis não se sentiu à vontade para recomendar que andassem com o cavalo por quinze minutos a cada hora, caso o animal se mostrasse muito agitado ou piorasse de estado. Por isso, preferiu ficar cuidando do cavalo e, mesmo

com o animal melhorando no decorrer do dia seguinte, sentia-se exausto quando foi embora.

Quando chegou em casa, suado e sujo, encontrou Gabby chorando na mesa da cozinha. Demorou alguns minutos para ela conseguir contar a história. Tivera de ficar até mais tarde com um paciente de apendicite que esperava por uma ambulância; quando pôde sair, a maioria dos funcionários já tinha ido para casa. O médico do turno da noite, Adrian Melton, ainda estava lá. Os dois saíram do prédio juntos e, quando Gabby percebeu, já era tarde demais. Melton pôs uma das mãos no ombro dela, disse que estava indo para o hospital e a manteria informada sobre o estado do paciente. Quando Gabby forçou um sorriso, ele se inclinou para beijá-la.

Foi uma atitude desastrada e Gabby recuou antes que ele terminasse. Melton olhou para ela, aparentemente surpreso.

– Achei que era isso que queria – falou.

Na mesa da cozinha, Gabby estremeceu.

– Ele fez parecer que era culpa minha.

– Já tinha acontecido antes?

– Não, não desse jeito. Mas...

Quando ela interrompeu a frase, Travis pegou a mão dela.

– Vamos lá – falou. – Sou eu. Conte para mim.

O olhar dela continuou fixo na superfície da mesa, mas a voz era firme quando contou sobre o comportamento de Melton. Ao terminar, seu rosto ostentava uma expressão aflita de raiva mal contida.

– Eu vou dar um jeito nisso – disse Travis sem esperar por uma resposta.

Foram necessários dois telefonemas para descobrir onde Adrian Melton morava. Minutos depois, o carro de Travis freou ruidosamente em frente à casa do médico. Seu insistente dedo na campainha o trouxe até a porta da frente. Ele mal teve tempo de registrar sua confusão quando o punho de Travis golpeou sua mandíbula. Uma mulher, que Travis supôs ser a esposa, surgiu no mesmo instante em que ele caiu no chão, e seus gritos ecoaram pelo corredor.

Quando a polícia chegou à residência, Travis foi preso pela primeira e última vez em sua vida. Foi levado à delegacia, onde a maioria dos policiais o tratou com respeito e certo ar de diversão. Todos levavam seus animais de estimação à clínica e se mostraram claramente céticos ante a alegação da Sra. Melton de que "um psicopata atacou meu marido!".

Quando Travis ligou para a irmã, Stephanie foi buscá-lo com um ar mais divertido que preocupado. Encontrou Travis sentado numa cela individual, imerso numa conversa com um policial. Quando se aproximou, percebeu que eles estavam falando do gato do policial, que parecia estar com uma espécie de erupção na pele e não parava de se coçar.

– Que droga – disse Stephanie.

– Como assim?

– E eu achando que ia encontrar você de uniforme listrado.

– Desculpe por desapontar você.

– Talvez ainda haja tempo. O que acha, policial?

O homem não sabia o que pensar e deixou os dois a sós.

– Muito obrigado – disse Travis assim que o policial saiu. – Ele deve estar considerando a sua sugestão.

– Não me culpe. Não sou eu quem sai agredindo médicos por aí.

– Ele mereceu.

– Tenho certeza disso.

Travis sorriu.

– Obrigado por ter vindo.

– Eu não perderia isso por nada, Rocky Balboa. Ou você prefere que eu o chame de Apollo Creed?

– Que tal você fazer alguma coisa para me tirar daqui em vez de ficar me arranjando apelidos?

– Arranjar apelidos é muito mais divertido.

– Talvez tivesse sido melhor eu chamar nosso pai.

– Mas você não chamou. Chamou a mim. E pode acreditar que tomou a decisão certa. Agora me deixe falar com o delegado, está bem?

Mais tarde, enquanto Stephanie conversava com o delegado, Adrian Melton foi falar com Travis. Ele não conhecia o veterinário local e quis

saber a razão da agressão. Embora Travis nunca tenha contado a Gabby o que disse, Adrian Melton retirou as acusações na hora, apesar dos protestos da esposa. Poucos dias depois, Travis soube pelo falatório de cidade pequena que o médico e a Sra. Melton estavam consultando um conselheiro matrimonial. De qualquer forma, o ambiente de trabalho ficou tenso para Gabby e, poucas semanas depois, o Dr. Furman a chamou em seu escritório e sugeriu que considerasse procurar outro emprego.

– Eu sei que não é justo – explicou o médico. – Se decidir ficar, podemos dar um jeito. Mas eu estou com 64 anos e tenho planos de me aposentar no ano que vem. Dr. Melton concordou em comprar minha parte da clínica e duvido que queira mantê-la aqui. Ou, melhor, duvido que você queira continuar trabalhando com ele. Acho que seria mais fácil aproveitar esse tempo para arranjar um emprego onde se sinta mais confortável e simplesmente deixar esse terrível episódio para trás. – O médico deu de ombros. – Não estou dizendo que o comportamento dele não foi repreensível, é claro que foi. Mas apesar de ser um imbecil, foi o melhor pediatra que entrevistei e o único disposto a exercer a profissão numa cidade pequena como esta. Se sair voluntariamente, posso escrever a melhor recomendação que imaginar. Você vai conseguir arrumar um emprego em qualquer lugar. Isso eu garanto.

Gabby percebeu a manipulação e, embora suas emoções clamassem por uma punição, por ela e por todas as mulheres assediadas sexualmente em toda parte, seu lado pragmático se sobressaiu. No fim, ela arrumou um emprego no pronto atendimento do hospital.

Só havia um problema: quando descobriu o que Travis tinha feito, Gabby ficou furiosa. Foi a primeira discussão que tiveram como casal e Travis ainda se lembrava de sua indignação ao querer saber se ele não achava que ela era “suficientemente adulta para lidar com os próprios problemas” e por que ele tinha agido “como se ela fosse uma donzela em apuros”. Travis não se deu ao trabalho de tentar se defender. No fundo, sabia que faria a mesma coisa outra vez sem hesitar, mas manteve a boca fechada.

Apesar de toda a indignação de Gabby, Travis desconfiava de que uma parte dela havia admirado o que ele tinha feito. A lógica simples da atitude a cativara – "Ele mexeu com você? Deixa comigo" – e, apesar de toda a fúria demonstrada, naquela noite eles fizeram amor de uma forma particularmente apaixonada.

Ou ao menos era como Travis se lembrava. Será que a noite tinha se passado exatamente daquela maneira? Naqueles dias, parecia que a única coisa de que tinha certeza era que não trocaria os anos ao lado de Gabby por nada. Sem ela, sua vida tinha pouco sentido. Travis era um marido em uma cidade pequena, com um trabalho numa cidade pequena, e suas preocupações não eram diferentes das de ninguém.

Não era líder nem seguidor, tampouco uma pessoa de quem alguém se lembraria por muito tempo depois de sua morte. Era um homem absolutamente comum, com apenas uma exceção: ter se apaixonado por uma mulher chamada Gabby, seu amor aumentando durante os anos que passaram casados. Mas o destino havia conspirado para arruinar tudo isso, e agora ele passava a maior parte de seus dias pensando se seria humanamente possível consertar as coisas entre eles.

16

— Oi, Travis – disse uma voz no corredor. – Achei que estivesse aqui.

Dr. Stallings tinha pouco mais de 30 anos e fazia as visitas médicas todas as manhãs. Ao longo dos anos, a esposa e ele se tornaram bons amigos de Gabby e de Travis, e no último verão os dois casais viajaram para Orlando com os filhos a reboque.

– Mais flores?

Travis aquiesceu, sentindo a rigidez no pescoço. Stallings parou na porta da sala.

– Imagino que ainda não tenha visto a Gabby.

– Mais ou menos. Eu vi a Gabby mais cedo, mas...

Quando deixou a frase pela metade, Stallings terminou por ele.

– Mas você precisava ficar um tempo sozinho? – O médico entrou e se sentou ao lado de Travis. – Acho que isso é uma atitude normal.

– Eu não me sinto normal. Nada disso parece normal para mim.

– É, imagino que não pareça.

Travis pegou as flores mais uma vez, tentando aquietar seus pensamentos, sabendo que havia coisas sobre as quais não deveria falar.

– Eu não sei o que fazer – admitiu afinal.

Stallings pôs a mão no ombro de Travis.

– Gostaria de saber o que dizer.

Travis virou-se para ele.

– O que você faria?

Stallings permaneceu um bom tempo em silêncio.

– Se estivesse no seu lugar? – Estreitou os lábios, considerando a questão, parecendo mais velho do que realmente era. – Como toda a honestidade, não sei.

Travis balançou a cabeça. Não esperava uma resposta de Stallings.

– Eu só queria fazer a coisa certa.

Stallings juntou as duas mãos.

– Não é o que todos queremos?



Quando Stallings saiu, Travis mudou de lugar na cadeira, consciente dos papéis em seu bolso. Antes ele os guardava na escrivaninha, mas agora achava impossível viver sem aqueles papéis por perto, mesmo que pressagiassem o fim de tudo o que amava.

O advogado mais velho que os redigira pareceu não ver nada de incomum na requisição. Seu escritório de direito ficava em Morehead City, tão perto do hospital em que Gabby trabalhava que era possível vê-lo das janelas da sala de conferência. A reunião não havia durado muito; o advogado explicou os estatutos pertinentes e falou de experiências semelhantes; depois, Travis só conseguia se lembrar da maneira frouxa, quase débil, com que o homem tinha apertado sua mão na saída.

Parecia estranho que aqueles papéis pudessem assinalar o término oficial do casamento deles. Eram palavras codificadas, nada mais, porém o poder atribuído a elas pareciam agora quase malévolos. Onde estava a humanidade naquelas frases? Onde estava a emoção regida por essas leis? Onde estava o reconhecimento da vida que os dois tiveram juntos até tudo dar errado? E por que, em nome de Deus, Gabby quis escrever aquilo?

Não deveria terminar dessa maneira. Com certeza não era o resultado que Travis previra quando pedira Gabby em casamento. Lembrou-se da viagem a Nova York naquele outono; enquanto Gabby ficou no hotel,

fazendo massagem e cuidando dos pés, ele deu uma saída para ir até a Rua 47, onde comprara o anel de noivado. Depois de um jantar em um restaurante requintado, eles passearam de carruagem pelo Central Park. E sob um céu nublado e de lua cheia, Travis pediu a mão dela em casamento e foi surpreendido pela forma apaixonada como ela o abraçou, murmurando "sim" muitas e muitas vezes.

E depois? *A vida*, pensou Travis. Entre seus turnos de trabalho no hospital, ela planejou o casamento: apesar do conselho dos amigos de deixar a preparação nas mãos da futura esposa, Travis se regozijou em fazer parte do processo. Ajudou Gabby a escolher os convites, as flores e o bolo; ficou ao seu lado enquanto ela folheava os álbuns dos estúdios da cidade, esperando encontrar o fotógrafo ideal para registrar aquele dia. No fim, convidaram oitenta pessoas para a cerimônia, realizada em uma capela antiga na Cumberland Island, na primavera de 1997; passaram a lua de mel em Cancún, que acabou sendo uma escolha idílica para os dois. Gabby queria um local relaxante, e eles passavam horas ao sol e comendo bem; ele queria um pouco mais de aventura, por isso ela aprendeu a mergulhar e foi com Travis a uma excursão de mergulho para conhecer as ruínas astecas.

A interação da lua de mel estabeleceu o tom do casamento. A casa dos sonhos deles foi construída com pouco estresse e concluída no primeiro aniversário de casamento; quando Gabby passou o dedo pela borda de uma taça de champanhe e ponderou em voz alta se estava na hora de constituir uma família, Travis não só considerou a ideia razoável, como também algo que desejava desesperadamente. Gabby engravidou dois meses depois, uma gravidez sem complicações ou desconforto.

Quando Christine nasceu, Gabby reduziu suas horas de trabalho e os dois montaram um cronograma que permitia que um deles sempre estivesse em casa com o bebê. Quando foi a vez de Lisa, dois anos depois, não perceberam muitas mudanças, a não ser o aumento da alegria e da animação na casa.

Natais e aniversários chegaram e se foram, e as garotas continuaram crescendo. A família passava as férias reunida, mas Travis e Gabby também ficavam sozinhos, mantendo viva a chama do romance.

Max acabou se aposentando, deixando a clínica para Travis; Gabby reduziu ainda mais suas horas de trabalho, arranjando tempo suficiente para trabalhos voluntários na escola. No quarto aniversário de casamento, viajaram para a Itália e a Grécia; no sexto, passaram uma semana em um safári na África. No sétimo ano, Travis construiu para Gabby um mirante no quintal, onde podia ficar lendo e observando a vista. Travis ensinou *wakeboard* e surfe às filhas quando elas completaram 5 anos e foi técnico do time de futebol delas no outono. Nas raras ocasiões em que parava para refletir sobre sua vida, Travis se perguntava se havia alguém no mundo mais afortunado que ele.

Não que as coisas tivessem sido sempre perfeitas. Alguns anos atrás, Gabby e ele atravessaram um período difícil. Agora as razões pareciam difusas, perdidas nos recessos do tempo, mas nunca houve um momento em que Travis considerasse que o casamento estava ameaçado. Nem ela, acreditava ele. Os dois pareciam compreender que casamento envolvia comprometimento e perdão. Envolvia equilíbrio, com uma pessoa complementando a outra. Gabby e ele desfrutavam disso havia anos e ele esperava que isso voltasse a acontecer. Mas não era o que se dava agora, e essa percepção o deixava desejando que houvesse alguma coisa, qualquer coisa, que pudesse fazer para restaurar esse delicado equilíbrio entre eles.



Travis sabia que não podia mais adiar o momento de vê-la e se levantou da cadeira. Com as flores na mão, começou a percorrer o corredor, sentindo-se quase etéreo. Viu algumas enfermeiras olharem para ele e, apesar de às vezes cogitar sobre o que pensavam, nunca parou para perguntar. Lutou para controlar o nervosismo. As pernas estavam trêmulas e sentia o começo de uma dor de cabeça, um latejar incômodo na nuca. Se fechasse os olhos, seria capaz de dormir por horas. Sentia-se caindo aos pedaços. Tinha 43 anos, não 72, e apesar de não estar comendo muito bem ultimamente, continuava se obrigando a frequentar a academia.

– Você precisa continuar fazendo exercícios – exigiu o pai. – Pelo menos por sua sanidade.

Travis tinha perdido 9 quilos nas últimas doze semanas e podia ver no espelho como suas bochechas tinham se encovado. Parou em frente à porta e a abriu, forçando um sorriso ao ver Gabby.

– Oi, querida.

Ficou esperando que ela se mexesse, esperando por qualquer resposta que o informasse que as coisas voltariam ao normal. Mas nada aconteceu e Travis sentiu uma dor quase física no coração durante o longo e vazio silêncio que se seguiu. Era sempre assim. Aproximou-se de Gabby sem conseguir parar de olhá-la, como se tentasse memorizar todas as suas feições, apesar de saber que era um movimento sem sentido. Conhecia o rosto dela melhor do que o próprio.

Foi até a janela e abriu a persiana, deixando o sol se espalhar pelo quarto. Não era uma grande vista; o quarto dava para uma pequena autoestrada que dividia a cidade. Automóveis em marcha lenta passavam por restaurantes e Travis podia imaginar os motoristas ouvindo música em seus rádios ou batendo papo ao celular, dirigindo-se ao trabalho, fazendo entregas, cumprindo tarefas ou indo visitar amigos. Pessoas vivendo suas vidas, pessoas perdidas nas próprias preocupações, todas indiferentes ao que acontecia no hospital. Travis já fora um deles e sentia muito a perda de sua vida pregressa.

Colocou as flores no peitoril, lamentando não ter se lembrado de trazer um vaso. Os tons alaranjados e violeta do buquê pareciam apagados, quase de luto. O florista se considerava um artista e Travis nunca se decepcionou em todos esses anos que fora seu cliente. Era um bom sujeito, um homem delicado, e às vezes Travis desconfiava de quanto ele sabia de seu casamento. Ao longo dos anos, havia comprado buquês para bodas e aniversários; flores para se desculpar ou, no impulso do momento, para uma surpresa romântica. Em todas as vezes, sempre explicava ao florista o que desejava que fosse escrito no cartão. Às vezes recitava um poema que encontrava num livro ou escrito de próprio punho; outras vezes ia direto ao ponto e simplesmente dizia o que se passava pela sua cabeça. Gabby

guardava esses cartões amarrados com um elástico. Era como uma história da vida dos dois, descrita em pequenos fragmentos.

Sentou-se na cadeira ao lado da cama e pegou a mão da esposa. A pele estava pálida, quase cerosa, o corpo parecia menor, e ele percebeu que rugas começavam a se formar nos cantos dos olhos. Mesmo assim, Gabby parecia tão bonita quanto da primeira vez que a vira. Era surpreendente que se conhecessem havia quase onze anos. Não porque fosse um período de tempo extraordinário, mas porque aqueles anos pareciam conter mais... *vida* do que os primeiros 32 anos sem ela. Era a razão de ter vindo ao hospital hoje; era a razão de vir todos os dias. Não havia escolha. Não porque fosse esperado, mas porque Travis não conseguia se imaginar em qualquer outro lugar. Os dois passavam os dias juntos, mas as noites separados. Ironicamente, também não havia escolha quanto a isso, pois ele não podia deixar as filhas sozinhas. Ultimamente, o destino tomava todas as decisões por ele.

Menos uma.

Passaram-se 84 dias desde o acidente, e agora Travis teria que fazer uma escolha. Ainda não tinha ideia de qual seria. Nos últimos tempos estivera procurando respostas na Bíblia e em textos de Tomás de Aquino e Santo Agostinho. Às vezes encontrava uma passagem notável, mas nada além disso; fechava o livro e ficava olhando pela janela, os pensamentos vazios, esperando uma solução vinda de algum lugar no céu.

Raramente ia direto do hospital para casa. Preferia atravessar a ponte e andar pelas areias de Atlantic Beach. Tirava os sapatos, ouvia as ondas baterem na praia. Sabia que as filhas estavam tão abaladas quanto ele. Por isso, precisava de um tempo para se recompor. Seria injusto sujeitá-las à sua angústia. Precisava das filhas pelo consolo que representavam. A alegria delas mantinha sua pureza inalterada. Elas ainda tinham a capacidade de se distrair nas brincadeiras e o som de suas risadas o fazia querer rir e chorar ao mesmo tempo. Às vezes, analisando cada detalhe, ficava chocado com o quanto se pareciam com a mãe.

As filhas sempre perguntavam por Gabby, mas Travis não sabia o que dizer. Eram suficientemente maduras para saber que a mãe não estava bem;

entendiam que, quando a visitavam no hospital, era como se a mulher que tanto amavam estivesse dormindo. Mas Travis não conseguia reunir coragem para dizer a verdade. Preferia se aninhar com elas no sofá e contar como a mãe tinha ficado animada quando engravidara ou falar sobre o dia em que a família ficou a tarde toda brincando no escorregador. Na maior parte das vezes, ficavam folheando álbuns de fotografias que Gabby tinha organizado com todo cuidado. Ela era antiquada nesse sentido e as fotos sempre provocavam sorrisos no rosto das meninas. Travis contava histórias associadas a cada imagem e sua garganta apertava quando via o rosto radiante de Gabby nas fotos. Ele nunca vira uma mulher mais linda.

Para escapar da tristeza que o acometia nesses momentos, Travis erguia os olhos do álbum para uma foto grande e emoldurada tirada na praia no último verão. Os quatro sorrindo e sentados nas dunas. Era o tipo de retrato de família comum em Beaufort, mas tinha um significado maior para Travis. Não por ser da sua família, mas por achar que qualquer estranho se sentiria cheio de esperança e otimismo diante daquela imagem, pois aquelas pessoas pareciam felizes.

Quando as meninas iam para a cama, Travis guardava os álbuns. Uma coisa era ver aquilo ao lado das filhas e contar histórias para tentar animá-las, mas folheá-lo sozinho era diferente. Não conseguia. Ficava sentado no sofá, nocauteado pela tristeza que sentia em seu âmago. Às vezes Stephanie ligava. As conversas eram cheias das provocações habituais, só que ao mesmo tempo meio formais, pois ele sabia que a irmã queria que ele se perdoasse.

Apesar de suas observações às vezes petulantes, Travis sabia o que ela realmente estava dizendo: não era culpa dele. Todo mundo estava preocupado com ele. Para deixá-la mais tranquila, Travis mentia, dizendo estar bem. A verdade era algo que a irmã não gostaria de ouvir: não apenas duvidava de que algum dia voltaria a estar bem, como não sabia se queria estar.

17

Faixas mornas de luz do sol se alongavam em direção a eles. No silêncio, Travis apertou a mão de Gabby e fez uma careta ao sentir a dor no seu pulso. Até um mês atrás, ainda estava engessado. Os ossos de seu braço estavam fraturados e os ligamentos, rompidos. Mesmo assim, ele se recusou a tomar os analgésicos que os médicos haviam receitado, devido à sonolência que o faziam sentir.

A mão dela era macia, como sempre. Quase todos os dias Travis a segurava por horas, imaginando o que faria se ela respondesse ao toque. Ficava observando-a, imaginando o que pensava. O mundo interior de Gabby era um mistério.

– As meninas estão bem – começou a dizer. – Christine comeu todo o cereal no café da manhã e Lisa, quase tudo. Sei que você se preocupa com o que elas estão comendo, pois são meio magrinhas, mas elas têm devorado os sanduíches que sirvo depois da escola.

Lá fora, um pombo pousou no parapeito da janela. Deu alguns passos para um lado e se posicionou no lugar em que quase sempre ficava. Parecia que, de alguma forma, sabia a hora em que Travis fazia sua visita. Às vezes ele acreditava que era uma espécie de presságio, embora não fizesse ideia de quê.

– Eu as ajudo com as lições de casa depois do jantar. Sei que prefere fazer isso logo depois das aulas, mas parece que está funcionando bem

desse jeito. Você ia ficar entusiasmada com quanto Christine melhorou em matemática. Ela virou o jogo. Estamos usando aqueles cartões de memória que você comprou e ela não errou nenhuma pergunta no último teste. Tem feito a lição de casa sem minha ajuda. Você ia ficar orgulhosa.

O som dos arrulhos do pombo quase não era audível pela vidraça.

– E Lisa vai indo bem. Assistimos a *Dora, a Aventureira* ou *Barbie* todas as noites. É uma loucura assistir aos mesmos DVDs tantas vezes como ela. Lisa quer uma festa com tema de princesa no aniversário. Pensei em comprar bolo de sorvete, mas ela prefere uma comemoração no parque. Com certeza o bolo vai derreter, então acho melhor comprar outra coisa.

Travis pigarreou.

– Ah, já contei que o Joe e a Megan estão pensando em ter outro filho? Eu sei, eu sei... é uma loucura em vista dos problemas que teve na última gravidez, além do fato de já estar com mais de 40 anos, mas Joe disse que ela quer tentar ter um menino. Eu? Acho que é Joe quem quer isso e Megan está indo atrás dele, mas com aqueles dois a gente nunca sabe.

Travis fazia força para manter um tom de conversa normal. Desde a internação de Gabby, ele tentava agir o mais naturalmente possível com ela. Como falavam muito sobre as filhas e os amigos antes do acidente, ele sempre comentava sobre esses assuntos quando a visitava. Não fazia ideia se ela o ouvia; a comunidade médica parecia dividida a esse respeito. Alguns juravam que pacientes em coma podiam ouvir – e talvez lembrar – conversas; outros diziam exatamente o contrário. Travis não sabia em quem acreditar; mas preferia viver seus dias de acordo com os otimistas.

Por essa mesma razão, consultou o relógio e pegou o controle remoto. Nos raros momentos em que não estava trabalhando, Gabby sentia um prazer meio culpado em assistir ao programa da juíza Judy Sheindlin na televisão, e Travis sempre ironizou a maneira como ela se deliciava de uma forma quase perversa com as trapalhadas dos infelizes que acabavam no tribunal da juíza.

– Está passando o programa que você gosta. Acho que ainda dá para assistir aos últimos minutos.

Um instante depois, a juíza Judy estava falando mais alto que o réu e o requerente, o que parecia ser algo recorrente e previsível no programa.

– Ela continua em forma, hein?

Quando terminou, Travis desligou a televisão e pensou em colocar as flores mais perto, na esperança de que Gabby pudesse sentir o perfume. Queria manter os sentidos dela estimulados. No dia anterior havia passado algum tempo escovando seus cabelos; antes disso, trouxe um perfume e passou um pouco nos pulsos dela. Hoje, porém, fazer uma dessas coisas parecia exigir um esforço maior do que ele poderia exercer.

– Fora isso, não há grandes novidades – falou com um suspiro. As palavras não faziam sentido para ele, como sem dúvida soavam para ela. – Meu pai ainda está cuidando da clínica para mim. É como se nunca tivesse se aposentado. As pessoas continuam o adorando e acho que ele está contente de estar lá. Acho que ele nem deveria ter parado de trabalhar.

Travis ouviu uma batida à porta e viu Gretchen entrar. No último mês, vinha contando muito com ela. Ao contrário das outras enfermeiras, Gretchen mantinha uma fé inabalável de que Gabby sairia daquilo tudo em bom estado.

– Oi, Travis – cantarolou. – Desculpe a interrupção, mas preciso trocar o soro.

Travis concordou com a cabeça e ela se aproximou de Gabby.

– Aposto que está com fome, querida – falou. – Só um segundo, está bem? Depois disso vou deixá-los sozinhos. Você sabe que não gosto de interromper um casal de pombinhos.

Gretchen trabalhou depressa, retirando um frasco de soro e substituindo-o por outro, o tempo todo sem parar de falar.

– Sei que está dolorida dos exercícios de hoje. Nós malhamos muito, não foi? Parecíamos esse pessoal que a gente vê nos comerciais de academia. Exercitando aqui, exercitando ali. Estou muito orgulhosa de você.

Todas as manhãs, e depois à noite, uma enfermeira vinha para flexionar e alongar os membros de Gabby. Dobrar o joelho, esticar; flexionar o pé

para cima e para baixo. Faziam isso com todos os músculos e juntas do corpo dela.

Quando terminou de colocar o soro, Gretchen verificou o fluxo e ajeitou as cobertas, antes de se virar para Travis.

– Como você está hoje?

– Não sei – respondeu ele.

A enfermeira pareceu arrependida de ter perguntado.

– Trouxe flores! Que bom! Com certeza Gabby gostou.

– Espero que sim.

– Você vai trazer as meninas?

Travis sentiu um nó na garganta por um segundo.

– Hoje não.

Gretchen franziu os lábios e balançou a cabeça. Pouco depois, saiu do quarto.



Doze semanas atrás, Gabby foi trazida para a sala de emergência de maca, inconsciente e com um intenso sangramento no ombro. Os médicos se concentraram primeiro no corte, por causa da grande perda de sangue, ainda que, em retrospecto, Travis cogitava se uma diferente abordagem não teria mudado as coisas.

Jamais saberia. Assim como Gabby, também foi trazido para a sala de emergência; assim como Gabby, passou a noite inconsciente. Mas aí terminaram as semelhanças. No dia seguinte, ele apenas sentia dores em um braço ferido, mas Gabby nunca mais acordou.

Os médicos foram delicados, mas não esconderam sua preocupação. Traumas cerebrais sempre eram graves, mas tinham esperança de que os danos seriam revertidos e que tudo voltaria ao normal com o tempo.

Com o tempo.

Às vezes Travis se questionava se os médicos percebiam a intensidade emocional do tempo, do que ele estava passando. Ninguém sabia pelo que

estava passando nem conseguia entender a escolha que tinha pela frente. Aparentemente, era simples. Ele ia fazer o que Gabby queria, exatamente o que ela o fez prometer.

Mas e se...

E essa era a questão. Travis já tinha pensado bastante sobre a realidade da situação; ficou várias noites acordado considerando a questão e refletindo sobre o verdadeiro significado do amor. No escuro, se virando na cama, desejava que outra pessoa tomasse aquela decisão por ele. Mas ele lutava sozinho e, na maioria das vezes, acordava no dia seguinte com um travesseiro molhado de lágrimas no lugar onde Gabby deveria estar. E as primeiras palavras que saíam de sua boca eram sempre as mesmas:

– Eu sinto tanto, querida.



A escolha que Travis teria que fazer agora tinha raízes em dois eventos distintos. O primeiro estava relacionado a um casal, Kenneth e Eleanor Baker. O segundo, o próprio acidente, tinha acontecido numa noite de chuva e ventania há doze semanas.

O acidente era fácil de explicar, e semelhante a muitos outros em que uma série de erros isolados e aparentemente inconsequentes de alguma forma se uniam para explodir da maneira horrível. Em meados de novembro, foram de carro ao RBC Center em Raleigh para assistir a uma apresentação do David Copperfield. Nos últimos anos, costumavam assistir a um ou dois espetáculos por ano, ao menos como desculpa para saírem uma noite sozinhos. Costumavam jantar antes, mas naquela noite não fizeram isso. Travis saiu tarde da clínica, o casal saiu tarde de Beaumont e o espetáculo estava quase começando quando estacionaram. Na pressa, Travis se esqueceu do guarda-chuva, apesar das nuvens ameaçadoras e do vento forte. Esse foi o primeiro erro.

Assistiram ao show e gostaram muito, mas o tempo havia piorado quando saíram do estádio. Chovia forte e Travis se lembrava de ter ficado

ao lado de Gabby, pensando na melhor forma de chegar até o carro. Por acaso encontraram amigos que também haviam assistido ao espetáculo e Jeff se ofereceu para levar Travis até o carro. Mas ele não quis incomodá-lo e declinou da oferta, preferindo sair embaixo de chuva, pisando em poças de água até as canelas a caminho do automóvel. Quando entrou no veículo, estava encharcado até a alma, principalmente os pés. Esse foi o segundo erro.

Como já era tarde, e os dois precisavam trabalhar na manhã seguinte, Travis dirigiu depressa, apesar do vento e da chuva, tentando ganhar alguns minutos num trajeto que normalmente levava duas horas e meia. Apesar da dificuldade de enxergar pelo para-brisa, ele trafegava pela via expressa, excedendo o limite de velocidade, ultrapassando veículos cujos motoristas eram mais cautelosos. Esse foi o terceiro erro.

Gabby pediu repetidas vezes que ele reduzisse a velocidade. Quando passaram por Goldsboro, ainda a uma hora e meia de casa, ela estava tão brava que tinha parado de falar com ele. Inclinou o encosto para trás e fechou os olhos, recusando-se a falar, frustrada pela maneira como Travis a ignorava. Esse foi o erro número quatro.

O acidente foi o erro seguinte, e poderia ter sido evitado se não tivesse acontecido nenhuma das outras coisas. Se tivesse levado o guarda-chuva ou aceitado a oferta do amigo, Travis não teria corrido até o carro debaixo do aguaceiro e seus pés não estariam molhados. Se tivesse reduzido a velocidade, poderia ter sido capaz de controlar o carro. Se tivesse respeitado os desejos de Gabby, não teriam discutido e ela teria visto o que ele pretendia fazer e impediria antes que fosse tarde demais.

Perto de Newport, uma curva fácil e aberta na estrada é interrompida por um sinal de trânsito. A partir daquele ponto da viagem, menos de vinte minutos de distância de casa, a coceira em seus pés o estava deixando maluco. Seus sapatos eram de amarrar, os nós estavam mais apertados por causa da umidade e, por mais que tentasse se livrar dos calçados, a ponta de um deles escorregava no calcanhar do outro. Travis abaixou-se um pouco, o olhar mal ultrapassando o painel, para tentar tirar o sapato com a mão. Olhando para baixo, lutou com o laço e não viu o sinal ficar amarelo.

Quando o nó finalmente se desatou, Travis ergueu os olhos, mas aí já era tarde demais. O sinal tinha ficado vermelho e um caminhão prateado entrou pelo cruzamento. Por instinto, ele pisou no freio e a traseira do carro começou a derrapar no asfalto molhado. O automóvel adernou, fora de controle. No último segundo, as rodas travaram e ele evitou a colisão com o caminhão, só para continuar em linha reta pela curva, saindo da estrada em direção aos pinheiros.

A lama ficava cada vez mais escorregadia e não houve nada que ele pudesse fazer. Virava a direção e nada acontecia. Por um instante, o mundo pareceu se mover em câmera lenta. A última coisa de que se lembrava antes de perder a consciência foi o doentio ruído de vidro quebrado e metal retorcido.

Gabby não teve tempo nem de gritar.



Travis afastou uma mecha de cabelo do rosto de Gabby e ajeitou-a atrás da orelha, ouvindo o próprio estômago roncar. Por mais faminto que estivesse, não tolerava a ideia de comer. Havia um perene nó em seu estômago e, nos raros momentos em que isso não ocorria, os pensamentos em Gabby chegavam correndo para preencher o vazio.

Era uma forma de punição irônica, pois Gabby foi a responsável por ensiná-lo a comer outras coisas além das comidas insípidas que prezava tanto. Ela deve ter se cansado de seus hábitos restritivos. Já deveria ter percebido as mudanças que se dariam quando ela começara a fazer comentários ocasionais sobre a insipidez dos waffles nas manhãs de sábado ou como não havia nada melhor nos dias de inverno que um bom guisado de carne feito em casa.

Até aquele momento, Travis vinha sendo o cozinheiro da família, mas pouco a pouco Gabby começou a invadir a cozinha. Comprou uns dois ou três livros de culinária, e Travis começou a vê-la à noite lendo no sofá, às vezes dobrando o canto de uma página. De vez em quando, perguntava o

que ele achava sobre um prato específico. Lia em voz alta os ingredientes de um cozido *cajun* ou uma vitela à Marsala, e embora Travis respondesse que pareciam deliciosos, o tom de sua voz tornava óbvio que provavelmente não comeria nada daquilo se ela preparasse.

Mas Gabby era persistente e passou a operar pequenas mudanças assim mesmo. Começou a fazer molhos de manteiga, creme ou vinho e temperar as porções de frango que ele preparava quase todas as noites. Seu único pedido era que ele ao menos sentisse o cheiro, e em geral tinha que admitir que o aroma era apetitoso. Depois, começou a deixar uma pequena quantidade na molheira e, mais tarde, punha um pouco no prato de Travis, quisesse ele ou não. Pouco a pouco, para sua surpresa, ele começou a experimentar.

No terceiro aniversário de casamento, Gabby preparou um bolo de carne recheado com mozarela à moda italiana; em vez de um presente, ela pediu que ele provasse. No aniversário de quatro anos, os dois cozinharam juntos. Apesar de seu café da manhã e o almoço continuarem monótonos como sempre, e na maioria das noites o jantar fosse insípido como de costume, Travis teve que admitir que havia algum romantismo em cozinhar juntos.

Com o passar dos anos, começaram a fazer isso pelo menos duas vezes por semana. Gabby costumava tomar uma taça de vinho enquanto cozinhavam, e pedia para as meninas ficarem no solário, brincando sobre um enorme tapete bérbere cor de esmeralda. Elas chamavam aquilo de "hora do tapete verde". Gabby e Travis cortavam e misturavam ingredientes conversando em voz baixa sobre o dia, Travis se deliciando com o prazer que a companhia de Gabby lhe proporcionava.

Travis se perguntava se teria oportunidade de cozinhar com Gabby de novo. Durante as primeiras semanas depois do acidente, sentia-se quase frenético para garantir que a enfermeira do turno da noite tivesse o número do seu celular à mão.

Depois de um mês, quando já estava respirando por conta própria, Gabby saiu da UTI para um quarto particular e Travis estava certo de que aquela mudança a despertaria. Mas quando os dias se passaram e nenhuma mudança aconteceu, a energia obsessiva dele começou a ser substituída por

um temor calado. Uma vez Gabby comentou com Travis que seis semanas eram o limite para pacientes naquele estado. Após esse período, a probabilidade de sair de um coma caía drasticamente. Mas ele mantinha a esperança. Dizia a si mesmo que Gabby era mãe, lutadora, diferente de todo mundo. Seis semanas se passaram; seguiram-se outras duas. Depois de três meses, Travis sabia que a maioria dos pacientes que continuavam em coma era levada para uma casa de repouso para cuidados de longo prazo. A data limite chegara e ele devia informar o administrador o que queria fazer. Mas essa não era a escolha que ele estava encarando. Sua escolha tinha a ver com Kenneth e Eleanor Baker, e mesmo sabendo que não poderia culpar Gabby por trazer os dois ao seu convívio, não se sentia preparado para pensar neles naquele momento.

18

A casa que eles construíram era o tipo de lugar em que Travis podia se imaginar passando o resto da vida. Apesar de recém-erguida, havia um aspecto familiar desde o momento que se mudaram. Ele atribuía isso ao fato de Gabby ter se empenhado muito para criar um lar que fazia as pessoas se sentirem confortáveis assim que abriam a porta.

Foi ela quem supervisionou os detalhes que tornavam a casa tão viva. Enquanto Travis concebia a estrutura em termos de metragem quadrada e materiais de construção que resistissem à salinidade e aos verões úmidos, Gabby introduzia elementos ecléticos que ele jamais consideraria.

Certa vez, estavam passando de carro por uma casa de fazenda em escombros e abandonada. Gabby insistiu em parar para ver. Àquela altura, ele já estava acostumado aos ocasionais impulsos de fantasia dela. Fez algumas piadas, mas logo haviam estacionado na frente do que fora uma porta. Atravessaram o assoalho acarpetado e sujo, tentando ignorar os percevejos que andavam pelas paredes rachadas e janelas abertas. Na parede do fundo, no entanto, havia uma lareira, coberta de mofo. Ela se agachou perto da lareira, passando a mão pelos lados e embaixo do lintel.

– Está vendo isso? Acho que é lajota pintada à mão. Deve haver centenas de peças, talvez mais. Você consegue imaginar como devia ser bonita quando nova? – Pegou a mão dele. – A gente devia fazer algo assim.

Pouco a pouco, a casa tomou rumos que Travis nunca teria imaginado. Eles não se limitaram a copiar o estilo da lareira. Gabby localizou os proprietários, bateu à porta deles e os convenceu a vender a lareira inteira por um custo menor que o da limpeza. Ela queria grandes vigas de carvalho e um teto abobadado de pinho na sala de estar que combinasse com o gablete. As paredes eram de reboco e tijolos ou revestidas de texturas coloridas, algumas parecendo couro, todas de alguma forma remetendo a obras de arte.

Gabby passou longos fins de semana comprando mobílias antigas e diversas bugigangas. Às vezes parecia que a própria casa ajudava. Quando Gabby encontrou um ponto no assoalho que rangia, ficou andando para a frente e para trás, com um grande sorriso no rosto, e não pensou duas vezes. *Precisamos de tapetes*. Ela adorava tapetes – quanto mais colorido o estampado, melhor. Assim, vários tapetes foram generosamente espalhados pela casa.

Mas ela também era prática. A cozinha, os banheiros e os quartos eram arejados, modernos e bem-iluminados, com grandes janelas emoldurando a maravilhosa paisagem. O banheiro do casal tinha uma banheira de cerâmica e um chuveiro em um grande boxe de vidro. Quis uma garagem ampla, com bastante espaço para Travis. Deduzindo que iriam passar bastante tempo na varanda que circundava a casa, Gabby insistiu numa rede e em cadeiras de balanço que combinavam, assim como uma churrasqueira ao ar livre num espaço coberto, a fim de poderem se sentar do lado de fora mesmo durante uma tempestade. Não dava para saber se era mais confortável dentro ou fora da casa. E na primeira noite na nova casa, quando os dois se deitaram na cama de dossel, Gabby virou-se para Travis com uma expressão de pura alegria, a voz quase um ronronar:

– Este lugar, com você ao meu lado, é onde eu sempre quis estar.

Embora Travis não tenha mencionado para Gabby, as meninas vinham enfrentando problemas.

Não era surpreendente, é claro, mas ele não sabia o que fazer. Christine tinha perguntado mais de uma vez se a mãe um dia voltaria para casa. Apesar de Travis garantir que sim, a menina parecia insegura, provavelmente porque o pai também se sentia desse modo. Crianças costumam perceber essas coisas e, aos 8 anos, Christine estava começando a descobrir que o mundo não era tão simples quanto imaginava.

Era uma criança adorável, com luminosos olhos azuis, que gostava de usar tiaras no cabelo. Mantinha o quarto em ordem e se recusava a usar roupas que não combinassem. Não tinha acessos de birra quando as coisas não davam certo. Era o tipo de menina que organizava os brinquedos ou escolhia o próprio par de sapatos.

Desde o acidente, no entanto, ela parecia sempre frustrada e os acessos de raiva eram cada vez mais comuns. A família de Travis, Stephanie em especial, sugeriu um aconselhamento, e tanto Christine quanto Lisa iam a sessões duas vezes por semana. Mas os momentos de birra só pioravam e na noite passada, quando Christine foi se deitar, o quarto dela estava uma bagunça.

Lisa, que sempre fora pequena para a idade, tinha o cabelo da mesma cor do de Gabby e era uma menina alegre. Levava seu cobertor para onde fosse, e seguia Christine pela casa como um cachorrinho. Aplicava decalques em todas as suas pastas e seus trabalhos na escola quase sempre voltavam para casa cobertos de estrelas. Porém, já havia algum tempo que chorava antes de dormir. Do andar de baixo, Travis podia ouvi-la pela babá eletrônica e por pouco não fazia o mesmo. Nessas noites, ele subia até o quarto das meninas – outra mudança depois do acidente foi que as duas quiseram dormir no mesmo cômodo – e se deitava ao lado delas, afagando seus cabelos e ouvindo a caçula choramingar “Eu quero a mamãe” sem parar, as palavras mais tristes que Travis tinha que ouvir. Quase emocionado demais para falar, ele simplesmente dizia:

– Eu sei, eu também.

Travis não conseguia ocupar o lugar de Gabby, e nem tentou; o que restava, no entanto, era uma lacuna, um vazio que ele não sabia como preencher. Como a maioria dos pais, os dois tinham criado feudos de responsabilidades em termos de cuidado dos filhos. Agora Travis sabia que Gabby assumira uma parcela de responsabilidade bem maior que a dele, e lamentava isso.

Havia tantas coisas que não sabia como fazer, coisas que Gabby realizava com naturalidade. Coisas pequenas. Travis sabia pentear o cabelo das meninas, mas, em termos de tranças, só entendia o conceito, não conseguia dominar a prática. Não sabia a que tipo de iogurte Lisa se referia quando pedia "o azul, de banana".

Quando ficavam resfriadas, ele ia até o corredor da farmácia, examinando as prateleiras de xarope contra tosse, ponderando se comprava o de sabor uva ou cereja. Christine nunca usava as roupas que ele escolhia. Não fazia ideia de que Lisa gostava de usar sapatos com purpurina às sextas-feiras. Travis percebeu que, antes do acidente, nem sabia o nome das professoras das filhas ou onde ficavam suas salas de aula na escola.

O Natal foi o pior momento, pois era a festa favorita de Gabby. Ela adorava tudo o que se referia à ocasião: a árvore, a decoração, assar biscoitos e fazer compras. Travis ficava surpreso em ver como ela mantinha o bom humor no meio de multidões frenéticas em lojas de departamentos, mas à noite, depois que as meninas já tinham ido dormir, ela pegava os presentes com uma vertiginosa sensação de prazer e os dois embrulhavam tudo para que Travis pudesse escondê-los no sótão.

Não houve alegria nas festas do ano passado. Travis fez o melhor que pôde, forçando um entusiasmo que não existia. Tentou realizar tudo o que Gabby fazia, mas o esforço para manter uma fachada feliz foi exaustivo, principalmente porque as filhas não facilitavam. Não era culpa delas, mas Travis não soube como reagir quando leu o primeiro item da lista de desejos das duas: "mamãe". Não dava para substituir aquilo por um novo videogame ou uma casa de bonecas.

As coisas tinham melhorado nas últimas duas semanas. Mais ou menos. Christine continuava com os acessos de birra e Lisa ainda chorava antes de

dormir, mas elas começavam a se adaptar à vida sem a mãe. Quando chegavam em casa depois da escola, não a chamavam mais por força do hábito; quando caíam e esfolavam o cotovelo, iam buscar um curativo com o pai. Em um retrato da família que Lisa desenhou na escola, Travis viu somente três figuras – teve que prender a respiração até perceber que havia outra imagem horizontal no canto, que parecia ter sido acrescentada depois. Elas não perguntavam mais da mãe tanto quanto antes e raramente a visitavam. As visitas eram difíceis, pois não sabiam o que dizer nem como se comportar. Travis entendia aquilo e tentava tornar a coisa mais fácil. "É só conversar", dizia às duas, e elas tentavam, mas as palavras se desfaziam quando não havia resposta.

Em geral, quando visitavam, Travis pedia que levassem presentes – pedregulhos bonitos que encontrassem no jardim, folhas, cartões-postais caseiros enfeitados com purpurina. Mas mesmo esses objetos eram carregados de incertezas. Lisa deixava o seu presente próximo à mão de Gabby e se afastava; um momento depois, se aproximava da mãe. Em seguida, reunia tudo em cima da mesinha do quarto. Christine, por sua vez, não parava quieta. Sentava na cama ou ficava em pé junto da janela, olhava o rosto da mãe de perto, e não dizia uma palavra durante todo o tempo.

– Como foi na escola hoje? – perguntou Travis na última visita. – A mamãe quer saber tudo o que vocês têm feito.

Em vez de responder, Christine virou-se para ele:

– Por quê? – perguntou, com um tom de fria contestação. – Você sabe que ela não pode me ouvir.

Havia uma cafeteria no térreo do hospital, e quase sempre Travis ia até lá, principalmente para ouvir outras vozes que não a sua. Costumava chegar por volta da hora do almoço e ficou conhecendo alguns frequentadores habituais ao longo das últimas semanas. A maioria era formada por funcionários, mas havia uma mulher mais velha que parecia estar sempre lá

quando ele chegava. Apesar de não saber o nome dela, ficou sabendo por Gretchen que o marido da mulher já se encontrava na UTI quando Gabby foi internada. Tivera complicações no diabetes. Sempre que via a mulher tomando a sopa, Travis pensava no marido dela no andar de cima. Era fácil imaginar o pior: uma possível amputação, um homem sobrevivendo no limite. Ele não fez perguntas nem desejava saber a verdade, inclusive por achar que não poderia demonstrar solidariedade a ninguém naquele momento. Sua capacidade de empatia parecia ter evaporado.

Ficava imaginando, por exemplo, se o marido havia plantado roseiras para ela, algo que Travis tinha feito para Gabby quando ela engravidou de Christine. Ele se lembrava do jeito como ela ficava na varanda, com uma das mãos na barriga. Em uma dessas ocasiões, mencionou que o quintal precisava de algumas flores. Ao ver sua expressão, seria mais fácil para Travis respirar embaixo d'água do que negar seu pedido. Assim, apesar de estar com as mãos arranhadas e sangrando quando acabou de plantar os arbustos, havia rosas florindo no dia em que Christine nasceu. Travis levou um buquê ao hospital.

Será que o marido daquela mulher a olhava discretamente da mesma maneira que Travis fazia com Gabby enquanto as filhas se divertiam nos balanços do parque? Ele adorava como a expressão de Gabby se iluminava de orgulho. Nesses momentos, costumava segurar a mão dela e ter vontade de nunca largar.

Será que o marido daquela mulher a achava bonita de manhã, toda despenteada? Às vezes, apesar do caos sempre associado às manhãs, eles simplesmente ficavam deitados juntos e abraçados por mais alguns minutos, como se extraindo forças para enfrentar o dia.

Travis não sabia se seu casamento era especialmente abençoado ou se todos eram iguais. Apenas se sentia perdido sem Gabby, enquanto a mulher da cafeteria, de alguma forma, arranjava forças para continuar. Não sabia se deveria admirar ou sentir pena dela. Travis virava o rosto antes de ela notar que ele estava olhando. Atrás dele, uma família entrou, conversando animada e levando balões; na caixa registradora, viu uma jovem vasculhando o bolso em busca de trocados. Travis empurrou sua bandeja,

sentindo-se mal. Tinha comido metade do sanduíche. Pensou em levar o restante para o quarto, mas sabia que não conseguiria comer. Virou-se para a janela.

A cafeteria dava para uma pequena área verde, e Travis via o mundo mudando lá fora. Logo chegaria a primavera e os pequenos botões de flor começariam a brotar nos arbustos. Nos últimos três meses, tinha visto todos os tipos de clima naquele mesmo local. Viu chuva e sol, ventos de até 80 quilômetros por hora vergando os pinheiros até se quebrarem. Três semanas antes, presenciou granizo caindo do céu, seguido de um espetacular arco-íris emoldurando os arbustos de azaleia. As cores, tão intensas que pareciam quase vivas, o fizeram pensar que a natureza às vezes envia sinais, que era importante se lembrar de que o desespero pode dar lugar à alegria. Mas um instante depois o arco-íris tinha desaparecido e o granizo havia voltado com tudo.

A alegria às vezes era apenas uma ilusão.

19

O céu estava nublado e era hora da rotina vespertina de Gabby. Apesar de já ter concluído os exercícios da manhã – e uma enfermeira iria à noite para outra rodada –, Travis tinha perguntado a Gretchen se ele poderia fazer a mesma coisa à tarde também.

– Acho que ela vai gostar – respondeu Gretchen.

A enfermeira ensinou o processo. Cada músculo e cada junta requeriam atenção. Enquanto Gretchen e as outras enfermeiras sempre começavam pelos dedos das mãos, Travis iniciava pelos dedos dos pés. Levantou a coberta e pegou no pé de Gabby, flexionando o dedinho para cima e para baixo, depois mais uma vez, até passar para o do lado.

Travis gostava de fazer isso com ela. A sensação da pele de Gabby na sua era suficiente para reacender uma dezena de lembranças: a maneira como ele massageava seus pés quando ela estava grávida, as lentas e inebriantes massagens nas costas à luz de velas que quase a faziam ronronar, massagens no braço quando ela se esforçava demais para levantar um saco de ração para cães com uma só mão. Por mais que sentisse falta de conversar com a mulher, às vezes Travis acreditava que o simples ato de tocá-la era do que mais sentia saudade. Demorara mais de um mês para pedir a permissão de Gretchen para ajudar com os exercícios e, durante esse tempo, sempre que esfregava a perna de Gabby, percebia que de alguma forma estava se aproveitando dela. Não fazia diferença que fossem casados;

o que importava era o fato de ser um ato unilateral de sua parte, de certa forma desrespeitoso com a mulher que ele adorava.

Mas esses alongamentos...

Gabby precisava daquilo. Ela *exigia* aquilo. Seus músculos se atrofiariam sem eles. Mesmo se ela acordasse – *quando* acordasse, Travis logo se corrigiu –, estaria condenada a ficar acamada. Ao menos era o que ele dizia a si mesmo. No fundo, sabia que também precisava daquilo, ao menos para sentir o calor da pele dela ou a suave pulsação do sangue em seu pulso. Era nessas ocasiões que ele mais tinha certeza de que Gabby se recuperaria; que o corpo dela estava se consertando sozinho.

Travis concluiu os dedos do pé e passou para os tornozelos; quando acabou, flexionou as pernas, levando os joelhos até o peito e esticando-as de volta. Às vezes, quando estava lendo uma revista deitada no sofá, Gabby distraidamente esticava a perna daquela maneira. Era o movimento de uma dançarina, e ela o praticava com a mesma graça.

– É bom, meu amor?

Sim, obrigada. Eu estava me sentindo meio rígida.

Travis sabia que imaginava a resposta dela, que Gabby não tinha se mexido. Mas a voz parecia sair de algum lugar de sua mente. Às vezes ele se perguntava se estava ficando louco.

– Como você está?

Absolutamente entediada, se quer saber. Obrigada pelas flores, aliás. São muito bonitas. Você comprou no Frick's?

– Onde mais?

Como estão as meninas? Quero a verdade desta vez.

Travis passou o peso do corpo para a outra perna.

– Elas estão bem, mas sentem muito a sua falta. Às vezes não sei o que fazer.

Você está fazendo o melhor possível, certo? Não é isso que sempre pedimos um para o outro?

– Você está certa.

Isso é o que todos esperamos. E elas vão ficar bem. São mais fortes do que aparentam.

– Eu sei. Puxaram a você.

Travis imaginou Gabby o examinando, a expressão circunspecta.

Você parece mais magro. Magro demais.

– Eu não tenho comido muito bem.

Eu estou preocupada com você. Precisa se cuidar. Pelas meninas. Por mim.

– Eu sempre vou estar aqui com você.

Eu sei. Também sinto medo por essa situação. Você se lembra de Kenneth e Eleanor Baker?

Travis parou os movimentos de flexão.

– Lembro.

Então você sabe do que estou falando.

Travis deu um suspiro e começou de novo.

– Sei.

Na cabeça dele, o tom de voz dela suavizou. *Lembra quando você nos levou para acampar nas montanhas no ano passado? Como prometeu que as meninas e eu íamos adorar?*

Travis começou a trabalhar nos dedos da mão e nos braços.

– Por que está falando disso?

Eu penso em um monte de coisas aqui. O que mais posso fazer? Enfim, lembra que quando chegamos lá nós descarregamos o carro e nem nos preocupamos em montar o acampamento, apesar de termos ouvido trovões a distância, porque você queria nos mostrar o lago? E como precisamos andar quase um quilômetro para chegar à beira do lago e começou uma tempestade? A água caindo do céu como se estivéssemos embaixo de uma mangueira? Estávamos encharcados quando voltamos. Eu fiquei meio brava e fiz você levar a gente para um hotel.

– Eu lembro.

Desculpe ter feito isso. Eu não devia ter ficado tão brava. Apesar de ter sido culpa sua.

– Por que é sempre culpa minha?

Travis a imaginou piscando para ele enquanto balançava a cabeça.

Porque você sempre leva na boa quando digo isso.

Travis se abaixou e beijou a testa dela.

– Eu sinto tanto a sua falta.

Eu também.

Sentiu a garganta se apertar quando terminou os exercícios de rotina, sabendo que a voz de Gabby ia sumir de novo. Chegou o rosto mais perto do dela.

– Você sabe que precisa acordar, certo? As meninas precisam de você. Eu preciso de você.

Eu sei. Estou tentando.

– Você vai ter que se apressar.

Ela não disse nada e Travis sabia que tinha exagerado na pressão.

– Eu amo você, Gabby.

Eu também amo você.

– Está precisando de alguma coisa? Quer que eu feche a veneziana? Quer alguma coisa de casa?

Você pode ficar mais um pouco comigo? Estou muito cansada.

– É claro.

Segurando a minha mão?

Travis assentiu, voltando a cobrir o corpo dela com o lençol. Sentou numa cadeira ao lado da cama e segurou a mão dela, acariciando-a com o polegar. Lá fora o pombo tinha voltado e, mais ao longe, nuvens pesadas se movimentavam no céu, transformando-se em imagens de outros mundos.

Travis amava a esposa, mas detestava a vida com ela desse jeito e se amaldiçoou por chegar a pensar nisso. Beijou as pontas dos dedos dela, uma a uma, encostando-a em seu rosto. Ficou segurando a mão junto ao rosto, sentindo seu calor e desejando algum movimento, por menor que fosse; mas, quando nada aconteceu, Travis afastou a mão dela e nem percebeu que o pombo estava olhando para ele.

Eleanor Baker era uma dona de casa de 38 anos com dois filhos. Oito anos antes, tinha chegado ao pronto-socorro vomitando e se queixando de uma dor lancinante na nuca. Gabby, que cobria o turno de uma amiga, iria atendê-la, mas Eleanor foi internada no hospital antes disso. Apenas na segunda-feira seguinte, soube que Eleanor estava na UTI.

– Resumindo – disse uma das enfermeiras –, ela adormeceu e não acordou.

O coma fora causado por um grave caso de meningite viral.

Seu marido, Kenneth, pesquisador e historiador no Colégio East Carteret, que todos diziam ser um sujeito gregário e amistoso, passava seus dias no hospital. Com o tempo, Gabby conheceu Kenneth; no início foram apenas cumprimentos esparsos, mas com o tempo as conversas ficaram mais longas. Ele adorava a esposa e os filhos, sempre usava um suéter tricotado e uma calça cáqui bem passada, e bebia litros de refrigerante. Era católico devoto e Gabby costumava encontrá-lo rezando um terço ao lado da cama da esposa. Os filhos se chamavam Matthew e Mark.

Travis sabia de tudo isso porque Gabby contava tudo para ele depois do trabalho. Ela se indagava: por que ele continuava indo ao hospital todos os dias? O que pensava quando ficava em silêncio ao lado da mulher?

– Ele parece sempre tão triste – comentou Gabby.

– É porque ele está triste. A mulher dele está em coma.

– Mas ele fica lá o tempo todo. E os filhos?

Semanas se transformaram em meses e Eleanor Baker acabou sendo levada para uma casa de saúde. Meses viraram um ano, depois outro. Eleanor acabaria sendo esquecida, se não fosse o fato de Kenneth fazer compras no mesmo mercado que Gabby. Às vezes os dois se encontravam e a conversa sempre chegava à esposa dele. Nunca houve qualquer mudança.

Mas ao longo dos anos, enquanto continuaram a se encontrar, Gabby percebeu que Kenneth foi mudando.

– Ela está na mesma.

Foi a maneira como começou a definir casualmente o estado da mulher. Onde antes havia uma luz nos olhos dele, agora só havia desolação; onde antes havia amor, agora parecia existir apenas apatia. Seus cabelos escuros

ficaram grisalhos em dois anos e ele emagreceu tanto que as roupas ficaram folgadas.

Fosse no corredor de cereais ou na seção de congelados, parecia que Gabby não conseguia evitar aqueles encontros, a ponto de acabar se tornando uma espécie de confidente. Quando se viam, Kenneth relatava um evento horrível atrás do outro: tinha perdido o emprego, perdido a casa, mal podia esperar que os filhos saíssem de casa, o mais velho tinha desistido de estudar e o mais novo fora preso de novo por tráfico de drogas. *De novo*. Foi a palavra que Gabby enfatizou quando relatou a história a Travis depois. Disse também que tinha quase certeza de que Kenneth estava bêbado quando o encontrou.

– Eu me sinto tão mal por ele – disse Gabby.

– Eu sei que se sente – concordou Travis.

Depois de um momento de silêncio:

– Às vezes eu acho que teria sido melhor se a mulher dele tivesse morrido.



Olhando pela janela, Travis pensava em Kenneth e Eleanor Baker. Não fazia ideia se Eleanor ainda se encontrava na casa de saúde nem se ainda estava viva. Desde o acidente, tinha repassado aquelas conversas quase todos os dias. Será que havia uma razão para que aquele casal fizesse parte da vida deles? Afinal, quantas pessoas conhecem alguém que esteve em coma? Parecia tão... fantástico, não mais provável do que visitar uma ilha habitada por dinossauros ou ver uma nave alienígena explodindo o Empire State Building.

Se havia alguma razão para os Bakers terem entrado em suas vidas, qual seria? Para avisar que Travis estava perdido? Que as filhas se perderiam na vida? Esses pensamentos o aterrorizavam e eram o motivo pelo qual ele esperava pelas meninas depois da escola e as levava ao parque de diversões assim que terminava o ano letivo. Era por isso que deixava Christine passar

a noite na casa das amigas e continuava insistindo que se comportassem bem em casa e na escola. Se não o fizessem, ficariam de castigo. Pois essas eram as atitudes que Gabby teria tomado.

Seus sogros às vezes achavam que ele estava sendo rígido demais com as meninas. Não era surpresa. Sua sogra, em particular, sempre fora muito sentenciosa. Enquanto Gabby e o pai ficavam por uma hora ao telefone, as conversas dela com a mãe eram sempre rápidas. No começo, passavam os feriados de praxe em Savannah, mas Gabby sempre voltava para casa estressada; quando as filhas nasceram, ela explicou para os pais que desejava dar início às próprias tradições de feriados. Por isso, eles teriam que ir a Beaufort. Nunca foram.

Depois do acidente, entretanto, os sogros se hospedaram num hotel em Morehead City para ficar perto da filha. Durante o primeiro mês, Travis encontrou-se várias vezes com eles no quarto de Gabby. Apesar de nunca terem dito que o culpavam pelo acidente, Travis sentia isso na maneira como se mantinham distantes. Quando passavam algum tempo com Christine e Lisa, era sempre fora da casa, tomando sorvete ou comendo pizza.

Com o passar do tempo, tiveram que voltar para casa. Agora apareciam em fins de semana de vez em quando. Quando visitavam, Travis tentava ficar longe do hospital. Dizia a si mesmo que era porque eles precisavam passar um tempo sozinhos com a filha, o que era parcialmente verdade. O que Travis não admitia era que os dois sempre o lembravam de que ele era responsável por aquela situação.



Os amigos de Travis reagiram da forma que ele esperava. Allison, Megan e Liz se revezaram preparando seu jantar nas seis primeiras semanas. Elas ficaram amigas de Gabby com o passar dos anos, e às vezes Travis achava que ele é quem devia ampará-las. Costumavam aparecer com olhos vermelhos e sorrisos forçados, trazendo recipientes de plástico cheios até a

borda de lasanha ou assados, com acompanhamentos e vários tipos de sobremesa. Sempre faziam questão de frisar que tinham usado frango no lugar da carne vermelha para garantir que Travis comesse.

Eram especialmente boas com suas filhas. No começo, abraçavam as meninas quando elas choravam e Christine se apegou muito a Liz, que fazia tranças no cabelo dela, ajudava a fazer pulseiras de miçangas e costumava passar pelo menos meia hora jogando bola com Christine. Dentro de casa, as duas começavam a cochichar assim que Travis saía da sala. Ele ficava imaginando o que diziam uma para a outra. Conhecendo bem Liz, sabia que ela contaria para ele se fosse importante. Com o passar do tempo, Travis começou a sentir ao mesmo tempo gratidão pela presença dela e ciúme do relacionamento com Christine.

Lisa, por sua vez, era mais próxima de Megan. Coloriam desenhos na mesa da cozinha ou ficavam assistindo à televisão; às vezes Travis via Megan abraçada com Lisa da mesma forma que ficava com Gabby. As duas quase pareciam mãe e filha, e nesses breves momentos Travis sentia como se a família estivesse mais uma vez reunida.

Allison, por sua vez, era a que fazia as meninas entenderem que, mesmo estando tristes e chateadas, ainda tinham responsabilidades: arrumar os quartos, lições de casa e lavar os pratos sujos na pia. Fazia isso com delicadeza, mas de maneira firme, e enquanto suas filhas às vezes faltavam com seus deveres quando Allison não estava presente, isso acontecia com menos frequência do que Travis teria imaginado. Em um nível inconsciente, elas pareciam perceber que faltava uma estrutura em suas vidas, e Allison era exatamente do que precisavam.

Com a presença das amigas e da mãe dele, que vinha todas as tardes e a maioria dos fins de semana, Travis poucas vezes ficava sozinho com as filhas. Elas conseguiam funcionar de uma forma tão maternal e eram o apoio de que precisava para sair da cama todas as manhãs. Sua culpa era uma carga pesada, não apenas por causa do acidente. Ele não sabia o que fazer nem onde deveria estar. No hospital, desejava ficar em casa com as filhas; quando estava em casa, sentia vontade de estar com Gabby. Nada nunca estava certo.

Depois de seis semanas jogando restos de comida no lixo, Travis disse às amigas que, apesar de suas visitas serem muito bem-vindas, não precisava mais que elas preparassem seu jantar. Nem queria que fossem todos os dias. Àquela altura, com imagens de Kenneth Baker fustigando sua mente, Travis sabia que precisava assumir o controle do que restava da sua vida. Precisava se tornar o pai que já fora, o pai que Gabby desejava que fosse. Não foi fácil. Se por um lado ainda havia ocasiões em que Christine e Lisa pareciam sentir falta da atenção de outras pessoas, aquilo era compensado pela atenção que Travis tornou a mostrar. Não que tudo tivesse voltado ao normal, mas agora, na marca dos três meses, a vida da família retornava aos eixos. Ao assumir a responsabilidade de cuidar das filhas, às vezes Travis achava que tinha conseguido se salvar.

Por outro lado, depois do acidente, passou a ter pouco tempo para Joe, Matt e Laird. Apesar de os amigos continuarem aparecendo ocasionalmente para uma cerveja depois que as meninas iam para cama, as conversas se tornaram formais. Na metade do tempo, tudo o que diziam parecia estar... *errado*. Quando perguntavam sobre Gabby, Travis não estava disposto a falar sobre ela. Quando tentavam falar sobre outra coisa, Travis cismava que eles pareciam estar evitando falar sobre Gabby.

Sabia que não estava sendo justo, mas não conseguia deixar de sentir a diferença entre a vida deles e a sua. Apesar de toda a generosidade e a paciência, apesar de toda a solidariedade, Travis acabava pensando que dali a pouco Joe iria para casa encontrar Megan, que os dois se abraçariam em silêncio na cama; quando Matt punha a mão no ombro dele, Travis ficava pensando se Liz não estava sentindo falta dele ou se precisava do marido para fazer alguma coisa em casa. A relação com Laird era exatamente a mesma e, a despeito de si mesmo, Travis se sentia injustificavelmente irritado na presença deles.

Enquanto era obrigado a viver constantemente com o impensável, o apoio dos amigos era apenas intermitente e, por mais que relutasse, Travis não conseguia deixar de se revoltar com a injustiça daquilo tudo. Queria ter de novo o que eles tinham, e sabia que jamais entenderiam a sua perda, por mais que tentassem. Odiava a si mesmo por pensar tudo isso e tentava

esconder sua revolta, mas tinha a impressão de que os amigos percebiam que a situação tinha mudado, mesmo sem saber ao certo o que estava acontecendo de fato. Gradualmente, suas visitas foram ficando mais curtas e menos frequentes. Travis se odiou por isso também, pela barreira que acabou criando entre eles, mas não sabia como evitar.

Em seus momentos de silêncio, Travis refletia sobre seu ressentimento em relação aos amigos, mesmo que só sentisse gratidão em relação às esposas. Ficava no deque ponderando a respeito de tudo aquilo, e na semana anterior ele estava observando a lua crescente quando de repente acabou aceitando o que já sabia desde o começo. A diferença, percebeu, tinha a ver com o fato de Megan, Allison e Liz concentrarem seu apoio nas filhas dele, enquanto Joe, Matt e Laird se concentravam em apoiá-lo. As filhas mereciam aquele apoio.

Ele, no entanto, merecia ser castigado.

20

Ao lado de Gabby, Travis olhou para o relógio. Eram quase duas e meia da tarde e ele deveria se preparar para se despedir da esposa para estar em casa quando as meninas chegassem da escola. Hoje, porém, Christine ia visitar uma amiga e Lisa ia a uma festa de aniversário no aquário de Pine Knoll Shores, portanto as duas só chegariam em casa na hora do jantar. O fato de suas filhas terem planos era uma sorte, já que ele teria que ficar mais tempo de qualquer jeito. Tinha uma reunião mais tarde com o neurologista e o administrador do hospital.

Sabia do que se tratava e não tinha dúvidas de que os dois se mostrariam totalmente solidários, cheios de observações moderadas e tranquilizadoras. O neurologista ia dizer que Gabby teria que ser transferida para uma casa de saúde, já que o hospital não podia fazer mais nada. Explicaria que a situação dela era estável, os riscos eram mínimos e haveria um médico para examiná-la semanalmente. Além disso, provavelmente o deixaria ciente de que os funcionários que trabalhavam em casas de saúde saberiam providenciar todo o cuidado de que Gabby necessitasse no dia a dia. Se Travis protestasse, o administrador interviria para observar que, como Gabby não estava mais na UTI, o plano só cobria uma estada de três meses no hospital. Poderia também dar de ombros e mencionar que, como o hospital atendia toda a comunidade local, não havia espaço para manter Gabby por muito mais tempo, mesmo tendo sido uma funcionária da

instituição. Não havia nada que Travis pudesse fazer. Os dois queriam garantir que as coisas fossem do jeito deles.

O que não percebiam era que a decisão não era assim tão simples. Abaixo da superfície subjazia a realidade de que, enquanto Gabby estivesse no hospital, podia-se supor que acordasse logo. Afinal, era por isso que os pacientes em coma permaneciam internados. Precisavam de médicos e enfermeiras por perto para monitorar mudanças que indicassem melhoras que eles sabiam que logo iriam surgir. Em uma casa de saúde, previa-se que Gabby nunca mais despertaria. Travis não estava preparado para aceitar isso, mas parecia não haver alternativa.

Mas Gabby tinha uma escolha e a decisão de Travis não se basearia no que o neurologista ou o administrador dissesse. Ele basearia sua decisão no que Gabby iria querer.

Do outro lado da janela o pombo tinha ido embora e Travis ficou imaginando se ele visitava outros pacientes, como um médico. Se fosse o caso, os outros notavam o pombo como ele?

– Desculpe ter chorado mais cedo – sussurrou Travis. Olhando para Gabby, via o peito dela subir e descer a cada respiração. – Não consegui evitar.

Não tinha ilusão de ouvir a voz dela agora. Só acontecia uma vez por dia.

– Sabe uma coisa de que eu gosto em você? Além de quase tudo? – Forçou um sorriso. – O jeito que você age com a Molly. A propósito, ela está bem. O quadril dela melhorou e ela continua gostando de ficar deitada na relva sempre que pode. Isso me faz lembrar dos nossos primeiros anos. Saíamos bem cedo para levar os cachorros para passear na praia e deixávamos que corressem sem as guias. Aquelas manhãs eram sempre tão... relaxantes. Eu adorava ver você rindo quando perseguia Molly em círculos, tentando bater na bunda dela. Ela ficava louca quando você fazia isso, com um brilho nos olhos e a língua de fora.

Fez uma pausa, notando com surpresa que o pombo havia voltado. *Ele deve gostar de me ouvir*.

– A propósito, foi por isso que soube que você seria ótima com crianças. Pelo jeito que se dava bem com a Molly. Mesmo daquela primeira vez que nos encontramos... – Balançou a cabeça, retornando ao passado. – Acredite se quiser, adorei o jeito como você irrompeu na minha casa naquela noite, e não só porque nós acabamos nos casando. Você parecia uma mamãe ursa protegendo o filhote. Só alguém capaz de amar profundamente consegue sentir toda aquela raiva. Quando vi como você era com a Molly, todo seu o amor e atenção, com tantas preocupações, e que ninguém no mundo se atrevesse a mexer com ela, soube que você seria exatamente igual com nossas crianças.

Passou um dedo pelo braço dela.

– Sabe quanto isso foi importante para mim? Saber quanto você ama nossas filhas? Você não faz ideia da alegria que isso me proporcionou todos esses anos.

Chegou o rosto mais perto do dela.

– Eu amo você, Gabby, mais do que poderá saber. Você é tudo o que eu quis numa mulher. Você é toda a esperança e todos os sonhos que já tive, e me fez mais feliz do que qualquer homem seria capaz de ser. Eu não quero abrir mão disso. Não posso. Você consegue entender isso?

Travis esperou por uma resposta, mas nada aconteceu. Nunca acontecia nada, como se Deus estivesse dizendo que o amor que ele sentia não era o suficiente. Ajeitou o lençol na cama, sentindo-se só e separado da esposa, sabendo que era um marido cujo amor de alguma forma tinha falhado.

– Por favor – murmurou. – Você precisa acordar, querida. Por favor? Nosso tempo está se esgotando.



– Oi.

De calça jeans e camiseta, Stephanie não aparentava ser a profissional bem-sucedida que se tornara. Morando em Chapel Hill, era gerente de projeto sênior numa empresa de biotecnologia que se expandia

rapidamente, mas nos últimos três meses costumava passar três ou quatro dias por semana em Beaufort. Desde o acidente, era a única pessoa com quem Travis realmente conseguia conversar. Só ela conhecia os seus segredos.

– Oi – respondeu Travis.

Ela entrou no quarto e se abaixou ao lado da cama.

– Oi, Gabby – falou, beijando-a no rosto. – Como você está?

Travis adorava a forma como a irmã a tratava. Além dele, era a única que sempre se sentia à vontade na presença de Gabby. Stephanie puxou outra cadeira e sentou perto de Travis.

– E você, como vai, meu irmão?

– Tudo bem – respondeu ele.

Stephanie o examinou com atenção.

– Você parece péssimo.

– Muito obrigado.

– Você não está comendo direito. – Pegou a bolsa e tirou um pacotinho de amendoins. – Coma isso.

– Não estou com fome. Acabei de almoçar.

– Quanto?

– Suficiente.

– Por mim, por favor? – Abriu o pacote com os dentes. – Coma isso e eu prometo que calo a boca.

– Você diz isso todas as vezes.

– É porque você continua parecendo péssimo. – Fez um sinal com a cabeça na direção de Gabby. – Aposto que ela também disse a mesma coisa, certo?

Stephanie nunca questionou a alegação de Travis de que ouvia a voz de Gabby. Se questionava, o tom de sua voz não demonstrava.

– Sim, ela disse.

Stephanie empurrou o pacote na direção dele.

– Então pegue esse amendoim.

Travis o pegou e o colocou no colo.

– Agora ponha alguns na boca, depois mastigue e engula.

Parece a nossa mãe falando.

– Às vezes você é um pouco mandona. Alguém já falou isso para você?

– Todos os dias. E, acredite, você precisa de alguém para mandar em você. Tem sorte de eu estar na sua vida. Eu sou uma bênção para você.

Pela primeira vez naquele dia, Travis deu uma risada sincera.

– É uma boa palavra para definir. – Pegou um punhado de amendoins e começou a mastigar. – Como vão as coisas com Brett?

Stephanie estava namorando Brett Whitney havia dois anos. Um dos mais bem-sucedidos administradores de fundos derivativos do país, Brett era tremendamente rico, bonito e considerado por muitas o solteiro mais cobiçado da região.

– Continuamos juntos.

– Problemas no paraíso?

Stephanie deu de ombros.

– Ele me pediu em casamento de novo.

– E o que respondeu?

– A mesma coisa.

– E como ele reagiu?

– Bem. Fez aquela cara de "Estou magoado e zangado" de novo, mas voltou ao normal uns dois dias depois. Passamos o último fim de semana em Nova York.

– Por que você não se casa com ele de uma vez?

Stephanie deu de ombros.

– Vou acabar me cansando.

– Então aqui vai uma dica. É melhor dizer sim quando ele pedir.

– Por quê? Ele vai me pedir de novo...

– Você parece segura quando diz isso.

– E estou mesmo. E só vou dizer sim quando tiver certeza de que ele quer se casar comigo.

– Ele já pediu três vezes. O que mais você precisa para ter certeza?

– Ele só *acha* que quer casar comigo. Brett é o tipo do cara que gosta de desafios, e no momento eu sou um desafio. Enquanto eu continuar agindo

assim, ele vai continuar pedindo. Quando eu souber que ele está realmente preparado, aí vou dizer sim.

– Não sei, não...

– Acredite em mim. Eu conheço os homens e tenho meus encantos. – Os olhos dela brilharam matreiros. – Ele sabe que eu não preciso dele e se sente mortificado por isso.

– É verdade – disse Travis. – Definitivamente você não precisa dele.

– Então, mudando de assunto, quando você vai voltar ao trabalho?

– Em breve – resmungou Travis.

Stephanie pegou o pacote de amendoins e jogou uns dois na boca.

– Você sabe que papai não está mais com essa bola toda...

– Eu sei.

– Então... semana que vem?

Travis estreitou os olhos.

– Dá para ver que você tem pensado bastante nisso.

– Alguém tem que pensar. E fique sabendo que não é só por causa do papai. Você *precisa* voltar a trabalhar.

– E se eu achar que ainda não estou pronto?

– Que pena. Mas volte assim mesmo. Se não por você, faça isso por Christine e Lisa.

– Do que está falando?

– Das suas filhas. Lembra-se delas?

– Eu sei quem elas são...

– E você ama as duas, certo?

– Lógico! Que pergunta é essa?

– Então, se ama as suas filhas – continuou, ignorando a pergunta –, precisa começar a se comportar como um pai outra vez. E isso significa voltar a trabalhar.

– Por quê?

– Porque precisa mostrar a elas que, por mais horríveis que sejam as coisas que acontecem na vida, precisamos seguir em frente. Essa é a sua responsabilidade. Quem mais vai ensinar isso a elas?

– Steph...

– Não estou dizendo que vai ser fácil, só estou dizendo que você não tem escolha. Afinal, não deixou que elas desistissem, não é? Elas continuam indo à escola, certo? Você ainda faz questão que elas façam as lições de casa, não é?

Travis não respondeu.

– Então, se espera que elas assumam suas responsabilidades, e elas só têm 6 e 8 anos, você também tem que assumir as suas. Elas precisam que você volte ao normal e o trabalho faz parte disso. Sinto muito. É a vida.

Travis sentia sua raiva aumentar.

– Você não entende.

– Eu entendo perfeitamente.

– Gabby é...

Quando Travis não conseguiu completar a frase, Stephanie pôs a mão no joelho dele.

– Passional? Inteligente? Generosa? Digna? Engraçada? Compreensiva? Paciente? Tudo o que você imaginou numa mãe e numa mulher? Em outras palavras, quase perfeita?

Ele ergueu os olhos, surpreso.

– Eu sei – continuou Stephanie. – Eu também amo a Gabby. Sempre amei. Não só ela tem sido a irmã que nunca tive, como também minha melhor amiga. Às vezes ela parece ser minha única amiga de verdade. E você tem razão... ela tem sido maravilhosa com você e as meninas. Você não poderia ter encontrado alguém melhor. Por que acha que eu continuo vindo aqui? Não é só por ela ou por você. É por mim. Eu também sinto falta dela.

Sem saber como responder, Travis não disse nada. Em silêncio, Stephanie deu um suspiro.

– Você já decidiu o que vai fazer?

Travis engoliu em seco.

– Não – admitiu. – Ainda não.

– Foram três meses.

– Eu sei.

– Quando vai ser a reunião?

– Eu devo me encontrar com eles em meia hora.

Olhando para o irmão, ela aceitou a situação.

– Tudo bem. Vou dizer uma coisa. Vou deixar você pensando um pouco mais enquanto dou uma passada na sua casa para ver as meninas.

– Elas não estão em casa, só devem voltar mais tarde.

– Você se importa se eu ficar esperando?

– Sem problemas. Tem uma chave...

Stephanie não deixou que ele terminasse.

– Embaixo do sapo de plástico na varanda? Sim, eu sei. E se você quer saber, acho que a maioria dos ladrões pode deduzir isso também.

Travis sorriu.

– Eu amo você, Stephanie.

– Eu também amo você, Travis. E você sabe que estou do seu lado, certo?

– Eu sei.

– Sempre. O tempo todo.

– Eu sei.

Ficou olhando um tempo para ele, antes de assentir.

– Eu vou esperar por você. Quero saber o que aconteceu.

– Tudo bem.

Levantou, pegou a bolsa e jogou no ombro. Deu um beijo na testa do irmão.

– A gente se vê depois, Gabby – despediu-se, sem esperar uma resposta. Já estava quase saindo do quarto quando ouviu a voz de Travis de novo.

– Até onde se deve chegar em nome do amor?

Stephanie começou a se virar.

– Você já me fez essa pergunta antes.

– Eu sei. – Travis hesitou. – Mas estou perguntando o que você acha que devo fazer.

– Então vou dizer o que sempre disse. É você que deve escolher como lidar com isso.

– O que isso significa?

A expressão dela pareceu quase inconsolável.

– Eu não sei, Trav. O que você acha que isso significa?

21

Pouco mais de dois anos antes, Gabby se encontrou por acaso com Kenneth Baker numa daquelas noites de verão pelas quais Beaumont era famosa. Com música ao vivo e dezenas de barcos atracados nas docas, parecia a noite perfeita para levar Gabby e as crianças ao centro para tomar sorvete. Enquanto os dois estavam na fila com as meninas, ela mencionou casualmente que tinha visto uma linda gravura numa das lojas por que passaram. Travis sorriu. Àquela altura, já estava acostumado com as insinuações dela.

– Por que você não vai dar uma olhada? – falou. – Eu fico com as meninas. Pode ir lá.

Gabby demorou mais tempo do que ele esperava e, quando voltou, tinha uma expressão perturbada. Mais tarde, já em casa com as meninas dormindo, Gabby se sentou no sofá, visivelmente preocupada.

– Tudo bem com você? – perguntou Travis.

Gabby se ajeitou.

– Eu encontrei Kenneth Baker hoje – admitiu ela. – Enquanto você estava comprando sorvete.

– Ah, é? E como ele está?

Gabby suspirou.

– Você sabia que a mulher dele está em coma havia seis anos? *Seis anos*. Consegue imaginar o que isso deve ser para ele?

– Não – disse Travis. – Nem imagino.

– Ele está parecendo um velho.

– Eu também envelheceria. Ele está passando por uma situação terrível.

Gabby balançou a cabeça, a expressão ainda perturbada.

– E também está ressentido com ela. Disse que agora só visita a mulher de vez em quando. E os filhos... – Absorta em seus pensamentos, Gabby pareceu se perder na frase.

Travis continuou olhando para ela.

– O que está querendo dizer?

– Você iria me visitar? Se algo assim acontecesse comigo?

Pela primeira vez, Travis sentiu uma pontada de dor, mesmo sem saber bem por quê.

– Claro que iria.

Gabby fez uma expressão meio entristecida.

– Mas depois de algum tempo você me visitaria menos.

– Eu visitaria você sempre.

– E com o tempo, ficaria ressentido comigo.

– Eu nunca ficaria ressentido com você.

– Kenneth se sente ressentido com Eleanor.

– Eu não sou Kenneth. Por que nós estamos falando sobre isso?

– Porque eu amo você.

Travis abriu a boca para responder, mas ela ergueu uma das mãos.

– Deixe-me terminar, ok? – Fez uma pausa, organizando os pensamentos. – Quando Eleanor foi internada no hospital, era óbvio quanto Kenneth a amava. Era o que eu percebia sempre que conversávamos, e com o tempo acho que ele me contou a história toda... como os dois se conheceram na praia, no verão depois da formatura; que ela não aceitou quando ele a convidou para sair na primeira vez, mas que deu um jeito de conseguir o telefone dela; que a primeira vez que disse que a amava foi no aniversário de casamento de trinta anos dos pais dela. Mas ele não estava apenas contando as histórias... era como se as vivenciasse. De certa forma, ele me lembrou você.

Gabby segurou a mão dele.

– Você faz a mesma coisa, eu sei. Sabe quantas vezes ouvi você contar a alguém sobre como nos conhecemos? Não me entenda mal... Adoro isso em você. Adoro o fato de você guardar essas lembranças vivas no seu coração, que elas signifiquem tanto para você quanto para mim. E a coisa é que... quando você faz isso, posso sentir você se apaixonando por mim outra vez. De alguma forma, essa é a demonstração de amor mais comovente que faz por mim. – Fez uma pausa. – Bom, isso e arrumar a cozinha quando estou muito cansada.

Travis soltou uma risada, mas Gabby pareceu não notar.

– Mas hoje Kenneth estava tão... *amargo*. E quando perguntei sobre Eleanor, tive a sensação de que ele preferia que ela estivesse morta. Ao comparar isso com o que ele sentia pela esposa, e o que aconteceu com os filhos deles... é terrível.

Quando a voz dela esmaeceu, Travis apertou sua mão.

– Isso não vai acontecer com a gente...

– Não é essa a questão. A questão é que eu não consigo viver sabendo que não fiz o que deveria ser feito.

– Do que está falando?

Gabby afagou a mão dele com o polegar.

– Eu amo você, Travis. Você é o melhor marido do mundo, a melhor pessoa que já conheci. E quero que me faça uma promessa.

– O que quiser.

Gabby olhou fixamente para ele.

– Você promete que vai me deixar morrer se acontecer algo assim comigo?

– Nós já fizemos os nossos testamentos – respondeu Travis. – Já estabelecemos isso.

– Eu sei – concordou ela –, mas nosso advogado está aposentado na Flórida e, até onde sei, só nós três sabemos que eu não quero prolongar minha vida caso não consiga tomar minhas próprias decisões. Não seria justo que você e as meninas ficassem vivendo numa espera interminável. Com o tempo, o ressentimento surgiria. Você iria sofrer, as meninas também. O encontro com Kenneth hoje me convenceu disso. Não quero me

sentir amargurada por qualquer coisa que tenhamos compartilhado. Eu amo você demais para isso. A morte é sempre uma coisa triste, mas também é inevitável. – O tom da voz dela se tornou mais suave e determinado. – E o ponto é que... eu não quero contar aos meus pais ou às minhas irmãs sobre a decisão que tomei. A decisão que tomamos. Não quero contratar outro advogado e reescrever os documentos. Quero poder confiar que você vai cumprir o meu desejo. E é por isso que quero que me prometa que vai honrar o nosso acordo.

Travis estava achando aquela conversa surreal.

– Sim, claro.

– Não, não desse jeito. Quero que me prometa. Quero que faça um juramento.

Travis engoliu em seco.

– Prometo fazer exatamente o que pedir. Juro.

– Por mais que seja difícil?

– Por mais que seja difícil.

– Porque você me ama.

– Porque amo você.



O testamento assinado por Gabby no escritório de advocacia era o documento que Travis havia trazido ao hospital. Entre outras coisas, especificava que os tubos de alimentação fossem removidos depois de doze semanas. Hoje era o dia que Travis teria que fazer sua escolha.

Sentado ao lado da mulher no quarto do hospital, Travis relembrou a conversa que teve com ela naquela noite; lembrou-se do juramento que lhe fizera. Tinha rememorado aquelas palavras uma centena de vezes durante as últimas semanas e, enquanto a marca dos três meses se aproximava, ele se desesperava cada vez mais. Seis semanas atrás, Travis contara à irmã sobre a promessa; a necessidade de dividir aquilo com alguém havia se tornado insuportável.

As seis semanas seguintes se passaram sem qualquer alívio. Não só Gabby não se mexia, como também não mostrava nenhuma melhora nas funções cerebrais. Apesar de Travis ter ignorado o óbvio, o relógio continuou funcionando e agora era chegado o momento da escolha.

Às vezes, em suas conversas imaginárias com Gabby, ele tentava convencê-la a mudar de ideia. Argumentava que a promessa não era justa; que a única razão de ter concordado era que a perspectiva parecia muito improvável, que nunca acreditou que isso pudesse acontecer. Confessou que, se conseguisse prever o futuro, teria rasgado o documento que haviam assinado, pois, mesmo que ela não reagisse, ele ainda não conseguia imaginar como seria a vida sem a esposa.

Travis nunca seria como Kenneth Baker. Não sentia nenhum ressentimento em relação a Gabby e isso nunca aconteceria. Precisava dela e da esperança que sentia sempre que estavam juntos. Ganhava força quando a visitava. Ainda hoje, sentia-se exausto e letárgico; com o passar do dia, seu senso de comprometimento só aumentara, deixando-o com a certeza de que conseguiria rir com as filhas, ser o pai que Gabby desejava que ele fosse. O sistema vinha funcionando nos últimos três meses e ele sabia que continuaria funcionando para sempre. O que não sabia é como conseguiria viver sem ela. Por mais estranho que parecesse, havia uma previsibilidade confortável na nova rotina de sua vida.

Do lado de fora da janela, o pombo andava de um lado para o outro, fazendo Travis pensar que também ponderava a respeito de sua decisão. Nessas ocasiões, sentia uma estranha afinidade com o pássaro, como se ele estivesse tentando ensinar alguma coisa a Travis. Uma vez ele trouxera um pedaço de pão, mas não tinha percebido que a tela da janela o impedia de jogar as migalhas no parapeito. Do outro lado do vidro, o pombo ficou olhando o pão na mão dele, arrulhando. Logo depois saiu voando, só para voltar pouco depois e ficar lá o resto da tarde. Depois disso, a ave não ficou mais com medo dele. Travis podia bater na janela que o pombo continuaria ali. Era uma situação curiosa, que lhe dava algo para pensar enquanto estava no quarto em silêncio. O que ele queria perguntar ao pombo era o seguinte: “Devo me tornar um assassino?”

Era aonde seus pensamentos inevitavelmente chegavam, e era o que o diferenciava de outras pessoas obrigadas a fazer cumprir desejos esboçados em testamentos. Eles estavam fazendo a coisa certa; suas escolhas eram baseadas na compaixão. Para ele, no entanto, a escolha era diferente, ainda que somente por razões lógicas. Se A e B, então C. Se ele não tivesse cometido um erro atrás do outro, não teria ocorrido o acidente de carro; se não tivesse acontecido o acidente, não teria havido o coma. Travis era a causa imediata da lesão de Gabby, mas ela não tinha morrido. E agora, sob o disfarce de alguns documentos legais no seu bolso, ele poderia terminar o trabalho. Poderia ser responsável pela morte dela. Essa diferença fazia seu estômago revirar; a cada dia que se passava, ao se aproximar o momento da decisão, Travis comia cada vez menos. Às vezes parecia que não apenas Deus desejava que Gabby morresse, como também queria que Travis soubesse que tudo fora culpa dele.

Tinha certeza de que Gabby negaria aquilo. O acidente fora apenas isso... um acidente. E fora ela, não ele, quem tinha tomado a decisão de quanto tempo queria ficar com os tubos de alimentação. Isso não aliviava o peso esmagador de sua responsabilidade, pela simples razão de que ninguém, com exceção de Stephanie, sabia o que Gabby desejava. No fim, a escolha seria só dele.

A luz acinzentada da tarde conferia às paredes uma tonalidade melancólica. Travis continuava a se sentir paralisado. Para ganhar tempo, retirou as flores do parapeito e as levou até a cama. Quando as dispôs no peito de Gabby e voltou a se sentar, Gretchen apareceu na porta. Entrou no quarto devagar; não falou uma palavra enquanto verificava os sinais vitais de Gabby. Rabiscou alguma coisa no prontuário e deu um breve sorriso. Um mês antes, enquanto fazia os exercícios, Gabby mencionou que tinha quase certeza de que Gretchen tinha uma queda por ele.

– Ela vai nos deixar? – perguntou Gretchen.

Travis sabia que ela estava se referindo à transferência para uma casa de saúde; já tinha ouvido cochichos pelos corredores de que isso logo aconteceria. Mas havia mais naquela pergunta do que Gretchen poderia entender, e Travis não teve força de vontade suficiente para responder.

– Eu vou sentir falta dela – falou a enfermeira. – E de você também.

A expressão dela transbordava compaixão.

– Quer dizer, eu trabalho aqui há mais tempo que Gabby, e você devia ouvir o jeito como ela falava a seu respeito. E das meninas também, é claro. Dava para ver que, apesar de adorar o trabalho, ela sempre ficava mais feliz quando chegava a hora de ir para casa depois do expediente. Não era como todas nós, que ficávamos entusiasmadas com o final do dia de trabalho. Ela ficava entusiasmada em ir para casa, se reunir com a família. Eu realmente admirava isso nela, o fato de ter uma vida assim.

Travis não soube o que dizer.

Gretchen suspirou e Travis pensou ter visto um brilho de lágrimas em seus olhos.

– Corta o meu coração ver Gabby desse jeito. E você também. As enfermeiras do hospital sabiam que você enviava rosas para sua esposa em todos os aniversários de casamento. E quase todas as mulheres daqui gostariam que os maridos e namorados fizessem coisas assim. Depois do acidente, o jeito como você se comportou com ela... Sei que está triste e inconformado, mas já vi a maneira como faz os exercícios com ela. Ouvi o que dizia durante o... Enfim, é como se você e ela tivessem uma ligação que não pode ser rompida. É de cortar o coração, mas é lindo. E também me sinto péssima pelo que estão passando. Rezo por vocês dois todas as noites.

Travis sentiu um nó na garganta.

– Acho que o que estou tentando dizer é que vocês me fazem acreditar na existência de um amor verdadeiro. E que nem os momentos mais sombrios podem eliminar isso.

Meio envergonhada, parou de falar e virou para o lado. Um instante depois, quando já ia sair do quarto, ela pousou uma das mãos no ombro dele. Foi um toque tépido e leve, que só durou um instante. E foi embora, deixando Travis sozinho com sua escolha mais uma vez.

Era chegada a hora. Olhando para o relógio, Travis soube que não poderia esperar mais. Pessoas aguardavam por ele. Levantou-se e fechou a persiana. O hábito o levou a ligar a televisão. Apesar de saber que as enfermeiras a desligariam mais tarde, não queria que Gabby ficasse sozinha num quarto mais silencioso que uma tumba.

Travis costumava se imaginar tentando explicar como tinha acontecido, atônito, sentado à mesa da cozinha com os pais.

– Não sei por que ela acordou – ouvia-se dizer. – Até onde posso dizer, não existe uma resposta mágica. Tudo estava igual às outras vezes em que a visitei... só que dessa vez ela abriu os olhos.

Podia imaginar a mãe chorando de alegria, podia se visualizar telefonando para os pais de Gabby. Às vezes era tudo tão nítido que parecia ter realmente acontecido. E ele prendia a respiração, vivenciando a sensação de espanto.

Mas agora Travis duvidava de que isso pudesse ter sido possível. Quem eram eles, Gabby e Travis? Por que as coisas tinham acontecido daquela maneira? Houve um tempo em que teria respostas razoáveis a essas perguntas, mas esse momento já havia passado. Não entendia mais nada. Acima de Gabby, a lâmpada fluorescente zumbia e Travis se perguntava o que iria fazer. Ainda não sabia. Gabby estava viva, ou seja, sempre havia esperança. Concentrou-se na figura dela. Como alguém tão próximo e tão presente podia permanecer tão longe?

Hoje ele teria que fazer sua escolha. Dizer a verdade implicaria a morte de Gabby; dizer uma mentira implicava negar o desejo dela. Queria que Gabby lhe dissesse o que fazer, e podia imaginar a resposta dela vindo de longe.

Eu já disse, querido. Você sabe o que deve fazer.

Mas essa escolha, que ele desejava tanto refutar, tinha se baseado em falsas suposições. Se pudesse voltar no tempo, nunca teria feito aquela promessa. Será que ela tomaria a mesma decisão se soubesse que Travis seria o causador de seu coma? Ou se soubesse que arrancar aqueles tubos de alimentação e vê-la morrer lentamente de inanição também mataria uma

parte dele? Ou se dissesse a Gabby que poderia ser um pai melhor se ela continuasse viva, mesmo que nunca se recuperasse totalmente?

Era mais do que conseguia suportar e Travis sentiu sua mente começar a gritar: *Por favor, acorde!* O eco pareceu estremecer todos os átomos de seu ser. *Por favor, querida. Faça isso por mim. Pelas nossas filhas. Elas precisam de você. Eu preciso de você. Abra os olhos antes de eu sair, enquanto ainda há tempo...*

Por um instante, pensou ter visto uma pequena contração, poderia jurar que a tinha visto se mexer. Sentiu-se emocionado demais para falar, mas, como sempre, a realidade se impôs, e ele soube que havia sido uma ilusão. Gabby continuava imóvel na cama. Olhando para ela em meio às lágrimas, Travis sentiu que sua alma começava a morrer.

Havia só mais uma coisa que precisava fazer. Assim como todo mundo, Travis conhecia a história da Branca de Neve e do beijo que desfez o feitiço. Era no que pensava todas as vezes que encerrava o dia com Gabby, mas agora a sugestão parecia imperativa. Aquela era a última chance. Sentiu uma leve esperança ao pensar que, de alguma forma, desta vez seria diferente. Embora seu amor por ela sempre estivesse presente, esse caráter definitivo não estava, e talvez essa combinação constituísse a fórmula mágica que faltava.

Aprumou-se e andou até a cama, tentando se convencer de que desta vez ia funcionar. Aquele beijo, ao contrário dos outros, encheria de vida os pulmões de sua amada. Gabby soltaria um gemido, temporariamente confusa, mas depois perceberia o que acontecia. Sentiria a vida de Travis se despejando na dela. Sentiria a totalidade de seu amor e começaria a retribuir seus beijos com uma paixão que o surpreenderia.

Chegou mais perto, aproximando o rosto do dela, e pôde sentir o calor de sua respiração se misturando à dele. Fechou os olhos para a lembrança de milhares de outros beijos e encostou seus lábios nos dela. Sentiu uma espécie de centelha e, de repente, achou que ela estava voltando para ele. Gabby era o braço que o segurava em tempos difíceis, era o sussurro no travesseiro à noite ao seu lado. Estava funcionando, pensou, estava

realmente funcionando... e seu coração bateu mais forte no peito... até perceber que nada tinha mudado.

Recuando, acariciou o rosto de Gabby. Sua voz soou rouca, quase um murmúrio.

– Adeus, querida.

22

Até onde devemos ir em nome de um verdadeiro amor?

Travis continuava refletindo sobre essa questão quando parou o carro na entrada de casa, apesar de já ter tomado sua decisão.

O carro de Stephanie estava estacionado na frente, mas, com exceção da sala de jantar, o resto da casa estava às escuras. Seria muito mais difícil encarar uma casa vazia.

O ar estava gelado quando saiu do veículo, o que fez Travis fechar o casaco. A lua ainda não se levantara no céu, mas as estrelas cintilavam; se ele se concentrasse, sabia que ainda conseguiria se lembrar dos nomes das constelações que Gabby havia apontado para ele. Abriu um breve sorriso, relembrando aquela noite. A lembrança era nítida como o céu acima, mas Travis a afastou, sabendo que não teria forças para lidar com ela. Não esta noite.

O gramado brilhava por causa da umidade. Provavelmente haveria geada pesada durante a noite. Fez um lembrete para si mesmo de preparar as luvas e cachecóis das meninas, para não ter de fazer isso na manhã seguinte. Logo elas estariam em casa e, apesar de seu cansaço, ele sentia saudade. Enfiando as mãos nos bolsos, se encaminhou para a escada da frente.

Stephanie se virou quando o ouviu entrar. Travis percebeu que a irmã tentava interpretar sua expressão.

– Travis...

– Oi, Steph. – Tirou o casaco, percebendo que não conseguia se lembrar de ter dirigido até a casa.

– Tudo bem com você?

Demorou um momento para responder.

– Não sei.

Stephanie pôs uma das mãos no braço dele. Sua voz soou delicada.

– Quer que eu prepare uma bebida?

– Um copo d'água seria ótimo.

Stephanie pareceu se sentir aliviada por poder fazer alguma coisa.

– Já volto.

Travis se sentou no sofá e recostou a cabeça, sentindo-se exaurido, como se tivesse passado o dia no mar, lutando contra as ondas. Stephanie voltou com o copo d'água.

– Christine ligou. Ela vai chegar um pouco mais tarde. Lisa está a caminho.

– Tudo bem – disse Travis, assentindo antes de se concentrar no retrato de família.

– Você quer conversar?

Ele tomou um gole d'água, percebendo agora quanto sua garganta estava seca.

– Você pensou sobre a pergunta que fiz a você hoje mais cedo? Até onde devemos ir em nome de um verdadeiro amor?

Ela pensou por um momento.

– Acho que já respondi essa pergunta.

– Respondeu. Mais ou menos.

– Como assim? Está me dizendo que não foi uma boa resposta?

Travis sorriu, contente por Stephanie ainda falar com ele como sempre fizera.

– O que realmente queria saber é o que você teria feito se estivesse no meu lugar.

– Eu sei que você queria isso – disse ela, hesitante –, mas... não sei, Trav. Não sei mesmo. Não consigo me imaginar tendo que tomar uma

decisão como essa. Honestamente, acho que ninguém conseguiria. – Suspirou. – Às vezes eu gostaria que você não tivesse me contado.

– Talvez não devesse ter feito isso. Eu não tinha o direito de sobrecarregar você.

– Não quis dizer nesse sentido. Você precisava falar com alguém a respeito, e fico contente por ter confiado em mim. Mas isso me fez sentir muito mal pelo que você tem passado. O acidente, seus ferimentos, a preocupação com as meninas, sua mulher em coma... e depois ainda ter de tomar a decisão de honrar ou não os desejos de Gabby? É demais para qualquer um.

Travis não disse nada.

– Eu estou preocupada com você – acrescentou ela. – Mal tenho conseguido dormir desde que você me contou.

– Desculpe.

– Não se desculpe. Eu é que deveria pedir desculpas. Eu deveria ter vindo assim que aconteceu o acidente. Deveria ter visitado Gabby com mais frequência. Deveria estar aqui toda vez que precisasse conversar com alguém.

– Não se preocupe com isso. Ainda bem que você não largou seu emprego. Você trabalhou duro para chegar aonde está, e Gabby sabia disso também. Além do mais, você ficou comigo por mais tempo do que eu esperava.

– Lamento muito por tudo o que tem passado.

Travis a puxou pelos ombros para um abraço.

– Eu sei – falou.

Os dois ficaram em silêncio. No fundo, Travis ouvia apenas o aquecedor estalando enquanto Stephanie suspirava.

– Não importa o que tenha decidido, eu estarei do seu lado. Eu sei quanto você ama Gabby.

Travis olhou para a janela. Pelo vidro, podia ver as luzes das casas vizinhas cintilando na escuridão.

– Eu não consegui – disse afinal. – Achei que poderia, cheguei até a ensaiar as palavras para dizer aos médicos para retirarem os tubos de

alimentação. Sei que é o que Gabby queria, mas... não consegui. Mesmo que tenha de passar o resto da vida visitando minha esposa numa casa de saúde, ainda vai ser melhor ter essa vida com ela do que com qualquer outra pessoa. Eu a amo demais para deixar que parta.

Stephanie abriu um sorriso pálido.

– Eu sei – falou. – Vi isso no seu rosto quando passou pela porta.

– Você acha que fiz a coisa certa?

– Acho – respondeu ela sem hesitar.

– Para mim ou para Gabby?

– Para os dois.

Travis engoliu em seco.

– Acha que ela vai acordar?

Stephanie o encarou.

– Sim, sempre acreditei nisso. Existe alguma coisa incomum no jeito de vocês dois. Estou falando de tudo... como se olham, como ela relaxa quando você põe a mão nas costas dela, como um sempre sabe o que o outro está pensando... Isso tudo sempre me pareceu extraordinário. Essa é outra razão pela qual eu fico adiando o meu casamento. Quero uma coisa parecida com a que vocês têm, e ainda não sei se a encontrei. Nem sei se vou encontrar. E com um amor como esse... dizem que tudo é possível, certo? Simplesmente não consigo imaginar um mundo onde vocês não estejam juntos.

Travis deixou que as palavras da irmã flutuassem no ar.

– E o que acontece agora? – perguntou ela. – Você precisa de ajuda para queimar o testamento?

Apesar da tensão, Travis deu uma risada.

– Talvez mais tarde.

– E o advogado? Ele não vai incomodar você, vai?

– Há anos não ouço falar dele.

– Está vendo, esse é outro sinal de que você fez a coisa certa.

– Acho que sim.

– E quanto à casa de saúde?

– Ela vai ser transferida na semana que vem. Só tenho que cuidar dos preparativos.

– Precisa de ajuda?

Travis massageou as têmporas, sentindo-se insuportavelmente cansado.

– Preciso – respondeu. – Disso eu gostaria.

– Ei! – Stephanie deu uma sacudidela no irmão. – Você tomou a decisão certa. Não se sinta culpado por nada. Você fez a única coisa que poderia fazer. Ela quer viver. Quer ter a chance de voltar para você e para as meninas.

– Eu sei, mas...

Travis não conseguiu terminar a frase. O passado estava encerrado e o futuro ainda não havia se desdobrado. Ele sabia que deveria se concentrar no presente... mas de repente sua existência cotidiana lhe pareceu infinda e insuportável.

– Eu estou com medo – admitiu.

– Eu sei – disse Stephanie, puxando-o para mais perto. – Eu também.

Epílogo

Junho de 2007

A soturna paisagem de inverno dera lugar às cores luxuriantes do final da primavera. Travis ouvia os passarinhos cantando da varanda no fundo da casa. Dezenas, talvez centenas, cantando e piando, e de vez em quando um bando de estorninhos saía das árvores voando em formações que pareciam quase coreografadas.

Era uma tarde de sábado. Christine e Lisa ainda brincavam no balanço de pneu que Travis montara havia uma semana. Ele tinha aparado alguns galhos antes de amarrar a corda o mais alto possível e, naquela manhã, passara uma hora empurrando o balanço e ouvindo as filhas darem gritinhos de prazer; quando parou, as costas de sua camisa estavam empapadas de suor. E as meninas ainda queriam mais.

– Deixem o papai descansar um pouco – arquejou. – Papai está cansado. Por que vocês não se empurram por um tempo?

A decepção das duas, estampada tão claramente em suas expressões e nos ombros caídos, durou só alguns instantes. Logo voltaram a dar gritinhos. Travis ficou olhando as duas no balanço, um leve sorriso no rosto. Adorava o som musical das risadas delas, e confortava seu coração vê-las brincar. Esperava que continuassem sempre próximas como eram agora. Comparando com Stephanie e ele, achava que ficariam ainda mais próximas ao longo dos anos. Ao menos era o que esperava. Esperança,

como havia aprendido, às vezes era tudo o que uma pessoa podia ter, e nos últimos quatro meses Travis tinha aprendido a aceitar isso.

Desde que fizera sua escolha, sua vida recuperava gradativamente a normalidade. Ou ao menos algo parecido com isso. Acompanhado por Stephanie, Travis percorrera diversas casas de saúde. Antes dessas visitas, seu preconceito a respeito desses lugares dizia que eram ambientes mal iluminados e sujos, onde pacientes desorientados e choramingões perambulavam pelos corredores no meio da noite, acompanhados por auxiliares quase psicóticos. Nada disso se mostrou verdadeiro. Pelo menos não os lugares que Stephanie e ele visitaram.

Ao contrário, quase todos eram bem claros e arejados, administrados por homens e mulheres de meia-idade atenciosos e ponderados, em trajes que se esforçavam para provar que suas instalações eram mais higiênicas que as outras. Os funcionários eram gentis, responsáveis e profissionais. Enquanto Travis passava as visitas refletindo se Gabby se sentiria feliz num lugar desses, se seria a próxima paciente da casa de saúde, Stephanie fazia as perguntas difíceis. Perguntava sobre a formação dos funcionários e os procedimentos de emergência, queria saber com que presteza as reclamações eram resolvidas e, enquanto andava pelos corredores, deixava bem claro que estava a par de todos os códigos e regulamentações determinadas por lei. Propunha situações específicas que poderiam ocorrer e questionava como seriam administradas pelos funcionários e pelo diretor; perguntava quantas vezes Gabby seria virada de lado no decorrer de um dia, para evitar escaras. Às vezes Travis a comparava com um promotor tentando condenar alguém por um crime e, embora ela incomodasse um pouco alguns diretores, Travis sentia-se grato por seus cuidados. Em seu estado de espírito atual, ele não era a melhor pessoa para essa função, mas percebia que Stephanie fazia as perguntas certas.

No fim, Gabby foi transferida em uma ambulância para uma casa de saúde dirigida por um homem chamado Elliot Harris, a poucos quarteirões do hospital. Harris deixou uma boa impressão não apenas em Travis, mas também em Stephanie. Foi ela quem preencheu boa parte da papelada no escritório dele. Ela insinuou – fosse ou não verdade – que conhecia pessoas

no legislativo e conseguiu para Gabby um belo quarto particular que tinha vista para um pátio.

Quando Travis a visitava, virava a esposa na direção da janela e afofava os travesseiros. Imaginava que ela gostaria de ouvir os sons vindos do pátio, onde amigos e famílias se reuniam, bem como sentir a luz do sol. Gabby dissera isso uma vez enquanto ele flexionava suas pernas. Também tinha dito que entendia a escolha dele e que estava contente por isso. Ou, mais precisamente, Travis imaginava que ela dissera.

Depois de acomodá-la na casa e passar quase uma semana com ela enquanto os dois se aclimatavam ao novo ambiente, Travis voltou ao trabalho. Aceitou a sugestão de Stephanie e começou ficando na clínica veterinária até o início da tarde, quatro dias por semana; o pai chegava depois. Até então, não tinha percebido quanto sentia falta de interagir com outras pessoas. Quando almoçava com o pai, percebeu que conseguia terminar quase todas as refeições.

Claro que o trabalho o fez reorganizar seu horário com Gabby. Depois de despachar as meninas para a escola, ele ia até a casa de saúde e passava uma hora lá; depois do trabalho, passava mais uma hora com Gabby antes de as meninas voltarem para casa. Passava a maior parte do dia por lá nas sextas-feiras, e ficava algumas horas nos fins de semana. Isso dependia do horário das meninas.

Na maioria das vezes, elas não tinham vontade ou tempo de ir com ele nos fins de semana, por conta de jogos de futebol, festas ou a prática de skate. Sem a escolha entre a vida e a morte de Gabby pairando sobre ele, o gradual distanciamento das filhas não o incomodava tanto quanto antes. As meninas estavam fazendo o que precisavam para ficarem bem e seguir em frente. Travis já tinha vivido o suficiente para saber que cada um lidava com a dor de maneira diferente, e pouco a pouco todos pareciam aceitar suas novas vidas.

Então, nove semanas depois de Gabby ter ingressado na casa de saúde, o pombo apareceu durante uma tarde. Quem poderia imaginar? Cinza, branco e preto, com olhos escuros como duas contas. A verdade é que os pombos eram todos mais ou menos iguais, mas, ao olhar para ele... Travis

soube que era o mesmo pássaro. *Tinha* que ser. Andando de um lado para outro, sem demonstrar medo de Travis quando ele se aproximava do vidro e com um arrulho que soava... familiar de alguma forma. Um milhão de pessoas poderiam dizer que ele estava louco, e parte dele saberia que tinham razão, mas ainda assim...

Era o mesmo pombo, não importa quanto isso soasse louco.

Travis ficou olhando maravilhado, surpreso, e no dia seguinte trouxe um pouco de pão e espalhou pedaços pequenos no parapeito. Depois disso, olhava regularmente pela janela esperando o pombo reaparecer, mas ele nunca mais voltou. Nos dias que se seguiram à sua visita, Travis se sentiu deprimido com a ausência da ave. Às vezes, em momentos fantasiosos, gostava de pensar que o pombo viera ver como estavam, verificar se Travis continuava cuidando de Gabby. Ou para lhe dizer que não perdesse as esperanças; afinal, a escolha dele estava correta.

Na varanda dos fundos, lembrando-se daquele momento, Travis se maravilhou por poder ficar olhando suas filhas alegres e vivenciar pessoalmente muito daquela alegria. Mal reconhecia aquela sensação de bem-estar, de que estava tudo certo no mundo. Será que a aparição do pombo anunciava as mudanças que aconteceram nas vidas deles? Imaginou que fosse apenas humano ponderar sobre essas coisas. Aquela história continuaria sendo contada enquanto ele vivesse.

Foi quando aconteceu: era meio-dia, seis dias depois de o pombo ter reaparecido. Travis estava trabalhando na clínica. Havia um gato doente em uma das salas; em outra, um filhote de dobermann precisava ser vacinado. Na terceira sala, Travis estava suturando um vira-lata – meio labrador, meio golden retriever – por causa de um corte de arame farpado. Deu o ponto final e estava prestes a dizer ao dono o que fazer para o ferimento não infeccionar quando uma assistente entrou na sala sem bater à porta. Travis virou-se, surpreso com a interrupção.

– Elliot Harris ao telefone – disse ela. – Ele quer falar com você.

– Você pode anotar o recado? – perguntou Travis, olhando para o cão e seu dono.

– Ele disse que não pode esperar. É urgente.

Travis se desculpou com o cliente e pediu que uma assistente finalizasse o procedimento. Foi até seu escritório e fechou a porta. Uma luz piscava no aparelho, sinalizando que Harris estava na espera.

Travis não sabia direito o que esperava ouvir. No entanto, sentiu um mau presságio quando levou o fone ao ouvido. Era a primeira e única vez que Elliot ligava para a clínica. Travis se preparou para o pior e apertou o botão.

– Travis Parker falando – disse ao telefone.

– Dr. Parker, aqui é Elliot Harris – disse o diretor. Sua voz era calma e insondável. – Acho que você deveria vir à casa de saúde o mais depressa possível.

No breve silêncio que se seguiu, um milhão de pensamentos passaram pela cabeça de Travis: Gabby tinha parado de respirar, seu estado havia piorado, por alguma razão todas as esperanças estavam perdidas. Naquele instante, Travis agarrou o telefone, tentando rechaçar o que viria a seguir.

– Algum problema com Gabby? – perguntou afinal, com a voz embargada.

Houve mais uma pausa, talvez de um ou dois segundos. Um piscar de olhos e as duas palavras que se seguiram fizeram com que largasse o telefone.



Travis sentia-se estranhamente calmo quando saiu da clínica. Pelo menos foi o que suas assistentes disseram. Ele não emitia nenhum sinal do que tinha acontecido. Disseram que o viram sair pela porta da frente, indiferente aos que o observavam. Todo mundo, desde os funcionários até os clientes que traziam seus animais à clínica, sabia que a esposa de Travis estava numa casa de saúde. Madeline, uma moça de 18 anos que trabalhava na recepção, olhou para o veterinário com os olhos arregalados quando ele se aproximou. Àquela altura, quase todos na clínica sabiam que tinham ligado da casa de saúde. Em cidades pequenas, as notícias corriam depressa.

– Você pode ligar para o meu pai e pedir que ele venha? – perguntou Travis. – Preciso ir até a casa de saúde.

– Sim, claro – respondeu Madeline, hesitante. – Tudo bem com você?

– Será que você poderia me levar? Acho que eu não vou conseguir dirigir.

– Claro – respondeu ela, parecendo assustada. – Só vou ligar para o seu pai antes, certo?

Enquanto ela discava o número, Travis parecia paralisado. A sala de espera estava em silêncio; até os animais percebiam que alguma coisa estava acontecendo. Ouviu vagamente a jovem falar com seu pai; na verdade, mal estava ciente de onde se encontrava. Só quando ela desligou o telefone e avisou que o pai dele estava a caminho que pareceu reconhecer os arredores. Viu o medo na expressão de Madeline. Talvez por ser jovem e saber pouco da vida, ela fez a pergunta que todos tinham em mente.

– O que aconteceu?

Travis viu empatia e preocupação no rosto de todos. A maioria o conhecia havia anos; alguns o conheciam desde criança. Uns poucos, principalmente da equipe, conheciam Gabby também e, depois do acidente, passaram por um período de quase luto. Não era da conta de ninguém e, ao mesmo tempo, era, pois suas raízes estavam ali. Beaufort era a cidade dele e, olhando ao redor, Travis viu amor familiar na curiosidade de todos.

Mas não sabia como dizer a eles. Tinha visualizado aquele dia tantas vezes, mas agora, no entanto, tudo estava turvo. Podia ouvir a própria respiração. Se conseguisse se concentrar, acreditava ser capaz até de sentir o coração batendo no próprio peito; mas seus pensamentos pareciam longínquos demais para ser captados ou ser postos em palavras. Travis não sabia bem o que pensar. Será que tinha ouvido Harris direito? Seria um sonho ou um mal-entendido? Repassava a conversa na cabeça em busca de algum significado escondido, tentando captar a realidade atrás das palavras. Por mais que tentasse, não conseguia se concentrar por tempo suficiente para sequer sentir a emoção que deveria. O terror o impedia de sentir qualquer coisa. Mais tarde, descreveria aqueles minutos como se estivesse em uma gangorra: a felicidade total numa ponta e a perda total na outra.

Uma perna de cada lado. Um movimento errado em qualquer direção e ele cairia.

Na clínica, ele se apoiou no balcão para se equilibrar. Madeline saiu de trás balançando as chaves na mão. Travis olhou ao redor na sala de espera, depois para a jovem, depois para o chão. Quando ergueu o olhar, só conseguiu reproduzir exatamente o que tinha ouvido ao telefone há poucos instantes.

– Ela acordou.



Doze minutos depois, após trinta mudanças de pista e três sinais fechados, Madeline parou na entrada da casa de saúde. Travis não disse uma palavra desde que entrou no carro, mas lançou um sorriso de agradecimento quando abriu a porta do veículo.

O trajeto não clareou seus pensamentos. Sua esperança era imensa e seu entusiasmo não tinha limites; ao mesmo tempo, não conseguia descartar a possibilidade de ser alguma forma de mal-entendido. Talvez ela tivesse acordado por um instante e entrado em coma de novo. Talvez Harris estivesse se referindo a algum obscuro estado clínico que melhorava as funções do cérebro, e não ao mais óbvio. Sua cabeça girava com os cenários alternativos de esperança e desespero enquanto se encaminhava para a entrada.

Elliot Harris estava à sua espera, e parecia bem mais calmo do que Travis poderia imaginar.

– Já liguei para o médico e para o neurologista. Eles devem chegar em alguns minutos. Por que você não vai até o quarto dela?

– Ela está bem?

Harris, um homem que Travis mal conhecia, pôs a mão em seu ombro, empurrando-o para a frente.

– Vá ver sua esposa. Ela está perguntando por você.

Alguém manteve a porta aberta e Travis entrou nas dependências. Uma rápida virada à direita o levou até a escada, por onde subiu, cada vez mais saltitante. No segundo andar, abriu a porta e viu uma enfermeira e uma auxiliar na expectativa, como se o estivessem esperando. Por suas expressões de entusiasmo, imaginou que deviam ter visto quando ele entrou e queriam dizer o que estava acontecendo, mas Travis não parou e elas o deixaram passar. Quando deu o passo seguinte, sentiu que suas pernas fraquejavam. Apoiou-se na parede para se recuperar por um momento, antes de dar outro passo em direção ao quarto de Gabby.

O cômodo se localizava no segundo andar à esquerda e a porta estava aberta. Ao se aproximar, ouviu o murmúrio de pessoas conversando. Chegando à porta, hesitou, desejando ao menos ter penteado o cabelo, mas sabendo que aquilo não era importante. Quando entrou, o rosto de Gretchen se iluminou.

– Eu estava no hospital ao lado do médico quando ele foi informado, e precisei vir para ver...

Travis mal a ouviu. Só conseguiu ver Gabby, sua esposa, ainda debilitada, sentada na cama hospitalar. Parecia desorientada, mas seu sorriso ao avistá-lo disse tudo o que ele precisava saber.

– Sei que vocês dois têm muito que conversar... – disse Gretchen, afastando-se um pouco.

– Gabby? – murmurou Travis afinal.

– Travis – respondeu ela com a voz rouca.

A voz dela parecia diferente, áspera pela falta de uso, mas de alguma forma era exatamente a voz de Gabby. Travis se aproximou lentamente da cama, os olhos fixos nos dela, sem perceber que Gretchen ainda estava saindo, fechando a porta ao passar.

– Gabby? – repetiu Travis quase sem acreditar.

Em seu sonho, ou o que pensou ser um sonho, ele a via levando a mão da cama à barriga, como se só tivesse forças para isso. Sentou-se na cama ao lado dela.

– Onde... você estava? – perguntou ela, as palavras enroladas, mas cheias de amor, inequivocadamente cheias de vida. Acordada. – Não sabia

onde você estava.

– Estou aqui agora – disse Travis e desabou, chorando convulsivamente.

Aproximou-se de Gabby, ansioso pelo seu abraço. Quando sentiu a mão dela em suas costas, começou a chorar ainda mais intensamente. Não estava sonhando. Gabby o abraçava; sabia quem ele era e quanto significava para ele. É *real*, era só no que conseguia pensar. *É real...*



Como Travis não queria sair de perto de Gabby, o pai dele ficou em seu lugar na clínica por alguns dias. Só recentemente Travis tinha voltado a algo semelhante a um período integral, e em fins de semana como esse, com as filhas correndo, dando risadas no quintal, e Gabby na cozinha, ele às vezes tentava entender tudo o que acontecera no último ano. Suas lembranças do dia que passara no hospital em estado letárgico pareciam envoltas numa névoa.

Gabby não tinha voltado do coma incólume, é claro. Estava bem mais magra, os músculos atrofiados e a maior parte de seu lado esquerdo fora tomado por uma dormência. Passaram-se dias até que ela conseguisse se levantar sem ajuda. O tratamento era irritantemente vagaroso; Gabby continuava passando duas horas por dia com a fisioterapeuta, e no começo costumava se sentir frustrada por não conseguir fazer as coisas mais simples. Detestava ver sua magreza refletida no espelho e comentou mais de uma vez que parecia ter envelhecido quinze anos. Em momentos como esse, Travis sempre dizia que ela estava linda. E nunca teve tanta certeza disso.

Christine e Lisa demoraram algum tempo para se readaptar. Na tarde em que Gabby acordou, Travis pediu a Elliot Harris que ligasse para a mãe dele e pedisse que ela pegasse as filhas na escola. A família se reuniu uma hora depois, mas, quando entraram no quarto, nem Christine nem Lisa pareciam querer se aproximar da mãe. Preferiram se agarrar a Travis e articular respostas monossilábicas a qualquer coisa que Gabby perguntasse. Lisa

demorou meia hora para se deitar na cama ao lado dela. Christine só se abriu no dia seguinte e continuou ressabiada, como se tivesse encontrado Gabby pela primeira vez.

Naquela noite, depois de Gabby ser novamente transferida para o hospital e Travis ter levado as meninas para casa, Christine perguntou:

– Mamãe voltou mesmo ou vai dormir de novo?

Embora o médico tivesse deixado claro que Gabby quase com certeza não voltaria a dormir, a possibilidade ainda não fora totalmente descartada, pelo menos por enquanto. Os temores de Christine refletiam os de Travis, e sempre que ele via Gabby dormindo ou descansando depois de uma desgastante sessão de fisioterapia, seu estômago embrulhava. A respiração ficava difícil e ele a cutucava delicadamente, entrando num pânico crescente se não abrisse os olhos.

Quando ela finalmente se mexia, Travis não conseguia esconder o alívio e a gratidão. Embora Gabby aceitasse suas ansiedades no começo, admitindo que a perspectiva também a assustava, depois de um tempo aquilo começou a irritá-la. Na semana anterior, com a lua alta no céu e os grilos cantando, Travis afagava o braço dela deitado ao seu lado. Ela abriu os olhos e fitou o relógio, notando que passava um pouco das três da madrugada. Um instante depois, Gabby sentou na cama e olhou para Travis.

– Você precisa parar com isso! Eu preciso dormir. Preciso de um sono ininterrupto e regular, como qualquer pessoa no mundo! Estou exausta, você não consegue entender? Eu me recuso a viver sabendo que você vai me acordar com um cutucão de hora em hora!

Foi a dimensão do comentário dela; nem poderia ser classificado como uma discussão, já que Travis não teve tempo de responder antes de ela rolar na cama e ficar de costas para ele, resmungando. Aquilo foi tão típico de Gabby que ele respirou aliviado. Se ela não estava mais preocupada em entrar de novo em coma – e Gabby jurava que não estava –, então Travis sabia que também poderia se acalmar. Ou, no mínimo, poderia deixá-la dormir em paz. Se fosse sincero consigo mesmo, duvidava um pouco se aquele medo chegaria a desaparecer por completo. Agora, no meio da noite, simplesmente ficava ouvindo a respiração da esposa. Quando percebia

algumas diferenças no padrão, diferenças que não ocorriam quando ela estava em coma, Travis afinal conseguia virar de lado e voltar a dormir.

Todos estavam se adaptando e ele sabia que levaria algum tempo. Muito tempo. Ainda precisavam conversar sobre o fato de Travis ter desconsiderado o testamento, e ele se perguntava se fariam isso em algum momento. Ainda precisava contar sobre as conversas imaginárias que tivera com ela enquanto estava no hospital. Gabby tinha pouco a dizer sobre o coma. Não se lembrava de nada: nenhum aroma, som, nada sobre os toques de Travis.

– É como se o tempo tivesse... *desaparecido*.

Mas estava tudo bem. Era o mais importante. Travis ouviu uma porta se abrir e se virou. Ao longe, pôde ver Molly deitada na relva ao lado da casa; Moby, velho como estava, dormia num canto. Travis sorriu ao ver que Gabby olhava para as filhas, observando sua expressão de contentamento. Christine empurrava Lisa no balanço de pneu, as duas rindo sem parar, enquanto Gabby se sentava na cadeira de balanço ao lado do marido.

– O almoço está pronto – disse ela –, mas acho que vou deixar as duas brincando mais alguns minutos. Elas estão se divertindo tanto.

– Estão mesmo. Elas me deixaram cansado.

– Você acha que depois, quando Stephanie chegar, a gente poderia ir ao aquário? E talvez comer uma pizza? Estou morrendo de vontade de comer pizza.

Travis sorriu, pensando que poderia congelar aquele momento para sempre.

– Parece uma boa ideia. Ah, sim, me esqueci de dizer que sua mãe ligou quando você estava no banho.

– Daqui a pouco eu ligo para ela. E preciso ligar para falar sobre o ar-condicionado também. O quarto das meninas estava um calor danado ontem à noite.

– Talvez eu possa consertar.

– Acho melhor não. Da última vez que você tentou, tivemos que comprar um aparelho novo. Lembra?

– Eu lembro que você não me deu tempo suficiente.

– Aham – retrucou ela, piscando para ele. – Você quer comer aqui fora?

Travis fingiu pensar na proposta, sabendo que não era tão importante. Aqui ou ali, ficariam todos juntos. Estava com a mulher e as filhas que amava, e quem poderia desejar qualquer coisa além disso? O sol brilhava, as flores se abriam e o dia se passaria numa suavidade que teria sido impossível imaginar no inverno anterior. Era simplesmente um dia normal, um dia como qualquer outro. Mas, acima de tudo, era um dia em que tudo estava exatamente como deveria estar.

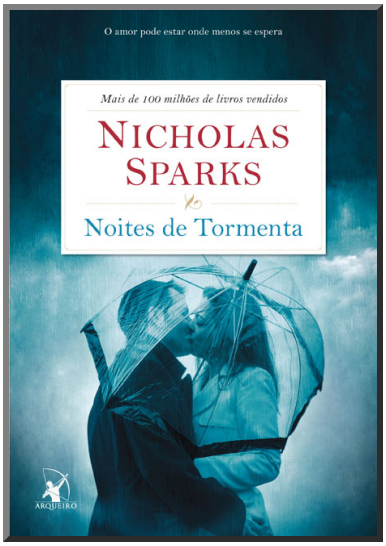
Sobre o autor



NICHOLAS SPARKS lançou seu primeiro livro aos 31 anos, ao qual se seguiram outros 18. Suas obras foram traduzidas para 50 idiomas e já venderam mais de 100 milhões de exemplares no mundo todo. Doze de seus livros ganharam adaptações para o cinema e para a TV. O autor mora na Carolina do Norte e tem cinco filhos.

www.nicholassparks.com

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DO AUTOR



Noites de tormenta

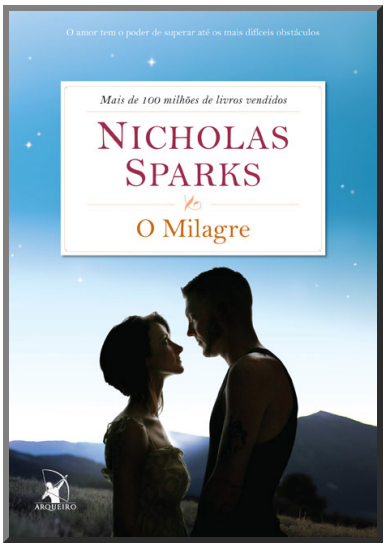
Há três anos, Adrienne Willis perdeu as esperanças no amor quando o marido a trocou por uma mulher mais jovem. Tendo que cuidar sozinha dos três filhos adolescentes e do pai doente, ela acha que nunca será capaz de recuperar a autoestima e a vontade de viver.

Por isso, quando sua amiga Jean precisa fazer uma pequena viagem e lhe pede que tome conta de sua pousada, ela vê uma oportunidade para mudar de rotina. A previsão de tempestade iminente, no entanto, faz com que os próximos dias não pareçam muito promissores. Pelo menos até a chegada de Paul Flanner, o único hóspede com reserva para o fim de semana prolongado.

Aos 54 anos, Paul é um cirurgião bem-sucedido que enfrenta fantasmas parecidos com os de Adrienne. Nos últimos seis meses, a esposa pediu o divórcio e ele rompeu relações com o filho. Ao ver sua vida perder o rumo,

Paul decidiu vender a clínica e a casa e ir à pequena cidade de Rodanthe encerrar um doloroso capítulo de seu passado.

Logo Paul e Adrienne começam a descobrir suas afinidades e a se aproximar cada vez mais. Ao longo do fim de semana, a tempestade que toma conta de Rodanthe finalmente chega ao fim, mas o que nasce entre eles ressoará pelo resto de suas vidas, entrelaçando passado e futuro e dando um novo significado às palavras amor e perda.



O milagre

Jeremy Marsh é um jornalista cético que dedica a vida a investigar e desmentir fenômenos sobrenaturais. Ele está no auge do sucesso, prestes a ir trabalhar na TV, quando recebe uma carta curiosa.

Nela, uma senhora relata a ocorrência de luzes estranhas e fantasmagóricas no cemitério de Boone Creek, uma pequena cidade na Carolina do Norte. Farejando uma boa história, Jeremy sai de Nova York e vai passar uma semana lá.

Quando começa suas investigações, ele conhece a obstinada Lexie Darnell. Responsável pela biblioteca local, ela está determinada a proteger as pessoas e a cidade que tanto ama – e nem um pouco disposta a confiar no forasteiro. Depois de sofrer pelo término de dois relacionamentos, ela tem duas certezas: a primeira é de que seu lugar é em Boone Creek e a segunda é de que não se pode acreditar num homem tão sedutor quanto Jeremy.

O que ela não imagina é que o jornalista também tem suas feridas. Ele nunca conseguiu superar completamente a dor de seu casamento desfeito e a frustração de saber que jamais poderá ser pai.

Enquanto tenta descobrir a verdade por trás das luzes do cemitério, Jeremy tem que desvendar também os próprios sentimentos e se vê diante

de escolhas muito difíceis, entre elas a de voltar para a vida que conhece em Nova York ou fazer algo completamente novo: acreditar.

O milagre é um romance que explora os maiores mistérios de todos: os do coração.



O melhor de mim

Na primavera de 1984, os estudantes Amanda Collier e Dawson Cole se apaixonaram perdidamente. Embora vivessem em mundos muito diferentes, o amor que sentiam um pelo outro parecia forte o bastante para desafiar todas as convenções de Oriental, a pequena cidade em que moravam.

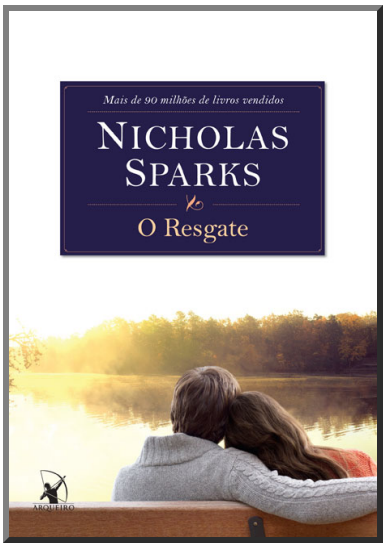
Nascido em uma família de criminosos, o solitário Dawson acreditava que seu sentimento por Amanda lhe daria a força necessária para fugir do destino sombrio que parecia traçado para ele. Ela, uma garota bonita e de família tradicional, que sonhava entrar para uma universidade de renome, via no namorado um porto seguro para toda a sua paixão e seu espírito livre. Infelizmente, quando o verão do último ano escolar chegou ao fim, a realidade os separou de maneira cruel e implacável.

Vinte e cinco anos depois, eles estão de volta a Oriental para o velório de Tuck Hostetler, o homem que um dia abrigou Dawson, acobertou o namoro do casal e acabou se tornando o melhor amigo dos dois.

Seguindo as instruções de cartas deixadas por Tuck, o casal redescobrirá sentimentos sufocados por décadas. Após tanto tempo afastados, Amanda e Dawson irão perceber que não tiveram a vida que esperavam e que nunca

conseguiram esquecer o primeiro amor. Um único fim de semana juntos e talvez seus destinos mudem para sempre.

Num romance envolvente, Nicholas Sparks mostra toda a sua habilidade de contador de histórias e reafirma que o amor é a força mais poderosa do Universo – e que, quando duas pessoas se amam, nem a distância nem o tempo podem separá-las.



O resgate

Taylor McAden é voluntário do corpo de bombeiros da pequena Edenton. Destemido a ponto de parecer imprudente, enfrenta incêndios, participa de salvamentos, desafia a morte sem hesitar. Mas uma coisa ele não tem coragem de fazer: entregar seu coração.

Por toda a vida ele se envolveu com mulheres que estavam mais em busca de apoio que de amor – e sempre se afastava delas assim que o relacionamento começava a ficar sério.

Numa noite de tempestade, enquanto sinalizava postes de energia caídos, Taylor encontra um carro batido na beira da estrada. Assim que recobra os sentidos, Denise, a motorista, pergunta pelo filho. Mas Kyle, um menino de 4 anos que tem problemas de audição e de fala, não está em sua cadeirinha no banco traseiro.

Durante a busca pelo garoto, Denise se surpreende ao ver que está diante de um homem capaz de abrir mão da própria vida para salvar uma criança. E o que Taylor nem imagina é que esse resgate será muito diferente de todos os que já fez, pois exigirá mais do que coragem e força física – e talvez possa levá-lo à própria salvação.

O resgate é um livro arrebatador sobre sentimentos que abrem portas fechadas pela tristeza e sobre vidas que são transformadas quando se tem a ousadia de amar.



Uma longa jornada

Aos 91 anos, com problemas de saúde e sozinho no mundo, Ira Levinson sofre um terrível acidente de carro. Enquanto luta para se manter consciente, a imagem de Ruth, sua amada esposa que morreu há nove anos, surge diante dele.

Mesmo sabendo que é impossível que ela esteja ali, Ira se agarra a isso e relembra momentos de sua longa vida em comum: o dia em que se conheceram, o casamento, o amor dela pela arte, os dias sombrios da Segunda Guerra e seus efeitos sobre eles e suas famílias.

Perto dali, Sophia Danko, uma jovem estudante de história da arte, acompanha a melhor amiga até um rodeio. Lá é assediada pelo ex-namorado e acaba sendo salva por Luke Collins, o caubói que acabou de vencer a competição.

Ele e Sophia começam a conversar e logo percebem como é fácil estarem juntos. Luke é completamente diferente dos rapazes privilegiados da faculdade. Ele não mede esforços para ajudar a mãe e salvar a fazenda da família.

Aos poucos, Sophia começa a descobrir um novo mundo e percebe que Luke talvez tenha o poder de reescrever o futuro que ela havia planejado.

Isso se o terrível segredo que ele guarda não puser tudo a perder.

Ira e Ruth. Luke e Sophia. Dois casais de gerações diferentes que o destino cuidará de unir, mostrando que, para além do desespero, da dificuldade e da morte, a força do amor sempre nos guia nesta longa jornada que é a vida.



Uma curva na estrada

A vida do subxerife Miles Ryan parecia ter chegado ao fim no dia em que sua esposa morreu. Missy tinha sido seu primeiro amor, a namorada de escola que se tornara a companheira de todos os momentos, a mulher sensual que se mostrara uma mãe carinhosa. Uma noite Missy saiu para correr e não voltou. Tinha sido atropelada numa rua perto de casa.

As investigações da polícia nada revelaram. Para Miles, esse fato é duplamente doloroso: além de enfrentar o sofrimento de perder a esposa, ele se culpa por não ter descoberto o motorista que a atropelou e fugiu sem prestar socorro.

Dois anos depois, ele ainda anseia levar o criminoso à justiça. É quando conhece Sarah Andrews. Professora de seu filho, Jonah, ela se mudou de Baltimore para New Bern na expectativa de refazer sua vida após o divórcio. Sarah logo percebe a tristeza nos olhos do aluno e, em seguida, nos do pai dele.

Sarah e Miles começam a se aproximar e, em pouco tempo, estão rindo juntos e apaixonados. Mas nenhum dos dois tem ideia de que um segredo os une e os obrigará a tomar uma decisão difícil, que pode mudar suas vidas para sempre.

Em *Uma curva na estrada*, Nicholas Sparks escreve com incrível intensidade sobre as difíceis reviravoltas da vida e sua incomparável doçura. Um livro sobre as imperfeições do ser humano, os erros que todos cometemos e a alegria que experimentamos quando nos permitimos amar.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, *Inverno do mundo* e *Eternidade por um fio*, de Ken Follett

Não conte a ninguém, *Desaparecido para sempre*, *Confie em mim*, *Cilada*, *Fique comigo* e *Seis anos depois*, de Harlan Coben

A cabana e *A travessia*, de William P. Young

A farsa, *A vingança* e *A traição*, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, *O símbolo perdido*, *O Código Da Vinci*, *Anjos e demônios*, *Ponto de impacto* e *Fortaleza digital*, de Dan Brown

Noites de tormenta, *Uma longa jornada*, *O melhor de mim*, *O guardião*, *Uma curva na estrada*, *O casamento*, *À primeira vista, O resgate* e *O milagre*, de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

As regras da sedução, Lições do desejo, *Jogos de prazer* e *Segredos de um pecador,* de Madeline Hunter

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; *O restaurante no fim do universo*; *A vida, o universo e tudo mais*; *Até mais, e obrigado pelos peixes!*; *Praticamente inofensiva*; *O salmão da dúvida* e *Agência de investigações holísticas Dirk Gently*, de Douglas Adams

O nome do vento, *O temor do sábio* e *A música do silêncio*, de Patrick Rothfuss

A passagem e *Os Doze*, de Justin Cronin

A revolta de Atlas e *A nascente*, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

 www.editoraarqueiro.com.br

 facebook.com/editora.arqueiro

 twitter.com/editoraarqueiro

 instagram.com/editoraarqueiro

 skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br